

Língua Portuguesa

9.º ano



Manual Digital na app
EV Smart Book e em
www.escolavirtual.cv



Explora o manual digital do teu livro



Exercícios Interativos

Para resolução com *feedback* imediato.



Vídeos e interatividades

Explicam a matéria de forma motivadora.



Jogos

Exploram os conceitos curriculares de forma lúdica.



Áudios

Dão vida aos textos e ajudam a reforçar as competências linguísticas.



QuizEV

Desafiam-te a mostrares o que sabes. Podes, também, jogar com os teus amigos.



Língua Portuguesa

9.º ano



Acede ao teu manual digital

Acesso e condições de utilização em
www.escolavirtual.cv

Podes também aceder ao teu livro através da **app EV Smart Book**



Ministério da Educação

Conhece o teu manual

O 9.º ano de escolaridade é o primeiro ano de um novo ciclo que, ao mesmo tempo que te vai permitir reforçar os conhecimentos que já adquiriste nos anos anteriores, vai incentivar-te a aprofundar e a desenvolver as tuas competências linguísticas e literárias. Este manual será o teu guia ao longo deste ano letivo. Seleccionámos textos apelativos que te vão motivar para o saber e para o saber ser, de um modo geral, mas também para estimular a tua criatividade e imaginação. Textos não literários, de carácter informativo ou utilitário, e textos literários, maioritariamente do universo lusófono, que

darão conta do português como língua pluricêntrica. Seleccionámos um conjunto de atividades que te permitirão, não só desenvolver o gosto pela leitura, como também desenvolver em ti uma cidadania proativa, inclusiva e globalizante, sem esquecer as tuas raízes, a tua herança cultural e a língua cabo-verdiana. A informação, explícita e implícita, que vais extrair deste manual e dos textos que o compõem irá aumentar o teu conhecimento do mundo e contribuir para formar a tua opinião, tornando-te um aluno mais autónomo e um cidadão mais interventivo e participativo.

Cada unidade é composta por...

Separador



Título da unidade

Citação alusiva ao conteúdo da unidade

Objetivos de aprendizagem da unidade

Componentes da unidade

Antes do texto

Atividades diversificadas e motivadoras de exploração de antecipação dos conteúdos do texto a abordar

Leitura

Atividades de leitura e interpretação de textos de natureza variada, de acordo com o Programa

Oralidade

Atividades variadas como visionamento de excertos de programas televisivos, audições de canções ou discussão de tópicos em grupo, tendo em vista o desenvolvimento das competências de compreensão, produção e interação orais

Escrita

Atividades de escrita diversas, tendo em conta as diferentes tipologias textuais preconizadas no Programa

Funcionamento da língua/Gramática no texto

Abordagem contextualizada e devida exploração de tópicos gramaticais

Para além do texto

Diversificação e riqueza de atividades para desenvolveres as tuas competências

Poderás também encontrar no teu manual...

Projeto de leitura

Este ano vais elaborar um projeto de leitura de uma obra que deves escolher a ler independentemente. O objetivo é, por um lado, desenvolver a tua capacidade de leitura e a alargar o teu conhecimento literário e, por outro lado, estimular o teu gosto pela leitura.

Assim, ficam aqui algumas sugestões de obras que podes escolher para o teu projeto. Podes também pedir outras sugestões ao teu professor.

Projeto fora da sala de aula

Projeto fora da sala de aula

Projetos pensados para potenciares as tuas aprendizagens

Explicações de palavras desconhecidas

Curiosidades sobre os autores e obras literárias

Projeto de leitura

Chuva braba (1956), Manuel Lopes

Curiosidade

Este livro foi publicado com o título de *Chuva Braba* em Portugal. Depois de alguns meses de adaptação ao mercado brasileiro, o livro foi publicado com o título de *Chuva Braba* em Portugal. Depois de alguns meses de adaptação ao mercado brasileiro, o livro foi publicado com o título de *Chuva Braba* em Portugal.

Os dois irmãos (1995), Germano Almeida

Curiosidade

Este livro foi publicado com o título de *Os dois irmãos* em Portugal. Depois de alguns meses de adaptação ao mercado brasileiro, o livro foi publicado com o título de *Os dois irmãos* em Portugal.

Projeto fora da sala de aula

Jornal da turma

Tendo em conta que acabaste de trabalhar as tipologias textuais que surgem no teu programa e que tuas estações tu comunidade produzir um jornal objetivo dar-te uma voz ativa e contribuir para a tua formação. Assim, a cada grupo será atribuído um tema a escolher - dentro de diversos temas, de preferência, mais ambiente ou qualquer outro.

Fases de execução do projeto

- Preparação da atividade**
 - Definir o espaço de tempo da atividade, o formato (em papel ou digital) e o local de divulgação.
 - Definir o tema para cada grupo.
 - Atribuir tarefas mais específicas às línguas de cada grupo (o responsável dos textos, o responsável pelo espaço gráfico, etc).
- Construção do jornal**
 - Planificar os trabalhos a realizar pelo grupo, bem como o tipo de texto a utilizar (textos, reportagens, texto de opinião, entrevista, publicidade, etc).
 - Pesquisar e/ou receber informação (em torno do procedimento necessário caso necessitem de entrevistas ou outras informações oficiais).
 - Selecionar a informação recolhida.
 - Elaborar diferentes elementos a colocar no jornal, como fotos ou ilustrações, gráficos ou mapas.
 - Integrar todos os trabalhos em jornal de turma que deve conter:
 - o nome do jornal;
 - o número das páginas;
 - o ano;
 - o mês;
 - o dia;
 - o local;
 - o nome do grupo;
 - o nome do responsável pelo jornal;
 - o nome do professor responsável.
- Divulgação do jornal**
 - Publicar o jornal junto da comunidade escolar.
 - Partilhar com a comunidade escolar.

Pode ser sempre feito interdisciplinarmente, em articulação com os outros professores e as outras disciplinas.

Ainda podes encontrar...

e no final...

Ficha formativa

Texto 4

Nosso Planeta, Nossa Saúde
Dia Mundial da Saúde
07 de abril 2022

Texto 5

Um grande debate sobre o futuro do planeta

Texto 6

Como vamos lidar com o futuro do planeta?

Li a entrevista a Mita Monteiro

Mita Monteiro assegura que a ilha tem potencialidade e que é preciso investir mais no desporto náutico

Qual foi a sua maior dificuldade quando começou a aprender kitesurf?

Como foi o seu primeiro campeonato de kitesurf?

Como avalia o kitesurf em Portugal?

Apêndice gramatical

Tipos de texto: texto literário e texto não literário

Processos fonológicos

Sintaxe

Morfologia e lexicologia

Funções da linguagem

Podes rever todos os conteúdos abordados em cada unidade

Podes encontrar a explanação de itens gramaticais, com explicações simples, claras e objetivas

Unidade 0 Relembrar, lendo

12-16 Ficha de diagnóstico

17-20 Projeto de leitura

	Texto/autor	Leitura	Oralidade · Escrita
22	Notícia Biblioteca Virtual de Cabo Verde está em processo de criação Relembrar: processos de formação de palavras	<ul style="list-style-type: none"> • Título • Tema • Estrutura • Ideias principais • Inferências • Opinião 	Oralidade: Dia Mundial do Livro p.21 Escrita: Gostos literários (escrita de um parágrafo) p.21
25	Conto Bibliotecas , Valter Hugo Mãe	<ul style="list-style-type: none"> • Recursos expressivos: comparação • Paráfrase • Inferências 	
29	Texto informativo Sobre a UNESCO Relembrar: voz ativa e voz passiva	<ul style="list-style-type: none"> • Significado de palavras-chave • Inferências • Paráfrase 	Oralidade: Dia Mundial da Língua Portuguesa p.28
32	Texto de opinião (inédito) O que há de tão especial em ser cabo-verdiano , Evel Rocha	<ul style="list-style-type: none"> • Resumo • Ideias principais 	Oralidade: CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa) p.31

Unidade 1 O texto não literário

	Texto/autor	Leitura	Oralidade · Escrita Gramática no texto
36	Banda desenhada Mafalda – Amigos prá vida , Quino Relembrar: próclise Saber: banda desenhada	<ul style="list-style-type: none"> • Antecipação de conteúdos • Ideias principais • Inferências • Características da banda desenhada 	Escrita: Excerto de uma BD p.39 Gramática no texto: Pronomes pessoais em adjacência (ênclise, próclise e mesóclise) p.37
40	Texto informativo Calema em entrevista Saber: entrevista	<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura e conteúdo • Ideias principais • Paráfrase • Opinião 	Escrita: Completamento de uma entrevista p.42
43	Texto publicitário Banco alimentar contra a fome Água Trindade	<ul style="list-style-type: none"> • Título • <i>Slogan</i> • Inferências 	
44	O futuro do planeta não é reciclável Saber: texto publicitário	<ul style="list-style-type: none"> • Significados • Opinião 	
46	Texto de opinião O equilíbrio entre o homem e a natureza Relembrar: coordenação e subordinação Saber: texto de opinião	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Estrutura • Paráfrase • Opinião • Recursos expressivos 	Escrita: Texto de opinião p.51 Gramática no texto: Orações coordenadas (assindéticas e sindéticas) e subordinadas p.50
52	Texto biográfico Biografia de Anne Frank Relembrar: predicado Saber: biografia	<ul style="list-style-type: none"> • Ordenação de ideias • Características da biografia 	Gramática no texto: Funções sintáticas (sujeito, predicado e principais complementos) p.54

Resumo	<ul style="list-style-type: none"> • Características do resumo • Opinião 	Escrita: Resumo p.57
56 Resumo do livro O diário de Anne Frank Saber: resumo		
Carta de apresentação	<ul style="list-style-type: none"> • Anúncio de emprego • Estrutura • Informação-chave 	Oralidade: Português fluente p.62 Gramática no texto: Registos e níveis de língua p.61
60 Técnico de contabilidade e gestão Saber: <i>curriculum vitae</i>		
63 Projeto fora da sala de aula 1: jornal de turma		
64 Ficha formativa 1		

Unidade 2 O texto literário – textos narrativos de autores lusófonos

Texto/autor	Leitura	Oralidade · Escrita Gramática no texto
Crónica		
72 Filho és, pai serás , Dina Salústio Relembrar: verbos introdutores do relato; crónica	<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura do texto • Inferências • Opinião • Paráfrase • Características da crónica 	Oralidade: Crónica televisiva (Jornal de domingo) p.77 Escrita: Crónica p.77 Gramática no texto: Discurso direto, indireto e indireto livre p.75
Conto literário (excerto)		
79 A família de Aniceto Brasão , Teixeira de Sousa Relembrar: conto Saber: texto descritivo	<ul style="list-style-type: none"> • Características da narrativa • Partes do texto • Inferências • Significados 	Oralidade: A língua cabo-verdiana p.87 Escrita: Descrição de uma imagem p.86 Gramática no texto: Tipos de verbos no texto descritivo p.85
Novela		
88 Mar me quer , Mia Couto Relembrar: novela	<ul style="list-style-type: none"> • Características da narrativa • Inferências • Paráfrase 	Escrita: História de uma memória ou sonho p.96 Gramática no texto: Processos regulares de formação de palavras p.94
Romance (excerto)		
97 O meu pé de laranja lima , José Mauro de Vasconcelos Saber: romance	<ul style="list-style-type: none"> • Características da narrativa • Inferências • Paráfrase • Opinião 	Gramática no texto: Tempos verbais no texto narrativo p.102
103 Projeto fora da sala de aula 2: campanha publicitária de incentivo à leitura		
104 Ficha formativa 2		



Unidade 3 O texto literário – textos narrativos de autores não lusófonos

Texto/autor	Leitura	Oralidade · Escrita Gramática no texto
110 Texto narrativo (excerto 1) O velho e o mar , Ernest Hemingway	<ul style="list-style-type: none"> • Características da narrativa • Inferências • Título • Paráfrase 	Oralidade: Audição da canção "Navega" p.114 Escrita: Diálogo p.114 Gramática no texto: Campo lexical e campo semântico p.113
115 Texto narrativo (excerto 2) O velho e o mar , Ernest Hemingway	<ul style="list-style-type: none"> • Inferências • Paráfrase • Recursos expressivos 	Gramática no texto: Plural dos nomes compostos p.118
118 Texto narrativo (excerto 3) O velho e o mar , Ernest Hemingway Relembrar: empréstimo	<ul style="list-style-type: none"> • Inferências • Significados 	Oralidade: Curta-metragem p.124 Escrita: Ponto de vista (texto curto) p.124 Gramática no texto: Processos irregulares de formação de palavras p.122
125 Texto de opinião A vida e o mar , Pedro Mevill Araújo	<ul style="list-style-type: none"> • Recurso expressivo: comparação • Significados • Características do texto de opinião • Paráfrase 	
129 Texto de divulgação científica Cetáceos Saber: texto de divulgação científica	<ul style="list-style-type: none"> • Características do texto de divulgação científica • Inferências • Significados 	
132 Texto narrativo (excerto 1) O príncipezinho , Antoine de Saint-Exupéry Saber: <i>O príncipezinho</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Características da narrativa • Inferências • Paráfrase 	
136 Texto narrativo (excerto 2) O príncipezinho , Antoine de Saint-Exupéry Saber: fábula	<ul style="list-style-type: none"> • Inferências • Significados • Opinião 	
141 Apreciação crítica Crítica	<ul style="list-style-type: none"> • Características do texto • Partes do texto • Inferências • Significados • Resumo • Opinião 	Escrita: Apreciação crítica p.144 Gramática no texto: Funções sintáticas: atributo, predicativo de sujeito e predicativo de complemento direto p.143
145 Projeto fora da sala de aula 3: histórias de vida		
146 Ficha formativa 3		



Unidade 4 O texto poético

Texto/autor	Leitura	Oralidade · Escrita Gramática no texto
<p>Poemas de autores lusófonos</p> <p>152 Liberdade, Sophia de Mello Breyner Andresen</p> <p>153 Todo o tempo é poesia, António Gedeão</p> <p>154 A poesia, Costa Andrade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Rimas e estrofes 	<p>Oralidade: Partilha e audição de um texto p.152</p> <p>Partilha de opiniões sobre poemas lidos p.155</p>
<p>Poemas de autores lusófonos</p> <p>156 Ser poeta, Florbela Espanca</p> <p>157 Karingana ua karingana, José Craveirinha</p> <p>Saber: texto poético</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Inferências • Rimas 	<p>Gramática no texto: Recursos expressivos p.159</p>
<p>Poemas de autores lusófonos</p> <p>160 Hino Bravense, Eugénio Tavares</p> <p>161 Forsa di kretxeu, Eugénio Tavares</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Divisão do poema • Inferências 	
<p>Texto informativo</p> <p>162 Kretcheu, nha Kretcheu. Qual é a morna mais romântica de sempre?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Resumo das ideias essenciais 	
<p>Poemas de autores lusófonos</p> <p>164 Retrato, Cecília Meireles</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Inferências • Opinião 	
<p>Poemas de autores lusófonos</p> <p>166 Ou isto ou aquilo, Cecília Meireles</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Opinião • Significado • Inferências 	<p>Escrita: Escrita de versos de um poema (continuação) p.167</p> <p>Gramática no texto: Relação de sentido entre palavras p.167</p>
<p>Poemas de autores lusófonos</p> <p>169 Porque, Sophia de Mello Breyner Andresen</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Resumo • Inferências • Ideias principais • Rimas • Recursos expressivos 	
<p>Poemas de autores lusófonos</p> <p>171 Deus escreve direito, Sophia de Mello Breyner Andresen</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Partes do poema • Paráfrase • Inferências • Opinião 	<p>Escrita: Escrita de uma história imaginária a partir de um poema p.172</p>
<p>Poemas de autores lusófonos</p> <p>174 As palavras, Eugénio de Andrade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Inferências • Recursos expressivos: comparação • Opinião • Leitura em voz alta 	
<p>Poemas de autores lusófonos</p> <p>175 Anunciação da primavera – 2, Eugénio de Andrade</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Partes do poema • Inferências • Paráfrase • Estrutura externa do poema 	<p>Escrita: Reescrita do poema em prosa p.176</p>

177	Poemas de autores lusófonos Morna , Daniel Filipe	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Inferências • Características do soneto 	
179	Poemas de autores lusófonos Lição de Urbanismo , José Luiz Tavares	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Inferências • Versos 	Oralidade: Descrição de imagens. Tema: cidade. p.178 Gramática no texto: Processos fonológicos p.181
182	Poemas de autores lusófonos Construção , Ondjaki	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Inferências • Opinião • Recursos expressivos: anáfora 	Escrita: Escrita de versos ou frases com prefixos p.183 Gramática no texto: Prefixação p.183
185	Poemas de autores lusófonos Para vivenciar nadas , Ondjaki	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Recursos expressivos • Estrofe e rima • Opinião 	
188	Projeto fora da sala de aula 4: Diálogos artísticos		
189	Ficha formativa 4		

Unidade 5 O texto dramático

	Texto/autor	Leitura	Oralidade · Escrita Gramática no texto
198	Texto dramático Falar verdade a mentir , Almeida Garrett (cena I)	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos do texto dramático • Cena e indicações cénicas • Inferências • Significados 	Oralidade: Descrição de imagens e audição de um texto sobre a história do teatro p.196
201	Texto dramático Falar verdade a mentir , Almeida Garrett (cena II)	<ul style="list-style-type: none"> • Apartes • Caracterização de personagens • Paráfrase 	Oralidade: Audição de um texto sobre o texto dramático p.206 Escrita: Redação de um texto p.205 Gramática no texto: Interjeições p.204
207	Texto dramático Falar verdade a mentir , Almeida Garrett (cena III) Relembrar: ir e haver+ de (infinitivo)	<ul style="list-style-type: none"> • Inferências • Ideias principais 	Gramática no texto: Haver de+ infinitivo p.210
212	Texto dramático Falar verdade a mentir , Almeida Garrett (cena XVII)	<ul style="list-style-type: none"> • Inferências • Paráfrase • Opinião 	Escrita: Redação de uma história p.215
216	Notícia José Luís Peixoto lança em livro peça teatral "Estrangeiras" em Cabo Verde	<ul style="list-style-type: none"> • Classificação da veracidade de afirmações • Resumo 	

218	Texto dramático (excerto 1) Estrangeiras , José Luís Peixoto	<ul style="list-style-type: none"> • Elementos do texto dramático • Inferências • Significados • Opinião 	Oralidade: Comentário de algumas frases do texto e de uma citação de Evel Rocha p.221
221	Texto inédito Falemos crioulo(s)! , Evel Rocha Relembrar: variedades linguísticas do português	<ul style="list-style-type: none"> • Ideias principais • Opinião 	
223	Texto dramático (excerto 2) Estrangeiras , José Luís Peixoto	<ul style="list-style-type: none"> • Inferências • Opinião • Paráfrase • Variedades do português 	Oralidade: Debate p.228 ; Audição da canção "Saiba" p.229 Gramática no texto: Imperativo p.227
230	Notícia Festival Mindelact deste ano dedicado à liberdade e celebra nascimento de Amílcar Cabral	<ul style="list-style-type: none"> • Tema • Estrutura • Ideias principais • Inferências 	Escrita: Síntese p.231
232	Projeto fora da sala de aula 5: O outro somos sempre nós		
233	Ficha formativa 5		

Apêndice gramatical

1. Texto de texto: literários e não literários	238	3.2.3. Modificador	248	4.1.5. Pronome e subclasses	260
1.1. Os textos não literários	239	3.3. Divisão e classificação de orações – coordenadas e subordinadas	249	4.1.5.1. Pronome pessoal	260
1.2. Os textos literários	240	3.3.1. Coordenação	249	4.1.5.2. Pronome demonstrativo	261
1.2.1. As categorias da narrativa	241	3.3.2. Subordinação	249	4.1.5.3. Pronome possessivo	261
1.2.2. O texto poético	242	3.4. Voz passiva e voz ativa	251	4.1.5.4. Pronome indefinido	261
1.2.3. O texto dramático	243	3.5. Discurso direto, indireto e indireto livre	251	4.1.5.5. Pronome relativo	262
2. Processos fonológicos	244	4. Morfologia e lexicologia	254	4.1.5.6. Pronome interrogativo	262
• Inserção: prótese, epêntese e paragoge		4.1. Classes de palavras	254	4.1.6. Preposição	262
• Supressão: aférese, síncope e apócope		4.1.1. Nome	254	4.1.7. Advérbio	263
• Alteração de segmentos: redução vocálica, assimilação, dissimilação e metátese		4.1.2. Adjetivo	256	4.1.8. Verbo	264
3. Sintaxe	244	4.1.2.1. Comparativos e superlativos (casos especiais)	256	4.1.8.1. Subclasses dos verbos	265
3.1. Pronome pessoal em adjacência verbal – regras	244	4.1.2.2. Adjetivos compostos	257	4.1.8.2. Flexão verbal	265
3.2. Funções sintáticas	246	4.1.3. Determinante e subclasses	258	4.2. Relações semânticas	267
3.2.1. Sujeito	246	4.1.3.1. Determinante artigo definido e indefinido	258	4.3. Campo semântico e campo lexical	267
3.2.2. Predicado	247	4.1.3.2. Determinante demonstrativo	258	4.4. Arcaísmos e neologismos	267
3.2.2.1. Complementos do predicado	247	4.1.3.3. Determinante possessivo	259	4.5. Processos regulares de formação de palavras	268
		4.1.4. Quantificador e subclasses	259	4.6. Relações irregulares de formação de palavras	269
				4.7. Registos de língua e níveis de linguagem	270
				5. Funções da linguagem	271






Relembrar, lendo

Alguém escreveu que o livro é o bem cultural mais importante da humanidade, pois contribui para a melhoria do processo de aprendizagem. Sabendo dos benefícios que ler traz para as pessoas, que tal separar um tempinho para colocar em dia a leitura? Nada melhor do que se identificar com uma história, personagem ou estilo de escrita do autor enquanto se diverte lendo.

Evel Rocha, texto inédito, 2023

Objetivos da unidade 0:

- identificar as características e finalidades de diferentes géneros textuais;
 - relacionar textos de géneros diferentes;
 - perceber informações implícitas de um texto;
 - relembrar os processos de formação de palavras;
 - reconhecer no texto o valor expressivo de alguns recursos linguísticos;
 - relembrar as relações sintáticas entre as palavras na construção da frase.
- 

Ficha de diagnóstico

1 Atenta nos textos seguintes:

Texto A



Padarias na Praia estão a vender o pão carcaça abaixo do peso exigido por lei

Padarias na cidade da Praia estão a vender o pão carcaça grande abaixo do peso exigido por lei, conforme constatou a Inspeção Geral das Atividades Económicas (IGAE).

Disponível em expressodasilhas.cv [consult. 02 fev 2022]

Texto B



Texto C

Nos dias da minha infância, costumávamos ir brincar pelos lados de um túmulo que fica isolado, a cerca de dois quilómetros da vila de Sal Rei na ilha da Boa Vista, e a que chamávamos o cemitério de “Maria de Pantigole”. Já sabíamos ler português com relativa facilidade, mas o cemitério de “Maria de Pantigole” continuava um mistério fascinantemente indecifrável [...].

Germano Almeida, “Cabo Verde é o centro do mundo”, *Estórias contadas*, Caminho, 2021

Texto D

Os baobás (*Adansonia*) são famosos pelos seus troncos largos, que armazenam grandes quantidades de água. A *Sagole Big Tree*, um espécime de *A. digitata* em Masisi, Vhembe, África do Sul, tinha uma base de 60,6 m² e uma altura de 19,8 m [...] dois baobás ainda maiores morreram na última década em África.

Guinness World Records 2022, Planeta, 2022

1.1 Selecciona a opção adequada de acordo com o texto. Podes seleccionar mais do que uma opção para cada texto.

	Texto			
	A	B	C	D
É uma notícia.				
É um excerto de um texto narrativo.				
Trata-se de um texto publicitário.				
É um texto expositivo.				
O seu objetivo principal é informar.				
O seu objetivo é contar uma história.				
O texto é publicado num jornal.				
O texto pode aparecer numa enciclopédia ou num livro escolar.				
O narrador, participante ou não, conta a história.				
Possui, habitualmente, uma linguagem mista, com texto e imagem.				
A sua linguagem é bastante objetiva.				
Expõe e dá a conhecer um assunto.				
Pretende divulgar um produto/serviço.				
A sua linguagem é subjetiva dando origem a diferentes interpretações.				

2 Lê o conto seguinte e responde às questões na página 15.

O cágado e a raposa

Conto tradicional de Angola

Lá longe, nas ardentes terras de África, vivia uma raposa que tinha por hábito troçar de um pobre cágado:

– Mas que pouca sorte a tua, amigo cágado! Como fazes para correr com essa casa às costas e essas perninhas que mal se veem? Olha para mim: com estas pernas fortes e compridas, ando mais com duas pernadas do que tu num dia inteiro.

Tanto falava e troçava a raposa que o cágado, fartinho de a ouvir e desejoso de lhe dar uma lição, a desafiou certo dia para uma corrida:

 Manual Digital

Áudio
O cágado e a raposa (conto tradicional)



QuizEV
Textos diversos – Quiz de diagnóstico

– Andas para aí a gabar as tuas pernas sem te lembrares de que nem tudo
10 o que luz é ouro. Bem conheço eu o valor das minhas, e a ninguém desejo
mal por ter menos do que eu. Mas já que tanto falas, vamos lá ver se a razão
está do teu lado. No próximo domingo, festeja-se o casamento da filha do
nosso régulo e por certo muita gente se irá reunir na aldeia. Pois será esse o
dia escolhido para o nosso desafio. Aceitas?

15 – Por quem és, meu pobre amigo! Lá estarei para vermos do que és
capaz – respondeu a raposa, mal conseguindo conter o riso.

– Pois bem, partiremos de um lugar marcado e corremos até ao limite
das terras do nosso régulo – tornou o cágado. – O primeiro que chegar ga-
nhará um fato novo para si e outro para dar de prenda à filha do régulo. E o
20 que perder pagará tudo.

A raposa aceitou as regras e foi cada um para sua casa. O cágado man-
dou então chamar todos os irmãos, expôs-lhes o caso e entre eles combina-
ram a partida a pregar à raposa.

25 Espalhar-se-iam ao longo do caminho, escondidos pelo capim, e, de
cada vez que a raposa chamasse pelo cágado, responderia sempre o que
estivesse à frente.

Terminada a combinação, o cágado abalou.

Quando ambos estavam prontos para a partida, diz o cágado à raposa:

– Tu não te preocupes comigo se não me vires, pois bem sabes que eu
30 não sei saltar; só sei correr pelo meio da erva.

– Corre com as quatro patas e não as deixes arrefecer, pois a aposta já a
ganhei eu...

O sinal de partida foi dado e a raposa, em meia dúzia de saltos, perdeu
o cágado de vista. Convencida de que ele ficara para trás, e também por
35 troça, parou e pôs-se a chamar:

– Então, amigo cágado, andas ou não andas?

– Amiga raposa – respondeu o cágado da frente –, corre quanto puderes e
não te preocupes comigo, que já vou adiantado para te mostrar o caminho.

Surpreendida e um tanto atrapalhada,
40 a raposa dobrou os seus esforços. Quando
pensava que, desta feita, teria deixado o
cágado muito para trás, voltou a chamar:

– Amigo cágado, ainda ouves
a minha voz?



45 – Já quase não a ouço – respondeu o cágado da frente – e se tu continuas a correr tão pouco, ainda me esqueço de que preciso de correr e acabo por adormecer no caminho...

Desta vez a raposa perdeu a cabeça e não pensou senão em fugir quanto as pernas lho permitissem. Quando já estava perto do ponto de
50 chegada, a deitar os bofes pela boca e de rabo entre as pernas, mal pôde acreditar no que os seus olhos viam: o cágado, que já tinha chegado à meta, vinha agora ao seu encontro a gritar-lhe:

– Oh, amiga raposa, venho ver se precisas do meu auxílio, que já estou cansado de esperar por ti! Melhor seria se estendesses mais as pernas e
55 encurtasses a língua, porque assim talvez fizesses melhor figura. Olha, que a lição te sirva de emenda e te evite novas desilusões, que nunca poupam os linguareiros e os presunçosos...

João Pedro Mésseder e Isabel Ramalhete (seleção, adaptação e reconto),
Contos e lendas de Portugal e do mundo, Porto Editora, 2015

2.1 Faz o reconto oral deste conto.

2.2 Indica onde decorre a ação e caracteriza as duas personagens, partindo desta citação: «Lá longe, nas ardentes terras de África, vivia uma raposa que tinha por hábito trocar de um pobre cágado.» (linhas 1 e 2)

2.3 Explica o sentido do provérbio: «Nem tudo o que luz é ouro.» (linhas 9 e 10)

2.3.1 Como se aplica nesta história?

2.4 Explica o sentido desta frase: «que [...] te evite novas desilusões, que nunca poupam os linguareiros e os presunçosos.» (linhas 55 a 57)

2.5 Este conto tradicional encerra uma moral. Diz qual é a moral desta história.

3 Divide a frase abaixo em orações e classifica-as:

«A raposa aceitou as regras e foi cada um para sua casa.» (linha 21)

3.1 Analisa sintaticamente a primeira oração da frase.

4 Atenta nos seguintes excertos:

A. «– Já quase não a ouço – respondeu o cágado da frente – e se tu continuas a correr tão pouco, ainda me esqueço de que preciso de correr e acabo por adormecer no caminho [...].» (linhas 45 a 47)

- B. «[...] o cágado, que já tinha chegado à meta, vinha agora ao seu encontro a gritar-lhe:
– Oh, amiga raposa, venho ver se precisas do meu auxílio, que já estou cansado de esperar por ti!» (linhas 51 a 54)**

4.1 Completa as frases com a opção correta:

- a.** No excerto A, o primeiro travessão (–) é usado para
- introduzir o discurso direto.
- intercalar o discurso indireto com o discurso direto.
- b.** No excerto A, o segundo e o terceiro travessões (–) são usados para
- introduzir o discurso direto.
- intercalar o discurso indireto com o discurso direto.
- c.** No excerto A, as reticências (...) indicam
- o prolongamento de uma ideia.
- surpresa.
- d.** No excerto B, os dois pontos (:) servem para introduzir
- uma citação.
- o discurso direto.
- e.** No excerto B, as duas primeiras vírgulas (,)
- isolam uma informação secundária.
- separam o vocativo do resto da frase.
- f.** No excerto B, o ponto de exclamação (!) usa-se
- numa frase exclamativa para exprimir entusiasmo ou exaltação.
- numa frase imperativa para dar um conselho.

- 5** O texto que acabaste de ler é um conto tradicional. Certamente conheces mais textos como este, de origem popular, que já ouviste ou que te contaram. Escreve um texto narrativo, no qual recontes um outro conto ou uma pequena história.

O texto deve ter entre 140 e 190 palavras e deve incluir:

- um título e uma estrutura tripartida (introdução, desenvolvimento e conclusão);
- no mínimo, dois momentos de diálogo.

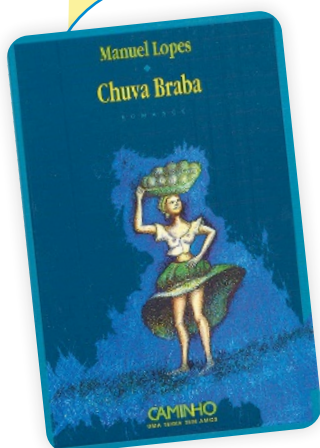
Projeto de leitura

Este ano vais elaborar um projeto de leitura de uma obra que deves escolher e ler integralmente. O objetivo é, por um lado, desenvolver a tua capacidade da leitura e alargar o teu conhecimento literário e, por outro lado, estimular o teu gosto pela leitura.

Assim, ficam aqui algumas sugestões de obras que podes escolher para o teu projeto. Podes também pedir outras sugestões ao teu professor.



Chuva braba (1956), Manuel Lopes



Sinopse: Mané Quim, jovem camponês da Ilha de Santo Antão, vive confrontado com um dilema – aceitar o convite do padrinho e emigrar para a Amazónia, onde o espera uma terra rica, abundante em água e de colheitas fáceis e fartas, ou ficar, com a velha mãe, labutando nas ressequidas courelas, sonhando com a água que lhes dê vida.

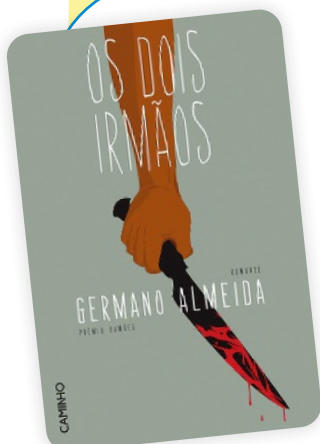
Disponível em www.wook.pt
[consult. 18 fev 2023]

Curiosidade



Este livro foi galardoado com o prémio Fernão Mendes Pinto, foi adaptado ao teatro e foi apreciado por autores da língua portuguesa, como Vitorino Nemésio que apelidou *Chuva braba* de «uma pequena obra-prima da novelística islenha».

Os dois irmãos (1995), Germano Almeida



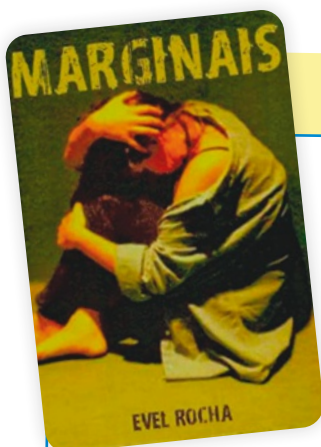
Sinopse: André, cabo-verdiano emigrante em Lisboa, recebe uma carta do pai a dizer-lhe que João, o seu irmão mais novo, se tinha envolvido com a sua mulher e a exigir-lhe que regressasse para limpar a desonra que tinha caído sobre a família. A pressão do pai e da própria aldeia vai constituir uma terrível força que o leva a matar o irmão, por quem tinha enorme amizade e ternura.

Disponível em www.wook.pt
[consult. 18 fev 2023]

Curiosidade



Este romance baseia-se numa história verídica que ocorreu após a independência de Cabo Verde e foi adaptado ao cinema pelo realizador Francisco Manso.



Marginais (2010), Evel Rocha

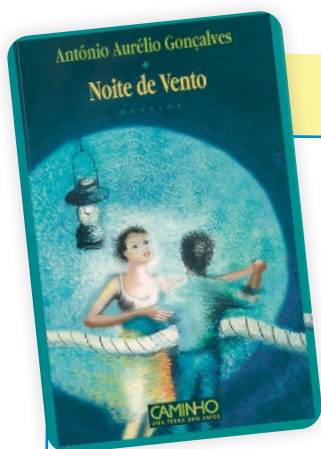
Sinopse: Conforme referiu o autor, «foi um livro escrito para as massas, para o povo, para as pessoas comuns. Essa era a intenção do livro [...] A ideia era fazer um retrato social da Ilha do Sal em particular e de Cabo Verde na generalidade. Era trazer à tona temas que são tabus, que as pessoas têm medo de tocar, como a homossexualidade, a delinquência, a monoparentalidade, a poligamia e as situações do dia a dia de injustiças.»

Disponível em 200.201.12.34/index.php/revistaeducings/article/view/6417/4438 [consult. 18 fev 2023] (Texto com supressões)

Curiosidade



Neste romance, o autor optou por uma escrita mais simples com o intuito de marcar uma rutura com o seu estilo de escrita, “antes de Marginais e depois de Marginais”.



Noite de vento (1951), António Aurélio Gonçalves

Sinopse: Possuidor de uma capacidade narrativa invulgar, com os seus textos, o escritor transforma o ato de ler num ato de participar. De participar do quotidiano das personagens (que é o mesmo que dizer do quotidiano cabo-verdiano), das suas alegrias, do seu sofrimento, das suas desilusões e frustrações, dos seus silêncios, das suas esperanças.

Disponível em www.wook.pt [consult. 18 fev 2023] (Texto com supressões)

Curiosidade



António Aurélio Gonçalves foi considerado um dos maiores escritores de Cabo Verde e possui na cidade do Mindelo uma praça com o nome pelo qual o escritor era conhecido, “Nhô Roque”. Em 2021, assinalou-se o 120.º aniversário do seu nascimento.

O meu pé de laranja lima (1968), José Mauro de Vasconcelos



Sinopse: «O protagonista, Zezé, tem 6 anos e mora num bairro modesto, na zona norte do Rio de Janeiro. O pai está desempregado, e a família passa por dificuldades. O menino passa a vida a fazer asneiras, sem jamais se conformar com as limitações que o mundo lhe impõe – viaja com sua imaginação, brinca, explora, descobre, responde aos adultos, mete-se em confusões, causa pequenos desastres [...]»

Disponível em www.wook.pt [consult. 18 fev 2023] (Texto com supressões)

Curiosidade



Tendo adaptações para a televisão, o cinema e o teatro, este livro marca uma época. Foi traduzido para mais de 50 línguas!

O príncipezinho (1943), Antoine de Saint-Exupéry

Sinopse: O narrador da obra é o piloto de um avião que avariou no deserto do Sara e que tenta, desesperadamente, reparar os danos causados no seu aparelho. Um belo dia os seus esforços são interrompidos devido à aparição de um pequeno príncipe, que lhe pede que desenhe uma ovelha [...]. Fez o que o príncipezinho tinha pedido. E assim tem início um diálogo que expande a imaginação do narrador para todo o género de infantis e surpreendentes direções. *O príncipezinho* conta a sua viagem de planeta em planeta, cada um sendo um pequeno mundo povoado com um único adulto.

Disponível em <https://m.porto.ucp.pt>
[consult. 18 fev 2023] (Texto com supressões)



Curiosidade

O seu autor, Antoine de Saint-Exupéry, era um piloto francês que, estando exilado durante a Segunda Guerra Mundial, decidiu escrever este livro. Além do texto, Saint-Exupéry foi também o autor das ilustrações essenciais que acompanham esta história. É uma das obras literárias mais traduzidas em todo o mundo e foi adaptada ao cinema, à televisão e ao teatro. Uma das traduções dessa obra foi para o crioulo de Cabo Verde, variedade de Santiago.



Projeto de leitura: como fazer?

Um projeto de leitura é como uma apreciação crítica de um livro. Numa primeira fase, deves observar e obter informações sobre os aspetos paratextuais (nome do autor e da obra, editora, ano de publicação, etc.).

Em seguida, à medida que vais lendo a obra que escolheste, deves ser capaz de identificar a(s) temática(s) abordada(s) e os momentos e/ou passagens fundamentais da obra.

Ao mesmo tempo, deves já ir formalizando a tua opinião sobre o livro (positiva ou negativa) e procurar justificar esse juízo de valor, fazendo, por um lado, referência a partes do texto e, por outro lado, aos sentimentos que esta leitura te despertou (identificação pessoal com a história ou com uma das personagens, interesse na ação, etc.).

No final, deves sintetizar o teu comentário crítico, mas também descrever o contributo desta leitura para o teu crescimento pessoal.

Projeto de leitura Ficha de registo (exemplo)	
Título da obra	
Autor	
Ilustrador	
Editora	
Ano de publicação	
Aspetos a destacar durante a leitura	Temática(s) abordada(s)
	Momentos/passagens fundamentais
	Personagens a destacar (positiva ou negativamente)
Apreciação/opinião	☆☆☆☆☆
Contributo da obra para o meu conhecimento ou crescimento pessoal	

Oralidade

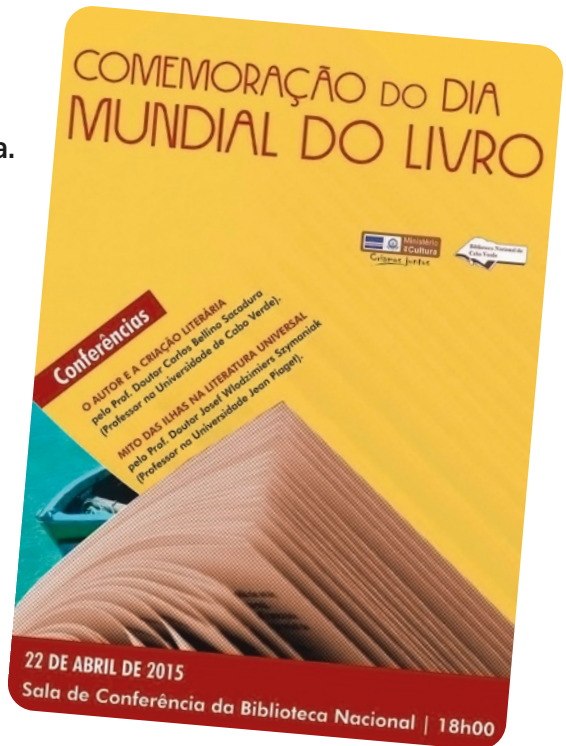
1 Atenta na imagem que se segue e descreve-a.

- 1.1 Discute com os teus colegas a importância do Dia Mundial do Livro.
- 1.2 Em conjunto, apresentem sugestões para criar um *slogan* para acompanhar a imagem.

Curiosidade



O Dia Mundial do Livro é também o Dia do Direito de Autor e celebra-se a 23 de abril. Este dia foi escolhido pela UNESCO por ter sido nesta data em 1616 que morreram Miguel de Cervantes, William Shakespeare e Inca Garcilaso de la Veja.



Escrita

E tu, gostas de ler? Num texto, com cerca de 15 linhas, descreve os teus gostos e preferências literárias, nomeadamente:

- que tipos de livros lês;
- se tens um(a) autor(a) favorito(a);
- o último livro que leste;
- em que locais gostas de ler;
- se costumavas frequentar bibliotecas ou livrarias;
- se preferes livros em papel ou digitais, justificando a tua escolha.

Antes do texto

1 Costumas consultar o dicionário quando estás a ler e não compreendes algumas palavras? Utilizas um dicionário em papel ou consultas um dicionário na Internet? Justifica as tuas escolhas.

- 2 Lê a seguinte entrada de um dicionário *online*.

Dicionário



Curador – cu.ra.dor [kure'dor] (n. m.)

1. DIREITO administrador de bens por encargo judicial
2. DIREITO representante de pessoa declarada incapaz, nomeado pelo tribunal para determinado processo judicial ou ato jurídico
3. profissional responsável pela conceção, organização e supervisão de uma exposição de carácter artístico ou cultural
4. profissional responsável pelas obras que constituem o património de uma instituição (museu, galeria, etc.) e pela organização e supervisão da sua exposição
5. *regionalismo* tratador de cavalos
6. *Brasil* curandeiro

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora.
Disponível em www.infopedia.pt [consult. 21 dez 2022]

- 2.1 Identifica os diferentes constituintes desta entrada de dicionário.
- a) cu.ra.dor b) [kure'dor] c) n. m. d) 1./ 2. (etc.)
- 2.2 Tendo em conta que uma entrada de dicionário como esta pode ter vários significados, como é que seleccionas o significado correto?
- 2.3 Lê a notícia que se segue e selecciona o significado da palavra "curador" mais adequado ao texto.

Leitura

Biblioteca Virtual de Cabo Verde está em processo de criação

A curadora da Biblioteca Nacional, Matilde Santos, avançou hoje, à RCV que a Biblioteca Virtual de Cabo Verde está em processo de criação.

Matilde Santos fez essa afirmação à margem da celebração do Dia Mundial das Bibliotecas, que se celebra hoje.

5 “Está em construção, mas na sua fase final, a questão da disponibilização dos livros em formato digital. A Biblioteca Digital é uma rede que pode promover, no caso da Biblioteca Nacional de Cabo Verde, os livros e autores cabo-verdianos, a nível nacional e internacional”, explica.

10 Para Matilde Santos, há a preocupação de trabalhar neste sentido e que há um site que está na sua fase final e “espero muito em breve estar a falar da dinâmica das novas tecnologias”.

Para o dia de hoje, Matilde Santos anunciou um conjunto de atividades para assinalar o Dia Mundial das Bibliotecas. “Uma delas é uma cerimónia simbólica da doação de livros às bibliotecas municipais e escolas do país, que se enquadra num projeto mais abrangente que tem em vista a dinamização das bibliotecas. É um projeto que contempla sobretudo o acompanhamento de perto da dinâmica das bibliotecas, a nível nacional, através de ações e formações contínuas de capacitação de técnicos na gestão e organização das bibliotecas, apoios na criação de programas que incentivem o hábito de leitura”, cita.

Conforme Matilde Santos, a biblioteca é um espaço de conhecimento, de cultura e educação, então há essa necessidade de abrir a biblioteca ao público e de levá-la ao público e vice-versa.

Disponível em expressodasilhas.cv [consult. 21 dez 2022]



e Manual Digital

Vídeo Notícia

Compreensão do texto

1 Completa a tabela com a informação correta, tendo em conta a sua estrutura.

Estrutura da notícia		
Lead	Quem?	
	O quê?	
	Quando?	
	Onde?	
Corpo da notícia	Como?	
	Porquê?	

1.1 Que iniciativas estão preparadas para celebrar o Dia Mundial das Bibliotecas?

- 1.2 Na tua opinião, qual é o fim último de todas estas iniciativas?
- 1.3 Matilde Santos define a biblioteca como «um espaço de conhecimento, de cultura e educação». Explica esta definição por palavras tuas.
- 1.4 Consideras esta notícia relevante? Justifica a tua opinião.

Funcionamento da língua

1 Tendo em conta o tipo de texto, seleciona a opção adequada para completar as frases:

1.1 As classes morfológicas predominantes neste texto são

- a) nomes e adjetivos. c) verbos e advérbios.
b) adjetivos e advérbios. d) conjunções e nomes.

1.2 O tempo e/ou modo verbal predominante neste texto é

- a) o modo imperativo. c) o pretérito perfeito simples do indicativo.
b) o presente do indicativo. d) o modo condicional.

1.3 O tipo de frase mais recorrente neste texto é o

- a) interrogativo. c) declarativo.
b) exclamativo. d) imperativo.

2 Analisa sintaticamente a seguinte frase:

«A curadora da Biblioteca Nacional, Matilde Santos, avançou hoje à RCV que a Biblioteca Virtual de Cabo Verde está em processo de criação.»

3 Classifica as seguintes palavras, quanto ao processo de formação:

- a) biblioteca; c) internacional;
b) cabo-verdiano; d) vice-versa.

Relembrar

Como te deves lembrar, existem diferentes **processos de formação de palavras**: a **derivação** por **prefixação** (feliz/infeliz) ou **sufixação** (feliz/felicidade), quando adicionamos, respetivamente, um prefixo ou sufixo à forma base; a **composição morfossintática** (**guarda-chuva, vaivém**), quando os elementos ficam simplesmente justapostos, mantendo a sua integridade; **composição morfológica** (aguardente, tragicómico), quando os seus elementos se juntam num só vocábulo.

Consultar apêndice gramatical (p.268)

Leitura

1 Lê o texto seguinte:

Bibliotecas

As bibliotecas deviam ser declaradas da família dos aeroportos, porque são lugares de partir e de chegar. Os livros são parentes diretos dos aviões, dos tapetes-voadores ou dos pássaros. Os livros são da família das nuvens e, como elas, sabem tornar-se invisíveis enquanto pairam, como se entrassem dentro do próprio ar, a ver
5 o que existe para depois do que não se vê.

O leitor entra com o livro para o depois do que não se vê. O leitor muda para o outro lado do mundo ou para outro mundo, do avesso da realidade até ao avesso do tempo. Fora de tudo, fora da biblioteca. As bibliotecas não se importam que os leitores se sintam fora das bibliotecas.

10 Os livros são também toupeiras ou minhocas, troncos caídos, maduros de uma longevidade inteira, os livros escutam e falam ininterruptamente. São estações do ano, dos anos todos, desde o princípio do
15 mundo e já do fim do mundo. Os livros esticam e tapam furos na cabeça. Eles sabem chover e fazer escuro, casam filhos e coram, choram, imaginam que mais tarde voltam ao início, a
20 serem como crianças. Os livros têm crianças ao dependuro e giram como carrosséis para as ouvir rir e para as fazer brincar.

Os livros têm os olhos para todos os lados e bisbilhotam o cima e o baixo, a esquerda e a direita de
25 cada coisa ou coisa nenhuma. Nem pestanejam de tanta curiosidade. Podemos pensar que abrir e fechar um livro é obrigá-lo a pestanejar, mas dentro de um livro nunca se faz escuro. Os livros querem sempre ver e estão sempre a contar. [...]

Os livros gostam de pessoas que nunca pegaram neles, porque têm surpresas para elas e divertem-se com isso. Os livros divertem-se muito.

30 As pessoas que se tornam leitoras ficam logo mais espertas, até andam três centímetros mais altas, que é efeito de um orgulho saudável de estarem a fazer a coisa certa. Ler livros é uma coisa muito certa. As pessoas percebem isso imediatamente.



E os livros não têm vertigens. Eles gostam de pessoas baixas e gostam de pessoas que ficam mais altas.

35 Depois da leitura de muitos livros pode ficar-se com uma inteligência admirável e a cabeça acende como se tivesse uma lâmpada dentro. É muito engraçado. Às vezes, os leitores são tão obstinados com a leitura que nem se lembram de usar candeeiros de verdade. Tentam ler só com a luz própria dos olhos, colocam o livro perto do nariz como se o estivessem a cheirar. Os leitores mesmo inteligentes aprendem a
40 ler tudo, até aquilo que não é um livro. Leem claramente o humor dos outros, a ansiedade, conseguem ler as tempestades e os silêncios, mesmo que seja um silêncio muito baixinho. Alguns leitores, um dia, podem aprender a escrever. Aprendem a escrever livros. São como pessoas com palavras por fruto, como as árvores que dão maçãs ou laranjas. Pessoas que dão palavras. [...]

45 Todos os livros são infinitos. Começam no texto e estendem-se pela imaginação. Por isso é que os textos são mais do que gigantescos, são absurdos de um tamanho que nem dá para calcular. Mesmo os contos, de pequenos não têm nada. Se os soubermos entender, crescemos também, até nos tornarmos monumentais pessoas. Edifícios humanos de profundo esplendor. Devemos sempre lembrar que ler é espe-
50 rar por melhor.

Valter Hugo Mãe, "Bibliotecas", *Contos de cães e maus lobos*, Porto Editora, 2015 (Texto com supressões)

Notas biográficas

Valter Hugo Mãe nasceu em Saurimo, Angola, em 1971. Vive atualmente em Portugal. Autor de vários romances, contos e poesia, com vários prémios, entre eles o Prémio Literário José Saramago, com o livro *o Remorso de Baltazar Serapião*, em 2007.



Compreensão do texto

1 O autor compara as bibliotecas a parentes de aeroportos, como «lugares de partir e de chegar», e os livros como «parentes diretos dos aviões, dos tapetes-voadores ou dos pássaros».

1.1 Qual é o sentido dessas comparações?

- 2** Atenta no terceiro e quarto parágrafos do texto.
- 2.1 Como é que o autor caracteriza os livros?
- 3** O que acontece ao leitor depois da leitura de muitos livros?
- 4** Explica, por palavras tuas, as seguintes frases do conto:
- a) «O leitor entra com o livro para o depois do que não se vê.» (linha 6)
- b) «As bibliotecas não se importam que os leitores se sintam fora das bibliotecas.» (linhas 8 e 9);
- c) «Alguns leitores, um dia, podem aprender a escrever.» (linha 42)
- d) «Todos os livros são infinitos.» (linha 45)
- e) «Devemos sempre lembrar que ler é esperar por melhor.» (linhas 49 e 50)

Funcionamento da língua

- 1** Há um recurso expressivo que é predominante ao longo de todo o conto: a metáfora. Retira do texto dois exemplos do uso deste recurso.
- 1.1 Identifica os recursos expressivos nos seguintes excertos:
- a) «Os livros têm os olhos para todos os lados e bisbilhotam o cima e o baixo [...]» (linhas 23 e 24)
- b) «São como pessoas com palavras por fruto, como as árvores que dão maçãs ou laranjas.» (linhas 43 e 44)
- 2** Indica a classe morfológica das palavras destacadas na frase seguinte: «As bibliotecas deviam ser declaradas da família dos aeroportos, porque são lugares de **partir** e de **chegar**.» (linhas 1 e 2)
- 2.1 Estas palavras provêm de outra classe morfológica. Indica-a.
- 2.1.1 Redige pelo menos duas frases onde uses outras palavras com características semelhantes.
- 3** Classifica morfológicamente as palavras destacadas na frase seguinte: «Os livros gostam de pessoas **que** nunca pegaram neles, **porque** têm surpresas para elas **e** divertem-se com isso.»
- 3.1 Classifica as orações introduzidas por essas palavras.

Para além do texto



Vídeo
Dia Mundial da
Língua
Portuguesa



Valter Hugo Mãe é um escritor lusófono. Prepara uma apresentação curta sobre um escritor lusófono, recolhendo informação sobre a sua vida, a sua obra e outras curiosidades. Podes até selecionar um pequeno texto ou um excerto da sua obra para ler. Não te esqueças de:

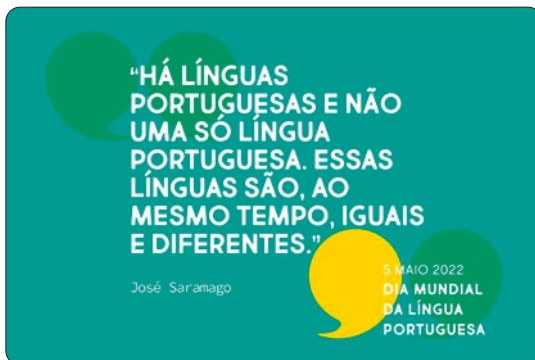
- pesquisar e selecionar, com sentido crítico, a informação na biblioteca, numa enciclopédia ou na Internet;
- ilustrar a tua apresentação com imagens, fotografias ou vídeo.

Oralidade

1 Observa as imagens seguintes:

1.1 Descreva-as, tendo em conta:

- o seu *design* (incluindo os ícones e as cores);
- os textos escolhidos para as acompanharem;
- o sentido das palavras do escritor José Saramago;
- as suas fontes, Instituto Camões e UNESCO, CPLP, e outros organismos mencionados.



Curiosidade



O Dia Mundial da Língua Portuguesa é celebrado a 5 de maio e foi escolhido pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa a 20 de julho de 2009, por decisão da Reunião Ordinária do Conselho de Ministros da CPLP, que teve lugar na cidade da Praia, Cabo Verde. O dia 5 de maio foi a data da Primeira Reunião dos Ministros da Cultura da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. A língua portuguesa é a primeira no mundo a ter uma data oficial reconhecida pela ONU.

Leitura

1 Lê o texto seguinte:

Sobre a UNESCO

Em 1945, a criação da UNESCO responde a uma forte convicção das nações marcadas por dois conflitos mundiais em menos de uma geração: os acordos económicos e políticos não bastam para construir uma paz duradoura. Esta deve ser estabelecida com base na solidariedade intelectual e moral da humanidade.

A UNESCO concorre para construir redes entre as nações para tornar esta solidariedade possível:

- mobilizando-se para que cada criança, rapariga ou rapaz, tenha acesso a uma educação de qualidade, como direito humano fundamental e condição do desenvolvimento humano;
- 15 • favorecendo o diálogo intercultural pela proteção do património e a valorização da diversidade cultural. A noção de Património Mundial foi formulada pela UNESCO para proteger os sítios de valor universal excecional;
- desenvolvendo projetos de cooperação científica – sistemas de alerta precoce aos tsunamis, gestão das águas transfronteiriças – que reforçam as ligações entre as nações e as sociedades;
- 20 • velando pela proteção da liberdade de expressão, como uma condição essencial da democracia, do desenvolvimento e da dignidade humana. [...]

A reflexão contemporânea sobre a «sustentabilidade» do desenvolvimento reafirma os princípios fundadores da Organização e o seu papel encontra-se assim naturalmente reforçado:

- num mundo globalizado, onde as sociedades se interligam e se misturam, o diálogo intercultural é uma necessidade vital, para vivermos melhor juntos na nossa diversidade;
- num mundo incerto, o futuro das nações não depende apenas do seu capital económico ou dos seus recursos naturais, mas da sua capacidade coletiva para compreender e antecipar as mutações do ambiente, através da educação, da investigação científica, da partilha do conhecimento;



- 35
- num mundo instável, marcado por movimentos de abertura democrática, a emergência de novas potências económicas e de sociedades fragilizadas por fatores de stress múltiplos, os tecidos educativos, científicos, culturais e o respeito pelos direitos fundamentais garantem a resiliência e a estabilidade das sociedades;
 - face à emergência de uma economia criativa e das sociedades do conhecimento, e o desenvolvimento da Internet, a participação ativa de cada um no novo espaço público mundial é uma condição para a paz e o desenvolvimento. [...]
- 40

Disponível em unescoportugal.mne.gov.pt [consult. 21 dez 2022] (Texto com supressões)

Compreensão do texto

1 Procura no dicionário sinónimos das seguintes palavras, tendo em conta o sentido do texto.

- a) solidariedade;
- b) intercultural;
- c) transfronteiriças;
- d) velando;
- e) sustentabilidade;
- f) vital;
- g) resiliência;
- h) emergência.



2 Que convicção levou à necessidade de criar a UNESCO?

3 Em que é que deve assentar a paz, segundo esta organização?

4 Com que objetivo a UNESCO criou a noção de Património Mundial?

4.1 Conheces ou já ouviste falar de um sítio ao qual tenha sido atribuído este título?

5 Há um conceito atual que reafirmou e reforçou a importância desta organização nos dias de hoje. Identifica-o.

6 De que depende o futuro das nações?

Funcionamento da língua

- 1 Distingue as seguintes frases na voz ativa das frases na voz passiva.
 - a) A UNESCO foi criada em 1945.
 - b) A noção de Património Mundial foi formulada pela UNESCO.
 - c) Os projetos de cooperação científica reforçam as ligações entre as nações e as sociedades.
 - d) A mensagem da UNESCO é revestida de uma importância acrescida.
 - e) A reflexão contemporânea sobre a «sustentabilidade» do desenvolvimento reafirma os princípios fundadores da Organização.
- 1.1 Transforma as frases na voz ativa em frases na voz passiva, procedendo às alterações necessárias.

e Manual Digital

Áudio
CPLP



Relembrar



Como sabes, a **voz ativa** distingue-se da **voz passiva** porque na ativa o sujeito pratica a ação expressa pelo verbo (A ONU fundou a UNESCO em 1945) e na passiva o sujeito sofre/recebe a ação expressa pelo verbo (A UNESCO foi fundada em 1945 pela ONU).

Consultar apêndice gramatical (p.251)

Oralidade

- 1 Ouve o áudio sobre a CPLP (Comunidade de Países de Língua Portuguesa), antes de responder às perguntas que se seguem.
 - 1.1 Enumera os países observadores da CPLP, indicando os direitos que possuem e não possuem.
 - 1.2 Para além da promoção da língua portuguesa, a CPLP fomenta o desenvolvimento cooperativo de várias áreas estruturantes. Indica, pelo menos, três.
 - 1.3 Quando foi criada a CPLP?
 - 1.4 Completa a frase: Para um país fazer parte da CPLP deve reger-se pelo primado da paz, da democracia...



- 2 Na tua opinião, qual é a importância da criação dessa organização?
- 3 Apesar do que une estes países ser a língua portuguesa, cada um mantém a sua identidade.
 - 3.1 Na tua opinião, o que distingue a identidade cabo-verdiana de outras identidades? O que há de especial em ser cabo-verdiano?



Áudio
"O que há de tão especial em ser cabo-verdiano", de Evel Rocha



Leitura

- 1 Lê o texto de Evel Rocha e resume oralmente as suas ideias principais.

O que há de tão especial em ser cabo-verdiano

Nos primeiros anos após a independência, no início das aulas, cantávamos o hino nacional; a nossa professora lembrava aos mais distraídos que o hino era um símbolo sagrado e que deveria ser cantado de pé e em posição de sentido. Entrávamos na sala e cada um ocupava a sua carteira com os olhos fitos no quadro onde

5 estavam as letras do hino. Depois de muitos anos, percebi o zelo da professora em verificar, nas aulas de educação visual, se as cores da bandeira estavam devidamente colocadas e a importância dos valores cívicos na nossa aprendizagem. A razão é muito simples: Cabo Verde acabara de conquistar a independência nacional e era necessário transmitir os valores como a devoção e o orgulho nacionais,

10 promover, entre os mais jovens, ações que reforçassem atitudes de cooperação, participação e responsabilidade em prol da cabo-verdianidade, colocando sempre o interesse coletivo acima do individual.

Do ponto de vista cultural, a língua crioula, a culinária, a literatura e a música são os elementos agregadores para a afirmação de Cabo Verde, enquanto nação

15 livre e independente.

O cabo-verdiano é o resultado da mistura entre o português e diferentes etnias, pois a Cidade Velha foi o entreposto na rota do mercado negreiro e, mais tarde, Mindelo e Espargos tiveram um papel relevante na navegação internacional, marítima e aérea respetivamente, agregando mais informações genéticas e culturais à nossa

20 identidade cultural.

O que há de tão especial em ser cabo-verdiano? Pelas condições climáticas e os fracos recursos naturais, o cabo-verdiano, o crioulo, como sempre gostou de se autointitular, ao longo dos anos, obrigado a emigrar na busca do tão desejado sonho de

uma vida melhor para si e para os seus, mas, motivado pelo apego à terra, o desejo de regressar está sempre aceso no pensamento dos que viajam, como bem expressa Nhelas Spencer na sua emblemática morna:

Oi nha terra escalabrode
pa nenhun des terra
tapod d verd té boca
um ca ta trocob...

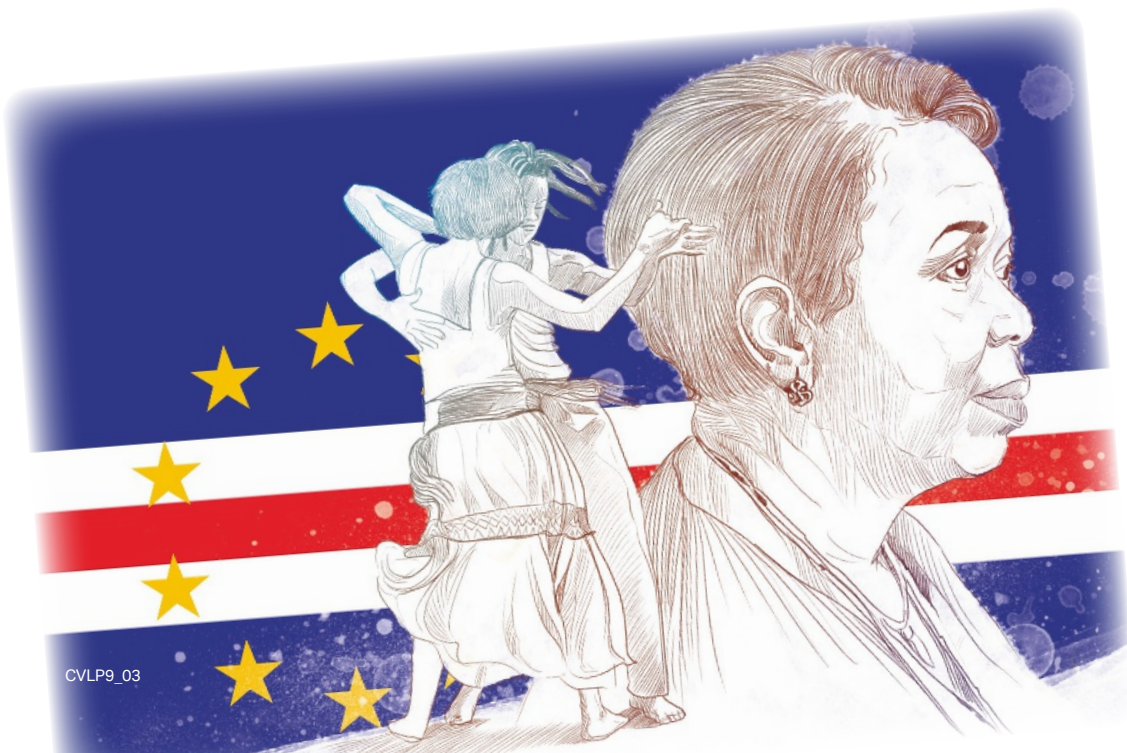
...

Pureza ta mora
na nha terra escalabrode
na nôs morna coladera
funana e batuke
Pureza ta mora
ma nôs peito nôs coração
na nôs grog de Santanton
na areia branca di nos praia...

A alma crioula foi modelada debaixo do suor, da fome e de fracos recursos; os que ficaram desenvolveram a cultura de solidariedade originando a consciência coletiva relacionada com o sentimento de pertença. O traço de cordialidade e resistência deu origem à expressão única que caracteriza o cabo-verdiano: a morabeza. Essa mesma morabeza, representada na música e na literatura, que significa “arte de bem receber os que visitam as ilhas”, também acompanha o cabo-verdiano na diáspora.

Eu sou cabo-verdiano com muito orgulho!

Evel Rocha, texto inédito, 2023





O texto não literário

O jornalismo, sendo literatura, dirige-se todavia ao homem imediato e ao dia que passa. Tem a força direta das artes inferiores mas humanas, como o canto e a dança; tem a força de ambiente das artes visuais; tem a força mental da literatura, por de facto ser literatura. Como, porém, o seu fim não é senão ser literatura naquele dia, ou em poucos dias, ou, quando muito, numa breve época ou curta geração, vive perfeitamente conforme com os seus fins.

Fernando Pessoa, *Argumento do jornalista*, Obra inédita,
Disponível em arquivopessoa.net
[consult. 20 abr 2023]

Objetivos da unidade 1:

- identificar e compreender textos não literários, como notícias, entrevistas, banda desenhada, anúncios publicitários, etc.;
- relacionar textos de géneros diferentes;
- identificar as características e finalidades de diferentes géneros textuais;
- adequar o discurso à situação de comunicação;
- determinar a intencionalidade comunicativa de diferentes textos;
- planear e redigir textos de diferentes géneros.

Antes do texto

- 1 Observa a capa do livro de banda desenhada da Mafalda.



- 1.1 O que podes antecipar a partir desta imagem – título, assunto(s) ou tema(s), personagens, características das personagens, etc.?

Leitura

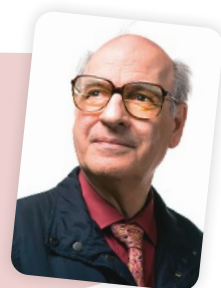
- 1 Lê a tira de banda desenhada seguinte:



© 2023, sucessores de Joaquín S. Lavado (Quino)

Notas biográficas

Joaquín Salvador Lavado Tejón, conhecido por Quino, foi um cartoonista argentino que ficou famoso com a banda desenhada da Mafalda, uma personagem que ele criou inicialmente para uma campanha publicitária. A obra foi traduzida para várias línguas. O autor foi distinguido ao longo da sua carreira com vários galardões.



Compreensão do texto

- 1 O Miguelito e a Mafalda parecem vir de algum sítio. De onde? Justifica a tua resposta.
- 2 Por que razão o Miguelito está tão irritado?
- 3 Explica o sentido da seguinte expressão: «tudo do tempo da arca de Noé».
- 4 Tratando-se de uma BD, este texto recorre a dois tipos de linguagem. Refere-os.
- 5 Atenta nos balões com as falas das personagens, procurando explicar:
 - a) as letras maiores no último quadradinho;
 - b) a abreviatura de «para» na expressão «prà frente».

Funcionamento da língua

- 1 Classifica morfologicamente as palavras destacadas nas frases seguintes:
 - a) «Vêm-**nos** com Colombo, os conquistadores [...]»
 - b) «Como queres que **ta** ensinem?»
 - 1.1 Indica a função sintática dessas palavras.
 - 1.2 Na frase **b)** a forma «ta» é o resultado de uma contração.
 - 1.2.1 Reescreve a frase separando as palavras contraídas nesta forma.

Gramática no texto

- 1 Atenta nas seguintes frases:
 - a) Hoje a professora contou-**nos** que Colombo descobriu a América.
 - b) Como queres que **ta** ensinem?
 - c) Eu pedir-**lhe**-ei ajuda se precisar.

Como podes observar pelas frases anteriores, os pronomes pessoais em adjacência podem ocorrer em diferentes posições:

- **ênclise**: regra geral, os pronomes ocorrem depois do verbo, separados por hífen, como na frase **a)**;
- **próclise**: em certos casos, o pronome pode ocorrer antes do verbo, como na frase **b)**;
- **mesóclise**: quando o verbo se encontra conjugado no futuro do indicativo ou no condicional, o pronome ocorre no meio do verbo, como na frase **c)**.

Relembrar



A **próclise** ocorre quando o verbo é precedido por advérbios, conjunções, pronomes indefinidos e interrogativos e locuções prepositivas.

Consultar apêndice gramatical (p.245)

Exercícios de aplicação

- 1 Substitui os complementos destacados por um pronome e coloca-o na posição certa.
 - a) O Carlos é muito prestável, mas eles nunca convidam **o Carlos** para as festas.
 - b) Se eu visse o João, convidaria **o João** para ir comigo ao cinema.
 - c) Não tenho comprado livros ultimamente. Não tenho comprado **livros** por serem caros.
 - d) Vamos fazer estes exercícios. Faremos **os exercícios** no caderno.
 - e) Ontem vi a Maria. Eu perguntei **à Maria** pelo André.
 - f) Não encontro a minha mala. Vocês viram **a minha mala**?
 - g) Se a Rita viesse, daria **à Rita** a prenda que tenho aqui há anos.
 - h) Eu comprei uma mochila. Usarei **a mochila** para fazer a viagem da minha vida!

Saber



A **banda desenhada** é: «uma história narrada em imagens, geralmente em pequenos quadros, e acompanhada por textos, legendas e onomatopeias.» Pode ainda ter sinais cinéticos, diferentes ângulos de visão e letra de tamanho variável. Esta «9.ª arte, tornou-se muito popular na primeira metade do século XX, sendo publicada de forma autónoma (em revistas) ou em tiras sequenciais, nos principais jornais do mundo. [...] Conhecida popularmente como “histórias aos quadrinhos”, a banda desenhada (BD) foi responsável por criar algumas das personagens mais famosas do século passado, como o Homem-Aranha, Super-Homem, Spirou, Tintin ou Astérix.»

Disponível em ensina.rtp.pt [consult. 22 dez 2022] (Texto com supressões)

A uma página de Banda Desenhada dá-se o nome de prancha.



Legenda: texto do narrador que fornece informações auxiliares à história.

Etiqueta nos jogos online



Balão: onde aparecem as falas ou pensamentos das personagens, em discurso direto.

Vinheta ou quadrado: corresponde a uma cena (pode ter um tamanho e/ou forma variável).

Tira: conjunto de vinhetas ou quadrados organizados na horizontal.

Disponível em www.seguranet.pt [consult. 22 dez 2022]

Escrita

- 1 Completa os balões de maneira a criares uma pequena história. Não te esqueças de observar, com atenção, as expressões e os gestos das personagens.



1.1 Compara a tua história com a dos teus colegas.

Antes do texto



Vídeo
"A nossa
história", Calema
(excerto)

1 Vê o excerto do videoclipe da canção dos Calema, "A nossa vez".

1.1 De que fala esta canção?

1.2 Que sentimentos te transmite a canção?

Leitura

1 Lê a entrevista desta dupla musical.

Calema em entrevista: "Para nós é sempre um orgulho cantar em português e representar a Lusofonia"

Não é propriamente comum encontrarmos dois irmãos com a mesma vontade de fazer música. Como é que esta relação com a música começou? Partiu de um de vocês ou foi acontecendo?

António: Nós costumamos dizer que foi a música que nos arrastou, ela é que nos escolheu. O que somos hoje é como se fosse uma manifestação da música. Tudo começou em São Tomé, nós cantávamos lá quando íamos para a praia, para o mato, e, entretanto, as pessoas ao nosso lado começaram a dizer-nos que gostavam de nos ouvir. Nós já cantávamos nas nossas escolas, mas realmente começou a ser algo mais sério quando começamos a cantar juntos.

Houve muitos contratempos na vossa relação com a música, várias vezes tiveram que abdicar de fazer música por circunstâncias que aconteceram na vossa

vida. Sentem que isso vos fez querer mais e continuar a perseguir a música?

Fradique: Os contratempos ajudaram-nos a ser aquilo que somos hoje. Essas barreiras mostraram-nos onde tínhamos que melhorar e onde faltava alguma coisa. Hoje, para sermos os Calema, nós tínhamos que ter passado pelas mesmas dificuldades e por esses contratempos. Isto fez-nos crescer bastante em todos os sentidos. A existirem, esperamos que existam contratempos destes que sirvam para melhorar o nosso trabalho, para que o público continue a gostar da nossa música.

Os Calema têm entrado aos poucos no panorama da música em Portugal. Têm sentido alguma dificuldade em fazer parte deste universo de música em Portugal?

António: Felizmente nós fomos muito bem recebidos aqui em Portugal. O público

recebeu-nos de braços abertos e isso foi essencial para nós. É espetacular cantarmos em português e sermos tão bem acolhidos nos sítios onde vamos cantar, as pessoas falam connosco e parabেনizam-nos pela nossa música.

A tour “Nossa Vez” chega ao Coliseu dos Recreios no dia 13 de abril. Palcos grandes não são novidade para vocês, mas quais são as expetativas para este dia?

António: Muitas expetativas! Há dez anos estávamos em São Tomé, tocávamos na selva e víamos os aviões a passar... E agora vamos atuar no Coliseu dos Recreios! É um orgulho para nós fazer história por sermos os primeiros santomenses a atuar neste Coliseu em Lisboa. É sempre um grande momento podermos atuar e estar à frente de milhares de pessoas! Estamos muito ansiosos e as expetativas estão verdadeiramente altas!

“O segredo de um vencedor é acreditar na vitória e destruir barreiras com a fé”. Esta frase está na vossa descrição nas redes sociais. É este o segredo de um vencedor?



Fradique: É acreditar na vitória e destruir barreiras com a fé, sem dúvida! Nós temos também outra frase que carregamos connosco que é: “Cada passo é uma conquista e, em cada degrau, uma nova vista”. O nosso percurso tem sido assim. Um acreditar enorme que nos tem trazido até aqui. Sem dúvida que o público contribui bastante para este crescimento do projeto e nós temos sempre presente a fé. Em tudo o que fazemos é preciso lutar e ter garra, acreditar. Porque, se não acreditarmos, essa luta deixa de fazer sentido. Esta nossa filosofia de vida é aquilo que somos e a frase que citaste é puramente verdade!

Disponível em www.noitemusicamagazine.pt
[consult. 22 dez 2022] (Texto com supressões)

Compreensão do texto

- 1 Indica o objetivo deste texto.
 - 1.1 Relaciona a sua estrutura com o seu objetivo e o seu conteúdo.
- 2 Explica, por palavras tuas, e de acordo com o sentido do texto, as seguintes frases e/ou expressões:
 - a) «Os contratemplos ajudaram-nos a ser aquilo que somos hoje.» (linhas 24 e 25)
 - b) «O público recebeu-nos de braços abertos.» (linhas 42 e 43)
 - c) «Cada passo é uma conquista e, em cada degrau, uma nova vista.» (linhas 73 a 75)

- 3 Por que razão é importante para eles cantar em português?
- 4 Refere os sentimentos dos irmãos relativamente à ideia de irem atuar no Coliseu dos Recreios.
- 5 «Em tudo o que fazemos é preciso lutar e ter garra, acreditar. Esta nossa filosofia de vida é aquilo que somos e a frase que citaste é puramente verdade!»

5.1 Concordas com esta filosofia de vida?

Saber



A **entrevista** é um texto de carácter conversacional, constituído por perguntas (colocadas pelo entrevistador) e respostas (dadas pelo entrevistado). É normalmente publicada em jornais e revistas. Normalmente, a entrevista apresenta uma determinada estrutura: o título, o texto introdutório (onde se apresenta a pessoa entrevistada e o tema da entrevista), o corpo da entrevista (conjunto de perguntas e respostas) e um parágrafo final opcional (que pode incluir uma síntese ou um agradecimento).

Escrita

- 1 Lê um excerto de uma entrevista da artista Assol Garcia, publicada no jornal ASemanaonline.



1.1 Completa-a com as perguntas adequadas às respostas.

a)?

Tenho muitos conceitos em relação à minha pessoa e isto varia em diferentes circunstâncias e, talvez nesta, eu diria que Assol Garcia é uma menina/mulher que aposta nos desafios da vida e nas suas imaginações [...].

b)?

A minha aparição pública iniciou-se em 2011 e de lá para cá são 10 anos de carreira. Sendo assim, hoje, posso afirmar com toda a convicção que o balanço é bastante positivo [...].

c)?

Não é questão só de gostar. Digamos que é uma paixão especial, e eu identifico-me muito com este género. A Morna é uma forma carinhosa de passar uma mensagem. Costumo dizer que eu não defino a Morna, mas sim é a Morna que me define [...].

d)?

Desejo fazer uma turnê pela Europa e fazer com que a minha voz seja ouvida e mais conhecida pelo mundo, pelo amor à nossa música e em prol da nossa identidade cultural.

Disponível em www.asemana.publ.cv [consult. 23 dez 2022]
(Texto adaptado e com supressões)

Leitura

1 Lê e analisa os textos seguintes:

Texto A



Texto B



Compreensão do texto

- 1 Identifica a entidade responsável por cada anúncio publicitário.
- 2 A publicidade pode ser comercial ou institucional (ou não comercial).
 - 2.1 Relaciona cada um dos textos com o tipo de publicidade, justificando.

3 Atenta no **texto A**.

3.1 Identifica o *slogan* e explica a sua intencionalidade, tendo em conta:

- as palavras selecionadas;
- a oposição cada/tudo;
- a sua disposição gráfica.

3.2 Explica o duplo significado do verbo “alimentar” na frase “Alimente esta ideia”.

4 Atenta no **texto B**.

4.1 Descreve a imagem do anúncio e relaciona-a com o *slogan*.

4.2 Identifica o destinatário deste anúncio.

Funcionamento da língua

1 Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas no *slogan* seguinte:

Cada prato, cada saco, cada vale, tudo vale.

1.1 Identifica as palavras homónimas.

1.1.1 Justifica a tua escolha.

1.1.2 Identifica outros pares de palavras homónimas.

2 Identifica, nos anúncios, uma frase do tipo imperativo. Explica o seu valor.

Leitura

1 Atenta no título de uma campanha publicitária em vídeo, realizada por Rúben Alves.



- 1.1 Identifica o tema desta campanha.
- 1.2 Na tua opinião, que tipo de cenas e/ou imagens esperas ver num vídeo publicitário com este título?
- 1.3 Assiste a esta campanha publicitária e partilha a tua opinião sobre a mesma com a turma.



Vídeo
O futuro do planeta não é reciclável (anúncio publicitário)



Compreensão do texto

- 1 Identifica as diferenças e semelhanças entre o vídeo e as tuas antecipações do mesmo.
- 2 Todo o texto se constrói em torno de oposições.
 - 2.1 O que se recicla e o que não se recicla?
- 3 Como é caracterizada esta geração?
 - 3.1 Concordas com essa caracterização? Justifica.

Saber



O **texto publicitário** tem como finalidade persuadir o consumidor a comprar determinado produto (**publicidade comercial**) ou partilhar determinadas informações que poderão levar o público leitor a mudar de atitudes, ficar informado ou instruído ou adotar comportamentos preventivos (**publicidade não comercial ou institucional**).

Um texto publicitário pode apresentar a seguinte estrutura:

- uma marca e/ou **logótipo**: essencial para identificar o produto;
- um **texto icónico** (imagem): relacionado com o produto, funcionando como reforço da mensagem verbal, através da cor e da originalidade, desencadeando sentimentos e/ou emoções;
- um **slogan**: habitualmente uma frase ou uma expressão que deve ser curta, original e fácil de memorizar;
- um **texto argumentativo**: texto curto que descreve as qualidades do produto ou fornece a informação-chave.

A linguagem utilizada caracteriza-se pelo uso de:

- frases curtas;
- frases de tipo imperativo;
- recursos expressivos (adjetivos, repetições, metáforas, comparações, etc...).

Para além do texto



Vídeo
Publicidade



Em grupo, cria um anúncio de publicidade não comercial com o objetivo de alertar, informar, fazer mudar atitudes ou prevenir na comunidade escolar onde estás inserido. Para isso, debes:

- seleccionar uma imagem ilustrativa que capte o interesse e reforce a mensagem verbal;
- criar um *slogan*;
- escrever um texto argumentativo que capte a essência da publicidade.

Deves ainda ter em atenção a linguagem do texto publicitário.

Antes do texto

1 Atenta no título do texto de opinião, “O equilíbrio entre o homem e a natureza”, de João Chantre, publicado em 28 de março de 2022.

1.1 Na tua opinião, qual é o tema do texto?

1.2 Lê o texto e confere as tuas antecipações.

Leitura

O equilíbrio entre o homem e a natureza

A revolução industrial impulsionou a urbanização, que por sua vez criou problemas relacionados com os resíduos sólidos (lixo), a ocupação desordenada do solo, a contaminação dos recursos fluviais... Pode-se eventualmente considerar que foi o arranque da poluição massiva do planeta. Tanto assim é que podemos arriscar a dizer que a Terra conta com 4,5 bilhões de anos de existência, mas só começou a ser poluída há cerca de 260 anos e nunca mais parou!

O sufoco do planeta

[...] Nos últimos 50 anos a globalização proporcionou um consumismo exagerado à escala mundial, estando atualmente a China na linha da frente do centro da produção mundial e como um dos cinco países mais poluidores do planeta seguido

dos Estados Unidos, Índia, Rússia e o Japão. Ou seja, o crescimento económico desses países nas últimas cinco décadas tem sido alcançado, em parte, à custa da poluição, que expõe o nosso planeta a elevados riscos. [...] É neste sentido que neste momento as questões climáticas se encontram no epicentro das preocupações/prioridades das nações para o séc. XXI. Portanto, tudo indica que a economia passará a ser organizada dentro dos parâmetros ambientais e da biodiversidade. Por isso, somam-se os alertas enviados pelos cientistas e pelas ONG que o planeta se encontra em risco e que é preciso mudar de rumo. [...]



O precipício!

No continente africano tem-se assistido a permanentes e duradouras secas que têm alastrado a pobreza no continente e, por outro lado, inundações que arrasam

quase tudo, ceifando vidas e que tendem a criar os primeiros desalojados ambientais, cujo futuro é muito incerto a cada dia que passa.

Ora, o Médio Oriente prefere adiar o seu “slot” optando pela exploração exaustiva da economia do petróleo, até quando, não se sabe, para no futuro colocar em risco a vida humana por escassez do bem mais precioso, a água. Do outro lado do Atlântico temos um continente americano fustigado pelos tornados e pelas cheias, cada vez mais violentas e arrasantes. [...] Todos esses

desastres climáticos têm afetado gravemente a produção/oferta alimentar no mundo, criando uma grande insegurança alimentar no planeta, com uma população a crescer exponencialmente em certas zonas do globo.

A verdadeira tragédia

É preciso entender a filosofia política deste mundo, se é que dá para entender!... Segundo um documentário da BBC, os relatos são vários: a nossa fome para o “fast fashion” tem contribuído e muito para afundar o planeta. Cada ano são produzidas 100 milhões de toneladas de peças de vestuários globalmente, usando cerca de mil espécies de produtos químicos nocivos à natureza e em cada cinco peças produzidas e vendidas, três acabam no lixo. E como era de esperar não foi desta que a onda foi morrer à terra. Todos os anos são despejados nos oceanos cerca 190 000 toneladas de fibras de microplástico que são



engolidos pelos peixes, e que depois acabam na mesa das pessoas, causando a morte de aproximadamente 20.000 pessoas por ano [...] Uma autêntica tragédia! [...]

Em suma, o que realmente faz a diferença é a atitude individual de cada cidadão
50 do planeta para com o planeta. Já é público que quem menos polui, mais sofre. [...] Que se volte a edificar os valores da saúde e da paz no mundo. *It's time...*

Disponível em expressodasilhas.cv [consult. 23 dez 2022] (Texto com supressões)

Compreensão do texto

- 1 Afinal, qual é o tema deste texto?
- 2 Sendo este um texto de opinião, atenta na sua estrutura e identifica:
 - a) a opinião do autor;
 - b) os argumentos que sustentam a sua opinião;
 - c) a conclusão.
- 3 O texto parece ter um tom de tragédia, em grande parte devido aos subtítulos escolhidos pelo autor. Justifica esta afirmação.
 - 3.1 Enumera algumas palavras que contribuem para este tom pesado e dramático do texto.
- 4 Na tua opinião, por que razão o autor concluiu o texto com a expressão «*It's time*»?
- 5 Dado que estamos perante um texto de opinião, dá exemplos de alguns recursos que tipicamente encontramos num texto desta tipologia textual:
 - a) adjetivos e advérbios que marcam subjetividade do texto;
 - b) tempos e modos verbais predominantes;
 - c) verbos ou expressões de opinião;
 - d) marcas de 1.ª pessoa;
 - e) formas impessoais;
 - f) conetores ou palavras de ligação.



Saber



Um **artigo de opinião** é um texto argumentativo onde o autor expõe o seu ponto de vista sobre um determinado tema e apresenta argumentos (factos, experiências, leituras, etc.) que fundamentam a sua opinião. Apresenta uma estrutura tripartida:

Introdução	Apresentação do tema e da opinião.
Desenvolvimento	Exposição do assunto e apresentação dos argumentos do autor, recorrendo a exemplos (experiência ou vivência).
Conclusão	O autor sintetiza os aspetos principais e reforça a sua opinião.

Serve-se de variados recursos como:

- verbos e expressões de valor e de opinião;
- uso da 1.^a pessoa ou da 3.^a pessoa;
- adjetivos e advérbios que evidenciam a subjetividade;
- verbos, predominantemente, no presente do indicativo (factualidade) e nos tempos do pretérito (relato de experiências ou situações passadas que reforçam a opinião);
- conetores ou palavras de ligação, sobretudo, com valor contra-argumentativo.



Vídeo
Texto de opinião



Funcionamento da língua

1 Atenta nas seguintes frases:

- «**Contudo**, a revolução industrial viria a mudar para sempre a relação entre o homem e a natureza.»
- «[...] a Terra conta com 4,5 bilhões de anos de existência, **mas** só começou a ser poluída há cerca de 260 anos.»
- «**Portanto**, tudo indica que a economia passará a ser organizada dentro dos parâmetros ambientais e da biodiversidade.»
- «**Por isso**, somam-se os alertas enviados pelos cientistas e pelas ONG.»
- «[...] o aumento da temperatura pode ameaçar a existência de alguns países da região **e** destruir qualquer esperança de um “desenvolvimento sustentável e inclusivo”.»

1.1 Classifica as orações introduzidas pelas expressões destacadas.

Gramática no texto

No texto de João Chantre, há várias frases com orações coordenadas e subordinadas.

Relembrar



As orações podem ligar-se por **coordenação** ou por **subordinação**, onde existe uma oração subordinante e uma ou várias subordinadas (dependentes da subordinante). Ambas podem ter classificações diferentes conforme o valor que exprimem: em (a) temos uma oração coordenada adversativa (a conjunção "contudo" indica uma oposição ao que foi dito previamente) e em (c) temos uma oração coordenada conclusiva (a oração introduzida por "portanto" exprime uma conclusão). As orações coordenadas podem ser:

- **assindéticas**: justapostas sem recurso a conjunções ou locuções conjuncionais. Exemplo: As alterações climáticas têm provocado secas duradouras, inundações, tornados, cheias, fenómenos cada vez mais violentos.
- **sindéticas**: ligadas por conjunções ou locuções conjuncionais. Exemplo: As alterações climáticas têm provocado fenómenos extremos não só em África como na Europa e no continente americano.

Consultar apêndice gramatical (p.249)

Exercícios de aplicação

1 Classifica as orações destacadas:

- Quando cheguei a casa, o jantar já estava pronto.
- Gostava de ir brincar, **mas dói-me a barriga**.
- O José não foi à escola **porque estava doente**.
- Vens comigo **ou ficas?**
- Os pais compraram-lhe alguns livros **para que ele ganhasse gosto pela leitura**.

Atenta na seguinte frase:

Já é público que **quem menos polui**, mais sofre.

A oração destacada é uma **oração substantiva relativa**. As orações subordinadas substantivas desempenham as funções próprias do nome, ou seja, podem servir de sujeito, complemento direto ou indireto, aposto, complemento determinativo e, por essa razão, chamam-se substantivas. Neste caso são substantivas relativas porque são introduzidas pelo pronome relativo "quem".

Exercícios de aplicação

1 Identifica, nas frases abaixo, as orações subordinadas substantivas relativas:

- Quem cala consente.
- Só vou a lojas que vendem roupa em segunda mão.
- A Sara só gosta de quem a trata bem.
- Ele não é quem tu pensas.
- Só enviei convites a quem gosta mesmo deste tipo de eventos.

1.1 Identifica as funções sintáticas desempenhadas por essas orações.

Escrita

Como sabes, as redes sociais são espaços virtuais onde pessoas e instituições se movem pelas mais variadas razões e motivações. Hoje em dia, é quase impossível imaginar o mundo sem elas. Escreve um texto de opinião sobre este tema, seguindo estes passos:

- breve apresentação do tema e a tua opinião pessoal sobre ele;
- exposição dos argumentos que sustentam a tua opinião;
- apresentação de contra-argumentos, ou seja, argumentos que são contrários ao ponto de vista que defendes, procurando refutar os mesmos;
- breve conclusão, reforçando a tua opinião.

Não te esqueças dos recursos linguísticos e, no final, de rever o teu texto.

Antes do texto

1 Observa a imagem do livro *Diário de Anne Frank* (versão gráfica).

1.1 Descreve a capa do livro.

1.2 O que sabes sobre a personagem principal e autora do diário, Anne Frank?

Ari Folman & David Polonsky, *O diário de Anne Frank*, Porto Editora, 2017



Leitura

- 1 Lê o texto que se segue e fica a conhecer quem foi Anne Frank.

Biografia de Anne Frank



Anne Frank era uma menina judia que ficou famosa pelo diário que escreveu durante a Segunda Guerra Mundial. Nasceu a 12 de Junho de 1929 em Frankfurt, na Alemanha, no seio de uma família judaica. Em 1933, após a tomada de poder pelos nazis, os seus pais, Otto Frank e Edith Holländer Frank, decidiram partir para Amesterdão, na Holanda. Lá, Anne começou a frequentar a escola, aprendeu neerlandês e fez novos amigos.

Em 1940, contudo, os alemães invadiram este território e iniciaram uma forte perseguição aos judeus, com restrições e decretos antissemitas. Por exemplo, Anne e Margot, a sua irmã mais velha, foram proibidas de continuar a frequentar as escolas em que estavam matriculadas, sendo direcionadas para instituições próprias para judeus; além disso, eram obrigadas a identificarem-se com uma estrela (o símbolo do judaísmo) costurada nas suas roupas.

Em 1942, quando fez 13 anos, recebeu um diário que viria a chamar de Kitty. No dia 9 de Julho desse mesmo ano, para não serem presos, Anne e a sua família tiveram de se esconder, juntamente com outros judeus, nos fundos da fábrica onde o pai trabalhava. A maior parte do tempo de Anne foi passado a ler e a estudar, além de escrever o seu diário com regularidade. Ficaram ali até serem detidos em Agosto de 1944.

O esconderijo da família foi invadido pela polícia nazi e eles foram levados para um campo de triagem. Neste momento a família foi separada, o pai para um lado e a mãe e as irmãs para outro. Acabaram por se separar novamente, quando Anne e Margot foram selecionadas e levadas para um campo de concentração perto de Hannover, na Alemanha. A mãe ficou, acabando por morrer em Auschwitz.

No início de 1945, uma epidemia de tifo espalhou-se pelo campo e matou milhares de prisioneiros, incluindo Margot e, alguns dias depois, Anne. Anne faleceu em Março de 1945, no campo de concentração de Bergen-Belsen, com apenas 15 anos de idade.

O pai de Anne, Otto Frank, foi o único da família a sobreviver aos campos de concentração. Foi libertado pelas tropas russas e chegou a Amsterdão a 3 de Junho de 1945, onde ficou até 1953.

O diário de Anne Frank foi encontrado por uma funcionária que trabalhava no prédio que serviu de esconderijo e entregue a Otto. A primeira publicação surgiu nos Países Baixos em 1947 e a partir daí foi traduzido para mais de 70 línguas.

Em 1960 foi inaugurada a casa-museu de Anne Frank, localizada em Amesterdão, sediada no edifício onde ela, a sua família e outros judeus permaneceram escondidos, e recebe mais de um milhão de visitantes por ano.

Texto do autor

Manual Digital

Interatividade
Biografia

Saber



A palavra **biografia** é composta pelo radical *bio*, que significa vida, e a palavra *grafia*, que significa escrita. A biografia é, portanto, uma narrativa oral, escrita ou visual dos factos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou de uma personagem, respeitando a ordem cronológica dos acontecimentos. Pode ser considerado um género literário. É escrito na 3.^a pessoa e deve incluir:

- data e local de nascimento (caso a pessoa de quem se fala já tenha morrido, inclui-se também a data e o local de falecimento);
- dados familiares (ascendência, casamento, filhos, etc.);
- os estudos e a profissão;
- feitos ou obras realizadas;
- principais interesses;
- outra informação relevante, considerando de quem se fala.

A linguagem deve ser cuidada, utilizando sobretudo frases simples. Deve ter-se o cuidado de não copiar toda a informação que se encontra, registando apenas aquilo que é essencial.

Compreensão do texto

1 Numera as frases abaixo, conforme a ordem em que aparecem no texto.

- a) Anne e a irmã foram levadas para um campo de concentração perto de Hannover.
- b) Anne e a família partem para Amesterdão, nos Países Baixos.
- c) Anne nasceu em Frankfurt, na Alemanha.
- d) O diário de Anne Frank foi encontrado por uma funcionária na antiga fábrica do pai.
- e) O esconderijo da família Frank é descoberto pela polícia alemã.
- f) Anne recebeu um diário como prenda de aniversário.
- g) O pai foi libertado e regressou a Amesterdão.
- h) Anne morreu de tifo no campo de concentração.

2 Identifica duas características que comprovem que este texto é uma biografia.

Funcionamento da língua

1 Atenta na seguinte frase:

Os alemães invadiram este território e iniciaram uma forte perseguição aos judeus.

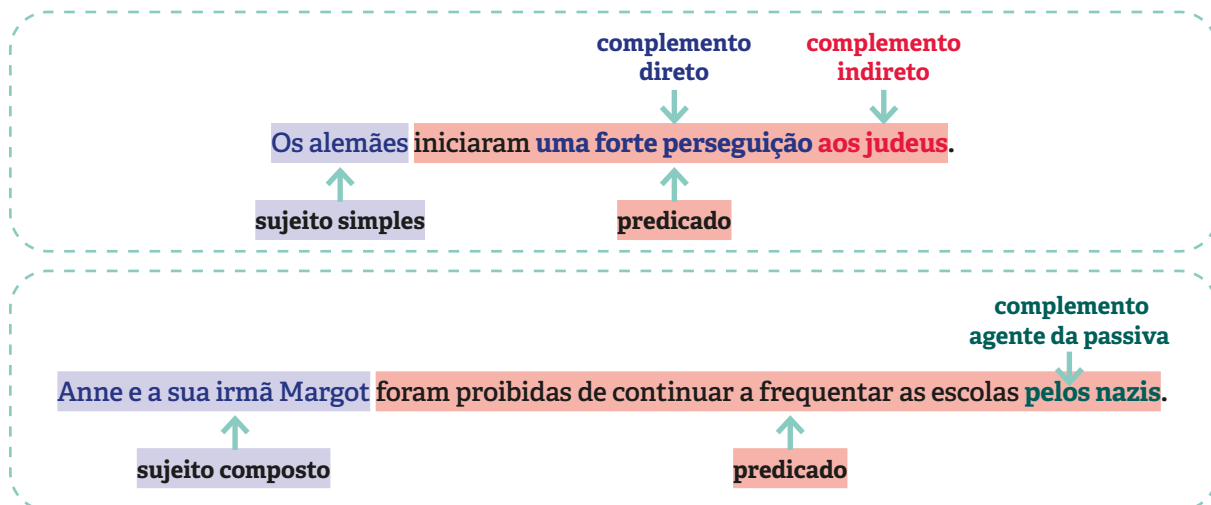
- 1.1 Classifica a oração destacada.
- 1.2 Classifica sintaticamente os elementos da oração destacada.
- 1.3 Passa a oração para a voz passiva, fazendo as transformações necessárias.

2 Atenta nas seguintes frases:

- a) O esconderijo da família foi invadido **pela polícia nazi**.
 - b) Eles foram levados para um campo de triagem **pela polícia**.
 - c) **Anne e Margot** foram selecionadas e levadas para um campo de concentração.
 - d) O diário de Anne Frank foi encontrado **por uma funcionária**.
 - e) Em 1960 foi inaugurada **a casa-museu de Anne Frank**.
- 2.1 Identifica a função sintática das expressões destacadas.
 - 2.2 Passa as frases para a voz ativa.

Gramática no texto

Atenta nas seguintes frases:



- O sujeito pode ser **simples**, **composto**, **subentendido** ou **indeterminado**.

Exemplos: Anne foi para Amesterdão. (simples)

Anne e a família foram para Amesterdão. (composto)

Viveu lá durante 2 anos. (subentendido – não está expresso, deduz-se pelo contexto)

Vive-se com medo. (indeterminado – não se sabe quem pratica a ação)

- O **predicado** pode ser **nominal** (constituído por um verbo predicativo, que seleciona um predicativo de sujeito) ou **verbal** (constituído por um verbo transitivo ou intransitivo).

Exemplos: A menina é corajosa. (verbo predicativo)

Ela leu um livro. (verbo transitivo)

A menina chorou. (verbo intransitivo)

Relembrar



O **predicado** pode incluir diferentes complementos: **complemento direto**, **complemento indireto** e o **complemento agente da passiva**.

Consultar apêndice gramatical (p.247)

Exercícios de aplicação

- Atenta nas frases que se seguem:

Muitas pessoas leram *O Diário de Anne Frank*.

O pai de Anne sobreviveu.

Fugiram para o antigo edifício da fábrica.

A Anne e a irmã eram amigas.

- Identifica nas frases anteriores as seguintes funções sintáticas:

a) um sujeito simples;

d) um predicado nominal;

b) um sujeito subentendido;

e) um predicado verbal;

c) um sujeito composto;

f) um complemento de objeto direto;

2 Constrói frases, respeitando as seguintes estruturas:

- a) sujeito simples + predicado;
- b) sujeito composto + predicado (com complemento direto);
- c) sujeito simples + predicado (com complemento indireto);
- d) sujeito subentendido + predicado (com complemento direto + complemento indireto);
- e) sujeito composto + predicado (com complemento agente da passiva).

Leitura

1 Lê o resumo do livro *O Diário de Anne Frank*.

O *Diário de Anne Frank* foi escrito entre 14 de junho de 1942 e 1 de agosto de 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, permitindo revelar ao mundo o cotidiano da autora e da sua família e amigos durante dois longos anos. Ela descrevia sentimentos, medos, angústias, mas também pequenas alegrias daquela vida escondida. Relatava os aconteci-



mentos vistos por uma adolescente forçada a esconder-se durante a ocupação nazi da cidade de Amsterdão. Falou do seu relacionamento com Peter, filho de uma das famílias com quem partilhava o esconderijo e também contava sobre os conflitos com a sua mãe e irmã, mostrando uma cumplicidade maior com o pai. Mas também relatava os acontecimentos do decorrer da guerra e da ocupação nazi.

Durante esse período, Anne sonhava com dias melhores, fazendo planos para quando chegasse o fim daquela guerra. Após ouvir uma transmissão de rádio, onde diziam que seriam recolhidas as anotações escritas pelo povo que sofreu com a repressão do governo nazista, começou a reescrever o seu diário ao qual deu o nome de “Kitty”, com o intuito de que este fosse útil após o final da guerra.

Compreensão do texto

- 1 Este livro é um diário não ficcional. Justifica esta afirmação.
- 2 Ao ler este resumo, ficaste com vontade de ler *O Diário de Anne Frank*? Justifica a tua resposta.
- 3 Indica três características que fazem deste texto um bom resumo do livro de Anne Frank.

Saber



Um **resumo** é um tipo de texto de carácter informativo que apresenta as ideias de outro texto de forma reduzida. As características essenciais do resumo são:

- o seu **caráter impessoal**;
- o uso de uma **linguagem concisa e objetiva**;
- o recurso à **descrição**.

Apresenta **uma estrutura tripartida: introdução** (apresentação do tema), **desenvolvimento** (apresentação das ideias essenciais) e **conclusão**.

Obedece a um desenvolvimento lógico, isto é, as ideias são apresentadas numa ordem lógica, identificando e articulando as diferentes partes do texto.

Num resumo não se deve recorrer a citações nem utilizar frases completas do texto original.

Escrita

Escolhe um texto à tua escolha e faz o resumo. Não te esqueças de ler e conhecer bem o texto original. Deves ter em atenção os seguintes aspetos:

- identificar as informações essenciais do texto a resumir;
- evitar repetições e eliminar detalhes;
- planificar o texto, tendo em conta a estrutura tripartida (introdução, desenvolvimento e conclusão);
- não recorrer a citações nem a transcrições;
- não exceder 1/3 do texto original.



Antes do texto

1 Lê os anúncios de emprego seguintes:

Recrutamento de Um Técnico Contabilidade e Gestão – São Vicente

Requisitos

- Formação em Gestão/Contabilidade;
- Formação em Excel/Word; [...]
- Capacidade de trabalhar em equipa;
- Ser criativo(a) e dinâmico(a);
- Espírito de iniciativa e motivação para adquirir novas competências e conhecimentos;
- Elevado sentido de responsabilidade;
- Disponibilidade imediata.

Tarefas

- Gestão de stocks;
- Inserção de dados [...];
- Faturação;
- Organização de Documentos Contabilísticos;

Documentos necessários:

- Curriculum vitae;
- Cópia de B.I.

Estágio: Auxiliar de Desenvolvimento Empresarial – Fogo

Funções

- Prestar suporte técnico ao Departamento de Desenvolvimento Empresarial;
- Efetuar o atendimento e acolhimento do empreendedor;
- Auxiliar o desenvolvimento de programas de suporte a promotores e Empresas;
- Auxiliar a realização de Planos de Negócios e Estudos de Viabilidades dos Promotores/Empresas;
- Apoiar as atividades de: Licenciamento Comercial, serviços Casa do Cidadão [...]

Duração de Contrato: 6 meses

Habilitação Mínima: Licenciatura

Competências valorizadas: comunicação, qualidade do serviço, trabalho em equipa, proatividade, orientação para o cliente e flexibilidade

Curso: Gestão de Empresas ou Economia ou Contabilidade e Administração

Disponível em www.vagascv.info
[consult. 28 dez 2022] (Texto com supressões)

1.1 Discute com os teus colegas os seguintes tópicos:

- o tipo de informação disponível no anúncio;
- o tipo de vocabulário utilizado que é mais comum (palavras e/ ou expressões);
- a informação relevante que não consta do anúncio;
- as etapas que se seguem quando alguém se candidata a um emprego.

Saber



A expressão **curriculum vitae** é uma locução latina que significa “percurso de vida”, ou seja, é um documento que contém alguns dados biográficos e, sobretudo, dados relativos à formação, conhecimentos, experiência e percurso profissional de uma pessoa. São elementos essenciais de um currículo:

- dados pessoais (informações de contacto e informações pessoais relevantes);
- competências pessoais (características pessoais e/ou competências);
- educação e formação (percurso académico mais relevante);
- experiência profissional (começar pela mais atual);
- interesses pessoais e outras informações relevantes (viagens, hobbies, voluntariado ou desportos federados, trabalhos desenvolvidos em contexto familiar ou informal, entre outros).

HELOÍSA ARAÚJO
REPRESENTANTE DE VENDAS

PERFIL PESSOAL
Sou uma representante de vendas profissional com mais de 6 anos de experiência a prestar excelente apoio ao cliente e a construir fidelização

COMPETÊNCIAS E TALENTOS

- Pessoa motivada e disciplinada
- Encontra alegria ao ajudar os outros
- Conhecimento em conversação em inglês, espanhol e francês
- Trabalha em equipa

INFORMAÇÕES DE CONTACTO

Tel. Fixo: 214 987 321
Tim: 965 986 324
olá@sitemaravilha.com
www.sitemaravilha.com
Rua Em Qualquer Lugar, 123
1234-123 Cidade

HISTÓRICO PROFISSIONAL

Representante de Vendas
Centro de Jogos Portal Efémero (2017-até à data)

- Cere pessoalmente as preocupações do cliente de nível 3
- Cere operações internas para melhorar a qualidade do serviço
- Executa auditoria interna de provisões em armazém

Representante de Vendas
Serviços de Empresas do Porto, Lda. (2013 - 2017)

- Acompanhamento da satisfação do cliente em todos os produtos e serviços da empresa

PERCURSO ACADÉMICO

Faculdade de Lisboa
Bacharelato em Estudos de Gestão de Empresas, 2013

- Secretariado, Associação de Estudantes
- Membro, Clube de Marketing
- Membro e Voluntária, Centro de Tutores dos Estudantes
- Membro, Equipa de Hóquei em Campo
- Membro, Clube de Caminhadas

Escola Secundária de São Dias
Graduada em 2009, média de 17 valores

- Vice-Presidente, Associação de Estudantes
- Vice-Presidente, Clube de Desenho
- Membro, Sociedade Francesa
- Membro, Modelo das Nações Unidas
- Membro, Equipa de Basquete da Universidade

INTERESSE E PASSATEMPOS

Estou interessada em estudar línguas diferentes.

Leitura



Interatividades

Reconhecer a estrutura de uma carta de apresentação

Carta de apresentação

- 1 Lê o seguinte texto e identifica que tipo de texto se trata.

Alberto Santos
+238 345612897
alberto.santos@hotmail.com

São Vicente, 20 de dezembro de 2022

Ex.mo/a Sr./a. Diretor/a dos Recursos Humanos,

Venho candidatar-me à vaga para Técnico de contabilidade e gestão, que logo despertou o meu interesse, visto que sou licenciado em Gestão e tenho um Mestrado em Contabilidade e Controlo de Gestão, feito em Portugal, onde adquiri competências em gestão de *stocks* e organização de documentos contabilísticos. Tenho ainda formação na utilização das ferramentas da Google e Microsoft Office, nomeadamente Word e Excel, e sou falante de nível avançado de inglês e espanhol.

Tenho acompanhado a evolução da sua empresa e penso que posso acrescentar-lhe valor, pois, além da formação e experiência profissionais adequadas, sou uma pessoa criativa, dinâmica e sempre disposta a crescer e a adquirir novas competências e conhecimentos.

Reitero o meu interesse em fazer parte da sua empresa, estando certo de que a minha formação e experiência em Contabilidade e Controlo de Gestão constituirão uma mais-valia.

Aguardo um contacto para que, numa entrevista pessoal, possamos aprofundar, em conjunto, não só o meu *curriculum vitae*, como também a forma como colocarei as minhas competências ao serviço da sua empresa.

Atenciosamente,

Alberto Santos

Compreensão do texto

- 1 O texto que acabaste de ler é uma carta de apresentação. Qual é o objetivo desta carta?

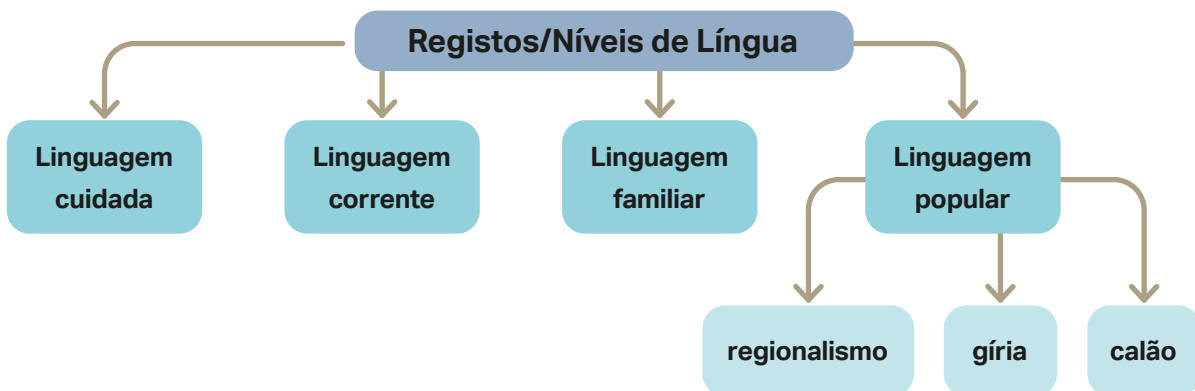
- 2 Tendo em conta a estrutura da carta de apresentação, indica o cabeçalho, introdução, corpo da carta, conclusão e assinatura.
- 3 Que diferenças encontras entre esta carta e uma carta que escreverias a um familiar ou amigo?

Gramática no texto

Atenta nos seguintes excertos da carta.

- **Ex.mo/a Sr./a. Diretor/a** dos Recursos Humanos
- Reitero o meu interesse em fazer parte da **sua** empresa
- aguardo um contacto para que, numa entrevista pessoal, **possamos** aprofundar...

Nesta carta, encontramos marcas linguísticas de um registo formal que os interlocutores devem manter numa relação estritamente profissional. Na comunicação diária com amigos, colegas e familiares usamos o registo informal. Conforme a situação de comunicação, usamos diferentes registos/níveis de língua.



Exercícios de aplicação

- 1 Identifica o tipo de linguagem presente em cada uma das frases que se seguem:
 - a) Ó João, baixa a bola!
 - b) Fiquei impressionado com a morabeza dele.
 - c) Senhor professor, importa-se de repetir a última frase?

- d) Mãe, precisava de dinheiro para comprar o livro para aula de Português.
- e) Que chatice! Estou farta desta atitude!
- f) Doente sonolento apresenta hipotensão, taquicardia e ortopneia.



Vídeo
Português
fluente, Porta
dos Fundos



Oralidade

1 Após ver o vídeo, responde às questões.

- a) Quem são as personagens da interação?
- b) O contexto da interação é formal ou informal?
- c) Quais são as três formas de tratamento usadas? E por que motivo são erradas?
- d) Qual é a grande dificuldade que uma das personagens tem?
- e) Qual é a forma correta? Gostaria de saber se vós



2 Na tua opinião, este vídeo pretende chamar a atenção para que aspeto(s)?

Para além do texto

Atenta na seguinte citação.

«Das múltiplas possibilidades que a nossa língua nos proporciona, escolhamos a que entendermos apropriada simultaneamente ao contexto e à nossa atitude.»

Disponível em www.sabado.pt [consult. 28 dez 2022]

Considerando esta citação e o que aprendeste anteriormente, em trabalho de grupo, recria situações diversas onde varies as formas de tratamento (formal e informal) e os registos de língua. Cada grupo deverá recriar a situação indicada e/ou sugerida pelo professor e criar um jogo de papéis onde a represente de forma linguisticamente adaptada.

No final, cada grupo deverá representar a situação e os colegas deverão confirmar se a linguagem está de acordo com a situação.

Projeto fora da sala de aula 1



Jornal da turma

Tendo em conta que acabaste de trabalhar diferentes tipologias textuais que surgem muitas vezes na imprensa, o que te propomos é que uses esses textos para dar voz aos interesses da tua comunidade: produzir um jornal da turma. Este jornal tem como principais objetivos dar-te uma voz ativa e contribuir para uma comunidade escolar mais informada e interventiva. Assim, a turma deve ser dividida em pequenos grupos e a cada grupo será atribuído um tema que se enquadre na tua comunidade escolar – direitos e deveres dos alunos, escola inclusiva, solidariedade, valores de tolerância, meio ambiente ou qualquer outro que julgues pertinente.

Fases de execução do projeto

1. Preparação da atividade

- Definir o espaço de tempo da atividade, o formato (em papel ou digital) e o local de divulgação.
- Definir o tema para cada grupo.
- Atribuir tarefas mais específicas: os líderes de cada grupo; o(s) revisor(es) dos textos; o(s) responsável(is) pelo aspeto gráfico, etc.

3. Divulgação do jornal

- Publicitar o jornal junto da comunidade escolar.
- Partilhar com a comunidade escolar.

2. Construção do jornal

- Planificar os trabalhos a realizar pelo grupo, bem como o(s) tipo(s) de texto a redigir (notícia, reportagem, texto de opinião, entrevista, publicidade, etc.).
- Pesquisar e/ou recolher informação (ter em conta os procedimentos necessários caso necessitem de entrevistar e/ou solicitar informação oficial).
- Selecionar a informação recolhida.
- Escolher diferentes elementos a colocar no jornal, como fotos ou ilustrações, gráficos ou mapas.
- Produzir o trabalho.
- Integrar todos os trabalhos num jornal de turma que deve conter:
 - a primeira página com o nome do jornal, o resumo das principais notícias e/ ou assuntos, data e identificação (da escola, da turma, da disciplina e do ano);
 - documentos ordenados em diferentes secções.

Pode ser sempre feito interdisciplinarmente, em articulação com os outros professores e as outras disciplinas.

Ficha formativa 1

Grupo I – Compreensão oral

1 Ouve com atenção a reportagem que se segue.

1.1 Classifica as seguintes afirmações em (V) ou falsas (F).

- a) As atividades ligadas à língua portuguesa não interferem no Produto Interno Bruto (PIB) de Portugal.
- b) A vertente cultural de uma língua estimula a economia de um país.
- c) O português é a língua europeia mais falada no mundo.
- d) O português é a língua oficial de oito países.
- e) Muitos estudantes chineses aprendem português por o considerarem uma mais-valia no futuro.
- f) O ILP da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa é procurado exclusivamente por estudantes provenientes da China que querem aprender português.
- g) O ILP só oferece cursos de Português Língua Estrangeira no verão.
- h) O estado chinês toma a iniciativa de possibilitar que os seus estudantes aprendam português em Portugal.
- i) Muitos destes estudantes veem o português como uma ferramenta útil de acesso a um emprego num dos países de língua oficial portuguesa.
- j) O ILP tem parcerias com algumas empresas em Portugal.

1.1.1 Corrige as falsas.



Grupo II – Compreensão do texto

- 1 Lê atentamente cada um dos textos e/ou excertos apresentados.

Texto 1

[...] **De que forma começou a escutar essa oralidade que transpõe para a palavra escrita?**

Mia Couto: Começou em casa, quando começa tudo. Havia ali essa tentação de escutar e vivia-se em um ambiente de histórias. Meus pais, sendo imigrantes portugueses, eram contadores de histórias e sofriam daquele mal da saudade, então tinham de re-inventar o país que deixaram.

Disponível em www.fronteiras.com [consult. 29 dez 2022]

Texto 2

Governo de Cabo Verde propõe alargamento de benefícios sociais às áreas rurais

O vice-primeiro-ministro cabo-verdiano, Olavo Correia, reconheceu hoje os “avanços” no sistema de proteção social, mas defendeu o alargamento de benefícios sociais às áreas rurais, para promover o crescimento e reduzir as desigualdades.

Disponível em www.asemana.publ.cv [consult. 29 dez 2022]

Texto 3

Nelson Mandela (1918-2013), revolucionário *anti-apartheid*, foi o primeiro presidente democraticamente eleito da África do Sul entre 1994 e 1999. Em 1993, foi galardoado com o Prémio Nobel para a Paz.

Disponível em www.portoeditora.pt [consult. 29 dez 2022]

Ficha formativa

Texto 4



Texto 5

Línguas próprias de Cabo Verde

Em boa hora, foi agendado um debate parlamentar sobre os bens linguísticos de Cabo Verde.

[...] Creio tratar-se de uma ilustre oportunidade para se retomar alguns tópicos de uma problemática que, afinal, não está completamente definida. Refiro-me, concretamente, à tensão a que o sistema linguístico cabo-verdiano tem sido submetido, por leis e decisões recentes.

Disponível em expressodasilhas.cv [consult. 19 jul 2023]

Texto 6

Terminei recentemente a minha licenciatura de quatro anos em Relações Internacionais, mas, como pode ser visto no meu currículo, já conto com alguma experiência em ambiente empresarial, nomeadamente em empresas de exportação e importação em mercados bastante diversos. Tive oportunidade de acompanhar vários projetos de intercâmbio entre universidades durante o meu ano de estágio.

1.1 Classifica os diferentes tipos de texto apresentados.

2 Lê a entrevista a Mitu Monteiro.

Mitu Monteiro assegura que a ilha tem potencialidade e que é preciso investir mais no desporto náutico

Oteniel Jorge Monteiro ficou conhecido a nível internacional pela sua grande paixão pelo mar e pela sua competência, tendo já conquistado em 2008 o título de campeão mundial de *kitesurf* e diversos outros prémios. Mitú, como é apelidado, começou com o *bodyboard*, passou pelo *surf* e *windsurf* e hoje pratica o *kitesurf*. [...]



Qual foi a sua maior dificuldade quando começou a aprender *kitesurf*?

Foi basicamente controlar a vela porque praticamente eu já sabia controlar a prancha, uma vez que já praticava *surf*. Quando estamos a aprender, acreditamos ser preciso fazer muita força, mas não é. [...]

Como foi competir pela primeira vez?

– Foi muito complicado porque na minha primeira competição estava muito nervoso, até porque eu tinha apenas nove anos. Lembro-me que nos dias antes da competição não conseguia dormir devido à ansiedade. Entretanto, isso já mudou, hoje em dia sinto-me mais tranquilo... já estou acostumado.

Em 2008 conquistou o título de Campeão Mundial de *Kitesurf*. Como foi essa experiência?

– Quando eu conquistei o meu título, eu fiquei muito contente. Em princípio, não tinha noção do que estava a acontecer porque para mim sempre foi a minha paixão estar no mar e a praticar desporto. A ficha só veio cair quando regressiei a Cabo Verde e encontrei muitas pessoas no aeroporto à minha espera, gritando pelo meu nome. [...]

Como avalia o *kitesurf* em Cabo Verde?

– Evoluiu muito, até porque agora as coisas são um pouco mais fáceis do que antigamente. É mais fácil encontrar materiais ou trazê-los de fora. Entretanto, ainda nós podemos encontrar muitas dificuldades uma vez que esse é um tipo

Ficha formativa

de desporto muito caro e muitas pessoas não têm dinheiro para comprar o material para aprender.

Ainda em Cabo Verde nós não temos muitos meios, não temos patrocinadores, não temos materiais e isso torna tudo mais complicado. Por isso, é preciso ter garra porque se não podemos perder a motivação. [...]

O que falta na ilha do Sal para incentivar os jovens a praticar esta modalidade?

– Há tudo na ilha, há um bom clima, boas condições e tem até uma escola para aprender *kitesurf*. Portanto, acredito que o que falta é o interesse para aprender. [...]

Hoje você tem uma escola de *kitesurf*. Como surgiu a paixão para ensinar esta modalidade?

– Não dá para viver somente como atleta porque um dia a minha carreira pode acabar. [...] Hoje em dia, eu encaro as competições como uma forma de promover Cabo Verde e a minha escola. [...]

Qual é o seu maior sonho?

– Tenho o sonho de construir uma equipa de atletas para representar Cabo Verde em competições de *surf* ou também no *kitesurf*. E pretendo apoiar o meu filho porque ele está no início da sua carreira. [...]

Disponível em www.asemana.publ.cv [consult. 4 jun 2023] (Texto com supressões)

2.1 Identifica as diferentes partes do texto:

- a) título;
- b) texto introdutório;
- c) corpo da entrevista.

2.2 Qual é o objetivo deste texto?

2.3 Explica, por palavras tuas, as seguintes expressões:

- a) «A ficha só veio cair quando regressei a Cabo Verde [...]» (linhas 22 e 23)
- b) «[...] é preciso ter garra [...]» (linhas 32 e 33)
- c) «Não dá para viver somente como atleta [...]» (linha 41)

Grupo III – Funcionamento da língua

1 Procura no texto um exemplo que ilustre as seguintes funções sintáticas:

- | | |
|--------------------------|------------------------|
| a) sujeito simples; | c) predicado verbal; |
| b) sujeito subentendido; | d) complemento direto. |

2 Classifica as orações destacadas:

- a) Foi basicamente controlar a vela **porque praticamente eu já sabia controlar a prancha**.
- b) acreditamos ser preciso fazer muita força, **mas não é**.
- c) A ficha só veio cair **quando regresssei a Cabo Verde**.
- d) É mais fácil encontrar materiais **ou trazê-los de fora**.

3 Substitui a expressão destacada por um pronome, fazendo as alterações necessárias:

- a) Eu já sabia controlar **a prancha**.
- b) Quando eu conquistei **o meu título**, eu fiquei muito contente.
- c) Eu encaro **as competições** como uma forma de promover Cabo Verde.
- d) E pretendo apoiar **o meu filho** porque ele está no início da sua carreira.

Grupo IV – Escrita

Faz o resumo da entrevista. Não te esqueças de reler o texto e ter em conta os seguintes passos:

- identificar as ideias essenciais do texto;
- destacar as palavras-chave;
- seguir a ordem do texto original;
- encadear cada parte de modo coeso;
- não utilizar frases ou excertos do texto original;
- não ultrapassar em 1/3 o tamanho do original.



O texto literário

– textos narrativos de autores lusófonos

Contar histórias é uma das mais belas ocupações humanas: e a Grécia assim o compreendeu, divinizando Homero que não era mais que um sublime contador de contos da carochinha. Todas as outras ocupações humanas tendem mais ou menos a explorar o homem; só essa de contar histórias se dedica amoravelmente a entretê-lo, o que tantas vezes equivale a consolá-lo. Infelizmente, quase sempre, os contistas estragam os seus contos por os encherem de literatura, de tanta literatura que nos sufoca a vida!

Eça de Queirós, *Correspondência*, Caminho, 2008

Objetivos da unidade 2:

- ler obras literárias de língua portuguesa de diferentes autores e géneros;
- reconhecer e caracterizar textos de diferentes géneros narrativos;
- comparar ideias e valores de textos de autores diferentes;
- reconhecer valores culturais, éticos, estéticos, religiosos e políticos manifestados nos textos;
- explicitar o tema ou o sentido global de um texto;
- estabelecer relações de intertextualidade;
- identificar e reconhecer o valor de determinados recursos expressivos;
- produzir textos de tipologias diversas;
- distinguir contextos geográficos onde ocorrem diferentes variedades do português.

Antes da leitura

1 O título do próximo texto que vais ler é um provérbio: “Filho és, pai serás (como fizeres, assim encontrarás)!”

1.1 Qual o significado deste provérbio?

1.2 O que esperas desta crónica, tendo em conta o título?



Leitura

Filho és, pai serás

Lembro-me que a minha mãe utilizou na nossa educação, além de uma varinha de marmelo de que fazia uso frequente, embora sem muita energia, diga-se, uma série de provérbios ditos em português, que no contexto quotidiano crioulo adquiriam um peso e um estatuto que nos amedrontavam.

5 Depois de solenemente mastigados os provérbios, não havia nem mais um olhar, nem mais um grito ou gesto: apenas as costas altivas da minha mãe, orgulhosa, penso, por nos ter arrumado com a sentença suprema.

... Pois, o primeiro domingo de maio já ia no final quando o telefone tocou e era a minha mãe dando-me os parabéns. A sua voz era bastante irónica e eu, ligeiramente
10 confusa, olhei para o calendário, perguntando-me se teria esquecido o seu aniversário. Respirei de alívio ao constatar que seis de maio seria no dia seguinte e indaguei-lhe do motivo de tamanhos parabéns, ao que, num tom agora contundente, porque ela tem um geniozinho terrível, foi avançando que era o dia das mães e que, logicamente, eu teria sabido pela rádio ou televisão. Conseguí convencê-la da inexistência
15 desse tipo de ligações minhas com o exterior aos fins de semana e, entre beijinhos e abraços atrasados, obtive o perdão, não sem, antes de se despedir, me lembrar um dos seus ditados preferidos: “Filho és, pai serás, assim como fizeres, assim acharás”, ao qual me ligou sempre um certo mal-estar. Mal desligou, o meu **codê** telefonou

Glossário

Codê (n. m.): filho mais novo.

20 dando-me os parabéns e dizendo uma série de mimos que geralmente precedem um pedido seja do que for, normalmente de outras ternuras, mas desligou sem mesmo perguntar por um dinheirinho extra e isso aumentou a minha culpa por não me ter lembrado de telefonar para minha mãe, criticando-me por um apego desmesurado a princípios que às vezes me impedem de fazer certos agradados a determinadas pes-

25 soas que merecem toda a espécie de cedências minhas.

Eu precisava de uma vingança urgente e liguei para outro filho e, sem a diplomacia da minha velhota, iniciei logo um discurso em que entravam a ingratidão e coisas parecidas, sem lhe dar hipóteses de defesa, por não me ter dado os parabéns, num dia tão importante para a raça humana e não só se calhar. Perdi o latim e o

30 crioulo, porque esperto como me saiu, foi logo dizendo que, para ele, todos os dias são o dia da mãe e recorrendo a uma análise relâmpago das sociedades de consumo, dos seus truques, falou da artificialidade dessas datas que obrigam o cidadão incauto à compra de mais prendas, mais flores, mais missas, mais postais, mais impulsos telefónicos...

35 Ao dar-me conta que estava pendurada ao telefone e sentindo-me uma perfeita idiota, mas querendo ter a última palavra, disse-lhe o que nunca me ocorrera antes: “Filho és, pais serás, assim como fizeres, assim acharás,” e desliguei não sem uma pontinha de remorso, devo confessar.

Meia hora depois ele telefonou: – Mãe, estou confuso. Aquelas coisas todas que

40 falaste sobre o dia das mães, era a sério?

Conhecia-me bem e as nossas gargalhadas se juntaram, quando lhe contei do chá que a avó me havia passado, um pouco antes.

Ao desligar, pediu-me: por favor, não voltes a dizer aquela do “Filho és, pai serás.” É que me sabe a praga.

45 A mesma sensação que eu sentia em criança, reconheci pensando em coisas como filho, educação, famílias. E na minha mãe.

Dina Salústio, “Filho és, pai serás”, *Mornas eram as noites*, Instituto da Biblioteca Nacional – Direção do Livro, 2002

Manual Digital

Áudio
“Filho és, pai serás”, de Dina Salústio



Notas biográficas

Dina Salústio (pseudónimo de Bernardina Oliveira), natural de Santo Antão, Cabo Verde, é uma escritora que se dedica à prosa e poesia. Na prosa, destaca-se a publicação de *Mornas Eram as Noites* uma coletânea de 35 contos, em 1994, e o seu primeiro romance, *A Louca de Serrano*. O seu valor literário foi reconhecido com algumas distinções. Além de ser escritora, trabalhou como professora, jornalista e assistente social.



Compreensão do texto

- 1 Divide este texto em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão.
- 2 Como reage a mãe da narradora ao constatar que a filha não a felicitou no Dia da Mãe?
 - 2.1 Com que objetivo ela usa o provérbio que serve de título a este texto?
- 3 O que faz a narradora, após ouvir a repreensão da sua mãe?
 - 3.1 Como reagiu o filho mais velho da narradora?
- 4 A narradora também recorre ao provérbio usado pela mãe. Achas que teve exatamente o mesmo efeito? Justifica.
- 5 Na tua opinião, o que motivou a redação desta crónica?
- 6 Explica, por palavras tuas, as seguintes expressões:
 - a) «[...] por nos ter arrumado com a sentença suprema.» (linha 7)
 - b) «[...] criticando-me por um apego desmesurado a princípios [...]» (linhas 23 e 24)
 - c) «Perdi o latim e o crioulo [...]» (linhas 29 e 30)
 - d) «[...] do chá que a avó me havia passado.» (linhas 41 e 42)
- 7 Esta crónica faz referência a três momentos diferentes na vida da narradora.
 - 7.1 Completa a tabela com exemplos do texto.

Momentos	Exemplos
a) Quando ela era criança	
b) O episódio com os filhos	
c) Tempo da narrativa/escrita	

Funcionamento da língua

1 Classifica morfologicamente as palavras destacadas em cada um dos excertos.

- a) «[...] apenas as costas **altivas** da minha mãe, orgulhosa, penso, por nos ter arrumado com a sentença **suprema**.» (linhas 6 e 7)
- b) «[...] num tom agora **contundente**, porque ela tem um geniozinho **terrível** [...]» (linhas 12 e 13)
- c) «Eu precisava de uma vingança **urgente**.» (linha 26)
- d) «[...] num dia tão **importante** para a raça **humana** [...]» (linha 29)

2 Atenta nos seguintes excertos:

- a) «[...] **indaguei-lhe** do motivo de tamanhos parabéns, ao que, num tom agora contundente, porque ela tem um geniozinho terrível, foi avançando que era o dia das mães e que, logicamente, eu teria sabido pela rádio ou televisão.» (linhas 11 a 14)
- b) «[...] Meia hora depois ele **telefonou**: – Mãe, estou confuso. Aquelas coisas todas que falaste sobre o dia das mães, era a sério?» (linhas 39 e 40)
- c) «[...] quando lhe **contei** do chá que a avó me havia passado, um pouco antes.» (linhas 41 e 42)
- d) «Ao desligar, **pediu-me**: por favor, não voltes a dizer aquela do “Filho és, pai serás.” É que me sabe a praga.» (linhas 43 e 44)

2.1 O que têm em comum os verbos destacados?

2.2 Indica as formas de relato presentes em cada uma das frases.

2.3 Retira do texto outros exemplos.

Gramática no texto

Atenta nas seguintes frases:

- «[...] quando lhe **contei** do chá que a avó me havia passado, um pouco antes.» (linhas 41 e 42)
- « Ao desligar, **pediu-me**: por favor, não voltes a dizer aquela do “Filho és, pai serás.” É que me sabe a praga.» (linhas 43 e 44)

A narradora reproduz outros discursos ou o seu próprio discurso em outros momentos. O **discurso relatado** permite a um locutor reproduzir, de diversos modos, um outro discurso (de outro locutor ou de si próprio) a um alocutário, que pode coincidir ou não com o alocutário original. Este discurso pode já ter sido proferido ou estar previsto. Há várias formas de relatar o discurso:

Discurso
direto

Discurso
indireto

Discurso
indireto
livre

Relembrar



Os **verbos introdutores do relato** são verbos que permitem fazer a integração do discurso relatado no discurso que o relata e que, simultaneamente, dão indicações sobre o tipo de ato linguístico representado, especificando as suas características ("dizer", "indagar", "contar", "pedir", etc.).

Consultar apêndice gramatical (p.252)

Exercícios de aplicação

1 Identifica as formas de relato presentes nas frases:

- Feliz com o resultado, o João lamentou o tempo perdido e congratulou todos os envolvidos pelo trabalho feito.
- A Manuela reconheceu a vitória do adversário. Estou desolada e revoltada. Que chatice!
- O que aconteceu? – perguntou o Ricardo.
- Nada incomoda mais do que passar horas no trânsito. Acredita!
- O professor pediu aos alunos para lerem o texto das páginas 20 e 21 e assegurou que na aula seguinte iriam fazer uma ficha de trabalho.
- Quero ficar aqui contigo hoje. – assegurei-lhe.

2 Atenta nas seguintes frases:

«[...] por favor, não voltes a dizer aquela do "Filho és, pai serás." É que me sabe a praga.» (linhas 43 e 44)

2.1 Passa-as para o discurso indireto, fazendo as alterações necessárias e considerando as diferentes situações.

- a) O locutor relatou as suas próprias palavras ao irmão no dia seguinte;
- b) A mãe relata as palavras do filho ao outro filho nesse mesmo dia, mais tarde;
- c) A mãe relembra ao filho as palavras que ele lhe disse no dia anterior.

Relembrar



A **crónica** é um género textual híbrido que se encontra no limiar entre o literário e o não literário, ora de pendor mais jornalístico ora de pendor mais literário.

É sempre um texto breve, possui a dupla função informativa e expressiva. O cronista parte de um tema quotidiano da atualidade, de um facto, de uma vivência pessoal para fazer uma reflexão, mostrar a sua opinião e emitir juízos de valor com sentido crítico, usando recursos expressivos. Conforme o autor e/ou o tema, a crónica pode ter um tom polémico, irónico ou humorístico, deixando entrever uma crítica, um conselho ou um ensinamento.

Consultar apêndice gramatical (p.240)

Escrita

Imagina que és cronista num semanário. Selecciona um provérbio e escreve a tua crónica que pode inspirar-se num acontecimento que viveste ou que presenciaste e que esse provérbio ilustra.

Não te esqueças de planear o teu texto e revê-lo no final.

Caso não conheças provérbios, pergunta aos teus familiares. Também podes pesquisar numa biblioteca ou na Internet.

Oralidade

1 Após o primeiro visionamento da crónica semanal, no Jornal de domingo da RTC, da autoria de Daniel Medina, indica o seu tema.

1.1 Sugere um título adequado para o programa que acabaste de ouvir.



2 O autor mostra claramente dois intervenientes, dois atores, que assumem um papel preponderante: “nós” e “eles”. Identifica-os.

2.1 Na tua opinião, a quem ele se dirige nesta crónica?

3 Ouve, novamente, esta crónica para poderes completar o sentido das frases:

a) O valor da juventude reside

b) A juventude é muitas vezes acusada de

c) O choque de gerações é fundamental para

d) Os dois principais responsáveis para assegurar os novos valores da juventude são

e) Se a juventude for acompanhada pode tornar-se

f) A única certeza é que

4 Explica, por palavras tuas, as seguintes frases e/ou expressões proferidas na crónica televisiva:

a) «A juventude tem, como nós sabemos, estádios, tem passagens [...]»

b) «A juventude é um fruto da sociedade [...]»

c) «O sentido de mudança vem do choque entre gerações [...]»

5 E tu? Qual é a tua opinião sobre este assunto abordado por Daniel Medina?

6 Este texto é uma crónica. Justifica esta afirmação.

6.1 Sendo uma crónica escrita para a televisão, que marcas de oralidade podes identificar nela?

6.2 Imagina que o teu colega do lado não ouviu esta crónica. Reconta-lhe a crónica, no máximo, em dois minutos.

Notas biográficas

Daniel Medina nasceu em Santo Antão – Cabo Verde e é professor universitário, jornalista, escritor, formador e investigador. Tem vários livros publicados nas áreas da pedagogia, poesia e prosa. É neste momento membro do Conselho Independente da RTC e docente nas áreas de jornalismo, línguas e ciências do comportamento.

Disponível em www.wook.pt [consult. 16 jan 2023]



Antes do texto

1 Este conto foi adaptado ao teatro por iniciativa de um grupo de alunos de uma escola.

1.1 Assiste à notícia sobre esse evento, indicando:

- o tema central deste conto;
- o papel do professor responsável por esta adaptação;
- a opinião dos participantes;
- o que se celebra aquando da representação.



e Manual Digital

Vídeo
Conto "A Família de Aniceto Brasão", de Teixeira de Sousa, em teatro, RTC



Leitura

A família de Aniceto Brasão

A acácia do quintal era uma árvore enorme. O tronco tinha quase a largura dum **poilão**, os ramos e as folhas espalhavam-se lá por cima cerrados que nem a copa dum velho tamarindo.

A casa dobrava-se em ângulo pelo lado sul. Ao fundo era a despensa e a cozinha, e da banda do norte corria um muro de dois metros de alto, com cacos de vidro e vestígios do antigo reboco. [...]

A dois passos erguia-se a capela, com as grossas paredes caiadas de amarelo e bocados de cal caídos nos canteiros que as **nharas** e as flores bravias tinham invadido. Aos lados enfileiravam-se as buganvílias, as lindas e verdes buganvílias, com as suas pétalas encarnadas da cor do sangue. O roseiral crescia também braviamente e desabrochava cada rosa que era mesmo um encanto.

As quatro filhas de Aniceto Brasão viviam aí com o pai. Desde que enviuvara, nunca mais pusera os pés na vila. Retirado do bulício mundano, via os anos passando, ele envelhecendo e as filhas ao seu lado, os dias e as noites, repetindo as mesmas coisas e levantando-se às mesmas horas.

Depois do almoço, dormia à sombra da acácia, na velha cadeira de lona que lhe conhecia todos os ossos, todas as covas e as saliências das costas e das nádegas e o sebo da cabeça. A Ana sentava-se ao lado a abanar as moscas. A Litícia fazia paciências com dois baralhos que já tinham pertencido à defunta. A Sofia lia romances.

Glossário

Poilão (n.m.): árvore de grandes dimensões.

Nhara (n.f.): pequeno arbusto que cresce de forma espontânea.

Por vezes chorava. À noite narrava os amores do conde com a linda e pobre Muquette. As três irmãs conversavam, sonhavam e acordavam pálidas. Começavam a varrer e a arrumar a casa. As tarefas estavam distribuídas. A mais velha arranjava o
25 quarto do pai. A primeira coisa que fazia era afastar as duas cadeiras que o velho, todas as noites, colocava uma em frente da outra para conversar e trocar impressões com a defunta sua mulher. Era quase uma hora de palestra séria, cheia de consultas e íntimas confissões. À Litícia estava entregue a conservação da sala de jantar, onde pelas paredes ondulavam os bigodes dos antepassados. A cozinha e a
30 despensa, e tudo que fosse economia caseira, era com a Ana.

A Esmeralda levantava-se mais tarde. Já a Sofia pegara nos seus romances e a Esmeralda ainda não tinha saído da cama. De qualquer maneira, havia de arrumar o quarto delas. Sempre que olhava para as quatro camas perfiladas ao longo do quarto, lembrava-se de Valdemar, de uma vez que ele meteu ali os olhos e disse que
35 aquilo não era quarto, era uma enfermaria.

O velho erguia-se ao romper do sol. Agradecia à defunta a gentileza de o haver velado toda a noite e pedia-lhe que se permitisse repousar docemente no seio de Deus-Padre-Todo-Poderoso. Enfiava as botas pachorrentamente, ajeitava o boné de alpaca no cocuruto da cabeça e saía para as redondezas da casa a passar revista às coisas. Chamava a atenção do caseiro para a corda da vaca. Os cangalhos precisavam de ser arranjados. Porque não cosia o barquino? O cavalo andava cada vez mais magro.

– De hoje em diante, passas a levá-lo para o quintal. Todos os dias, ali no quintal, anh?

O caseiro só dizia:

45 – Nhor sim!

– A ração de milho ele vai lá comê-la ao quintal.

– Nhor sim!

A Esmeralda metia-se com o caseiro chamando-lhe “nhor sim”. As irmãs repreendiam-na. Que devia respeitar os cabelos brancos do homem.

50 Ao meio-dia em ponto, Aniceto Brasão sentava-se à cabeça da mesa. Ficava vago o lugar da mulher. As filhas faziam o sinal da cruz e ocupavam os seus lugares. Findo o almoço, a criada ia buscar a cadeira de lona e a Sofia prantava-se ao pé do pai a enxotar as moscas até o velho começar a rressonar.

Só a Esmeralda se mexia pela casa, pelo quintal, pela cisterna e pelo roseiral e
55 buganvílias da capelinha, sem se ocupar com nada. Imaginava motivos para dar uma saltada até à vila. E se arranjasse uma dor de estômago? Porque não havia de partir um braço sem ficar aleijada? Arrancava uma rosa. Os cabelos caíam-lhe em cacho sobre os olhos. E ficava-se horas esquecidas a aspirar o perfume da rosa, os cabelos soltos ao vento. [...]

60 Valdemar, que numa tarde lhes apareceu de repente em casa, perguntou à filha mais nova de Aniceto Brasão:

– Esmeralda, lembras-te da goiabada que um dia me ofereceste na escola?

– Lembro-me. Por que é que te lembraste disso agora?

– Não sei. Estou a olhar para ti e...

65 Ela sorriu-se, atirando os cabelos para trás.

Valdemar ficou triunfante por ela ter percebido.

Aniceto Brasão antipatizava com o rapaz. O pai fora um aventureiro. Conheceram-se em Lisboa. Andaram no mesmo colégio. Tinha prosápias de orador e então imitava João Camoegas. Valde-

70 mar era a figura do pai. Falador e, sobretudo, pouco amigo de trabalhar.

– Não lhe deem confiança – dizia o velho para as filhas, quando se falava de Valdemar. – O pai era a mesma coisa. O que sabia era andar pelos cafés a fazer política. Era mesmo perigoso. O filho é o pai em carne e osso. [...]

75

Valdemar acordou no dia seguinte disposto a abordar o velho diretamente, sem rodeios de espécie alguma. Não podia estar a adiar indefinidamente a notícia, tanto mais que a letra não fora ainda protestada e talvez o homem achasse alguma solução.

80 – Sr. Brasão, preciso de falar com o senhor em particular.

O velho teve um pressentimento que lhe alterou a fisionomia. Fixou o rapaz bem dentro dos olhos, e com um sorriso paternal, não sem alguma ponta de ironia, abanou negativamente a cabeça:

– Escusas de pensar nisso. És bom rapaz, mas as nossas famílias nunca se deram.

85 Há ofensas de séculos...

– Ó homem, infelizmente não se trata de sua filha. O caso é muito mais grave. O Firmino garantiu-me que ia protestar aquela sua antiga letra. Que os juro já somavam mais do que as dívidas. E eu então resolvi vir avisar o senhor. Se tiver alguma solução, ainda vai a tempo. Se não...

90 – Se não o quê?

Aniceto Brasão ficou furioso. Começou a passear dum lado para o outro. As calças de casimira antiga golfavam nas nádegas e sobejavam nas canelas, onde vinham morrer estreitas sobre as botas. [...]

A Esmeralda entrou sorrateiramente na sala de jantar. O pai não podia continuar assim aos berros. Se lhe desse qualquer coisa de repente, longe do médico, era uma desgraça. [...]

95

Valdemar ajustou as polainas, enfiou as esporas, e, no quintal, disse para a Esmeralda:

– Tenho a impressão de que o teu pai não resolve nada.

100 – Antes assim. Por mim, estou farta disto.

Com um gesto largo, abarcou a propriedade toda.



– A justiça... – ia a dizer Valdemar.

– Venha a justiça e leve tudo isto. As paredes, a acácia, a capela e os santos que lá estão dentro. E leve-me também a mim – disse Esmeralda – que estou farta. Farta!

105 Entrementes, levou as mãos à cara, os cabelos caíram sobre os punhos que se mexiam nervosamente à frente dos olhos. Valdemar aproximou-se, amparando-a docemente.

– Não te apoquentes que tudo se arruma.

O velho Aniceto não dormiu a noite inteira. Conversou largamente com a defunta sua mulher e fartou-se de chamar nomes ao credor da letra. De vez em quando
110 pedia perdão à mulher. [...]

De uma das vezes, quando a filha chegou ao pé dele, o velho já não berrava. Até parecia bem-disposto. Trauteava uma modinha então em voga:

*loti pingo d'ouro
na ladeira grande.*

115 Era a primeira vez que Aniceto Brasão cantava na sua vida. O caseiro parou de ordenhar para se certificar se era o patrão ou a vaca que cantava. Ou então o bezerro que estava arrelhado à perna da mãe. Não, o canto vinha de Nhô Niceto. Andava pela certa de juízo avariado.

Nunca mais deixou de cantar a modinha popular “loti pingo d'ouro” até morrer.

120 Passava os dias e as noites a cantar.

A Esmeralda teve o primeiro filho, o segundo, e, na manhã em que o velho deixou para sempre de cantar, ela paria o terceiro bebé, uma menina rechonchuda e bonita, bastante parecida com a mãe.

As irmãs lamentaram largos anos a morte do pai. E viviam da recordação da casa
125 lá no alto, com a sombra da acácia e a proteção da igreja ao lado. As buganvílias encostavam seus ramos às paredes da capela e o roseiral enchia-se de rosas sem par.

Teixeira de Sousa, “A Família de Aniceto Brasão”, *Contra mar e vento*, Instituto da Biblioteca Nacional de Cabo Verde (BNCV), 2022 (Texto com supressões)

Notas biográficas

Teixeira de Sousa nasceu em São Lourenço, na Ilha do Fogo, em 1919 e morreu em 2006, em Portugal. Licenciou-se em Medicina em Lisboa e fixou-se na sua cidade natal em 1946, tendo dado voz a ações em prol da saúde pública, chegando a criar um hospital e uma maternidade. Ao longo da sua atividade como médico, também se dedicou ao cultivo das letras, tendo publicado um romance, contos e colaborado com diversos periódicos.



Compreensão do texto

- 1 Identifica os membros da família de Aniceto Brasão.
 - 1.1 Como é que as filhas passavam o tempo?
 - 1.2 Descreve psicologicamente Aniceto Brasão.
- 2 Indica outras personagens que intervêm na história.
- 3 Caracteriza o espaço em que se desenrola a ação deste conto.
 - 3.1 Identifica os sinais de decadência da propriedade do velho Brasão.
- 4 Por que razão Esmeralda chamava «nhor sim» ao caseiro?
- 5 Qual é o acontecimento que altera o estado de espírito desta família?
- 6 Por que razão o velho Aniceto não simpatizava com Valdemar?
- 7 O que aconteceu a Aniceto depois de saber que a sua dívida ia ser executada?
- 8 Divide este conto em três partes, indicando as respetivas linhas:
 - a) introdução;
 - b) desenvolvimento;
 - c) conclusão.
- 9 Qual é o modo de expressão (descrição, narração, diálogo, monólogo) predominante na primeira parte do conto?
 - 9.1 Justifica a tua resposta.
- 10 Com a ajuda do teu professor, explora o significado das palavras destacadas.
 - a) «**Nhor** sim!» (linha 45)
 - b) «[...] ajeitava o boné de alpaca no **cocuruto** da cabeça [...].» (linhas 38 e 39)
 - c) «[Todos os dias ali no quintal, **anh?**» (linhas 42 e 43)

Relembrar



“A família de Aniceto Brasão” é um **conto** literário, ou seja, é uma narrativa curta e linear, cuja ação é simples e concentrada numa personagem, num único tema ou episódio, de curta duração temporal e situada num só espaço, envolvendo poucas personagens. Os elementos que o compõem concentram-se num único eixo temático, num único conflito.

Consultar apêndice gramatical (p.240)

Funcionamento da língua



Interatividade
Escrita de textos
descritivos

1 Atenta nas seguintes frases retiradas do conto:

- a) «As três irmãs **conversavam, sonhavam e acordavam** pálidas.» (linha 23)
- b) «Já a Sofia **pegara** nos seus romances e a Esmeralda ainda não tinha saído da cama.» (linhas 31 e 32)
- c) «**Conheceram-se** em Lisboa.» (linhas 68 e 69)

1.1 Em que tempo e modo se encontram os verbos destacados?

2 Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.

«A dois passos erguia-se a capela, com as **grossas** paredes caiadas de amarelo e bocados de cal caídos nos canteiros que nharas e as flores **bravias** tinham invadido. Aos lados enfileiravam-se as buganvílias, as **lindas e verdes** buganvílias, com as suas pétalas **encarnadas** da cor do sangue. O roseiral crescia também braviamente e desabrochava cada rosa que era mesmo um encanto.» (linhas 7 a 13)

Saber



O **texto descritivo** ou a **descrição** apresenta os seguintes elementos:

Texto descritivo ou descrição	
<p>Principais características</p> <ul style="list-style-type: none"> • informações detalhadas sobre as características de um lugar, pessoa, objeto ou situação; • observações, impressões e sensações; • linguagem clara e dinâmica; • detalhes sensoriais (visuais, auditivos, olfativos, tácteis e gustativos); • detalhes físicos (altura, largura, peso, comprimento, função, clima, condições sociopolíticas ou económicas); • detalhes psicológicos (humor, carácter, comportamento, emoções e personalidade). 	<p>Elementos linguísticos</p> <ul style="list-style-type: none"> • vocabulário relativo a sentimentos ou sensações; • advérbios; • adjetivos com a sua função caracterizadora; • verbos que atribuem características estáticas ou dinâmicas e que despertam sensações; • verbos no presente e no pretérito imperfeito do indicativo; • recursos estilísticos (metáfora, comparação, personificação, enumeração, adjetivação).

Gramática no texto

Atenta nas seguintes frases:

- «A Sofia **lia** romances. Por vezes chorava. À noite **narrava** os amores do conde com a linda e pobre Muguette.»
- «Sempre que **olhava** para as quatro camas perfiladas ao longo do quarto, **lembrava-se** de Valdemar.»
- «De lá de dentro **soavam** os passos das raparigas nas voltas dos passos.»
- «As irmãs lamentaram largos anos a morte do pai.»

Os verbos destacados têm diferentes finalidades no texto descritivo como podes ver na tabela abaixo.

Verbos no texto descritivo		
Verbos	Descrição	Exemplos
Declarativos <i>ou dicendi</i>	Servem para introduzir uma declaração ou asserção, ou o discurso indireto. Exemplos: dizer, contar, declarar, anunciar, afirmar, concluir, concordar, decidir, observar, sugerir, etc.	Eles concordam que todos emigram em busca de algo. Ele anunciou que vai emigrar no próximo ano.
Dinâmicos	Descrevem ações, dão ideia de movimento, de algo que esteja em desenvolvimento, alguma coisa que acontece. Exemplos: andar, ir, vir, voltar, regressar, fazer, etc.	Ele foi para outro país e voltou para a sua terra quatro anos depois. Eles regressaram a casa no final do dia.
Sensitivos	Indicam a existência de um dos sentidos ou de uma percepção. Exemplos: ver, ouvir, sentir, tocar, perceber, etc.	Vejo que já comeste a sopa. Sinto que as pessoas não se resignam facilmente.

Exercícios de aplicação

1 Lê o texto seguinte:

O Búzio aparecia ao longe. Via-se crescer dos confins dos areais e das estradas. Primeiro julgava-se que fosse uma árvore ou um penedo distante. Mas quando se aproximava via-se que era o Búzio.

Na mão esquerda trazia um grande pau que lhe servia de bordão e era seu apoio nas longas caminhadas e sua defesa contra os cães raivosos das quintas. A este pau estava atado um saco de pano, dentro do qual ele guardava os bocados do pão que lhe davam e os tostões. O saco era de chita remendada e tão desbotada que quase se tornara branca. O Búzio chegava de dia, rodeado de luz e de vento, e dois passos à sua frente vinha o seu cão, que era velho, esbranquiçado e sujo, com o pelo grosso, encaracolado e comprido e o focinho preto.

E pelas ruas fora vinha o Búzio com o sol na cara e as sombras trémulas das folhas dos plátanos nas mãos.

Parava em frente duma porta e entoava a sua longa melopeia ritmada pelo tocar das suas castanholas de conchas.

Abria-se a porta e aparecia uma criada de avental branco que lhe estendia um pedaço de pão e dizia:

– Vai-te embora, Búzio.

Sophia de Mello Breyner Andresen, “Homero”, *Contos exemplares*, Porto Editora, 2021

1.1 Sublinha no texto verbos declarativos, dinâmicos e sensitivos.

Escrita

1 Observa a seguinte imagem.

2 Escreve um texto descritivo a partir desta imagem.

2.1 Antes de escreveres o texto, planifica-o:

- enumera as características dos elementos a descrever;
- decide se orientas a tua descrição do geral para o particular, ou do particular para o geral, se do próximo para o distante, ou do distante para o próximo, etc.



Não te esqueças de ter em atenção os recursos linguísticos próprios deste tipo de texto que vão tornar o teu texto mais interessante. No final, relê o texto e faz as correções necessárias.

Oralidade

Muitos dos autores e artistas cabo-verdianos veem na língua cabo-verdiana um veículo para dar a conhecer a sua arte, a sua escrita, a sua música, a sua cultura e, sobretudo, a sua identidade.

Vê o vídeo e discute com os teus colegas a importância da língua cabo-verdiana em Cabo-Verde. No final, diz se te identificas com aquilo que viste e ouviste, dando conta da importância da língua cabo-verdiana para ti.



e Manual Digital

Vídeo
Crioulo, língua da nossa identidade, Nha Terra Nha Cretcheu



Antes do texto

- 1 O título do próximo texto é *Mar me quer* que nos faz lembrar uma brincadeira de criança: “bem me quer / mal me quer / tudo / pouco / nada.”

1.1 Sabes em que consiste esta brincadeira?

1.2 Que relação poderias estabelecer entre a brincadeira e o título do texto, antevendo um pouco o conteúdo?



- 2 Ouve a canção “Mar me quer”, de João Afonso, inspirada no livro de Mia Couto e atenta nos versos abaixo transcritos.



Mar me quer

O Mar me quer, eu sou feliz só por preguiça
deixei escapar a maré, adormecido
Zeca Perpétuo, sou reformado do mar
tenho juízo de mamba pelo seu olhar

5 Mar me quer, bem me quer
cantocho de Luarmina
o coração é uma praia
diz Celestiano à menina

Mar me quer, bem me quer
10 com olhos de tubarão
meu avô falava certo
quem demora tem razão

Todas as noites despetalou flores a mulata
Dona Luarmina, minha vizinha
15 logo de manhã passa sonhos pelo rosto
atrassa a ruga, impede o tempo

João Afonso, “Mar me quer”, *Zanzibar*, Universal Música Portugal, 2002

2.1 Zeca Perpétuo e Dona Luarmina são as personagens principais do texto de Mia Couto. Qual é, aparentemente, a relação entre eles?

2.1.1 Como são caracterizados nesta canção?

Relembrar



O texto de Mia Couto, *Mar me quer*, é uma novela. A **novela** é uma narrativa de extensão média, mais reduzida que o romance, mas mais extensa que o conto. As principais características da novela são uma estrutura de ação simples, o número reduzido de personagens, a sequencialidade dos factos, a linguagem objetiva, a narração rápida e a variedade de temas.

Consultar apêndice gramatical (p.240)

Leitura

1 Lê o texto seguinte:

Primeiro capítulo

Deus é assunto delicado de pensar, faz conta um ovo: se apertarmos com força parte-se, se não segurarmos bem cai.

5 (Dito do avô Celestiano, reinventando um velho provérbio **macua**)

Sou feliz só por preguiça. A infelicidade dá uma trabalhadeira pior que doença: é preciso entrar e sair dela, afastar os que nos querem consolar, aceitar pêsames por uma porção da alma que nem chegou a falecer.

– Levanta, ó dono das preguiças.

10 É o mando de minha vizinha, a mulata Dona Luarmina. Eu respondo:

– Preguiçoso? Eu ando é a embranquecer as palmas das mãos.

– Conversa de malandro...

– Sabe uma coisa, Dona Luarmina? O trabalho é que escureceu o pobre do preto. E, afora isso, eu só presto é para viver...

15 Ela ri com aquele modo apagado dela. A gorda Luarmina sorri só para dar rosto à tristeza.

– Você, Zeca Perpétuo, até parece mulher...

– Mulher, eu?

20 *Sim, mulher é que senta em esteira. Você é o único homem que eu vi sentar na esteira.*

– Que quer, vizinha? Cadeira não dá jeito para dormir.

Ela se afasta, pesada como pelicano, abanando a



Glossário

Macua (n.m.): macia ou mmakhuwa é relativo ou pertencente a um grupo étnico do Norte e Centro de Moçambique, os Macuas.

cabeça. Minha vizinha reclama não haver homem com miolo tão miúdo como eu. Diz que nunca viu Pescador deixar escapar tanta maré:

25 – *Mas você, Zeca: é que nem faz ideia da vida.*

– *A vida, Dona Luarmina? A vida é tão simples que ninguém a entende. É como dizia meu avô Celestiano sobre pensarmos Deus ou não-Deus...*

Além disso, pensar traz muita pedra e pouco caminho. Por isso eu, um reformado do mar o que me resta fazer? Dispensado de pescar, me dispenso de pensar.

30 Aprendi nos muitos anos de pescaria: o tempo anda por ondas. A gente tem é que ficar levezinho e sempre apanha boleia numa dessas ondeações.

– *Não é verdade, Dona Luarmina? A senhora sabe essas línguas da nossa gente. Me diga, minha Dona: qual é a palavra para dizer futuro?*

35 Sim, como se diz futuro? Não se diz, na língua deste lugar de África. Sim, porque futuro é uma coisa que existindo nunca chega a haver. Então eu me suficiente do atual presente. E basta.

– *Só eu quero é ser um homem bom, Dona.*

– *Você é mas é um aldrabom.*

40 A gorda mulata não quer amolecer conversa. E tem razão, sendo minha vizinha desde há tanto. Ela chegou ao bairro depois da morte de meus pais, quando herdei a velha casa da família.

Nessa altura, eu ainda pescava em longas viagens, semanas de ausência nos bancos de Sofala. Nem notava a existência de Luarmina. Também ela, logo que desembarcou, se internou na Missão, em estágio para freira. Ficou enclausurada nessas penumbras onde se murmura conversa com Deus.

45 Só uns anos mais tarde ela saiu dessa reclusão. E se instalou na casa que os pais lhe destinaram, bem junto à minha morada. Luarmina costureirava – era seu sustento. Nos primeiros tempos, ela continuava sem se dar às vistas. Só as mulheres que entravam em seus domínios é que lhe davam conta. No resto, me chegavam apenas os perfumes de sua sombra.

Um dia o padre Nunes me falou de Luarmina, seus brumosos passados. O pai era um grego, um desses pescadores que arrumou rede em costas de Moçambique, do lado de lá da baía de S. Vicente. Já se antigamentara há muito. A mãe morreu pouco tempo depois. Dizem que de desgosto. Não devido da viuvez, mas por causa da beleza da filha. Ao que parece, Luarmina endoidava os homens graúdos que abutreavam em redor da casa. A senhora maldizia a perfeição de sua filha. Diz-se que, enlouquecida, certa noite intentou golpear o rosto de Luarmina. Só para a esfear e, assim, afastar os candidatos.

55 Depois da morte da mãe, enviaram Luarmina para o lado de cá, para ela se amoldar na Missão, entregue a reza e crucifixo. Havia que arrumar a moça por fora, engomá-la por dentro. E foi assim que ela se dedicou a linhas, agulhas e dedais. Até se transferir para sua atual moradia, nos arredores de minha existência.



Vídeo

Mar me quer, de Mia Couto: amor desencontrado de Zeca e Luarmina



Só bem depois de me retirar das pescarias é que dei por mim a encostar desejos na vizinha. Comecei por cartas, mensagens à distância. À custa de minhas insistências namoradeiras, Luarmina já aprendera as mil defesas. Ela sempre me desfazia os favores, negando-se.

– *Me deixa sossegada, Zeca. Não vê que eu já não desengomo lençol?*

– *Que ideia, Dona vizinha?! Quem lhe disse que eu tinha essa intenção?*

Todavia, ela tem razão. Minhas visitas são para lhe caçar um descuido na existência, beliscar-lhe uma ternura. Só sonho sempre o mesmo: me embrulhar com ela, arrastado por essa grande onda que nos faz inexistir. Ela resiste, mas eu volto sempre ao lugar dela.

– *Dona Luarmina, o que é isso? Parece ficou mesmo freira. Um dia, quando o amor lhe chegar, você nem o vai reconhecer...*

– *Deixe-me, Zeca. Eu sou velha, só preciso é um ombro. [...]*

Mas é pena eu e a vizinha não nos simetricarmos. Porque ambos somos semi-viúvos: nunca tivemos companheiro, mas esse parceiro, mesmo assim, desapareceu. Sou mais novo que ela, mas já estamos ambos na encosta de lá em que a vida só mexe quando é a descer.

Hoje sei como se mede a verdadeira idade: vamos ficando velhos quando não fazemos novos amigos. Estamos morrendo a partir do momento em que não mais nos apaixonamos.

E até que Dona Luarmina, aliás Albertina da Conceição Melistopolous, já foi bela de espantar a homenzarrada. Sei isso porque testemunhei um flagrante dessa formosura dela. Foi uma certa vez que não fiquei só na varanda. Entrei em sua casa, sentei na sala grande com janela para o mar. Foi então que eu vi a fotografia. Era de uma moça de espantável beleza, corpo de aguar as mais mornas bocas.

– *Quem é essa?*

– *Sou eu, quando era nova. Antes de chegar aqui...*

Me levantei, já em vias de tocar a foto. Mas ela, secamente, emendou a visão minha, vertendo a moldura sobre a mesa. E ali ficou, para os restantes dias, aquele retrato deitado de costas para a luz. Eu bem tentava espreitar, da janela, a imagem da sua antiga beleza. Em vão.

Restava-me a presente figura de Luarmina, gorda e engordurada. A mulher, por razões de angústia, se deixara acumular, quilos sobre o peso. Eu entendo: uma boa maneira de esconder a tristeza é cobrimo-nos de carne. O sofrimento é fatal quando atinge os ossos. Chegada aí, a tristeza se apressa em virar esqueleto. Sábio é dar cobertura ao corpo, intermediar gordurosas fronteiras.

Às vezes, ainda relampeja nela alguma infância. Então, ela tenta brincar-me, espicaçar-me uma ciumeira.

– *Uma vez, um homem me chamou de dólingui.*

– Dólingui?

– Dólingui ou darilingue. Era um estrangeiro de fora.

– O que é isso, darilingue? Tenho muitos nomes bastante melhores que esses, não quer ouvir Dona vizinha?

105 – Não quero. Desculpa, Zeca, mas agora já não quero. Me custa já ter um nome quanto mais muitos...

Já faz anos que rondopio à volta da viúva. Arrisco mesmo perder plumagens nessa insistência. Contudo estou arrastando asa em nenhum chão: minhas penas só roçam aragens.

110 A estratégia é lhe contar minhas aventuras: invento feitos passados em minhas atribulações marinhas. Mas não são aventuras que a fazem sonhiscar.

O que Dona Luarmina me solicita são exactas memórias. E isso é o que eu menos quero. Não é que me faltem lembranças. Estão é espalhadas em toda a minha substância, até nesse dedo que perdi nas fainas. Meu corpo foi-se tornando
115 um cemitério de tempo, parece um desses bosques sagrados onde enterramos nossos mortos.

– Conte como foi, quero as coisas que foram e como foram. Essas que nos põem saudade...

Saudades, em mim, nunca têm pressa. Demoram tanto que nunca chegam. Só
120 quando eu danço me liberto do tempo – esvoam as memórias, levantam voo de mim. Eu devia era dançar todo o tempo, dançar para ela, dançar com ela.

– Me fale sobre o seu passado.

Meu passado me pesa: minha infância morreu cedo, eu tive que carregar esse peso morto em minha vida. Aos seis anos tomei lugar de meu avô no barco, dois anos depois
125 meu pai perdia o juízo e saía de casa, cego e louco. Minha mãe, antes de morrer, me entregou na igreja. O padre português Jacinto Nunes me educou em preceito de Deus e livro. Mas eu queria era regressar ao mar e cedo troquei livro por rede. Sempre entregando muito, recebendo pouco. Meu avô Celestiano culpava meu pai dessa má sorte.

130 – Esse meu filho Aqualberto, cabisburro como é, meteu-se no mundo dos brancos, nem abençoou o barco dele. Abandonou os antepassados? Castigo é esse.

Insisto com Dona Luarmina: ela não me peça lembranças. Eu quero matar o passado, essa mulher tem que me deixar cometer esse crime. Caso senão é o passado que me mata a mim.

– Você, Zeca, tem raiva do passado, tem ciúme do futuro: vai viver só nos agoras?

135 Reformado das pescas, nem no presente tenho cabimento. Enquanto andava no mar, embalado em meu barco, eu não sofria o tempo. Porque essa ondeação era, afinal, uma dança. E a dança, já disse, é melhor maneira de fugir do tempo.

– Venha dançar, Doninha...

– Dançar, eu? Com este corpo?





Vídeo

Mar me quer, de Mia Couto: desfecho da história de Zeca e Luarmina



140 Ela ri, envergonhada. Mas Luarmina não sabe: os que dançam ficam sem corpo. Esperta é a árvore que não mexe e dança a sombra dela no planeta inteiro.

– *Dona Luarmina não se lembra a Maria Bailarina?*

E recordei essa moça do bairro, uma ajunta-brasas. [...]

– *Lembra a Maria Bailarina?*

145 Nada. Luarmina não responde. Terá sequer me escutado? Não há modo nem maneira: Dona vizinha desconfia de desventuras dos outros. Só lhe interessa as antiguidades de que fiz parte. E eu, para subterfugir, aldrabo umas lembranças, desenrasco uns pensamentos. Até, um dia, lhe perguntei:

– *Por que só minhas lembranças, as pessoasis?*

150 A vizinha não respondeu. Antes, retrucou assim:

– *Bom, se lhe custa, então, me conte uns sonhos...*

Mas eu que nem lembro nunca dos sonhos que me visitam enquanto durmo! É que temos horários diferentes: eu e o sonho.

E aviso:

155 – *Hão de ser sonhos falsificados...*

– *Não importa.*

E teimeei. Até porque traz má sorte recordar quem nos visitou durante o sono. Assim, eu iria dar umas demãos de invenção nos meus relatos. Quando não somos nós a inventar o sonho, é ele que nos inventa a nós.

160 – *Não faz mal, Zeca Perpétuo. Hoje, eu até podia pagar para alguém me contar os sonhos.*

Riu-se, em esboço. Mas era uma só tristeza molhada. Depois, deixei minha vizinha em seu assento e fui regressando, em passo lento, a minha casa. Luarmina se entranhou na sua pequena mania, como se descosturasse um pano nenhum:

165 – *Mar me quer, bem me quer...*

Este era o cantochão de Luarmina, o infindo rameramejar dela. Todos fins de tarde a mulata fica sentada, num degrau da varanda, e vai desfolhando infinitas flores. Ao fim de um tempo, todo o pátio está forrado a pétalas, o chão espantado a mil cores.

Mia Couto, *Mar me quer*, Caminho, 2012
(Texto com supressões)

Notas biográficas

Mia Couto (pseudónimo de António Emílio Leite Couto), filho de emigrantes portugueses, nasceu na cidade da Beira, em Moçambique, em 1955. É biólogo e escritor. A sua obra é extensa e diversa, escrevendo desde contos, poesia, romances a crónicas para todas as idades. As suas obras já foram traduzidas e publicadas em vários países, sendo considerado um dos escritores mais importantes de Moçambique. Recebeu vários prémios nacionais e internacionais.



Compreensão do texto

- 1 Classifica o narrador quanto à sua presença e identifica-o.
- 2 Identifica o espaço em que decorre a ação.
- 3 Caracteriza Dona Luarmina no passado e atualmente.
- 4 Atenta nesta citação do texto:
«Mas é pena eu e a vizinha não nos simetricarmos.» (linha 75)
 - 4.1 Explica, de acordo com a história, o que quer dizer Zeca Perpétuo.
 - 4.2 Que sentimentos unem esta relação?
- 5 Que pedido Dona Luarmina faz a Zeca Perpétuo?
 - 5.1 Explica por que razão ele não acede ao seu pedido?
 - 5.2 Qual é a alternativa que ambos encontram?
- 6 Qual é a «pequena mania» de Luarmina?
 - 6.1 Na tua opinião, qual será o motivo desse hábito?
- 7 Explica, por palavras tuas, as seguintes expressões:
 - a) «Além disso, pensar traz muita pedra e pouco caminho.» (linha 28)
 - b) «...mas já estamos ambos na encosta de lá [...]» (linha 77)
 - c) «Às vezes, ainda relampeja nela alguma infância.» (linha 98)
- 8 Na frase seguinte «Você é mas é um aldrabom.» (linha 38) a palavra «aldrabom» foi recriada pelo autor a partir das palavras aldrabão e bom que, ao juntá-las, origina uma nova palavra e, conseqüentemente, um novo significado.
 - 8.1 Qual é o significado desta nova palavra?
 - 8.2 Encontra no texto outros exemplos de novas palavras, procurando determinar as palavras que lhe deram origem e o seu significado.

Palavras
que deram
origem

Novas
palavras

Significado

Gramática no texto

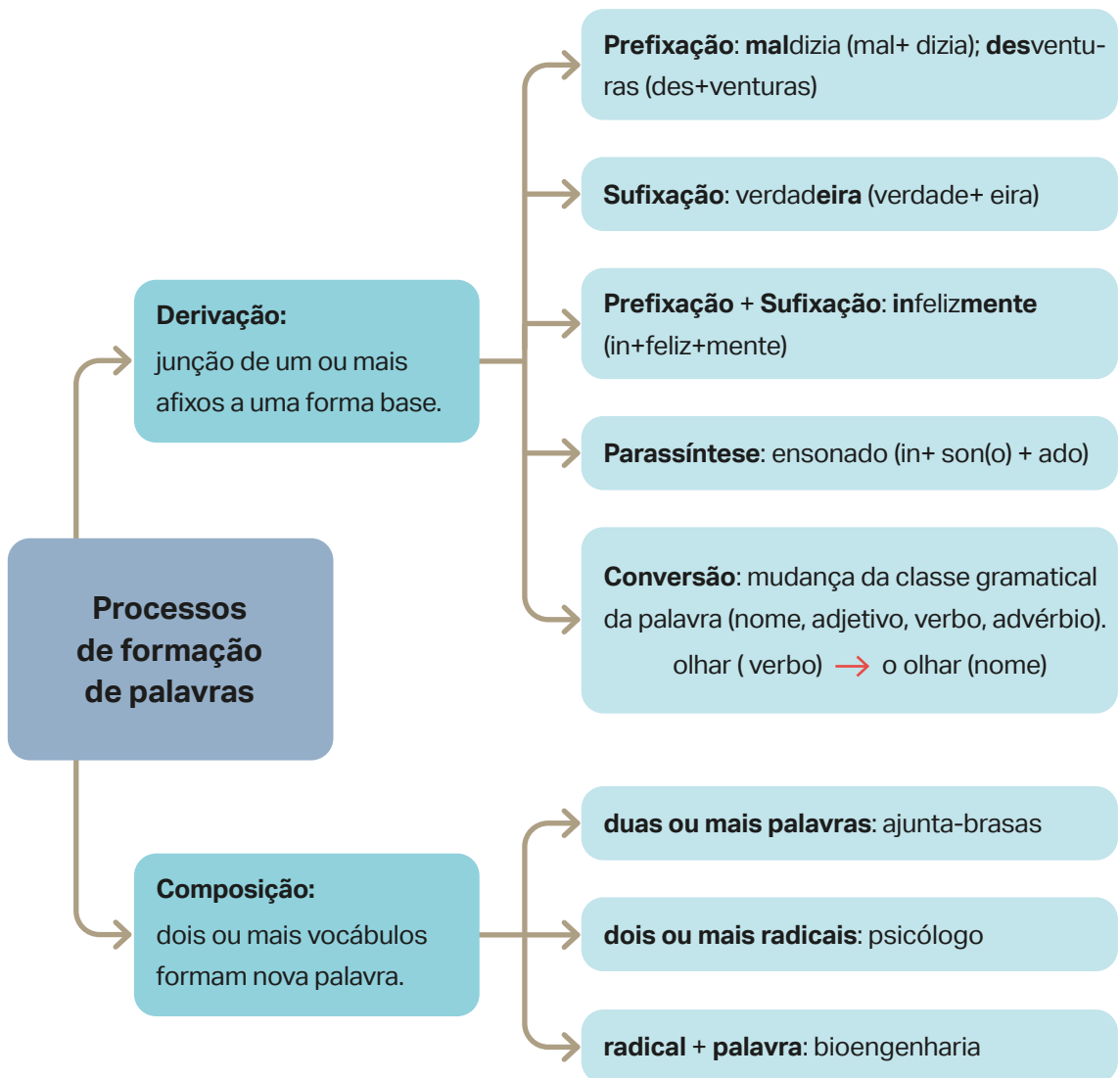


QuizEv
Processos de
formação de
palavras

A inovação lexical de Mia Couto passa, em alguns casos, por adicionar um prefixo a uma palavra ou, noutros, por trocar um prefixo por outro. São exemplos disso, as palavras destacadas nas frases abaixo:

«Só quando eu danço me liberto do tempo – **esvoam** as memórias [...]» (linhas 119 e 120)

«Só para a **esfeiar** e, assim, afastar os candidatos.» (linha 57)



Deves ter em atenção também que é possível haver derivação sem a junção de afixos. Atenta nas seguintes frases:

«É o **mando** de minha vizinha [...]» (linha 10)

«Quando não somos nós a inventar **o sonho**, é ele que nos inventa a nós.» (linhas 158-159)

Nestas frases, as palavras destacadas formam-se por **derivação não afixal** uma vez que estamos perante nomes deverbais (mand- → mando). Com a palavra «o mando», embora a palavra tenha sido recriada pelo autor, há claramente uma mudança de classe morfológica ao adicionar o artigo e o adjetivo por **conversão**, isto é, adiciona-se uma unidade lexical para formar uma nova classe, sem alteração formal.

Exercícios de aplicação

1 Seleciona a opção correta para cada frase.

1.1 O grupo de palavras formadas por parassíntese é

- a) pontapé, anoitecer, ajoelhar. c) maldizer, petróleo, enfurecer.
b) esclarecer, anoitecer, entardecer. d) embora, papelaria, desfazer.

1.2 O grupo de palavras compostas é

- a) envergonhado, pontapé, ajoelhar. c) risonho, fidalgo, vaivém.
b) cozinheiro, propor, prever. d) embora, pontapé, girassol.

1.3 A palavra que não é formada por derivação não afixal é

- a) troca. c) namoro.
b) choro. d) partida.

1.4 As palavras “surdo-mudo”, “saca-rolhas” e “aguardente” são formadas por

- a) composição. c) derivação por sufixação.
b) parassíntese. d) derivação por prefixação.

1.5 O mesmo processo de formação da palavra “principalmente” é observado em

- a) envelhecer. c) totalmente.
b) envergonhado. d) desilusão.

Escrita

e Manual Digital

Vídeo
Meu pé de laranja lima
(trailer)



Na obra de Mia Couto, Zeca Perpétuo conta o seu passado, as suas histórias e os seus sonhos à sua vizinha, Dona Luarmina. Conta uma memória ou um sonho e transforma-o numa pequena história. Não te esqueças de planear o texto e de revê-lo no final.

Personagens Quem são?	
Tempo Quando se passa a ação?	
Espaço Onde se passa a ação?	
Ação 1. Situação inicial 2. Complicação ou conflito 3. Resolução/ situação final	

Antes do texto

- 1 O romance de José Mauro de Vasconcelos, *O meu pé de laranja lima*, foi adaptado ao cinema.

1.1 Ordena os fotogramas do *trailer* que se seguem:



1.1.1. Compara a tua resposta com as dos teus colegas.

1.2. Especula com os teus colegas qual é o assunto, personagens e ação deste filme.

Leitura

1 Lê o texto seguinte:

O meu pé de laranja lima

Mamãe quem teve a idéia.

– Hoje, todo mundo para ver a casa.

Totóca me chamou de lado e me avisou num sussurro:

– Se você contar que a gente já conhece a casa, eu te rebento.

5 Mas eu não tinha nem pensado nisso. Foi aquele mundão de gente pela rua. Glória me dava a mão e tinha ordens para não me desgrudar um minuto. E eu segurava a mão de Luís.

– Quando é que a gente tem de mudar, Mamãe?

Mamãe respondeu para Glória com uma certa tristeza.

10 – Dois dias depois do Natal temos que começar a arrumar os cacarecos.

Ela falava com uma voz cansada, cansada, e eu estava com muita pena dela.

Mamãe nasceu trabalhando. Desde os seis anos de idade quando fizeram a Fábrica que puseram ela trabalhando. Sentavam Mamãe bem em cima de uma mesa e ela tinha que ficar limpando e enxugando ferros. Era tão pequenininha que fazia mo-
15 lhado em cima da mesa porque não podia descer sozinha... Por isso ela nunca foi à Escola e nem aprendeu a ler. Quando eu escutei essa história dela fiquei tão triste que prometi que quando fosse poeta e sábio eu ia ler minhas poesias para ela...

E o Natal se anunciava pelas lojas e armarinhos. Já tinham desenhado Papai Noel em tudo que era vidro de porta. Tinha gente comprando cartão para que quando che-
20 gasse a hora não enchesse demais de gente tudo quanto era casa de comércio. Eu tinha uma esperança lá longe que dessa vez o Menino Deus fosse nascer. Ele mesmo para mim. Enfim quando eu ficasse da idade da razão, talvez eu melhorasse um pouco.

– É aqui.

Todos ficaram encantados. A casa era um pouco menor. Mamãe ajudada por To-
25 tóca destorceu um arame que prendia o portão e foi aquele avanço. Glória soltou a minha mão e esqueceu-se que estava ficando mocinha. Desabalou à carreira e abraçou a mangueira.

– A mangueira é minha. Peguei primeiro.

Antônio fez a mesma coisa com o pé de tamarindo.

30 Não sobrara nada para mim. Olhei quase chorando para Glória.

– E eu, Godóia?

– Corre lá no fundo. Deve ter mais árvore, bobo.



Corri, mas só encontrei um capinzal crescido. Um bando de laranjeira velha e espinhuda. Junto do valão tinha um pequeno pé de Laranja Lima.

35 Fiquei desapontado. Todos estavam visitando os cômodos e determinando para quem seriam os quartos.

Puxei a saia de Glória.

– Não tinha nada mais.

– Você não sabe procurar direito. Espere aí que vou achar uma árvore para você.

40 E logo depois ela veio comigo. Examinou as laranjeiras.

– Você não gosta daquela? Olhe que é uma bela laranjeira.

Não gostava de nenhuma mesmo. Nem daquela. Nem daquela e nem de nenhuma. Todas tinham muito espinho.

– Pra ficar com essas feiuras, eu ainda preferia o pé de Laranja Lima.

45 – Onde?

Fomos lá.

– Mas que lindo pezinho de Laranja Lima! Veja que não tem nem um espinho. Ele tem tanta personalidade que a gente de longe já sabe que é Laranja Lima. Se eu fosse do seu tamanho, não queria outra coisa.

50 – Mas eu queria um pé de árvore grandão.

– Pense bem, Zezé. Ele é novinho ainda. Vai ficar um baita pé de laranja. Assim ele vai crescer junto com você. Vocês dois vão se entender como se fossem dois irmãos. Você viu o galho? É verdade que é o único que tem, mas parece até um cavaliinho feito pra você montar.

55 Estava me sentindo o maior desgraçado da vida. Me lembrava da garrafa de bebida que tinha a figura dos anjos escoceses. Lalá disse, esse sou eu. Glória apontou outro para ela. Totóca pegou outro pra ele e eu? Eu fiquei sendo aquela cabecinha lá atrás, quase sem asa. O quarto anjo escocês que nem era um anjo inteiro... Sempre eu tinha que ser o último. Quando crescesse iam ver só. Ia comprar uma selva amazônica e todas as árvores que tocavam no céu, seriam minhas. Compraria um armazém de garrafas cheias de anjo e ninguém ganhava um pedaço de asa.

60 Emburrei. Sentei no chão e encostei a minha zanga no pé de Laranja Lima. Glória se afastou sorrindo.

– Essa zanga não dura, Zezé. Você vai acabar descobrindo que eu tinha razão.

65 Cavouquei o chão com um pauzinho e começava a parar de fungar. Uma voz falou vindo de não sei onde, perto do meu coração.

– Eu acho que sua irmã tem toda a razão.

– Sempre todo mundo tem toda a razão. Eu é que não tenho nunca.

– Não é verdade. Se você me olhasse bem, você acabava descobrindo.

70 Eu levantei assustado e olhei a arvorezinha. Era estranho porque sempre eu conversava com tudo, mas pensava que era o meu passarinho de dentro que se encarregava de arranjar fala.

– Mas você fala mesmo?

– Não está me ouvindo?

75 E deu uma risada baixinha. Quase saí aos berros pelo quintal. Mas a curiosidade me prendia ali.

– Por onde você fala?

– Árvore fala por todo canto. Pelas folhas, pelos galhos, pelas raízes. Quer ver? Encoste seu ouvido aqui no meu tronco que você escuta meu coração bater.

80 Fiquei meio indeciso, mas vendo o seu tamanho, perdi o medo. Encostei o ouvido e uma coisa longe fazia tique... tique...

– Viu?

– Me diga uma coisa. Todo mundo sabe que você fala?

– Não. Só você.

85 – Verdade?

– Posso jurar. Uma fada me disse que quando um menininho igualzinho a você ficasse meu amigo, que eu ia falar e ser muito feliz.

– E você vai esperar?

– O quê?

90 – Até eu me mudar. Vai demorar mais de uma semana. Será que você não vai se esquecer de falar nesse tempo?

– Nunca mais. Isto é, para você só. Você quer ver como eu sou macio?

– Como é que...

– Monte no meu galho.

95 Obedeci.

– Agora, dê um balancinho e feche os olhos.

Fiz o que mandou.

– Que tal? Você alguma vez na vida teve cavalinho melhor?

100 – Nunca. É uma delícia. Até vou dar o meu cavalinho Raio de Luar para meu irmão menor. Você vai gostar muito dele, sabe?

Desci adorando o meu pé de Laranja Lima.

– Olhe, eu vou fazer uma coisa. Sempre quando puder, antes de mudar, eu venho dar uma palavrinha com você... Agora preciso ir, já estão de saída lá na frente.

– Mas, amigo não se despede assim.

105 – Psiu! Lá vem ela.

Glória chegou mesmo na hora em que eu o abraçava.

– Adeus, amigo. Você é a coisa mais linda do mundo!

– Não falei a você?

110 – Falou, sim. Agora se vocês me dessem a mangueira e o pé de tamarindo em troca da minha árvore, eu não queria.

Ela passou a mão nos meus cabelos, ternamente.

– Cabecinha, cabecinha!...

Sáimos de mãos dadas.

- 115 – Godóia, você não acha que sua mangueira é meio burrona?
– Ainda não deu para saber, mas parece um pouco.
– E o pé de tamarindo de Totóca?
– É meio sem jeitão, por quê?
– Não sei se posso contar. Mas um dia eu conto um milagre para você, Godóia.

José Mauro de Vasconcelos, *O meu pé de laranja lima*, Editora Fábula, 2018

Notas biográficas

José Mauro de Vasconcelos é um escritor brasileiro que nasceu no Rio de Janeiro em 1920 e morreu em São Paulo em 1984. Publicou em 1968 o seu livro mais conhecido, *O meu pé de laranja lima*, que foi adaptado à televisão, ao cinema e ao teatro. É considerado um autor clássico da literatura juvenil brasileira do século XX, tendo recebido o mais importante prêmio literário brasileiro em 1967, o Prêmio Jabuti de Romance.



Compreensão do texto

- 1 Classifica o narrador quanto à sua presença e identifica-o
 - 1.1 Caracteriza-o de acordo com o excerto.
- 2 Por que razão o narrador sente pena da mãe?
- 3 Indica em que tempo se passa a história.
- 4 Quando chegam à nova casa, inicialmente Zezé fica desapontado. Explica a razão do seu desapontamento.
 - 4.1 De que maneira a sua irmã tenta animá-lo?
- 5 «Mas um dia eu conto um milagre para você, Godóia.» (linha 118). A que milagre se referia Zezé?
- 6 Explica o significado das palavras e/ou expressões retiradas do texto:
 - a) «arrumar os cacarecos» (linha 10)
 - b) «Desabalou à carreira [...]» (linha 26)
 - c) «Vai ficar um baita pé de laranja.» (linha 51)

- d) «Cavouquei o chão com um pauzinho [...]» (linha 65)
- e) «É meio sem jeitão [...]?» (linha 117)

- 7 Indica os vários desejos para o futuro que Zezé expressa.
- 8 Este romance é considerado um romance autobiográfico. Justifica esta afirmação, apoiando-te no excerto.

Funcionamento da língua

- 1 Identifica as classes morfológicas a que pertencem as palavras destacadas.
 - a) «Foi aquele **mundão** de gente pela rua.» (linhas 5 e 6)
 - b) «Era tão **pequeninha** que fazia molhado em cima da mesa[...]» (linhas 14 e 15)
 - c) «Mas que lindo **pezinho** de Laranja Lima!» (linha 47)
 - d) «Mas eu queria um pé de árvore **grandão**.» (linha 50)
 - e) «Ele é **novinho** ainda.» (linha 51)
 - f) «[...]parece até um **cavalinho** feito pra você montar.» (linhas 53 e 54)
 - g) «[...] quando um **meninho igualzinho** a você ficasse meu amigo [...]» (linhas 86 e 87)
 - h) « – Godóia, você não acha que sua mangueira é meio **burrona**?» (linha 114)
 - i) « – É meio sem **jeitão**, por quê?» (linha 117)

1.1 Identifica o grau em que se encontram.

1.1.1 Justifica a opção pelos diferentes graus em cada um dos contextos.

- 2 Sendo este romance escrito em português do Brasil, podes encontrar algumas variações lexicais e sintáticas em relação a outras variedades do português faladas no mundo. Retira do texto alguns exemplos.

2.1 Reescreve esses exemplos de acordo com outra variedade que conheças.

Saber

O **romance** é um género narrativo ficcional em prosa, em que a ação é mais longa e mais complexa que na novela e no conto, em que as personagens são apresentadas com maior densidade psicológica e o tempo e o espaço são categorias mais elaboradas. Os romances costumam ter um enredo complexo, com digressões ou desvios e, por vezes, com histórias secundárias, com outras personagens, que se cruzam com o enredo principal.

Gramática no texto



Interatividade
Tempos do
modo indicativo

As palavras destacadas neste excerto do texto são verbos, a única classe morfológica que se conjuga. A conjugação verbal implica flexão em modo, tempo, pessoa, número e voz.

«Mas eu não **tinha nem pensado** nisso. [...] **Foi** aquele mundão de gente pela rua. Glória me **dava** a mão e **tinha** ordens para não me desgrudar um minuto. E eu **segurava** a mão de Luís.
– Quando é que a gente **tem** de mudar, Mamãe?
Mamãe **respondeu** para Glória com uma certa tristeza.» (linhas 5 a 9)

Os tempos verbais do modo indicativo mais recorrentes no texto narrativo são:

- **presente**: expressa um facto ou uma ação no momento atual.
- **pretérito imperfeito**: no passado, pode ter um valor de continuidade, habitualidade ou repetição; no presente, usa-se com o valor de cortesia.
- **pretérito perfeito simples**: expressa uma ação concluída num determinado momento no passado.
- **pretérito mais-que-perfeito simples ou composto**: indica uma ação no passado, anterior em relação a outra ação no passado.
- **futuro simples**: indica uma ação futura em relação ao momento da narrativa.

Exercícios de aplicação

1 Completa o excerto com os verbos entre parênteses no tempo indicado.

«..... (**dever – pretérito imperfeito**) estar com os óculos na ponta do nariz, lendo anúncio. (**dar/ eu – pretérito perfeito simples**) volta na casa. (**espiar/ eu – pretérito perfeito simples**) as goiabeiras e nada. Aí (**ver/ eu – pretérito perfeito simples**) Tio Edmundo roncando na rede armada entre a cerca e um tronco de laranjeira. Ele (**roncar – pretérito imperfeito**) como um porco. A boca meio mole e aberta. O jornal (**cair – pretérito mais-que-perfeito composto**) no chão.»

José Mauro de Vasconcelos, *O meu pé de laranja lima*, Editora Fábula, 2018

Projeto fora da sala de aula 2

Campanha publicitária de incentivo à leitura

Tendo em conta que acabaste de ler e contactar com diferentes textos de diferentes autores, propomos-te que desenvolvas uma campanha publicitária, composta por várias iniciativas, para promover a leitura na tua comunidade escolar. Os objetivos deste projeto são, por um lado, desenvolver a tua capacidade de trabalho colaborativo e, por outro lado, estimular a tua criatividade, promovendo o gosto pela leitura nos teus colegas da escola.



Fases de execução do projeto

1. Troca de ideias coletiva sobre iniciativas a integrar na campanha

- Construção de anúncios publicitários (em suportes diversos: cartazes, vídeos, áudios) para divulgar junto da tua comunidade escolar.
- Leitura, gravação ou divulgação escrita de sinopses ou excertos motivadores de obras.
- Organização de “hora do conto”.
- Divulgação de filmes adaptados de obras da literatura juvenil.
- Divulgação de obras de autores lusófonos.
- Outro tipo de iniciativas.

2. Organização dos grupos de trabalho

Pode haver atividades realizadas por toda a turma, em pares e em pequenos grupos.

3. Calendarização das atividades

- Data da campanha (por exemplo, ao longo de um período ou concentrada numa semana).
- Prazos para execução e apresentação prévia dos diferentes trabalhos: alguns dos trabalhos ou iniciativas podem ser apresentados em formato digital ou em formato físico, contudo pode haver um local de divulgação de toda a campanha, como o site da escola.

4. Pesquisa e seleção de materiais para as diferentes atividades

5. Elaboração dos materiais necessários à concretização das tarefas

6. Realização das atividades previstas

7. Elaboração de uma reportagem vídeo ou fotográfica das atividades realizadas

- Posterior divulgação no site da escola, um Padlet, um blogue ou uma página no Instagram.

Pode ser sempre feito interdisciplinarmente, em articulação com os outros professores e as outras disciplinas.

Ficha formativa 2

Grupo I – Compreensão oral

1 Vê com atenção o seguinte excerto da reportagem.

1.1 De acordo com o vídeo, seleciona a opção adequada para completar cada frase:

a) Ser cabo-verdiano é

- ser um lutador que defende o seu povo e a sua família.
- ser capaz de defender os valores e princípios das suas origens.
- ser um lutador na defesa dos seus objetivos.

b) Ser cabo-verdiano é ser

- perseverante.
- confiante.
- prestável.



c) Ser cabo-verdiano é ser

- um ilhéu com uma cultura específica num espaço global.
- um africano que se distingue pela sua especificidade diferente de outras culturas africanas.
- um africano de cultura mestiça fechado para o mundo.

d) De acordo com o antropólogo Brito Semedo, a identificação do cabo-verdiano reside

- exclusivamente na sua individualidade crioula.
- na influência que tiveram outras culturas na construção da sua identidade.
- na pertença a uma sociedade que tem individualidade, mas que está em contacto com o resto do mundo através da língua portuguesa.

e) Além da identidade nacional, o cabo-verdiano possui

- uma especificidade proveniente dos seus antepassados.
- traços característicos do seu local de origem.
- características de natureza familiar.



Vídeo
Ser cabo-
-verdiano,
Nha Terra
Nha Cretcheu



Grupo II – Compreensão do texto

1 Lê a crónica seguinte:

Palavras de silêncio



A noite enrolou-se à volta da árvore, reacendeu o brilho intermitente das luzes sobre o Menino Jesus do presépio e fez disparar a ansiedade do bisavô que não para entre a cozinha e as janelas e inventa serviço, sob o olhar tranquilo da esposa.

5 Um pouco mais tarde, em sincronia, como se conduzidos por uma máquina de precisão, os familiares e convidados com novos casais, novos filhos e compa-
nheiras e companheiros atualizados chegam juntos e é bonito o momento que
constroem com cumprimentos, risos ruidosos, abraços largos e o atropelo das
falas. Canções contam histórias do Natal. Perfeição? Arriscado assumir a defini-
10 ção, mas sim, na verdade, há uma visível harmonia do sagrado e da mestria pro-
fana com o sublime. Porque não se consegue agarrar momentos especiais como
esse e prendê-los junto de nós ou à janela da vida?

Do meu poiso de **voyeurista** noto que à medida que o tempo passa tudo fica
incrivelmente calmo. Aliás, calmo não é a palavra certa, melhor seria abstrato ou
15 impessoal. Para onde foram as exclamações e as inquietantes gargalhadas? Para
onde foram os coros e os risos? Que é dos gestos de surpresa de vidas que se co-
memoram juntos? As crianças, porque se calaram? Porque não correm atrás das
surpresas da noite? Sigo observando as emoções que vagueiam pelos vários ros-
tos e oiço comentários definitivos, urgentes e cautelosos, sem destinatários visí-
20 veis, uma espécie de alegria privada, um pensamento solitário que cada um gere
conforme os interesses cambiados pelos telemóveis.
O bisavô continua a fazer perguntas, mas não sabe se alguém escuta: Porque as palavras não falam?
Quem lhes cortou o dom? Porque não respondem?
25 Porque não reconheço nelas os dias e a dor? Onde o seu riso? Porque não gritam ou praguejam? Porque
não trazem novas vozes, novas lembranças... Porque

Glossário

Voyeurista (n. m.): aquele que observa, às escondidas ou sem dar nas vistas, as ações levadas a cabo por outras pessoas.

Ficha formativa

perderam o sentido? Porque essa indiferença... porque, porque me abandonaram? Porque esse ruído estranho que eu oiço e não entendo? – olha à volta, perturbado, e interroga-se sobre o milagre que faz um pequeno aparelho como um telemóvel receber tanto consenso e atenção, qual privilegiado membro da família, e tenta compreender o visível carinho que lhe é dedicado e aos seus poderes. As histórias incríveis do curto tempo de vida dos smartphones, tablets, computadores, antigos e novos aparelhos misturam-se e chegam a comover. Ele gostaria também de se poder comover.

A bisavó, ausente no seu olhar, mantém o sorriso do início da noite. Em que nuvem viajará ela?

De repente um grito e uma exclamação funda de horror. Pessoas nervosas, inquietas e desarmadas. Desespero à solta. Uma criança chora. Um assalto? Um incêndio?

A exclamação para o tempo e percorre a mesa e a casa.

A ideia de um filme “Vidas encapotadas” faz sentido. Sacudo o pensamento.

Um adolescente, meio sufocado, gagueja: – A internet foi-se. Um corte geral.

Disponível em expressodasilhas.cv [consult. 17 jan 2023]

1.1 Classifica as seguintes afirmações em verdadeiras (V) ou falsas (F). Corrige as falsas.

- a) A ação passa-se na noite de Natal.
- b) Os avós esperam ansiosamente a chegada de todos.
- c) A chegada da família é um momento caloroso de afetos.
- d) O atropelo de falas e os risos ruidosos mantêm-se ao longo da noite.
- e) Os bisavós fazem exatamente o mesmo que os restantes familiares.
- f) O narrador é o único que claramente se apercebe da situação.

1.2 Relaciona o título com o conteúdo do texto.

Grupo III – Funcionamento da língua

1 Atenta no seguinte excerto:

«Para onde **foram** as exclamações e as inquietantes gargalhadas? [...] Que é dos gestos de surpresa de vidas que se **comemoram** juntos? As crianças, porque **se calaram**? Porque não **correm** atrás das surpresas da noite? **Sigo observando** as emoções que **vagueiam** pelos vários rostos e **oiço** comentários definitivos, urgentes e cautelosos [...]» (linhas 15 a 19)

1.1 Classifica os verbos destacados como dinâmicos ou sensitivos.

1.2 Identifica os tempos verbais e os modos verbais das formas verbais destacadas.

2 Atenta nas palavras seguintes:

ruidoso

incrivelmente

telemóvel

indiferença

bisavó

desarmadas

corte

2.1 Classifica-as quanto ao seu processo de formação.

Grupo IV – Escrita

«Um adolescente, meio sufocado, gagueja: – A internet foi-se. Um corte geral.»

Num texto de 140 a 200 palavras, torna-te um cronista e, como um bom observador de toda a cena familiar, imagina como terá sido a restante noite desta família a partir deste momento.

Na redação do teu texto, não te esqueças de:

- planificar o teu texto;
- ter em atenção as características textuais da crónica;
- fazer uma revisão cuidada no final.

3





O texto literário

– textos narrativos de autores não lusófonos

Ler é sonhar pela mão de outrem. Ler mal e por alto é libertarmo-nos da mão que nos conduz. A superficialidade na erudição é o melhor modo de ler bem e ser profundo.

Fernando Pessoa, *Livro do desassossego*, Assírio & Alvim, 2013

Objetivos da unidade 3:

- ler obras literárias de autores estrangeiros;
- comparar ideias e valores de textos de autores diferentes;
- reconhecer valores culturais, éticos, estéticos, religiosos e políticos manifestados nos textos;
- explicitar o tema ou o sentido global de um texto;
- estabelecer relações de intertextualidade;
- identificar e reconhecer o valor de determinados recursos expressivos;
- produzir textos de tipologias diversas.

Antes do texto

- 1 Jorge de Sena, conceituado escritor português e responsável por traduzir *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway, escreveu o prefácio seguinte:

«[...] traduzir Hemingway tem sido um dos meus gostos e uma das minhas honras de tradutor. E em particular este pequeno romance passa por ser uma **obra-prima** da literatura contemporânea e talvez que o tempo ponha entre as obras-primas da literatura universal. [...] Não é, no entanto, uma obra extensa, de ação complexa, de variado e movimentado ambiente. É, antes, um breve poema em prosa, uma **epopeia** de simples **trama**, singelamente narrada. Mas é, por outro lado, muito mais do que isso: um **breviário** nobilíssimo da dignidade humana, escrito com a mais requintada das artes. Poucas vezes, no nosso tempo, terá sido concebida e realizada uma obra tão pura, em que a natureza e humanidade sejam, frente a frente, tão verdade.»

Jorge de Sena, Prefácio de *O velho e o mar* de Ernest Hemingway, Livros do Brasil, 2015

1.1 Como é que o tradutor define a obra de Hemingway?

1.1.1 Procura no dicionário o significado das palavras seguintes:

a) obra-prima; b) epopeia; c) trama; d) breviário.

1.2 Que pistas dá o tradutor sobre o conteúdo deste «pequeno romance»?

Leitura

- 1 Agora, vais ler um excerto do conto.

Era um velho que pescava sozinho num esquife na Corrente do Golfo, e saíra havia já por oitenta e quatro dias sem apanhar um peixe. Nos primeiros quarenta dias um rapaz fora com ele. Mas, após quarenta dias sem um peixe, os pais do rapaz disseram a este que o velho estava definitivamente e declaradamente **salao**, o que é a pior forma de azar, e o rapaz fora por ordem deles para outro barco que na primeira
5 semana logo apanhou três belos peixes. Fazia tristeza ao rapaz ver todos os dias o velho voltar com o esquife vazio e sempre descia a ajudá-lo a trazer as linhas arrumadas ou o **croque** e o arpão e a vela enrolada no mastro. A vela estava remendada com quatro velhos sacos de farinha e, assim ferrada, parecia o estandarte da perpétua derrota.
10 O velho era magro e seco, com profundas rugas na parte de trás do pescoço. As manchas castanhas do benigno

Glossário

Salao (adj.): azarado.

Croque (n. m.): vara com um gancho na ponta para atracar barcos.

cancro da pele que o sol provoca ao refletir-se no mar dos trópicos viam-se-lhe no rosto. As manchas iam pelos lados da cara abaixo, e as mãos dele tinham as cicatrizes profundamente sulcadas, que o manejo das linhas com peixe graúdo dá. Mas nenhuma destas cicatrizes era recente. Eram antigas como erosões num deserto sem peixes.

Tudo nele e dele era velho, menos os olhos, que eram da cor do mar e alegres e não vencidos.

– Santiago – disse o rapaz, ao virem da praia para onde fora alado o esquite. –
20 Posso tornar a ir contigo. Já ganhámos algum dinheiro.

O velho ensinara o rapaz a pescar e o rapaz gostava muito dele.

– Não – respondeu o velho. – Andas num barco de sorte. Fica com eles.

– Mas lembra-te de como saíste oitenta e sete dias sem peixe, e depois apanhaste só grandes, todos os dias, três semanas a fio.

25 – Lembro – disse o velho. – Bem sei que não me deixaste por duvidares.

– Foi o papá quem me mandou. Sou um rapaz pequeno e tenho de lhe obedecer.

– Bem sei – disse o velho. – É assim mesmo.

– Não têm grande fé...

– Pois não. Mas nós temos. Então não temos?

30 – Temos – respondeu o rapaz. – Posso pagar-te uma cerveja no Terraço e depois levamos a tralha para casa?

– E porque não? – disse o velho. – Entre pescadores!

Sentaram-se no Terraço e muitos dos pescadores fizeram troça do velho e ele não se zangou. Outros, dos pescadores mais velhos, olhavam-no e ficavam tristes. Mas não o mostravam e falavam atenciosamente da corrente e dos fundos a que haviam
35 deitado as linhas e do bom tempo firme e do que tinham visto. Os pescadores de sorte nesse dia já lá estavam e tinham aberto os grandes peixes e tinham-nos trazido ao comprido em duas tábuas, com dois homens atrapalhados à ponta de cada tábua, até à pescaria onde esperariam pelo camião frigorífico que os levaria ao mercado de
40 Havana. Os que haviam pescado tubarões tinham-nos levado à fábrica, do outro lado da enseada, onde eram içados com um cadernal, e lhes eram extraídos os fígados, cortadas as barbatanas, esfoladas as peles, e a carne feita em postas para salgar.

Ernest Hemingway, *O velho e o mar*, Livros do Brasil/Porto Editora, 2015

Notas biográficas

Ernest Hemingway escritor americano natural do Ilinois é um dos grandes nomes da literatura do século XX. Ganhou o Prémio Pulitzer (1953), com *O Velho e o Mar*, e em 1954 o Prémio Nobel de Literatura.



Compreensão do texto

- 1 Transcreve excertos textuais que situem a ação no tempo e no espaço.
- 2 Identifica as personagens intervenientes na ação.
 - 2.1 Atenta no primeiro parágrafo do texto e seleciona um excerto que ilustre os seguintes aspetos em torno das personagens:
 - a) solidão;
 - b) má sorte;
 - c) compaixão;
 - d) miséria;
 - e) derrota.
 - 2.2 Que elemento do retrato físico de Santiago parece contrariar o estado de coisas negativas em torno dele? Explica.
 - 2.2.1 O que isso diz do seu carácter?
- 3 O rapaz e o velho mantêm uma relação importante. Indica as razões que levam o rapaz a deixar o velho.
 - 3.1 Como reage o velho à ida do rapaz para outro barco?
- 4 Sentado no terraço com o rapaz, o velho é confrontado com determinadas atitudes de outros pescadores. Identifica essas atitudes.
 - 4.1 Refere o motivo delas.
 - 4.2 Como reage o velho a essas atitudes?
- 5 Explica, por palavras tuas, a seguinte frase: «Mas nenhuma destas cicatrizes era recente. Eram antigas como erosões num deserto sem peixes.» (linhas 14 a 16)
 - 5.1 Identifica dois recursos expressivos presentes na frase.
- 6 Identifica os diferentes modos de representação do discurso presentes neste excerto, dando um exemplo para cada um deles.
- 7 Explica o título escolhido pelo autor para este romance.

Funcionamento da língua

- 1 Identifica, exemplificando, diferentes tipos de frase utilizados no excerto.

2 Divide e classifica as orações do seguinte excerto: «As manchas iam pelos lados da cara abaixo, e as mãos dele tinham as cicatrizes profundamente sulcadas [...]. Mas nenhuma destas cicatrizes era recente.» (linhas 13 a 15)

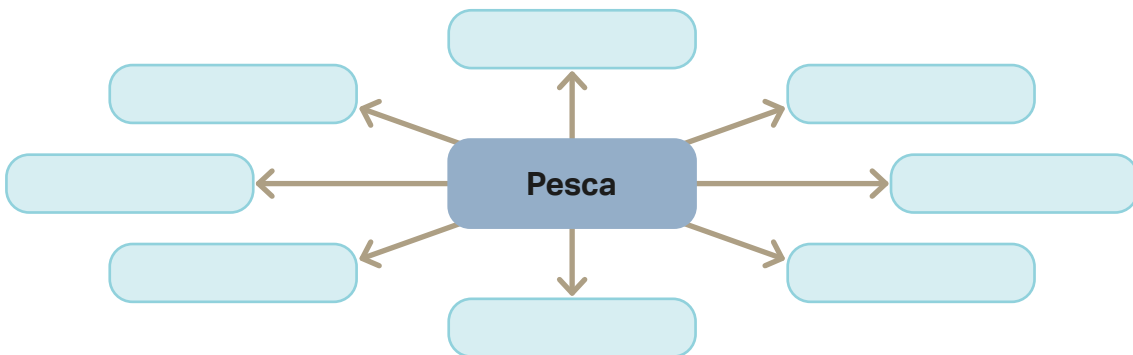
3 Classifica as formas verbais destacadas do excerto quanto ao tempo e modo.

«Sentaram-se no Terraço e muitos dos pescadores **fizeram** troça do velho e ele não se **zangou**. Outros, dos pescadores mais velhos, **olhavam-no** e ficavam tristes. Mas não o **mostravam** e **falavam** atenciosamente da corrente e dos fundos a que **havam deitado** as linhas e do bom tempo firme e do que **tinham visto**.» (linhas 33 a 36)

3.1 A que se referem as formas pronominais destacadas em «olhavam-**no**» e «não o mostravam»?

3.1.1 Explica a posição dos pronomes em ênclise em «olhavam-**no**» e em próclise em «não o mostravam».

4 Ao longo do texto, existem vários vocábulos relacionados com a atividade marítima, nomeadamente a pesca. Faz o levantamento de todos os vocábulos do campo lexical de pesca.



Gramática no texto

Barco, peixe e esquite são algumas das palavras do **campo lexical** de pesca isto é, o conjunto de palavras que, pelo seu significado, se associam a um determinado conceito ou ideia. O **campo semântico** diz respeito aos vários significados que uma palavra pode adquirir, conforme o contexto. Por exemplo, a palavra "mão" pode significar:

- Ele aleijou a **mão**. → órgão da extremidade do membro superior
- A professora não teve **mão** para aquela turma. → poder ou domínio

Exercícios de aplicação

1 Identifica, em cada conjunto, a palavra que não pertence ao campo lexical.

- a) água • banhistas • nadar • cavalos • peixes • algas • areia
- b) calças • camisola • vento • calções • casaco • meias • camisa
- c) neve • mar • rio • gelo • lagos • árvore • poços
- d) alunos • quadro • professor • sala • caneta • caderno • casa
- e) Cabo Verde • Angola • Moçambique • Guiné • Portugal • S. Tomé e Príncipe • África do Sul

1.1 Identifica a que campo lexical pertence cada conjunto.

2 Indica o significado da palavra destacada em cada par de frases:

- a) Ele pôs um **ponto** no fim da frase. / A mãe deu um **ponto** nas meias rotas.
- b) O Miguel tinha um **formigueiro** nas mãos. / Ela pisou um **formigueiro** e foi picada.
- c) O anel não coube no **indicador**. / A subida dos salários é um **indicador** positivo.

2.1 Identifica a relação semântica das palavras destacadas.

Escrita

Imagina que o rapaz vai conversar com outro pescador sobre o velho e a má sorte que o persegue. Recria o diálogo entre os dois. Lembra-te de rever o texto no final.

Oralidade

1 Ouve a canção "Navega", de Mayra Andrade.

- 1.1 Descreve, segundo a canção, a «vida di piscador».
- 1.2 Que semelhanças e/ou diferenças encontras entre a vida do pescador da canção e a vida da personagem do romance de Hemingway?



Antes do texto

- 1 Lê o poema de José Saramago.

“A ti regresso, mar...”

A ti regresso, mar, ao gosto forte
Do sal que o vento traz à minha boca,
À tua claridade, a esta sorte
Que me foi dada de esquecer a morte
5 Sabendo embora como a vida é pouca.

A ti regresso, mar, corpo deitado,
Ao teu poder de paz e tempestade,
Ao teu clamor de deus acorrentado,
De terra feminina rodeado,
10 Prisioneiro da própria liberdade.

A ti regresso, mar, como quem sabe
Dessa tua lição tirar proveito.
E antes que esta vida se me acabe,
De toda a água que na terra cabe
Em vontade tornada, armado o peito.

José Saramago, *Os poemas possíveis*, Porto Editora, 2014

- 1.1 Este poema de José Saramago evoca a grandeza do mar. Analisa-o em conjunto com os teus colegas e procurem descrever o poder do mar.

Leitura

- 1 Agora, vais ler outro excerto do conto, *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway.

O velho bebeu devagar o seu café. Era quanto comeria o dia inteiro, e sabia que precisava de o tomar. Havia muito tempo que o maçava comer, e nunca levava merenda. Na proa do barco tinha uma garrafa de água, e de mais não precisava.

e Manual Digital

Áudio
“A ti regresso, mar...”, de José Saramago



O rapaz voltou com as sardinhas e as iscas embrulhadas num jornal, e desceram
5 até ao esquife, sentindo debaixo dos pés a areia com seixos, e pegaram no esquife e
meteram-no ao mar.

– Boa sorte, meu velho.

– Boa sorte – respondeu o velho. Enfiou as amarrações de corda dos remos nos
toletes e, debruçando-se contra a resistência das pás na água, começou a remar nas
10 trevas para fora do porto. Havia barcos de outras praias saindo para o mar, e o velho
ouvia-lhes o mergulhar e o impulso dos remos embora não pudesse vê-los, com a
lua já posta atrás dos montes.

Às vezes, num barco alguém falava. Mas a maior parte dos barcos ia silenciosa,
à exceção do mergulhar dos remos. Dispersaram-se, uma vez chegados à emboca-
15 dura do porto, e cada qual aproou à parte do oceano em que esperava encontrar
peixe. O velho sabia que ia muito para o largo, e deixou para trás o cheiro de terra e
remou para o lavado e matinal cheiro do oceano. Via a fosforescência dos sargaços
do Golfo na água, ao remar por sobre aquela parte que os pescadores chamam “o
grande poço” e era uma súbita fossa de setenta braças onde se congregava toda a
20 espécie de peixes arrastados pelo redemoinho da corrente contra a abrupta parede
do fundo do oceano. Havia aí concentrações de camarões e de peixes de isca e, às
vezes, bandos de calamares nas cavidades mais fundas, e estes subiam à noite até à
superfície onde todos os peixes comiam neles.

No escuro o velho sentia a manhã que vinha, e remando ouvia o som trémulo
25 dos peixes-voadores a sair da água e o silvo que as asas tesas faziam quando eles
cortavam as trevas. Gostava muito dos peixes-voadores, seus diletos amigos no
oceano. Dos pássaros tinha pena, em especial das andorinhas-do-mar, escuras, deli-
cadas, pequenas, que andavam sempre a voar e a olhar e a quase nunca encontrar
nada, e pensava: “As aves têm uma vida mais dura do que a nossa, à exceção das de
30 rapina e das muito fortes. Porque há pássaros tão delicados e finos como essas an-
dorinhas, quando o oceano pode ser tão cruel? É gentil e muito belo. Mas sabe ser
tão cruel, e sê-lo tão de súbito, que tais pássaros que voam e mergulham à caça, com
as suas vozinhas tristes, são demasiado delicados para o mar”.

Sempre pensava no mar como la mar, que é o que o povo lhe chama em espa-
35 nhol, quando o ama. Às vezes, aqueles que gostam do mar dizem mal dele, mas
sempre o dizem como se ele fosse mulher. Alguns dos pescadores mais novos, os
que usam boias por flutuadores e têm barcos a motor, comprados quando os figa-
dos de tubarão davam muito dinheiro, dizem el mar, que é masculino. Falavam dele
como de um antagonista, um lugar, até um inimigo. Mas o velho sempre pensava
40 no mar como feminino, como algo que entrega ou recusa favores supremos, e, se
tresvariava ou fazia maldades era porque não podia deixar de as fazer. A lua influi
no mar como as mulheres, pensava ele.

Remava vigorosamente, o que não constituía um esforço para ele, visto que mantinha o andamento, e a superfície do oceano estava chã, com apenas ocasionais redemoinhos da corrente. Deixava que a corrente fizesse um terço do trabalho, e ao começar a ser dia viu que já ia mais longe do que esperava ir àquela hora.

“Andei nos fundões uma semana, e nada”, pensou. “Pois vou hoje para onde vogam os cardumes de bonitos e albacoras, e talvez por lá apareça um dos grandes.”

Ernest Hemingway, *O velho e o mar*, Livros do Brasil/Porto Editora, 2015

Compreensão do texto

- 1 Enumera as aves e os peixes pelos quais o velho sente simpatia.
- 2 Retira do texto as referências ao tempo da ação.
- 3 O mar é, para o velho, uma entidade contraditória.
 - 3.1 Explica essa contradição, tendo em conta os adjetivos usados para o caracterizar.
 - 3.2 Descreve a relação entre as andorinhas e o mar.
- 4 Explica a diferença entre «la mar» e «el mar» (linhas 34 e 38).
- 5 Atenta na descrição da partida do velho.
 - 5.1 Seleciona do texto um exemplo para ilustrar cada uma das sensações: auditivas, olfativas e visuais.

	Sensações auditivas	Sensações olfativas	Sensações visuais
Excertos do texto			

- 5.2 Que tipo de sensações predomina?
 - 5.2.1 Explica esse predomínio.
- 5.3 Além da **sinestesia** (mistura de sensações), identifica outros recursos expressivos que enriquecem a descrição.

- 6 O que procura o velho quando parte para o mar?

Gramática no texto

As palavras «peixes-voadores» e «andorinhas-do-mar» são palavras compostas que se encontram no plural. Qual é o singular destas palavras?

O singular da primeira é peixe-voador, ou seja, ambas as palavras foram flexionadas, porque este composto se forma pela junção de um nome e um adjetivo.

O singular da segunda palavra é andorinha-do-mar, dado que é um nome formado por **composição morfossintática** e, em dois nomes unidos por uma preposição, só o primeiro nome é flexionado.

No plural dos nomes compostos, deves ter em atenção o seguinte:

- se são formados por **dois nomes** (couve-flor) ou um **nome e um adjetivo** (cofre-forte), ambos os elementos vão para o plural (couves-flores e cofres-fortes);
- se são formados por **dois elementos ligados por preposição** (baleia-de-bossa), só o primeiro vai para o plural (baleias-de-bossa);
- se são formados por um **verbo** (guarda-chuva) ou **palavras invariáveis** (vice-presidente), apenas o nome vai para o plural (guarda-chuvas e vice-presidentes).

Exercícios de aplicação

1 Coloca no plural as seguintes palavras.

- | | | |
|-----------------|------------------|--------------------|
| a) quarta-feira | e) cor-de-rosa | i) afro-brasileiro |
| b) decreto-lei | f) amor-perfeito | j) ex-presidente |
| c) beija-flor | g) guarda-roupa | k) sofá-cama |
| d) obra-prima | h) arco-íris | l) cavalo-marinho |

Leitura

1 Lê outro excerto do conto, *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway.

Já não via a verdura da costa e apenas os topos das montanhas azuis que pareciam brancas como se tivessem neve, e as nuvens sobre elas, como altas montanhas nevadas. O mar estava muito escuro, e a luz irisava-se nas águas. O sol alto anulava as miríades de pontos do plâncton, e só aos grandes prismas profundos na água azul
5 agora ele via com as linhas descendo na água que tinha uma milha de profundidade.

Os atuns, como os pescadores chamavam a todos os peixes da espécie "atum", que só distinguiam pelos nomes próprios quando vinham vendê-los ou trocá-los por iscas, os atuns haviam-se sumido. O sol estava quente, e o velho sentia-o no cachão, como sentia o suor correr-lhe pelas costas abaixo, ao remar.

10 “Podia ir à deriva”, pensou, “e dormir e dar uma volta de linha num dedo de um pé, que me acordava. Mas hoje faz oitenta e cinco dias, e devo pescar como deve ser.”

Nesse preciso instante, observando as linhas, viu uma das canas verdes dobrar-se subitamente.

15 – Sim – disse. – Sim – e embarcou os remos sem tocar no barco. Estendeu a mão para a linha, e segurou-a delicadamente entre o polegar e o indicador da mão direita. Não sentiu tensão nem peso, e segurava muito ao de leve a linha. Novamente veio. Desta vez, um puxão a tentear, nem firme, nem pesado, e o velho sabia exatamente o que era. A cem braças, um peixe graúdo estava a comer as sardinhas que cobriam a ponta e o corpo do anzol onde o anzol feito à mão se projetava da cabeça
20 do pequeno atum.

O velho segurava delicadamente a linha, e, cuidadosamente, com a mão esquerda, soltou-a da cana. Podia assim deixá-la correr entre os dedos, sem que o peixe sentisse qualquer oposição.

25 “Este das profundas, é mês de estar no bom tamanho”, pensou. “Come-as, peixe. Come-as. Faz o favor de as comer. Como estão frescas, e tu a seiscentos pés, na treva, nessa água fria. Dá outra volta no escuro e volta a comer nelas”.

Sentiu o ligeiro e delicado puxão, e depois um puxão mais forte, quando a cabeça da sardinha teria custado mais a arrancar do anzol. Depois, mais nada.

[...]

30 – Come mais um bocadinho. Come à vontade.

“Come, de maneira que o bico do anzol se te espete no coração e te mate, pensou. Vem para cima sossegado, que eu meto-te o arpão. Muito bem. Já acabaste? Estiveste à mesa o tempo que quiseste?”

35 – Agora! – exclamou, e deu um puxão a mãos ambas, recuperou uma jarda de linha, tornou a puxar, e outra e outra vez, atirando alternadamente cada braço à corda, com toda a força dos braços e o peso do corpo em alavanca.

40 Nada aconteceu. O peixe continuava a afastar-se devagar, e o velho não conseguia fazê-lo ascender uma polegada. A linha era forte, própria para peixe graúdo, e segurava-a contra as costas, tão tensa que gotículas de água saltavam dela.



45 Depois, a linha principiou a chiar baixinho nas águas, mas continuava a segurá-la, retesando-se contra o banco e deitado contra o sentido da força. O barco começou a vogar lentamente para noroeste.

O peixe movia-se com constância, e viajavam ambos pelas águas calmas. Os outros anzóis continuavam na água, mas nada havia a fazer.

50 – Quem me dera agora o rapaz – disse alto o velho.

– Vou a reboque de um peixe, e sou eu as **abitas**. Eu podia amarrar a linha, mas podia ele rebentá-la. Tenho de o segurar o mais que possa, e de lhe dar linha quando ele precisar. Graças a Deus que vai de longada e não

55 mergulha. [...]

[...] Iam então mais devagar, e o clarão de Havana era menos intenso; a corrente levava-os, portanto, para leste. "Se perco o reflexo de Havana, é porque vamos mais para leste", pensou. "Porque, se o rumo do peixe é certo, devia eu vê-lo por muitas mais horas. Que se passará com o baseball da primeira divisão? Isto com um rádio é
60 que era bom". E, a seguir, pensou: "Não te distraias. Pensa no que estás a fazer. Não faças alguma asneira."

Depois, em voz alta, disse:

– Quem me dera o rapaz! Para me ajudar e para ver isto.

"Ninguém devia estar só na velhice", pensou. "Mas é inevitável. Tenho de me lem-
65 brar de comer o atum, antes de se estragar, para aguentar as forças. Lembra-te, por pouco que te apeteça, tens de comer pela manhã. Lembra-te", repetiu de si para si.

Durante a noite, dois porcos marinhos vieram para junto do barco, e bem os ouvia espinoteando e bufando. Era capaz de diferenciar o ruído assoprado que o macho fazia, e o sopro suspirado da fêmea.

70 – São bons. Brincam e divertem-se e amam-se. São nossos irmãos como os peixes-voadores.

Depois, começou a sentir pena do grande peixe que apanhara. "É maravilhoso e estranho, e quem sabe como será velho", pensou. Nunca apanhei um peixe tão forte, nem que se portasse tão estranhamente. Talvez não esteja disposto a saltar. Podia
75 dar cabo de mim com um pulo ou uma correria desenfreada. Mas talvez já saiba o que é um anzol e que é assim que lhe convém lutar. Não pode saber que é um só contra ele, nem que é um velho. Mas que grande peixe! E, se a carne é boa, o que não dará no mercado! Mordeu a isca como um macho, é como um macho que puxa, e luta sem pânico algum. Terá quaisquer planos, ou estará apenas tão desesperado como eu?"

Ernest Hemingway, *O velho e o mar*, Livros do Brasil/Porto Editora, 2015 (Texto com supressões)

Glossário

Abitas: prisão de madeira a que se seguram as amarras (nota do tradutor).

Compreensão do texto

- 1 Situa geograficamente o local onde decorre a ação.
- 2 Este excerto narra um momento de confronto.
 - 2.1 Indica os intervenientes nesse confronto.
- 3 Ao fim de oitenta e cinco dias, o velho tomou uma decisão. Qual foi essa decisão?
- 4 Ao longo do excerto, o velho dialoga com o peixe.
 - 4.1 Que sentimentos e/ou estados de espírito o velho demonstra? Justifica com exemplos do texto.
- 5 Por que razão o velho recorda o rapaz?
- 6 Parece haver uma aproximação entre o peixe e o velho.
 - 6.1 Justifica esta afirmação.

Funcionamento da língua

- 1 Classifica as seguintes frases, tendo em conta a sua pontuação:
 - a) «Come mais um bocadinho.» (linha 30)
 - b) «Estiveste à mesa o tempo que quiseste?» (linhas 32 e 33)
 - c) «Tenho de o segurar o mais que possa.» (linhas 52 e 53)
 - d) «Quem me dera o rapaz!» (linha 63)
- 2 Atenta no seguinte excerto.

«Podia ir à deriva», pensou, “e dormir e dar uma volta de linha num dedo de um pé, que me acordava. Mas hoje faz oitenta e cinco dias, e devo pescar como deve ser.”
(linhas 10 e 11)

- 2.1 Explica o uso das aspas e das vírgulas.

2.2 Por que razão podemos dizer que este excerto traduz um monólogo interior?

2.2.1 Retira do texto, pelo menos, mais dois exemplos.

2.2.2 Que tipo de frases são mais frequentes nestes excertos?

2.2.3 Na tua opinião, que efeito provoca o recurso ao monólogo interior?

3 Atenta na seguinte frase:

«Os outros anzóis continuavam na água, mas nada **havia** a fazer.» (linhas 48 e 49)

3.1 Nesta frase, o verbo “haver” é um verbo pessoal. Justifica esta afirmação, indicando o seu valor.

3.2 Dá dois exemplos em que o verbo “haver” seja usado como verbo impessoal.

3.2.1 Que outro(s) verbo(s) poderia(m) substituir o verbo “haver” nessas frases?

Gramática no texto

O *baseball* é um desporto mundialmente famoso. Mas como será que devemos escrever: *baseball*, *basebol* ou *beisebol*?

Se pesquisares num dicionário, as três versões vão aparecer.

Esta palavra foi transferida da língua inglesa para a língua portuguesa, com adaptações formais ao português pelo processo a que se dá o nome de **empréstimo**.

Curiosidade



O *baseball* é um desporto muito popular nos Estados Unidos da América, e um pouco por todo o mundo. Jogadores como Joe DiMaggio, jogador norte-americano (1914-1999), tornaram-se estrelas a nível mundial, comprovando a popularidade do desporto.



Processos irregulares de formação de palavras

Empréstimo

Transferência de uma palavra de uma língua para outra. As palavras podem manter a grafia original (*t-shirt, email, surf*) ou adaptar-se às características formais da língua recetora (ténis, futebol, hambúrguer).

Extensão semântica

Criação de novos significados para uma palavra já existente na língua sem, contudo, perder o(s) sentido(s) anterior(es) (rato – existia na língua portuguesa para referir um animal, passou a significar também um equipamento periférico usado na informática).

Truncação

Criação de uma palavra que se caracteriza pela eliminação de parte da palavra de que deriva (foto – fotografia; moto – motocicleta; extra – extraordinário).

Amálgama

Criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras (aparthotel – apartamento e hotel; futsal – futebol e salão).

Siglação e acronímia

Palavras que se formam a partir das iniciais das palavras e que constituem uma expressão. Escrevem-se com letras maiúsculas e designam nomes. As siglas pronunciam-se letra a letra (RTC – Rádio Televisão cabo-verdiana). Os acrónimos pronunciam-se como palavras normais (PALOP – Países de Língua Oficial Portuguesa).

Relembrar



O **empréstimo** é um processo irregular de formação de palavras que, ao contrário dos processos regulares – como a afixação, a composição, a derivação não-afixal e a conversão –, é menos previsível.

Consultar apêndice gramatical (p.269)

Exercícios de aplicação

1 Atenta nas seguintes frases:

- Os países da **UE** vão reunir na próxima semana.
- Os trabalhadores da **TAP** estão em greve.
- Ontem comi uma **piza**.
- O Manuel é um **expert** em **informática**.

- e) O **telemóvel** tornou-se imprescindível para a maioria das pessoas.
- f) Aquela empresa tem um **sítio** na **Internet** apelativo.
- g) Estas férias vou passar cinco dias num **SPA**.
- h) O professor disse-nos para **navegar** na **net** até encontrarmos a informação.

1.1. Indica os processos de formação de palavras nas palavras destacadas.

Escrita

Imagina que também o peixe, preso no anzol do velho, divaga entre monólogos interiores e diálogos como se falasse com aquele que é responsável por ele estar preso a um anzol. Alguém que ele ainda não viu, que ainda não conhece.

Escreve sob a forma de diálogo ou monólogo, com cerca de 140 palavras, do ponto de vista do peixe.

Oralidade

Assiste com a turma à curta-metragem de animação, *O velho e o mar* (1999) dirigida por Alexander Petrov, baseada no livro de Hemingway. No final, partilhem a vossa opinião sobre a história, as suas personagens e o final.



Curiosidade

A curta-metragem de animação, *O velho e o mar*, foi galardoada com o Óscar de Melhor Curta-Metragem de Animação em 2000.



Antes do texto

- 1 A propósito do romance *O velho e o mar*, Pedro Mevill Araújo escreveu um texto de opinião onde faz a seguinte afirmação:

«O Velho somos todos e cada um de nós, o Mar é a nossa Vida.»

- 1.1 Na tua opinião, e tendo em conta o teu conhecimento da obra, o que ele quererá dizer com esta afirmação?
- 1.2 Lê o texto que se segue e confirma a opinião do autor.

Leitura

A vida e o mar

Hemingway escreveu uma poesia em prosa descrevendo a luta de um Velho pescador, em fim de caminho, com um peixe, o maior que tinha encontrado até então, e da relação de respeito que nutria pela espécie que lhe enchia o prato com o pão de cada dia.

5 A vida, aquela que nos é oferecida para viver é um mar, um oceano onde navegamos e mergulhamos desde o nascer ao ocaso, sempre com o horizonte à vista, nem sempre com a costa visível, a exigir arte na navegação e prudência nas manobras.

O Mar e a Vida têm muito em comum.

10 A sua extensão é imensa mesmo que, como os de antanho que só se conheciam o que a vista alcançava até se aventurarem a ir um pouco mais longe deixando o conforto da terra à vista, pesquisando, a medo mas com confiança, outras paragens, outras experiências, outras formas de viver.

15 A Vida e o Mar têm dentro de si outras vidas, outras marés, que só se vão conhecendo à medida que vamos procurando saber mais e conhecer melhor o meio onde estamos inseridos.

O Mar, e a Vida, dão-nos alimento de corpo e alma, o pão nosso de cada dia, a carne e o sentir com que nos vamos alimentando enquanto alargamos horizontes e conhecimentos.

20 O Velho, pescador de muitos anos e muita experiência, tinha, a determinada altura da sua existência, ajuda do Rapaz na faina, se bem que fruto dos azares do acaso, tivesse de ir sozinho quando o Rapaz tinha de pensar no seu sustenho.

No mar da vida, também nos calha ter, em determinadas alturas da nossa existência, ajuda de todos os que nos circundam e ajudam na faina diária do pão nosso de cada dia: a família, os amigos, os colegas, os meramente conhecidos. Compõem o car-
25 dume que nos permite pescar para que não falte o alimento ao corpo e ao espírito. [...]

O Velho pescou a vida toda, criando conhecimento, colhendo experiência que permitia aventurar-se solitário mar fora à espera de dias melhores quando os piores afloravam e a sorte não dava tréguas.

Nós passamos a Vida criando experiência, colhendo conhecimento que permita
30 que nos aventuremos solitários vida fora à espera de dias melhores quando afloram os piores e a sorte não dá tréguas.

Vem o dia em que a sorte bate à porta, e nós, na azáfama da Vida, fazemos como o Velho fez no Mar: batalhamos, aguentamos, sofremos, aguentamos mais ainda para conseguirmos o que já parecia não estar no horizonte, mas que está ali, à vista.
35 E trazemos o sucesso de um dia até à borda, agarramos, amarramo-nos com força para levá-lo a bom porto, o porto que permita um descanso após uma vida de trabalho, de faina intensa com dias melhores e outros piores mas sempre com a esperança de ver chegar o dia de pescar o grande peixe da nossa vida.

A experiência dizia ao Velho que mesmo com mar calmo, a mudança de ventos e
40 o espalhar do cheiro do peixe grande (o maior que tinha pescado até então), poderia atrair alguns predadores que sempre andam no mar: os tubarões. E assim aconteceu, primeiro com aqueles que comem porque têm fome e depois os outros todos que atacam selvaticamente com ou sem necessidade, deixando o Velho, cansado de morte, com uma espinha de nulo valor.

A experiência diz à Vida que mesmo em tempo de calmaria o cheiro do sucesso
45 alheio (e quanto maior mais aguça os apetites) atrai predadores, os tubarões da sociedade, sendo que estes atacam mesmo sem fome, por inveja, ganância ou estupidez, deixando-nos exauridos, com as espinhas de nulo valor.

50 O Velho no seu Mar e Nós na nossa Vida.

P.S. – *O velho e o mar* é um dos livros que releio com alguma frequência, sempre descobrindo um pormenor que tinha escapado em
55 leitura anterior. A Ernest Hemingway agradeço a possibilidade de juntar Mar e Vida. Muito grato!

Disponível em www.dn.pt
[consult. 23 jan 2023]



Compreensão do texto

- 1 Explica a comparação que o autor faz entre a «Vida e o Mar» e entre «Nós e o Velho».
- 2 Procura no dicionário o significado das seguintes palavras:
 - a) ocaso;
 - b) antanho;
 - c) faina;
 - d) cardume;
 - e) exauridos.
- 3 Algumas das palavras do exercício anterior bem como outras no texto fazem parte do campo lexical da pesca. No entanto, são usadas de forma metafórica.
 - 3.1 Enumera essas palavras, indicando o que referem na verdade.
- 4 Por que razão este texto é um texto de opinião?
 - 4.1 Dá exemplos de alguns recursos que tipicamente encontramos num texto deste tipo, preenchendo a seguinte tabela:

	Exemplos do texto
a) adjetivos e advérbios que marcam subjetividade	
b) tempos e modos verbais predominantes	
c) verbos ou expressões de opinião	
d) marcas de 1.ª pessoa	
e) formas impessoais	
f) conectores ou palavras de ligação	

- 5 Atenta nas seguintes expressões idiomáticas e explica o seu sentido, tendo em conta o contexto.
 - a) «em fim de caminho» (linha 2)
 - b) «alargamos horizontes» (linha 17)
 - c) «colhendo experiência» (linha 26)
 - d) «colhendo conhecimento» (linha 29)
 - e) «a sorte bate à porta» (linha 32)
 - f) «levá-lo a bom porto» (linha 36)



Funcionamento da língua

- 1 Indica a classe e subclasse das palavras destacadas no excerto.

«No **mar** da **vida**, também nos calha ter, em determinadas **alturas** da nossa existência, ajuda de todos os que nos circundam e ajudam na **faina** diária do **pão** nosso de cada **dia**: a **família**, os **amigos**, os **colegas**, os meramente conhecidos. Compõem o **cardume** que nos permite pescar para que não falte o **alimento** ao **corpo** e ao **espírito**.» (linhas 22 a 25)

- 2 Atenta nas orações seguintes:

- a) «[...] relação de respeito que nutria pela espécie que **lhe** enchia o prato [...]» (linha 3)
- b) «O Mar, e a Vida, dão-**nos** alimento de corpo e alma [...]» (linha 16)
- c) «Compõem o cardume que **nos** permite pescar [...]» (linhas 24 e 25)
- d) «[...] amarramo-nos com força para levá-**lo** a bom porto [...]» (linhas 35 e 36)
- e) «[...] deixando-**nos** exauridos, com as espinhas de nulo valor.» (linhas 48 e 49)

2.1 Indica as funções sintáticas desempenhadas pelas expressões destacadas.

2.2 Indica a palavra que está a ser substituída em cada uma das orações.

Para além do texto

No texto, o autor recorre a partes de provérbios ou faz alusões a alguns provérbios em torno do mar.

Por exemplo, «avia-se em terra» é uma parte do provérbio “Quem vai ao mar, avia-se em terra”, que significa, por um lado, que nos devemos preparar para uma viagem e, por outro lado, que devemos estar preparados para qualquer situação.

Conheces outros ditos ou provérbios relacionados com o mar? Se não, faz uma pesquisa (individual ou em grupo) e partilha com a tua turma alguns provérbios relacionados com este tema e o seu significado.

Quem vai
ao mar...

Gaivotas
no ar...

Antes do texto

- 1 A fauna marinha em Cabo Verde é também muito rica. Além dos peixes residentes, de maior ou menor profundidade, é de assinalar a presença de espécies protegidas e de interesse turístico, como as baleias-de-bossa, os golfinhos e as tartarugas marinhas.



- 1.1 O texto que vais ler, em seguida, aborda o grupo dos **cetáceos**. Procura definir este grupo, antes de leres o texto.

Leitura

- 1 Lê o texto seguinte:

Cetáceos

A diversidade de espécies de cetáceos nas ilhas de Cabo Verde é comparável ao de outros arquipélagos na região Macaronésica. Apesar do escasso esforço de pesquisa dedicado a estudar a ocorrência e distri-

5 buição de baleias e golfinhos em Cabo Verde, 24 espécies já foram descritas até agora nas águas deste arquipélago (5 *Mysticeti* e 19, *Odontoceti*). A maioria dos registos vieram de avistamentos oportunistas no mar e de arrojamentos na costa.

Até ao momento, Cabo Verde é a única zona de cria conhecida para a baleia-de-bossa (*Megaptera novaeangliae*) no Nordeste do Oceano Atlântico. A costa oeste de
10 Boa Vista (de Ponta do Sol a Lacacão) tem sido reconhecida como o mais importante habitat e berçário da espécie no arquipélago. [...]

Dados históricos indicam que Cabo Verde foi uma importante área baleeira. As baleias-de-bossa (*Megaptera novaeangliae*) e os cachalotes (*Physeter macrocephalus*) foram as principais espécies-alvo capturados pelos navios baleeiros dos EUA. A
15 sobre-exploração das espécies de baleias ao longo do século XIX e inícios do século XX levaram ao colapso das principais unidades populacionais no Atlântico Norte e ao início das atividades baleeiras em outras regiões, principalmente no hemisfério sul.

Ainda recentemente, em meados dos anos 80, não havia certeza de que as baleias-de-bossa ainda usavam as águas de Cabo Verde como área de reprodução.

20 Pesquisas periódicas realizadas no arquipélago entre fevereiro e abril na década de 1990 e primeiros anos do século XXI confirmaram que a espécie ainda existia em Cabo Verde, de preferência, nas águas costeiras das ilhas orientais (Sal, Boa Vista e Maio).



[...] Barcos para observação de baleias têm sido usados como plataformas para
25 realizar algumas atividades de pesquisa, como o estudo sobre a distribuição tempo-
ral e espacial das espécies, as estimas da abundância relativa, a identificação das
áreas mais importantes para as baleias e a obtenção de algumas informações sobre
o comportamento acústico desta grande baleia.

A maioria das populações de baleias-de-bossa recuperaram-se em todo o mundo
30 desde que a caça comercial foi proibida em 1966. Atualmente, a espécie está listada
como pouco preocupante pela União Internacional para a Conservação da Natureza
(IUCN).

Disponível em bioscabo Verde.com [consult. 19 jul 2023] (Texto com supressões)

Compreensão do texto

1 De acordo com o texto, classifica as seguintes afirmações em verdadeiras (V) ou falsas (F).

- a) O registo das espécies de cetáceos é feito através da observação direta.
- b) Cabo Verde é um dos países do nordeste do Oceano Atlântico onde se cria a baleia-de-bossa.
- c) Muitas das espécies baleeiras residentes nessa área no século XIX, desapareceram ou mudaram para outras zonas.
- d) O interesse científico por esta espécie em Cabo Verde foi retomado em 1990.
- e) Os cientistas procuram várias informações sobre esta espécie, nomeadamente sobre o número e localização precisa.
- f) Neste momento, a espécie da baleia-de-bossa não está em vias de extinção.

Saber



O texto que acabaste de ler é um **texto de divulgação científica**. Trata-se de um género textual de natureza essencialmente expositiva e informativa, em que se divulgam factos relevantes de uma determinada área de conhecimento. Como visa dar a conhecer factos científicos a um público alargado e nem sempre especializado, caracteriza-se por uma linguagem objetiva. Apresenta, habitualmente, uma estrutura fixa:

- título (onde é identificado o tema do artigo);
- resumo (opcional, apresentação breve do assunto);
- corpo do texto (introdução; desenvolvimento do tema como informação e hierarquização de ideias; conclusão).

Antes do texto

1 A obra *O príncipezinho* foi escrita por Antoine de Saint-Exupéry.

1.1 Faz uma pesquisa na Internet, procurando responder às seguintes questões:

Em que época é que o autor viveu?

Quem foi Saint-Exupéry?

Quando *O príncipezinho* foi escrito?

Que acontecimento histórico decorria no mundo?

Quem foi Léon Werth, a pessoa a quem o autor dedicou este livro?

2 Atenta agora na dedicatória de *O príncipezinho*:

A Léon Werth

Peço desculpa às crianças por dedicar este livro a uma pessoa crescida. Tenho uma boa desculpa: essa pessoa crescida é o melhor amigo que tenho no mundo inteiro. E tenho outra desculpa: essa pessoa crescida tem a capacidade de perceber tudo, até os livros para crianças. Ainda tenho uma terceira desculpa: essa pessoa crescida mora em França, onde passa fome e frio. Por isso, precisa mesmo de ser consolada. Se todas estas desculpas não chegaram, posso, então, dedicar este livro à criança que essa pessoa crescida foi um dia. Porque todas as pessoas crescidas já foram crianças. (Embora poucas se lembrem disso.) Portanto, corrijo a minha dedicatória:

A Léon Werth

quando ele era um rapazinho

Antoine de Saint-Exupéry, *O príncipezinho*, Porto Editora, 2021

2.1 Caracteriza a pessoa a quem o autor dedica este livro.

2.2 A quem ele pede perdão?

2.2.1 Na tua opinião, por que razão é que ele pede perdão por dedicar o livro a "uma pessoa crescida"?

Saber



A obra *O príncipezinho*, que vais estudar em seguida, é constituída por vinte e sete capítulos.

Leitura

1 Agora, vais ler um excerto do conto.

II

Vivi assim sozinho, sem ter ninguém com quem falar realmente, até ao dia em que, há seis anos, tive uma avaria no deserto do Sara. Alguma coisa se partira no motor. E, como não levava nem mecânico nem passageiros, preparei-me para tentar fazer sozinho o difícil conserto. Era uma questão de vida ou morte. A água que tinha
5 para beber mal dava para oito dias.

Na primeira noite adormeci na areia, a mil milhas de qualquer lugar habitado. Estava muito mais isolado do que um naufrago numa jangada no meio do oceano. Imaginam, por isso, a minha surpresa quando, ao romper do dia, fui acordado por uma vozinha esquisita a dizer:

- 10 – Por favor... desenha-me uma ovelha!
– O quê?
– Desenha-me uma ovelha...

Levantei-me como se tivesse sido atingido por um raio. Esfreguei os olhos e dei de caras com um rapazinho bastante invulgar a observar-me com um ar muito sério.

15 Claro que o meu desenho é muito menos deslumbrante do que o modelo. A culpa não é minha. Aos seis anos fui desviado da minha carreira de pintor pelas pessoas crescidas e não aprendi a desenhar mais nada senão jiboias fechadas e jiboias abertas.

Olhei espantado para aquela aparição. Não se esqueçam de que eu estava a mil milhas de qualquer lugar habitado. Ora, o meu rapazinho não parecia nem perdido,
20 nem morto de cansaço, nem morto de fome, nem morto de sede, nem morto de medo. Não se assemelhava em nada a uma criança perdida em pleno deserto, a mil milhas de qualquer lugar habitado. Quando, finalmente, fui capaz de falar, perguntei-lhe:

- Mas... o que é que andas aqui a fazer?
E ele repetiu, então, calmamente, como se fosse uma coisa muito séria:
25 – Por favor... desenha-me uma ovelha...

Quando o mistério é demasiado grande, não se ousa desobedecer. Por mais absurdo que me parecesse, a mil milhas de todos os locais habitados e em perigo de vida, tirei do bolso uma folha de papel e uma caneta. Mas, ao lembrar-me que tinha estudado essencialmente geografia, história, aritmética e gramática, disse ao rapazinho
30 num tom de voz mal-humorado que não sabia desenhar. Ao que ele me respondeu:

- Não faz mal. Desenha-me uma ovelha.

Como eu nunca tinha desenhado uma ovelha, decidi fazer-lhe um dos dois únicos desenhos de que era capaz. O da jiboia fechada. E fiquei admirado ao ouvi-lo dizer:

– Não! Não! Não quero um elefante dentro de uma jiboia. Uma jiboia é muito perigosa e um elefante é muito volumoso. O sítio onde moro é muito pequeno. Preciso de uma ovelha. Desenha-me uma ovelha.

E, então, eu desenhei.

Ele olhou com atenção e, depois, disse:

– Não! Essa já está muito doente. Faz outra. Voltei a desenhar.

O meu amigo sorriu delicadamente, com um ar benévolo:

– Então não vês... isso não é uma ovelha, é um carneiro.

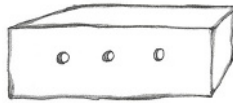
Tem cornos...

Fiz o desenho outra vez:

– Mas foi rejeitado, tal como os anteriores:

– Essa é muito velha. Quero uma ovelha que viva durante muito tempo.

Então, já sem grande paciência e com pressa de começar a desmontar o motor, rabisquei este desenho:



E arrisquei:

– Isto é uma caixa. A ovelha que tu queres está lá dentro.

Fiquei muito surpreendido ao ver o rosto do meu jovem juiz iluminar-se:

– Era mesmo assim que eu a queria! Achas que precisará de muita erva?

– Porquê?

– Porque o sítio onde eu moro é muito pequeno...

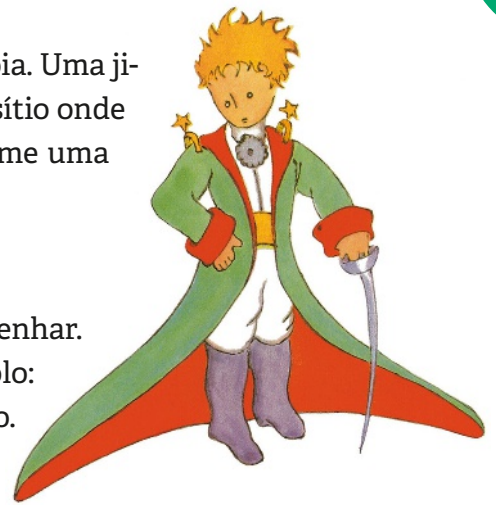
– Chega certamente. Dei-te uma ovelha muito pequenina.

E inclinando-se sobre o desenho:

– Não é assim tão pequena como isso... Olha! Adormeceu...

E foi assim que conheci o príncipezinho.

Antoine de Saint-Exupéry, *O príncipezinho*, Porto Editora, 2021



Aqui está o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele.

Curiosidade



As ilustrações da obra *O príncipezinho* são aguarelas que foram pintadas por Antoine de Saint-Exupéry.

Compreensão do texto

1 Identifica neste excerto:

a) o narrador

c) as personagens

e) o tempo

b) o narratário

d) o espaço

1.1 Classifica o narrador quanto à sua presença, justificando com excertos do texto.

- 2** Atenta na seguinte frase do texto:
«Imaginem, por isso, a minha surpresa quando, ao romper do dia, fui acordado por uma vozinha esquisita.» (linhas 8 e 9)
- 2.1** Por que razão o narrador ficou tão surpreendido?
- 3** Caracteriza o jovem que aparece ao aviador.
- 3.1** Qual foi o pedido que ele fez ao narrador?
- 3.2** Como reagiu ele a esse pedido?
- 3.3** Como justificou o narrador a sua inaptidão para desenhar?
- 4** Atenta na seguinte frase:
«Fiquei muito surpreendido ao ver o rosto do meu jovem juiz iluminar-se.» (linha 52)
- 4.1** Explica o sentido da palavra «juiz».
- 4.2** Na tua opinião, por que razão é que o desenho da caixa fez o rosto do jovem «iluminar-se»?
- 4.2.1** Que características de criança sobressaem nesta parte final do capítulo?
- 5** Explica, por palavras tuas, as seguintes expressões do texto:
- a)** «Era uma questão de vida ou morte.» (linha 4)
- b)** «Quando o mistério é demasiado grande, não se ousa desobedecer.» (linha 26)

Funcionamento da língua

- 1** Atenta no seguinte excerto:

«– Por favor... desenha-me uma ovelha!
– O quê?
– Desenha-me uma ovelha...
Quando, finalmente, fui capaz de falar, perguntei-lhe:
– Mas... o que é que andas aqui a fazer? [...]
E ele repetiu, então, calmamente, como se fosse uma coisa muito séria:
– Por favor... desenha-me uma ovelha...
Ele olhou com atenção e, depois, disse:
– Não! Essa já está muito doente. Faz outra. [...]
O meu amigo sorriu delicadamente, com um ar benévolo:
– Então não vês... isso não é uma ovelha, é um carneiro. Tem cornos...»



Leitura

1 Agora, vais ler outro excerto do conto.

XXI

Foi então que apareceu a raposa.

– Bom dia – disse a raposa.

– Bom dia – respondeu educadamente o príncipezinho, que se voltou mas não viu ninguém.

5 – Estou aqui – disse a voz –, debaixo da macieira.

– Quem és tu? – perguntou o príncipezinho. – És bem bonita...

– Sou uma raposa – disse a raposa.

– Anda brincar comigo – propôs-lhe o príncipezinho. – Estou tão triste...

– Não posso brincar contigo – disse a raposa. – Ainda não fui cativada.

10 – Ah! Desculpa – disse o príncipezinho. Mas, depois de refletir, acrescentou:

– O que significa cativar?

– Tu não és de cá – disse a raposa. – O que procuras?

– Procuo os homens – respondeu o príncipezinho.

– O que significa cativar?

15 – Os homens – disse a raposa – têm espingardas e caçam. É uma grande maçada! Também criam galinhas. É a única coisa interessante que eles fazem. Estás à procura de galinhas?

– Não – disse o príncipezinho –, estou à procura de amigos. O que é que significa cativar?

20 – É uma coisa da qual já muitos se esqueceram – disse a raposa. – Significa criar laços...

– Criar laços?

– Isso mesmo – disse a raposa. – Para mim, tu ainda não passas de um rapazinho semelhante a cem mil outros rapazinhos. Eu não preciso de ti. E tu também não pre-

25 cisas de mim. Para ti, eu não passo de uma raposa semelhante a cem mil outras raposas. Mas, se me cativares, precisaremos um do outro. Para mim, tu passarás a ser único no mundo. E eu passarei a ser única no mundo para ti...

– Começo a compreender – disse o príncipezinho.

– Existe uma flor... penso que ela me cativou...

30 – É possível – disse a raposa. – Vê-se de tudo na Terra...

– Oh! Não é na Terra! – disse o príncipezinho. A raposa pareceu muito intrigada:

– É noutro planeta?

– Sim.

– E nesse planeta há caçadores?

35 – Não.

– Isso interessa-me! E galinhas?

– Não.

– Bem, nada é perfeito – suspirou a raposa. Mas a raposa retomou a mesma ideia:

40 – A minha vida é monótona. Eu caço galinhas e os homens caçam-me a mim. As galinhas são todas parecidas e os homens são todos parecidos. Por isso, aborreço-me um pouco. Mas se me cativares, a minha vida passará a ser como um dia de sol. Passarei a distinguir uns passos que serão diferentes de todos os outros. E, enquanto os outros passos me farão esconder debaixo da terra, os teus hão de levar-me a sair da toca, como se fossem uma música. Olha ali para a frente! Vês os campos de trigo

45 ao fundo? Eu não como pão. O trigo é inútil para mim. Os campos de trigo não me dizem nada. E isso é triste! Mas os teus cabelos são cor de ouro. Então, quando me tiveres cativado, vai ser maravilhoso! O trigo, que é dourado, vai lembrar-me de ti. E gostarei de ouvir o som do vento no trigo...

A raposa calou-se e observou durante muito tempo o príncipezinho:

50 – Por favor... cativa-me! – disse ela.

– Com muito gosto – respondeu o príncipezinho –, mas não tenho muito tempo. Tenho amigos para descobrir e muitas coisas para conhecer.

– Só se conhecem as coisas que se cativam – disse a raposa. – Os homens já não têm tempo para conhecerem seja o que for. Compram coisas já feitas nos comerciantes. Mas como não existem comerciantes de amigos, os homens já não têm amigos. Se queres ter um amigo, cativa-me!

55

– Como posso fazê-lo? – perguntou o príncipezinho.

– Tens de ter muita paciência – respondeu a raposa.

– Primeiro sentas-te ali, na relva, um pouco afastado de mim. Eu olho para ti de soslaio e tu não dizes nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, de dia para dia, podes vir sentar-te cada vez mais perto...

60

No dia seguinte, o príncipezinho voltou.

– Era melhor que tivesses voltado à mesma hora – disse a raposa. – Se vieres, por exemplo, às quatro horas da tarde, a partir das três já começo a estar feliz. Quanto mais se aproximar a hora, mais feliz me sentirei. Às quatro em ponto já estarei agitada e

65



inquieta; descobrirei, assim, o preço da felicidade! Mas, se vieres a qualquer hora, ficarei sem saber a que horas hei de vestir o meu coração... Os rituais são necessários.

– O que é um ritual? – perguntou o príncipezinho.

70 – É outra coisa que as pessoas também já esqueceram – disse a raposa. – É o que faz com que um dia seja diferente dos outros dias, uma hora diferente das outras horas. Há, por exemplo, um ritual que é praticado pelos caçadores. À quinta-feira, eles dançam com as raparigas da aldeia. Por isso, a quinta-feira é um dia maravilhoso! Posso ir passear até à vinha. Se os caçadores dançassem num dia qualquer, os
75 dias seriam todos parecidos e eu não teria férias.

Foi assim que o príncipezinho cativou a raposa. Mas, ao aproximar-se a hora da partida, a raposa disse:

– Ah! Sinto vontade de chorar.

80 – A culpa é tua – disse o príncipezinho –, eu não queria fazer-te mal, mas tu quiseste que te cativasse...

– Pois foi – disse a raposa.

– Mas agora vais chorar! – disse o príncipezinho.

85 – Pois vou – disse a raposa.

– Então, não ganhaste nada com isso!

– Ganhei com certeza – disse a raposa –, por causa da cor do trigo.

Depois acrescentou:

90 – Vai ver outra vez as rosas. Compreenderás que a tua é única no mundo. Quando voltares para te despedires de mim, dou-te um segredo de presente.

O príncipezinho foi ver outra vez as rosas.

– Vocês não são nada parecidas com a minha rosa. Ainda não são nada – disse-lhes ele. – Ninguém vos cativou e vocês não cativaram ninguém. São como era a minha raposa: apenas uma raposa semelhante a cem mil outras. Mas, agora que fiz
95 dela minha amiga, ela é única no mundo.

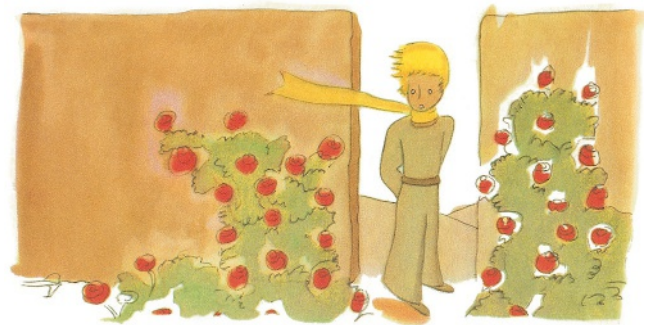
E as rosas ficaram embaraçadas.

– Vocês são bonitas, mas são vazias – acrescentou ele.

100 – Não se pode morrer por vocês. Claro que, para um vulgar transeunte, a minha rosa se parecerá convosco. Mas, sozinha, vale mais do que vocês todas juntas, porque foi ela que eu reguei. Porque foi ela que eu cobri com uma redoma. Porque foi ela que eu abriguei com o biombo. Porque foi por causa dela que eu matei as lagartas (exceto duas ou três para se transformarem em borboletas). Porque foi ela que eu ouvi a queixar-se, ou vangloriar-se, ou, por vezes, calar-se. Porque ela é a minha rosa.

E voltou para junto da raposa:

105 – Adeus... – disse.



– Adeus – disse a raposa. – Vou confiar-te o meu segredo. É muito simples: só se vê bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.

– O essencial é invisível aos olhos – repetiu o príncipezinho, para não se esquecer.

– Foi o tempo que perdeste com a tua rosa que tornou a tua rosa tão importante.

110 – Foi o tempo que eu perdi com a minha rosa... – repetiu o príncipezinho, para não se esquecer.

Os homens esqueceram-se desta verdade – disse a raposa. – Mas tu não deves esquecer-te dela. Tornas-te para sempre responsável por aquilo que cativaste. Tu és responsável pela tua rosa...

115 – Eu sou responsável pela minha rosa... – repetiu o príncipezinho, para não se esquecer.

Antoine de Saint-Exupéry, *O príncipezinho*, Porto Editora, 2021

Compreensão do texto

- 1 Indica por que razão o príncipezinho está triste.
- 2 Por que razão a raposa se recusa a brincar com ele?
- 3 A raposa queixa-se da sua vida monótona. Descreve a vida dela.
- 4 Atenta na frase:
«Os homens já não têm tempo para conhecerem seja o que for.» (linhas 53 e 54)
 - 4.1 Além desta, que outra crítica a raposa faz aos homens?
 - 4.2 Concordas com a raposa? Justifica a tua resposta.
- 5 A raposa dá uma lição sobre a amizade ao príncipezinho. Em que consiste essa lição?
 - 5.1 Concordas com ela? Justifica a tua opinião.
- 6 O príncipezinho distingue «a sua rosa» das «outras rosas». Segundo ele, o que faz a diferença?
- 7 Quase no final do texto, ao despedir-se, a raposa revela um segredo ao príncipezinho. De que segredo se trata e qual é o seu significado e importância?
- 8 A conversa com a raposa levou o príncipezinho a fazer uma descoberta? Que descoberta foi essa?

Para além do texto



Vídeo
O príncipezinho
(trailer)



A raposa é uma personagem muito comum no mundo das fábulas. O famoso Esopo – escritor da Grécia antiga a quem foi atribuída a autoria de muitas fábulas – escreveu várias histórias em que a raposa era a personagem central: “A raposa e a cegonha”, “A raposa e as uvas”, “A raposa e o corvo”, ou “O lobo e a raposa”. Faz a leitura de uma dessas fábulas e depois faz a caracterização da raposa.

Que diferenças consegues identificar entre a raposa enquanto personagem das fábulas e a raposa de *O príncipezinho*?



Saber



A **fábula** é “uma narrativa curta e imaginária, com um objetivo pedagógico e moral, geralmente protagonizada por animais ou seres inanimados.”

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha], Porto Editora.
Disponível em www.infopedia.pt [consult. 24 mar 2023].

Antes do texto

- 1 Vê o *trailer* da adaptação ao cinema da obra de Saint-Exupéry, *O príncipezinho*, por Mark Osborne.
 - 1.1 De acordo com o que leste anteriormente nos excertos da obra e após a visualização do trailer do filme, quais são as principais diferenças entre o livro e o filme?
 - 1.2 Em seguida, lê a apreciação crítica ao filme, para ficares a saber um pouco mais.



Leitura

Crítica

O filme junta, de forma muito inteligente, duas tecnologias distintas de **animação**, com funções diferentes: as cenas em **3D** representam uma nova história, em que as aventuras vividas pelo Príncipezinho são contadas a uma pequena menina, que vive com a mãe, pelo seu vizinho aviador; já as **cenas em stop-motion** mostram a história do Príncipezinho, tão conhecida da cultura popular, num universo que parece feito de papel, e onde podemos ver várias situações e personagens da obra de Saint-Exupéry (como a serpente e a raposa, por exemplo).

As duas narrações acontecem em simultâneo, e os mundos são perfeitamente distinguíveis. Confesso que estava à espera de uma animação mais “história de encantar”, mundo de fantasia brilhante e mágico como queriam parecer os primeiros **cartazes**. Talvez também não fosse uma expectativa muito realista face ao mundo em que realmente a história do livro é passada, muito mais nu e cru e repleto de simplicidade. Por isso, o mundo real no filme deixou um bocadinho a desejar visualmente. Demasiado normal e vulgar como qualquer filme de animação deste tipo. Por outro lado, o mundo da história do livro foi tal e qual nu e cru, e – para mim – pareceu-me todo construído em papel e pasta de papel, por vezes papel amarrotado. [...]

“O essencial é invisível aos olhos” – a frase mais célebre do livro, que é usada até hoje para ressaltar a importância dos sentimentos e do caráter no dia a dia, como não poderia deixar de ser, tem importância crucial no filme. A palavra “essencial” e a avaliação daquilo que é essencial é abordada e questionada repetidamente ao longo de todo o filme, pelas várias personagens.

Apesar de a proposta maior deste novo trabalho do **realizador** Mark Osborne não ter sido propriamente reproduzir o livro escrito por Saint-Exupéry,



Glossário

Animação (n.f.): classificação de um tipo de filme cuja técnica se baseia numa série de imagens fixas de desenhos que são exibidas em sequência para dar a ilusão de movimento.

Cena (n. f.): (num filme) cada uma das situações ou momentos da evolução da história.

3D (n. m.): abreviatura de três dimensões; formato tridimensional, com profundidade ou a ilusão de profundidade.

Stop-motion: técnica de animação muito usada com recursos de uma máquina fotográfica ou de um computador.

Cartaz (n. m.): apresentação do filme.

Realizador (n. m.): (no cinema) pessoa que é responsável pela direção técnica e artística de filme.

35 mas sim captar a sua essência, a verdade é que desde o início e até ao fim, vemos reproduzidos os momentos principais da história. Para mim foi um ponto positivo pois já não lia o livro há mais de 10 anos, e gostei de rever e encontrar ainda mais novos significados em que não tinha pensado antes. Para muitas pessoas, poderá tornar-se monótono, já que se considerarmos os 108 minutos de filme, estamos a
40 falar de metade do tempo em que não há propriamente novidades.

O autor desta maravilhosa fábula sobre o amor e a solidão publicou pela primeira vez *O príncipezinho* em 1943 quando recuperava de um acidente de guerra, e o livro transformou-se numa das obras mais amadas e admiradas dos nossos tempos. O filme propõe um outro olhar sobre o universo do Príncipezinho, que não fica ape-
45 nas pelo que já conhecemos, e oferece-nos uma versão fílmica, mais moderna e abrangente, de um dos livros mais vendidos de sempre. [...]

Disponível em www.cubogeek.pt[consult. 23 jan 2023] (Texto com supressões)

Compreensão do texto

- 1 Este texto é uma apreciação crítica de um filme. Justifica esta afirmação.
- 2 Qual era a expectativa do autor antes de ver o filme?
 - 2.1 O que provocou essa expectativa?
- 3 Indica os aspetos positivos e negativos que o autor aponta a esta produção.
- 4 Atenta nas expressões seguintes.
 - a) «de forma muito inteligente» (linha 1)
 - b) «nu e cru» (linha 16)
 - c) «repleto de simplicidade» (linha 16)
 - d) «deixou um bocadinho a desejar» (linhas 17 e 18)
 - e) «Demasiado normal e vulgar» (linha 18)
 - f) «todo construído em papel e pasta de papel, por vezes papel amarrotado» (linhas 21 a 23)
 - 4.1 Distingue as que têm uma conotação positiva, das que têm uma conotação negativa.
- 5 Depois de veres o *trailer* e leres esta apreciação crítica, ficaste com vontade de ver o filme? Justifica a tua resposta.

Funcionamento da língua

- 1 Identifica no texto verbos ou expressões que servem para exprimir opinião.
- 2 Identifica os tempos e modos verbais dominantes no texto.

2.1 Retira do texto um exemplo para ilustrar cada um.

Gramática no texto

Atenta nas palavras destacadas e respetivas funções sintáticas.

- «Uma história **brilhante e mágica** que surpreendeu o espectador.»
- «O filme foi **surpreendente**.»
- «O autor deste texto ficou **maravilhado** depois de ver o filme.»
- «O autor achou o livro **fenomenal**.»

Função sintática	Descrição	Exemplo
Atributo	O adjetivo modifica o nome a que foi anexado para o modificar.	Uma história brilhante e mágica que surpreendeu o espectador.
Predicativo do sujeito	O adjetivo atribui uma dada propriedade ou qualidade ao sujeito, sendo introduzido por um verbo copulativo, como ser, estar, parecer, permanecer, andar, continuar ou ficar.	O filme foi surpreendente . O autor deste texto ficou maravilhado . Tu és esperto, mas estás desatento .
Predicativo de complemento direto	O adjetivo atribui qualidades ou estados ao complemento direto. Mas, atenção, este predicativo é exigido por alguns verbos como julgar, considerar, supor, eleger, nomear, seleccionar.	O autor achou o livro fenomenal . Considero a Mayra a mais simpática da turma . Todos acharam o livro interessantíssimo . Suponho as tuas intenções honestas .

Exercícios de aplicação

1 Identifica as funções sintáticas dos constituintes destacados.

- a) O príncipezinho está **feliz**.
- b) A raposa é um animal **temido** por outros.
- c) O jovem, **feliz e tranquilo**, navegava ao sabor do vento.
- d) O Manuel comeu um bolo **delicioso**.
- e) O jantar estava **delicioso**.
- f) O Pedro continua um **excelente** aluno.
- g) Os preços são **demasiado altos**.
- h) Comprei um livro **muito interessante**.

2 Escreve frases, seguindo a estrutura proposta:

- a) sujeito + predicado (com predicativo do sujeito);
- b) sujeito + atributo + predicado (complemento direto);
- c) sujeito + predicado (complemento direto + complemento indireto);
- d) sujeito + atributo + predicado (com predicativo do sujeito);
- e) sujeito + predicado + predicativo do complemento direto.

Escrita

Vais encarnar o espírito de um crítico e vais redigir uma apreciação crítica de um livro ou filme à tua escolha. Planifica o texto, seguindo a estrutura seguinte:

- **introdução**: apresentação do livro ou do filme;
- **desenvolvimento**: apresentação dos argumentos e os comentários críticos, indicando os pontos positivos e negativos, justificando as tuas opiniões;
- **conclusão**: apresentação de uma apreciação final geral.

Para além do texto

Como existe uma tradução de *O príncipezinho* em língua cabo-verdiana, lê um dos excertos estudados nessa língua e estabelece um diálogo entre as duas obras, tendo em conta as soluções encontradas para fazer a tradução das passagens.

Projeto fora da sala de aula 3

Histórias de vida

Propomos-te a realização de uma exposição virtual intitulada “Histórias de vida”. Os objetivos deste projeto são, por um lado, estimular a tua criatividade e a tua expressividade bem como desenvolver a tua capacidade de trabalho colaborativo e, por outro lado, fazer com que te apercebas da existência de várias visões do mundo, conhecendo e valorizando os percursos de vida individuais.



Fases de execução do projeto

1. Troca de ideias coletiva sobre as atividades a desenvolver para a realização da exposição

- Definição dos protagonistas das “Histórias de vida”. Por exemplo, podem ser os teus familiares, ex-professores e funcionários da escola, empregados ou funcionários de um local comercial essencial na tua comunidade, um autor ou artista, etc.
- Visualização de um dos episódios do programa da TCV, “Código de vida”, apresentado por Orlando Lima, como forma de inspiração.
- Recolha e tratamento de depoimentos e fotos.
- Definição do modelo: fotos + excertos de depoimentos das pessoas ouvidas ou fotos + textos biográficos redigidos a partir dos depoimentos recolhidos.
- Decisão sobre o formato da exposição.
- Criação de uma página de Instagram ou de um Padlet.

2. Organização dos grupos de trabalho

Pode haver atividades realizadas por toda a turma, em pares e em pequenos grupos.

3. Calendarização das atividades

- Data da realização da exposição.
- Prazos para execução e apresentação prévia dos diferentes trabalhos.

4. Pesquisa e seleção de materiais para as diferentes atividades

5. Elaboração dos materiais necessários à concretização das tarefas

6. Realização das atividades previstas

Pode ser sempre feito interdisciplinarmente, em articulação com os outros professores e as outras disciplinas.

Ficha formativa 3



Áudio
Podcast
"É desta que leio isto" (excerto)



Grupo I – Compreensão oral

1 No podcast "É desta que leio isto", João Marecos é o entrevistado e vai falar sobre *O príncipezinho*.

1.1 Ouve o excerto da rubrica e indica se as seguintes afirmações são verdadeiras (V) ou falsas (F).

- a) O entrevistado é um especialista em literatura e análise crítica literária.
- b) É para ele um livro que se lê só uma vez na vida.
- c) Cada leitura do livro *O príncipezinho* acrescenta algo de novo.
- d) Este livro foi uma motivação para as suas obras.
- e) *O príncipezinho* mostrou-lhe que não seria fácil escrever um livro para crianças que pudesse ser lido por adultos.
- f) Para o entrevistado não é claro definir o destinatário do livro.
- g) *O príncipezinho* é para os seus leitores apenas a história de um menino que chega à terra vindo de outro planeta.
- h) *O príncipezinho* pode refletir diferentes temas conforme o leitor e/ou destinatário.
- i) O mesmo destinatário pode ver no livro coisas diferentes em momentos diferentes da vida.

Grupo II – Compreensão do texto

1 Lê o excerto que se segue antes de responder às perguntas sobre o texto.

Convocou toda a sua dor, quanto lhe restava de forças, e o seu orgulho perdido, e tudo lançou contra a agonia do peixe, e o peixe veio rente à borda e nadou mansamente junto à borda, com o nariz quase roçando o costado do barco, e começou a passar-lhe por baixo, longo, fundo, largo, prateado, listrado de púrpura, 5 interminável nas águas.

O velho largou a linha, calcou-a com o pé, levantou o arpão ao alto e fê-lo descer, com toda a força que tinha e mais força que no momento invocou, pelo flanco

do peixe adentro, mesmo por trás da grande barbatana peitoral que alta se erguia no ar à altura do peito do homem. Sentiu o ferro entrar e debruçou-se sobre ele e fê-lo entrar mais e carregou depois com o seu peso em cima.

O peixe então reanimou-se, com a morte em si, e saltou bem fora de água, patenteando o seu grande comprimento, a sua envergadura, o seu poder inteiro, a sua beleza. Parecia pairar no ar, acima do velho no esquife. Depois, caiu na água com estrépito, lançando espuma ao velho e por todo o barco.

O velho sentiu-se a desmaiar, agoniado, não via claro. Mas desembarçou a linha do arpão, e deixou-a correr devagar nas mãos esfoladas e, quando pôde voltar a ver, o peixe estava de costas, com a barriga prateada para cima. O cabo do arpão erguia-se, numa certa inclinação, do flanco do peixe, e o mar mudava de cor com o vermelho do sangue do seu coração. Primeiro era escuro como um cardume na água azul e funda de mais de uma milha. Depois, espalhou-se como uma nuvem. O peixe estava prateado, quieto, flutuando ao sabor das ondas.

[...]

A brisa refrescara e singravam ligeiros. Contemplava apenas a parte anterior do peixe e alguma esperança lhe voltou.

"É tolice não ter esperança", pensou. "Além de que suponho que é pecado. Não penses no pecado. Já sem ele há problemas de sobra. E do pecado não tenho entendimento".

"Não tenho dele entendimento, e até me parece que não acredito nele. Talvez fosse pecado matar o peixe. Julgo que terá sido, embora o tenha morto para viver e dar de comer a muita gente. Mas então tudo é pecado. Não penses no pecado. É tarde demais para isso, e há gente paga para pensar nele. Eles que pensem. Tu nasceste para pescador, como os peixes para ser pescados. S. Pedro era pescador, como o pai do grande DiMaggio".

Gostava, porém, de pensar em todas as coisas em que se implicava e, uma vez que não havia que ler e não tinha rádio, pensava muito, e continuou a pensar no pecado. "Não mataste o peixe só para viver e vendê-lo para ser comido. Mataste-o por amor-próprio e porque és um pescador. Amava-lo quando estava vivo, e amava-lo depois de morto. Se o amas, não é pecado matá-lo. Ou será mais?"

– Tu pensas demais, velhote – disse em voz alta.

Ernest Hemingway, *O velho e o mar*, Livros do Brasil/Porto Editora, 2015 (Texto com supressões)

Ficha formativa

1.1 Este excerto narra um dos momentos culminantes na batalha travada entre o velho e o peixe.

1.1.1 Qual é esse momento?

1.2 Transcreve do texto, excertos que ilustrem:

- a) a incerteza;
- b) perseverança;
- c) o sofrimento.

1.3 Explica, por palavras tuas, a frase seguinte:

«Convocou toda a sua dor, quanto lhe restava de forças, e o seu orgulho perdido, e tudo lançou contra a agonia do peixe [...]» (linhas 1 e 2)

1.4 Que significado simbólico tem a vitória do velho sobre o «grande peixe»?

Grupo III – Funcionamento da língua

1 «[...] Antoine de Saint-Exupéry, um **aviador-poeta** [...]»

1.1 A palavra destacada é um nome composto.

1.1.1 Passa-a para o plural.

1.2 Atenta nas seguintes palavras, indicando o seu plural:

- | | |
|---------------------------|---------------------|
| a) peixe-espada; | g) vice-presidente; |
| b) guarda-sol; | h) obra-prima; |
| c) trabalhador-estudante; | i) porta-chaves; |
| d) ex-aluno; | j) couve-flor; |
| e) terça-feira; | k) palavra-chave; |
| f) super-herói; | l) arranha-céu. |

2 Atenta na seguinte frase:

«[...] patenteando o seu grande comprimento, a sua **envergadura**, o seu poder inteiro, a sua beleza.» (linha 12)

2.1 Classifica a palavra destacada quanto ao processo de formação de palavras.

2.2 Classifica as palavras que se seguem quanto ao processo de formação:

- | | |
|------------------|---------------------|
| a) imaginação; | e) <i>t-shirt</i> ; |
| b) interminável; | f) moto; |
| c) desembaraçar; | g) futsal; |
| d) andebol; | h) ONU. |

3 Analisa sintaticamente os constituintes destacados.

- a) O peixe estava **prateado e quieto**.
- b) O velho apanhou o peixe **invencível**.
- c) O peixe **comprido e forte** foi vencido pelo velho.

Grupo IV – Escrita

«Procuro amigos, disse o príncipezinho à raposa».

O livro é um convite para entrarmos num mundo mágico e imaginarmos como seria conhecer o príncipezinho e ser amigo dele. Vais, então, entrar neste mundo de fantasia e escrever uma **carta** ao príncipezinho.

Nessa carta, vais descrever-lhe o sítio onde vives, do geral para o particular e começa por descrever o planeta até chegares ao sítio onde vives.

Em seguida, vais dizer-lhe quem és e o que é para ti “ser amigo”.

No final, deverás dirigir-lhe um convite.





O texto poético

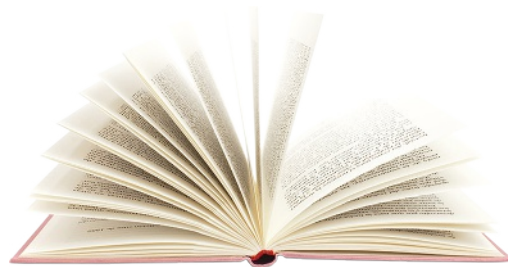
A poesia nasce como os rios
e as pessoas
as avenidas
e o mar

Porque a poesia vive em tudo
e em tudo se confunde
com o sonho.

Costa Andrade, *Terra de acácias rubras*,
Casa dos Estudantes do Império, 1961

Objetivos da unidade 4:

- reconhecer textos poéticos;
- identificar o tema de vários poemas;
- identificar versos e estrofes;
- reconhecer as sonoridades de um poema;
- reconhecer recursos expressivos;
- construir poemas;
- fazer a leitura expressiva de poemas;
- memorizar e declamar poemas.



Oralidade

1 O que é a poesia?

1.1 Pensa na primeira palavra que te vem à cabeça quando se fala em poesia e partilha-a com os teus colegas e o teu professor.

1.1.1. Em grupo, cria algumas frases ou um pequeno texto com a vossa definição de poesia.

2 Ouve o texto "A poesia", de Alice Vieira.

2.1 Indica se as seguintes afirmações são verdadeiras (V) ou falsas (F).

- a) A narradora sabe definir poesia.
- b) Ela acredita que outras pessoas sabem.
- c) Para ela, a poesia não se esgota nas palavras.
- d) É fundamental compreender o significado de todas as palavras, para compreender a poesia.
- e) A poesia compreende-se com o coração.
- f) Não existe apenas uma maneira de escrever poesia.
- g) Quem escreve poesia, conta uma história.

Leitura

1 Lê os poemas seguintes:

Liberdade

O poema é
A liberdade

Um poema não se programa
Porém a disciplina
5 — Sílabas por sílabas —
O acompanha

Sílabas por sílabas
O poema emerge
— Como se os deuses o dessem

10 O fazemos

Sophia de Mello Breyner Andresen,
O nome das coisas, Assírio & Alvim, 2015

Áudios
"Liberdade",
de Sophia de
Mello Breyner
Andresen



Texto "A poesia"



Notas biográficas

Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004) é uma consagrada escritora portuguesa muitas vezes premiada, tendo sido a primeira mulher a receber o Prémio Camões. Apesar de se ter destacado na poesia, muitos dos seus contos fazem parte do universo literário juvenil.



Todo o tempo é de poesia

Desde a névoa da manhã
à névoa do outro dia.
Desde a quentura do ventre
à frigidez da agonia

5 Todo o tempo é de poesia

Entre bombas que deflagram.
Corolas que se desdobram.
Corpos que em sangue soçobram.
Vidas qu'a amar se consagram.

10 Sob a cúpula sombria
das mãos que pedem vingança.
Sob o arco da aliança
da celeste alegoria.

Todo o tempo é de poesia.

15 Desde a arrumação do caos
à confusão da harmonia.

António Gedeão, *Poesias completas*,
Livraria Sá da Costa Editora, 1987



e Manual Digital

Áudio
"Todo o tempo é de poesia", de António Gedeão



Notas biográficas

António Gedeão (1906-1997) é o nome literário ou pseudónimo de Rómulo de Carvalho. Professor e poeta, nasceu em 1906 na cidade de Lisboa e licenciou-se em Ciências Físico-químicas. Muitos dos seus textos revelam com frequência influências da sua formação científica.



A poesia

A poesia nasce como os rios
e as pessoas
as avenidas
e o mar

- 5 Porque a poesia vive em tudo
e em tudo se confunde
com o sonho.

Costa Andrade, *Terra de acácias rubras*,
Casa dos Estudantes do Império, 1961



Manual Digital

Áudio
"Poesia", de
Costa Andrade



Notas biográficas

Francisco Fernando de Costa Andrade (1936-2009) natural do Huambo, Angola, foi político, escritor (poesia e prosa) e artista plástico. Foi um ativista político e percorreu vários países da Europa, participando em congressos e conferências ao mesmo tempo que escrevia poesia.



Compreensão do texto

- 1 Os textos poéticos transcritos têm em comum o mesmo tema. Indica-o.
 - 1.1 Como é apresentado esse tema em cada um dos poemas?
- 2 Estes textos são constituídos por versos que, por sua vez, se organizam em estrofes.
 - 2.1 Transcreve o primeiro verso do poema de Costa Andrade.
 - 2.2 Indica o número de estrofes do poema de Sophia de Mello Breyner Andresen.
 - 2.3 Indica o número de versos das diferentes estrofes do poema de António Gedeão.
 - 2.3.1 Que nome se dá a uma estrofe de quatro versos?
- 3 No poema de António Gedeão alguns versos rimam entre si, enquanto no poema "Liberdade" não existe rima. Comprova que esta afirmação é verdadeira.
 - 3.1 Indica o tipo de rima presente no poema de António Gedeão.
 - 3.2 Que nome se dá aos versos que não têm rima?

Oralidade

Tratando-se de textos poéticos, as emoções e os sentimentos que provocam no leitor são essenciais.

- Que emoções e sentimentos provocaram em ti estes poemas?
- Qual destes poemas preferes e porquê?

Partilha as respostas com os teus colegas.

Ouve as dos teus colegas e reflitam em conjunto sobre as diferentes leituras que o texto poético pode suscitar.

Para além do texto

O Dia Mundial da Poesia celebra-se a 21 de março.

Há muitas formas de celebrar este dia um pouco por todo o mundo; contudo, a forma mais comum e transversal a vários países é fazê-lo lendo um poema. Assim, tu também vais celebrar a poesia: escolhe um poema ao teu gosto e prepara a sua leitura.

Podes memorizá-lo para recitares na aula ou praticar a sua leitura e lê-lo de forma expressiva.



Curiosidade

O Dia Mundial da Poesia foi criado pela UNESCO com o objetivo de promover a leitura, a escrita, bem como a publicação e o ensino da poesia através do mundo. Este dia também foi selecionado para se celebrar o Dia Mundial da Floresta e o Dia da Árvore, uma vez que coincide com a chegada da primavera no Hemisfério Norte. Habitualmente, neste dia, ocorrem várias ações de plantação e reflorestação, em diversos locais do mundo.



Antes do texto

- 1 Ouve a canção “N kria ser poeta” interpretada por Ildo Lobo.

- 1.1 Por que razão ele diz que queria ser poeta?
1.2 Na tua opinião, que características deve ter um poeta?



Curiosidade

Esta canção foi composta por Paulino Vieira, um compositor multi-instrumentista, um orquestrador e cantor, considerado um dos maiores símbolos da música de Cabo Verde. Muitos depois dele, interpretaram esta morna – Ildo Lobo, Tito Paris, Vilma & Poliana, Fantcha.

Manual Digital

Áudios
“Ser poeta”,
de Florbela
Espanca



Leitura

- 1 Lê os poemas seguintes:

Ser poeta

Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

- 5 É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

- É ter fome, é ter sede de Infinito!
10 Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma, e sangue, e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente!

Florbela Espanca, *Charneca em flor*,
Livraria Gonçalves, 1931



Notas biográficas

Florbela Espanca (1894-1930) foi uma poetisa portuguesa, autora de sonetos, que deixou uma importante marca na literatura portuguesa. A sua poesia é reconhecida pelo seu estilo peculiar, carregada de emoção, onde o sofrimento e a solidão se juntam ao desejo de ser feliz.



Karingana ua karingana

Este jeito
de contar as coisas
à maneira simples das profecias
– Karingana ua Karingana
5 é que faz a arte sentir
o pássaro da poesia.



E nem
de outra forma se inventa
o que é dos poetas
nem se transforma
10 a visão do impossível
em sonho do que pode ser.

– Karingana!

José Craveirinha, *Karingana ua karingana*,
Edição da Académica, 1974

Curiosidades



Karingana ua karingana
é uma fórmula clássica de
iniciar um conto e que possui
o mesmo significado de “Era
uma vez”.

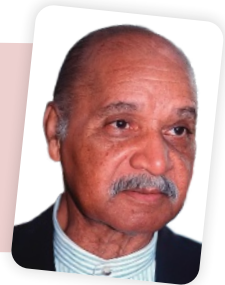
Manual
Digital

Áudio
“Karingana ua
karingana”, de
José Craveirinha



Notas biográficas

José Craveirinha (1922-2003) foi um poeta moçambicano, considerado um dos maiores poetas do seu país natal. A sua poesia é fortemente marcada por um carácter popular e tipicamente moçambicano. Ganhou o prémio Camões em 1991.



Compreensão do texto

- 1 Os textos poéticos transcritos acima têm em comum o mesmo tema. Indica-o
 - 1.1 Como é apresentado esse tema em cada um dos poemas?
- 2 No poema de Florbela Espanca, o tema é abordado de maneira diferente nas três primeiras estrofes e na última. Explica essa diferença.
 - 2.1 Nos versos «Ser Poeta é ser mais alto, é ser maior/Do que os homens!», a que é equiparado o poeta?
- 3 No poema de José Craveirinha, o que permite ao poeta “sentir-se gente”?
 - 3.1 O que é, segundo o sujeito poético, propriedade dos poetas?

- 2 Por que se dá, em alguns casos, o nome “chave de ouro” ao último terceto? Agora, em conjunto com os teus colegas, confirma se o soneto de Florbela Espanca obedece a todas estas características.

Gramática no texto

O texto poético é rico em recursos expressivos, como podes ver na tabela abaixo:

Recurso	Definição	Exemplo
Comparação	Relação entre duas ideias através de uma partícula comparativa ou de verbos como “parecer” ou “assemelhar-se”.	«Morder como quem beija!»
Metáfora	É uma comparação implícita.	«É ter cá dentro um astro que flameja!»
Enumeração	Apresentação sucessiva de elementos que mantêm entre si uma relação.	«É seres alma, e sangue, e vida em mim»
Anáfora	Repetição, no início de frases ou versos seguidos, da mesma palavra ou expressão.	« Se desmorono ou se edifico, se permaneço ou me desfaço»

Exercícios de aplicação

- 1 Identifica os recursos expressivos presentes nas frases e/ou versos seguintes:
- «Deixem passar quem vai na estrada. / Deixem passar / Quem vai cheio de noite e luar / Deixem passar e não lhe digam nada.»
 - Os seus olhos eram como safiras.
 - Em cima da mesa havia lápis, canetas, papel, pincéis, telas e tinta.
 - Os cabelos pareciam redes de pesca.
 - Os seus olhos eram diamantes.
 - Havia uma grande floresta de pinheiros, carvalhos, tílias e oliveiras.
 - Acabaram as aulas. Acabaram as dores de barriga. Acabaram as campainhas para entrar na sala de aula. Acabaram as corridas para o autocarro.
 - Dois carvões incandescentes espreitavam pela janela.

Antes do texto

- 1 Vê um excerto da reportagem sobre Eugénio Tavares.

1.1. Em grupo, reconstrói a biografia do poeta Eugénio Tavares.

Leitura

- 1 Lê dois poemas de Eugénio Tavares.

Hino bravense

O' Brava amada, meu ninho em flor,
O' pequenina e humilde Brava!
Coroad outrora de fogo e lava,
Hoje teu **nimbo** é o nosso amor!

- 5 Terra crioula, terra natal,
– Tamanho e forma de um coração! –
Que Deus te guarde de todo mal,
Que em torno a ti o Mal **ruja** em vão.
Filha da lava e filha do mar,
10 Que a lava aquece e o mar **rebeija**,
Tua alma, ó Brava, como que **adeja**,
Asa de sonho solto no ar.
Nunca **amainaste** na tempestade
As velas cândidas da clara esperança,
15 Nunca deixaste de, na bonança,
Ser forte e doce como a saudade!

Coro

Teus filhos amam o largo mar,
O mar que os leva e que os traz de espaço:

- 20 Choras, se partem p'ra não voltar,
Cantas, se voltam ao teu regaço!

Disponível em www.eugeniotavares.org
[consult. 5 abr 2023]



Glossário

Nimbo (n.m.): nuvem escura, espessa, baixa, de contornos vagos, que facilmente se desfaz em chuva ou neve; auréola ou círculo luminoso.

Rugir (v.): som emitido pelo leão e outros felinos; soltar rugidos; fazer estridor; bramir; fremir; murmurar; sussurrar.

Rebejar (v.): beijar novamente.

Adejar (v.): bater as asas para se manter no ar; esvoaçar; voejar.

Amainar (v.): tornar(-se) brando, serenar, acalmar.



Vídeo
Eugénio Tavares,
RTP
(reportagem)



Áudio
"Hino bravense",
de Eugénio
Tavares



Forsa di kretxeu

Ka ten nada nes bida
Más grandi ki amor

Si Deus ka ten midida
Amor inda é maior

5 Amor inda é maior
Maior ki mar ki séu
Ma entri otus kretxeu
Di meu inda é maior

Kretxeu más sábi
10 É kel ki é di meu
El é k'é txabi
Ki abri-m nha séu

Kretxeu más sábi
é kel ki kre-m

15 Ai, si N perde-l
Morti dja ben.



Ó forsa di kretxeu,
Abri-m nha aza en flor
Dixá-m alkansa séu
20 Pa N ba odja Nós Senhor
Pa N ba pidi-l simenti
Di amor kum´ es di meu
Pa N ben da tudu djenti
Pa tudu konxe séu

Eugénio Tavares, in Genivaldo Rodrigues Sobrinho, *Eugénio Tavares – Retratos de Cabo Verde em prosa e poesia*, Pedro Cardoso Livraria, 2017 (Texto adaptado à ortografia atual da língua cabo-verdiana)

e Manual Digital

Áudio
"Forsa di kretxeu", de Eugénio Tavares



Compreensão do texto

- 1 Em grupo, traduz o poema "Forsa di kretxeu" para a língua portuguesa.
- 2 Em ambos os poemas, fala-se de amor. Quem é, em cada um dos poemas, o destinatário deste amor?
 - 2.1 Descreve como este sentimento é apresentado em cada um dos poemas.
- 3 No primeiro poema, como é que o sujeito poético caracteriza a sua amada?
 - 3.1 Descreve os três momentos diferentes do poema: presente, passado e futuro.
- 4 No segundo poema, o sujeito poético exprime um grande amor. De que modo ele engrandece esse amor?
 - 4.1 Parece haver três tempos diferentes. Identifica-os e caracteriza-os.
 - 4.2 Na segunda estrofe, o sujeito poético faz um pedido. Identifica: o destinatário, o pedido e a razão desse pedido.

Leitura

1 Lê o texto seguinte:

Kretcheu, nha kretcheu. Qual é a morna mais romântica de sempre?

Morna, música rainha de Cabo Verde e Património Imaterial da Humanidade, é a expressão musical da alma de um povo. E é uma expressão, por natureza, romântica. Mas dentro de toda a variedade de mornas, há composições que se salientam pela ode que fazem ao Amor e aos amores.

Para marcar este Dia de São Valentim, inquirimos algumas pessoas direta ou indiretamente ligadas à música e poesia: Qual é a morna mais romântica de sempre? [...]

Força di Cretcheu de Eugénio Tavares é, indiscutivelmente, a morna rainha entre as mornas românticas.

Seis, em oito entrevistados, colocaram-na no top das mornas românticas.

Força di Cretcheu de Eugénio Tavares é a morna/canção nacional que mais expressa o sentido do amor [...], avalia Tó Tavares.

Betú por seu turno justifica a sua escolha “pela elegância melódica e pela sublimação poética!”

“É um tema que tem uma dimensão do amor. Única, plena e partilhada. Única porque a estória que a inspirou é uma estória de amor sem precedentes e motivadora. Plena porque fala de um



amor pleno só comparável com a dimensão do mar ou do céu e partilhada porque de tão grande, o desejo do compositor foi pedir a Deus as sementes para semeá-las em toda a gente para que também possam sentir o mesmo”, louva Teté Alinho.

Força di Cretcheu “é a força do romantismo. Lembremo-nos da época em que Eugénio Tavares escreveu essa morna: deve ser finais do século XIX, princípios do século XX – Eugénio Tavares morreu em 1930. É o máximo do romantismo, à moda antiga, em todo um contexto literário e do romantismo”, analisa, na ótica de investigador, o antropólogo, Brito-Semedo, e autor da coleção “Morna: Música Rainha de Nôs Terra”.

Embora sem referir nenhuma canção de Eugénio Tavares em particular,

também a escritora Vera Duarte fala das mornas deste compositor-poeta-escritor.

55 “Acho que não há um cabo-verdiano que não goste das mornas de Eugénio Tavares, sobretudo quando ele fala de mal de amor, que é a dor do amor”, refere.

A dor do amor e o próprio amor.
60 Para Alberto Koenig a letra “descreve o que é o amor, o que é companheirismo, o que é gostar de alguém, o que é não conseguir viver sem alguém”.

Disponível em expressodasilhas.cv [consult. 12 fev 2023] (Texto com supressões)

Compreensão do texto

- 1 Que razões são apontadas para se considerar a morna da autoria de Eugénio Tavares como a mais romântica de sempre?

Antes do texto

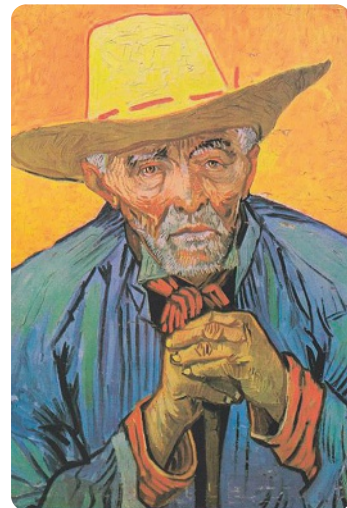
- 1 Observa os seguintes retratos.



Frederico Draw, *Retrato de Cesária Évora*, 2017



Leonardo da Vinci, *“Gioconda, Monna Lisa”* (Mona Lisa), 1503–1506



Vincent Van Gogh, *“Bildnis Patience Escalier”* (Retrato de Patience Escalier), 1888

- 1.1 Em conjunto com os teus colegas, descreve a expressão facial de cada um destes retratos, sugerindo os sentimentos que estão por detrás dessa expressão.
- 1.2 Faz uma pesquisa sobre estas imagens e os seus autores.

Leitura

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

5 Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
10 Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Cecília Meireles, *Antologia poética*, Relógio d'Água, 2002



Notas biográficas

Cecília Meireles foi uma poetisa brasileira (1901-1964). Começou a escrever poesia aos 9 anos de idade, sendo considerada uma das maiores poetisas de língua portuguesa. Em 1934 fundou a primeira biblioteca infantil brasileira e muitas das suas obras tiveram como público-alvo as crianças, ainda que permitam diferentes níveis de leitura. Ganhou alguns prêmios e recebeu várias homenagens.



Compreensão do texto

- 1 Neste poema é feito o retrato do sujeito poético. Justifica.
- 2 Este retrato não é exclusivamente físico. Justifica.



- 3 Atenta no seguinte verso do poema: «Eu não tinha este rosto de hoje» (v.1).
- 3.1 O verso anuncia imediatamente uma oposição, um contraste.
- 3.1.1 Explica qual é esse contraste.
- 4 Na segunda estrofe, o sujeito poético apresenta várias mudanças. Descreve-as.
- 4.1 Na tua opinião, por que razão ele elege, além do rosto e das mãos, o coração para descrever essa mudança?
- 5 A terceira estrofe apresenta uma espécie de conclusão final. Justifica.
- 5.1 Na tua opinião, por que razão o sujeito poético não deu por «esta mudança»?
- 5.1.1 Por que razão a mudança é «tão simples, tão certa, tão fácil»?
- 6 O poema termina com uma pergunta.
- 6.1 A quem ele dirige essa pergunta?
- 6.2 Qual o sentido dessa pergunta?
- 7 Ouve o poema *Retrato* declamado pela própria autora, Cecília Meireles.
- 7.1 A declamação do poema, pela autora, adiciona, na tua opinião, mais emoções ou sentimentos?

Funcionamento da língua

- 1 Atenta nos seguintes versos:
«Eu não tinha este rosto de hoje», «Eu não tinha estas mãos sem força», «Eu não tinha este coração».
- 1.1 Indica o tempo verbal utilizado e explica o seu valor nestes versos.
- 2 Classifica morfologicamente as palavras destacadas, na segunda estrofe.
- Eu **não** tinha estas mãos **sem** força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que **nem** se mostra.
- 2.1 Que valor(es) adicionam essas palavras?

3 Classifica morfologicamente as palavras destacadas nos versos.

- a) «Eu não tinha **este** rosto de hoje,» d) «Eu não tinha **este** coração»
b) «Eu não tinha **estas** mãos sem força,» e) «Eu não dei por **esta** mudança,»
c) «Nem **estes** olhos tão vazios,»

3.1 Que efeito têm estas palavras no poema?



Áudio
"Ou isto ou aquilo", de
Cecília Meireles



Leitura

1 Lê o poema seguinte:

Ou isto ou aquilo

Ou se tem chuva e não se tem sol,
ou se tem sol e não se tem chuva!

Ou se calça a luva e não se põe o anel,
ou se põe o anel e não se calça a luva!

- 5 Quem sobe nos ares não fica no chão,
quem fica no chão não sobe nos ares.

É uma grande pena que não se possa
estar ao mesmo tempo nos dois lugares!

- 10 Ou guardo o dinheiro e não compro o doce,
ou compro o doce e gasto o dinheiro.

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranquilo.

- 15 Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

Cecília Meireles, *Ou isto ou aquilo*, Global, 1964



Compreensão do texto

- 1 Qual é o tema deste poema?
 - 1.1 Qual é o valor expressivo das conjunções disjuntivas e copulativas ao longo do poema?
 - 1.2 Na tua opinião, por que razão o público alvo deste poema é um público infantil?
- 2 Explica o sentido dos seguintes versos: «É uma grande pena que não se possa/ estar ao mesmo tempo nos dois lugares!» (versos 7 e 8)
- 3 Estes versos comportam um ensinamento. Justifica.
- 4 A partir da 4.^a estrofe há uma diferença clara na construção da voz do poema.
 - 4.1 Explica esta diferença, apoiando-te em excertos do poema.
 - 4.2 Qual será a intenção desta mudança?

Escrita

Continua o poema, acrescentando outros versos que indiquem outras opções ou alternativas (segue o modelo dos versos deste poema).

Gramática no texto

O poema de Cecília Meireles brinca com algumas ações que, no universo da criança, são contrárias: fazer chuva vs. fazer sol; estar no ar vs. estar no chão; brincar vs. estudar. Apesar de não serem realmente antónimos, para as crianças têm, de facto, sentidos contrários.

Estabelecer relação de sentido entre palavras é recorrente na língua portuguesa e podemos fazê-lo de maneiras muito diferentes:

- de **semelhança** (sinonímia) e de **oposição** (antonímia);
- de **hierarquia** (hiperonímia e hiponímia);
- de **parte-todo** (holonímia e meronímia).

Exemplos

- Neste momento estou **livre** para te ajudar.
- Neste momento estou **disponível** para te ajudar. → sinonímia
- Preciso de **esconder** a prenda que comprei para ela.
- Vou contar-te uma coisa mas não podes **revelar** a ninguém. → antonímia
- O sobreiro e o carvalho são árvores. → "árvore" é o hiperónimo e "sobreiro e carvalho" são hipónimos.
- A raiz, o tronco e os ramos são partes da árvore. → "árvore" é o holónimo e "raiz, tronco e ramos" são os merónimos.

Exercícios de aplicação

1 Assinala o sinónimo adequado para as palavras seguintes:

a) **calmo**

- aborrecido
 tranquilo
 admirado

b) **parado**

- lento
 inativo
 surpreendido

c) **simples**

- único
 completo
 descomplicado

2 Assinala o antónimo adequado para as palavras seguintes:

a) **triste**

- alegre
 entusiasmado
 eufórico

b) **mostrar**

- apresentar
 esconder
 omitir

c) **recordado**

- livre
 esquecido
 receoso

3 Completa a tabela abaixo:

Hiperónimo	Hipónimo	Holónimo	Merónimos
flor	a)	rosa	e)
	b)		f)
	c)		g)
	d)		h)

Antes do texto

1 Ouve a reportagem sobre Sophia de Mello Breyner Andresen.

1.1 Responde às perguntas que se seguem.

- Que outro nome poderia ter Sophia de Mello Breyner?
- Qual é a coisa mais antiga que ela tem na memória?
- Além de escrever, de que outra atividade a escritora gostava bastante?
- A neta de Sophia fala de uma característica da avó. Qual?
- Quando foi publicado o primeiro livro?
- Por que razão ela escrevia?



Áudio

Sophia de Mello Breyner Andresen, RTP (reportagem)



Vídeo

"Porque", de Sophia de Mello Breyner Andresen



Leitura

1 Lê o poema seguinte:

Porque

Porque os outros se mascaram mas tu não
 Porque os outros usam a virtude
 Para comprar o que não tem perdão.
 Porque os outros têm medo mas tu não.

- 5 Porque os outros são os túmulos caídos
 Onde germina calada a podridão.
 Porque os outros se calam mas tu não.

Porque os outros se compram e se vendem
 E os seus gestos dão sempre dividendo.

- 10 Porque os outros são hábeis mas tu não.

Porque os outros vão à sombra dos abrigos
 E tu vais de mãos dadas com os perigos.
 Porque os outros calculam mas tu não.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *Obra poética*, Assírio & Alvim, 2015



Compreensão do texto

- 1 Ao longo deste poema, o sujeito poético faz a clara distinção entre «os outros» e «tu». Indica a quem pertence cada um dos comportamentos que se seguem.

	os outros	tu
oportunismo		
medo		
corrupção		
honestidade		
coragem		
aventura e/ou risco		
generosidade		

- 2 Atenta na estrutura do poema e indica:
- a) número de versos; b) tipo de rimas; c) tipo de estrofes.

- 3 Qual é o recurso expressivo que predomina no poema?

3.1 Justifica com exemplos do texto.

- 4 Atenta nos seguintes versos:

- a) «**Porque** os outros se mascaram **mas** tu não» (v. 1)
 b) «**Porque** os outros têm medo **mas** tu não.» (v. 4)
 c) «**Porque** os outros se calam **mas** tu não.» (v. 7)
 d) «**Porque** os outros são hábeis **mas** tu não.» (v. 10)
 e) «**Porque** os outros calculam **mas** tu não.» (v. 13)

4.1 Classifica as conjunções “porque” e “mas”.

4.1.1 Na tua opinião, a conjunção “mas” serve para reforçar o quê?

Leitura

- 1 Lê o poema seguinte:

Deus escreve direito

- Deus escreve direito por linhas tortas
 E a vida não vive em linha reta
 Em cada célula do homem estão inscritas
 A cor dos olhos e a argúcia do olhar
 5 O desenho dos ossos e o contorno da boca
 Por isso te olhas ao espelho:
 E no espelho te buscas para te reconhecer
 Porém em cada célula desde o início
 Foi inscrito o signo veemente da tua liberdade
 10 Pois foste criado e tens de ser real
 Por isso não percas nunca teu fervor mais austero
 Tua exigência de ti e por entre
 Espelhos deformantes e desastres e desvios
 Nem um momento só podes perder
 15 A linha musical do encantamento
 Que é teu sol tua luz teu alimento

Sophia de Mello Breyner Andresen,
O búzio de Cós e outros poemas, Assírio & Alvim, 2016



e Manual Digital

Áudio
 “Deus escreve direito”,
 de Sophia de Mello Breyner
 Andresen



Compreensão do texto

- 1 Identifica e delimita no poema as seguintes partes:
- apresentação da ideia a defender;
 - exposição dos argumentos;
 - confirmação da ideia apresentada.
- 2 Explica, por palavras tuas, o significado dos versos seguintes:
- «E a vida não vive em linha reta» (v. 2)
 - «Pois foste criado e tens de ser real» (v. 10)

3 Segundo o sujeito poético, por que razão nos vemos ao espelho?

4 Qual a importância do sol, luz e alimento na nossa vida?

4.1 Qual o significado do último verso?

5 Este poema não tem, praticamente, pontuação.

5.1 Pontua o poema de maneira a torná-lo mais fácil de compreender.

5.1.1 Justifica as tuas opções.

Manual Digital

Áudio

"Há palavras que nos beijam", Mariza (excerto)



Escrita

O primeiro verso do poema de Sophia de Mello Breyner Andresen é um ditado popular de origem religiosa a que recorremos com alguma facilidade quando, de uma situação adversa, se retira algo favorável. Escreve uma pequena história, real ou imaginária, onde possas aplicar este ditado.

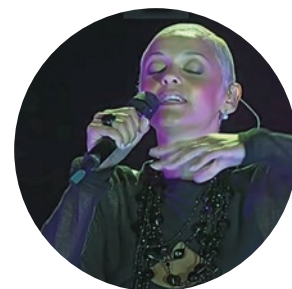
Antes do texto

1 Ouve um excerto da canção "Há palavras que nos beijam" interpretada por Mariza.

1.1 Que sentimentos te transmite esta canção?

1.2 A letra é um poema de Alexandre O'Neill.

1.2.1 Relê os versos do poema, procurando explicar o poder das palavras.



Curiosidade



A canção que acabaste de ouvir na voz de Mariza é um fado. O fado é um estilo musical português que se tornou Património Cultural e Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2011. Geralmente é cantado por uma única pessoa (fadista) acompanhado por uma guitarra clássica e uma guitarra portuguesa. A saudade, a perda, a ausência eram os temas mais tradicionais deste género. Amália Rodrigues, a mais célebre das fadistas, internacionalizou esta canção. Pode-se dizer que o Fado e Amália Rodrigues estão para Portugal, como a Morna e Cesária Évora estão para Cabo Verde.

Há palavras que nos beijam

Há palavras que nos beijam
 Como se tivessem boca.
 Palavras de amor, de esperança,
 De imenso amor, de esperança louca.

- 5 Palavras nuas que beijas
 Quando a noite perde o rosto;
 Palavras que se recusam
 Aos muros do teu desgosto.

De repente coloridas

- 10 Entre palavras sem cor,
 Esperadas inesperadas
 Como a poesia ou o amor.

(O nome de quem se ama
 Letra a letra revelado

- 15 No mármore distraído
 No papel abandonado)

Palavras que nos transportam
 Aonde a noite é mais forte,
 Ao silêncio dos amantes

- 20 Abraçados contra a morte.



Alexandre O'Neill, *Poesias completas*, Assírio & Alvim, 2012

Notas biográficas

Alexandre O'Neill foi um poeta surrealista português que nasceu em Lisboa, em 1924, e morreu em 1986. Foi um autodidata e um dos fundadores do Movimento Literário Surrealista, que não teve muito sucesso. As influências surrealistas permanecem visíveis nas obras dele, que além dos livros de poesia incluem prosa, traduções e antologias.



Leitura

- 1 Lê o poema seguinte:

As palavras

São como um cristal,
as palavras.

Algumas, um punhal,
um incêndio.

- 5 Outras,
orvalho apenas.

Secretas vêm, cheias de memória.
Inseguras navegam:
barcos ou beijos,

- 10 as águas estremecem.
Desamparadas, inocentes,
leves.



Tecidas são de luz
e são a noite.

- 15 E mesmo pálidas
verdes paraísos lembram ainda.

Quem as escuta? Quem
as recolhe, assim,
cruéis, desfeitas,

- 20 nas suas conchas puras?

Eugénio de Andrade, *Coração do dia – Mar de setembro*, Assírio & Alvim, 2013

Compreensão do texto

- 1 O sujeito poético começa por comparar as palavras a um cristal.

1.1 Que características têm em comum?

1.2 Assinala a opção adequada. Na primeira estrofe, é atribuída conotação a:

punhal.

incêndio.

orvalho.

- 2 Que recurso expressivo encontramos nos dois primeiros versos da terceira estrofe? Qual é o seu valor?

- 3 Na última estrofe, são formuladas algumas perguntas.

3.1 Qual é, na tua opinião, o objetivo do sujeito poético?

3.2 A quem dirige estas questões?

- 4 Treina a leitura e lê o poema de forma expressiva.



Antes do texto

- 1 Quando se fala em primavera, o que pensas imediatamente?
- 2 Ouve o refrão da canção "Primavera", do cantor natural da Ilha do Sal, Dynamo.
 - 2.1 Qual a importância da primavera nesta canção?

Leitura

- 1 Lê o poema seguinte:

Anunciação da primavera – 2

Não sei de onde vem esta bruma,
se dos meus olhos, se
do rio. Um sol frouxo, próprio

das manhãs de domingo, escurecia
5 o vermelho, o amarelo das casas.
Dentro de mim, a musical

floração das cerejeiras havia começado.
Noutro lugar, noutro dia.
De repente, um pássaro inesperado

10 começou a cantar num ramo
que não havia, sobe a prumo no céu
onde a manhã total principia.

Eugénio de Andrade, *Os lugares do lume*,
Assírio & Alvim, 2019

Compreensão do texto

- 1 Parece haver no texto momentos no presente e no passado.
 - 1.1 Justifica essa afirmação, dando alguns exemplos.
 - 1.2 Esses momentos passados parecem descrever momentos de recordação do sujeito poético.
 - 1.2.1 Justifica esta afirmação.
- 2 Na tua opinião, quais são os versos que claramente anunciam a primavera?
- 3 Como se sente o sujeito poético com a chegada da primavera?



4 O que faz do domingo um dia diferente dos outros?

4.1 Explica o sentido dos versos: «[...]Um sol frouxo, próprio / das manhãs de domingo». (versos 3 e 4)

5 Que acontecimento faz um corte nas recordações do sujeito poético e o traz ao momento presente?

6 Analisa a estrutura externa do poema:

- a) número de versos; c) tipos de rima; e) esquema rimático.
b) número de estrofes; d) métrica;

Escrita

Reescreve o poema de Eugénio de Andrade, dando-lhe a forma de prosa.

Antes do texto

1 A saudade é um sentimento muito característico do mundo lusófono. É considerada uma palavra da língua portuguesa intraduzível para outros idiomas. Muitos artistas lusófonos cantaram a saudade.

1.1 Como poderias definir "saudade"?

2 Vais ouvir quatro canções sobre o tema da saudade, por quatro artistas diferentes, de três países lusófonos: Cesária Évora, "Sodade"; João Gilberto, "Chega de Saudade"; Mariza, "Chuva"; Dillaz, "Saudade".



2.1 Em grupo, procura descrever como é abordado o tema em cada uma das canções.

2.2 Em seguida, seleciona a canção que mais gostaste, justificando a tua escolha.

3 E para ti, o que é saudade? De que sentes saudade?

Leitura

1 Lê o poema seguinte:

Morna

É já saudade a vela, além.
Serena, a música esvoaça
na tarde calma, **plúmbea**, baça,
onde a tristeza se contém.

5 Os pares deslizam embrulhados
de sonhos em dobras **inefáveis**.
(Ó deuses **lúbricos**, ousáveis
erguer, então, na tarde morta
a eterna ronda de pecados
10 que ia bater de porta em porta!)

E ao ritmo **túmido** do canto
na solidão rubra da **messe**,
deixo correr o sal e o pranto
15 — sutil e magoado encanto
que o rosto **núbil** me envelhece.

Daniel Filipe, *Morna*, *A ilha e a solidão*,
Agência do Ultramar, 1957



e Manual Digital

Áudio
"Morna", de
Daniel Filipe



Glossário

Plúmbeo (adj.): a cor do chumbo.

Inefável (adj.): que não se pode exprimir por palavras; deslumbrante ou encantador.

Lúbrico (adj.): escorregadio; sensual ou lascivo.

Túmido (adj.): que aumentou de volume; inchado; orgulhoso (figurado).

Messe (n. f.): seara madura; colheita ou ceifa.

Núbil (adj.): que está apto para casar; casadoiro.

Notas biográficas

Daniel Damásio Ascensão Filipe (1925-1964) foi um poeta e jornalista cabo-verdiano. Foi codiretor dos cadernos de poesia *Notícias do bloqueio*, publicados no Porto entre 1957 e 1962, e colaborou em diversas publicações. Na poesia destacou-se pela combatividade revolucionária, aliada a uma fina sensibilidade lírica.



Compreensão do texto

1 Qual é o tema do poema?

1.1 Relaciona o título com o tema.

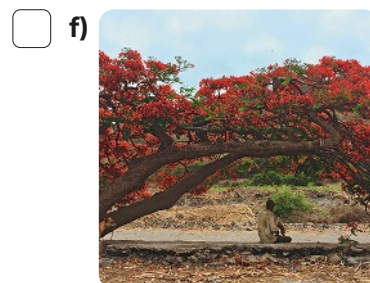
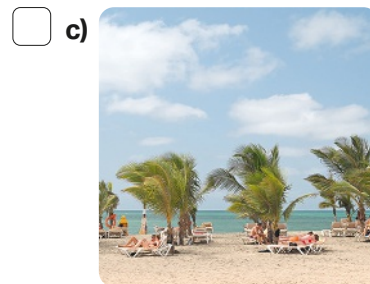
2 O sujeito poético relaciona as suas emoções ou sentimentos com os estados do tempo. Justifica esta afirmação, dando exemplos.

3 A última estrofe é uma espécie de conclusão.

3.1 Explica qual é a conclusão do poema.

Antes do texto

1 Indica as imagens que associas a uma cidade.



1.1 Conversa com os teus colegas sobre aquilo que caracteriza as cidades e as distingue de outros ambientes, tendo em conta a paisagem e o modo de vida dos que nelas vivem.

1.2 Em seguida, vais ler um poema cujo título é "Lição de urbanismo".

1.2.1 Na tua opinião, qual é o assunto deste poema?

Leitura

1 Lê o poema seguinte:

Lição de urbanismo

Uma cidade é essa intérmina ameaça
de luzes, mesmo quando um véu de
névoa tolhe os horizontes que uma
infância baldia soldou ao sangue

5 — cosa mentale, certamente,
onde um rio grita de ausência
para as bandas do sol-posto.

O amor de passagem dá guarida
em sujos quartos acidentais.

10 Por vezes, um sadio rumor vegetal
nos recorda os antigos estivais quintais.

Nela quase tudo é anónimo; embora,
outrora, um simples sulco no chão
15 do fundador constituísse a assinatura.

Feérica paisagem, colori-la com demão,
é ofício de prosa obesa; da cidade mostrar
a agudeza e a simetria, requer poesia chã.

José Luiz Tavares, *Lisbon blues*, *Abysmo*, 2015



e Manual Digital

Áudio
"Lição de urbanismo",
de José Luiz Tavares



Notas biográficas

José Luiz Tavares (1967) é um escritor e poeta cabo-verdiano, com publicações em jornais e revistas de Cabo Verde, Portugal e Brasil. Pelo seu livro *Paraíso apagado por um trovão* recebeu o Prémio Mário António de Poesia 2004, atribuído à melhor obra de autor africano de língua portuguesa e de Timor-Leste publicada no triénio 2001-2003.



Compreensão do texto

- 1 Existe alguma relação entre o título e o conteúdo do poema?
 - 1.1 Qual é a “lição” que nos dá o sujeito poético?
- 2 Na primeira estrofe, como é descrita a cidade?
- 3 Em que sentido se usa a palavra «infância» no poema?
 - 3.1 Dá exemplos do poema que expliquem o sentido da palavra «infância»?
- 4 O sujeito poético marca uma oposição entre o que é anónimo e o que «tem assinatura».
 - 4.1 Explica, por palavras tuas, esta oposição.
- 5 Na última estrofe, o sujeito poético parece dar a entender que a prosa e a poesia têm a mesma função. Justifica.
 - 5.1 Explica a caracterização dada a estas duas formas de escrita: «prosa obesa» e «poesia chã».
- 6 Concordas com a visão que o sujeito tem da cidade? Justifica.
- 7 Os versos deste poema são brancos. Justifica.

Funcionamento da língua

- 1 Classifica morfologicamente as palavras destacadas nos versos seguintes:
 - a) «Uma cidade é essa **intérmina** ameaça»;
 - b) «infância **baldia** soldou ao sangue»;
 - c) «em **sujos** quartos **acidentais**»;
 - d) «Por vezes, um **sadio** rumor vegetal»;
 - e) «nos recorda os **antigos** estivais quintais»;
 - f) «**Feérica** paisagem, colori-la com demão».
 - 1.1 Substitui essas palavras por outras com o mesmo significado.

Gramática no texto

A expressão «*cosa mentale*» em italiano, resulta, tal como a expressão portuguesa “coisa mental”, da evolução do latim, a língua mãe. Neste processo evolutivo, podemos observar várias modificações fonéticas, isto é, alterações dos sons das palavras. Observamos que no termo latino “causa”, na passagem para o italiano, ocorreu a monotongação de /au/ para /o/ (causa>cosa); no português, o ditongo /au/ passou a /ou/ (causa>cousa) por um processo de assimilação (o /o/ assemelha-se mais ao /u/ do que o /a/). Posteriormente, houve uma grande oscilação no português entre os ditongos /oi/ e /ou/, e veio a prevalecer a forma /coisa/. Vejamos alguns exemplos de **processos fonológicos**.

	Início	Meio	Fim
Adição: é adicionado um segmento à palavra.	í > aí → prótese	feo > feio → epêntese	ante > antes → paragoge
Supressão: é suprimido um elemento na palavra.	alevantada > levantada → aférese	malu > mau → síncope	mentale > mental → apócope

No caso da **alteração**, um som transforma-se noutro ou troca de posição numa palavra e existem quatro processos.

Assimilação: dois fonemas próximos tornam-se iguais ou semelhantes.	Dissimilação: dois fonemas próximos e iguais passam a ser diferentes.	Redução vocálica: enfraquecimento de uma vogal que passa para uma posição átona.	Metátese: diferentes segmentos trocam de posição numa palavra.
fermosa > formosa ;	lilliu > lírio	mala > malinha	semper > sempre

Exercícios de aplicação

1 Identifica os processos fonológicos que deram origem às novas palavras.

- | | |
|------------------------|---------------------|
| a) fabulare > efabular | f) merlo > melro |
| b) gato > gatinho | g) stare > estar |
| c) humile > humilde | h) ipso > isso |
| d) persicu > pêssego | i) stella > estrela |
| e) cadea > cadeia | j) rivu > rio |

Leitura

Manual Digital

Áudio
"Construção",
de Ondjaki



- 1 Lê o poema seguinte:

Construção

construção da casa [e do interior da casa]
construção de uma fogueira [e do fogo, e da chama, e das cinzas]
construção de uma pessoa [do embrião aos livros]
construção do amor
5 construção da sensibilidade [desde os poros até à música]
construção de uma ideia [passando pelo que o outro disse]
construção do poema [e do sentir do poema]

[há qualquer coisa de «des» na palavra construção]

- desconstrução do preconceito
10 desconstrução da miséria
desconstrução do medo
desconstrução da rigidez
desconstrução do inchaço do ego
desconstrução simples [como exercício]
15 desconstrução do poema [para um renascer dele]

construção é uma palavra
que causa suor
ao ser pronunciada.

penso que esse seja um suor bonito.

Ondjaki, *Materiais para confeitura de um espanador de tristezas*, Caminho, 2009

Notas biográficas

Ndalu de Almeida (1977), conhecido sob o pseudónimo de Ondjaki, é um prosador e poeta angolano. Já ganhou vários prémios. Em 2023 venceu o prémio Literário Vergílio Ferreira tendo o júri destacado o seu contributo para fazer da língua portuguesa "uma língua de reconciliação e mesmo de consciência crítica para todos os falantes de português".



Compreensão do texto

- 1 Há neste poema uma clara oposição entre aquilo que se constrói e o que se desconstrói. De acordo com o poema, o que dá mais trabalho? Justifica.
- 2 A primeira estrofe diz respeito à construção. Por que razão, ao contrário da estrofe referente à desconstrução, quase todos os versos têm um complemento entre parênteses?
 - 2.1 Na tua opinião, explica por que razão o quarto verso não tem.
- 3 O poema é o único que é objeto de construção e desconstrução, segundo o sujeito poético. Explica esta dupla possibilidade.
- 4 Explica, por palavras tuas, os últimos quatro versos.
- 5 Que efeito tem a anáfora presente ao longo do poema?

Gramática no texto

No poema, há um jogo de palavras com construção/desconstrução. O prefixo *des-* significa a ideia contrária. Há outros prefixos que são usados com esse mesmo valor, como *in-* (útil/inútil), *im-* (possível/impossível) ou *i-* (real/irreal). Mas existem prefixos com outros valores como te deves lembrar.

Exercícios de aplicação

- 1 Identifica o prefixo e o respetivo valor das seguintes palavras:

reorganizar

bisneto

contrapor

irregular

desaparafusar

supermercado

anteontem

prever

extraordinário

pospor

Escrita

Tal como o poema de Ondjaki, escolhe duas palavras com uma oposição semelhante (por exemplo, ligar e desligar) e escreve algumas frases e/ou versos.

Antes do texto

- 1 Lê a entrada do dicionário para a palavra **borboleta**.

Dicionário



Borboleta (n.f.)

1. ZOOLOGIA: designação comum, extensiva a todos os insetos lepidópteros no estado adulto, que se caracterizam por terem dois pares de asas coloridas, um par de antenas e tromba em espiral; mariposa.

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. Disponível em www.infopedia.pt [consult. 21 dez. 2022]

- 2 Como descreverias estas borboletas?



- 3 Ouve a canção “Borboleta” interpretada por Adriana Partimpim (Adriana Calcanhotto), com letra de Vinicius de Moraes e Cid Campos.

Borboleta

No lago zulu
O casulo de seda
Da larga lagarta
Do corpo de estrela

- 5 Virada no vento
Não vai mais rasteira
Terá vida nova

Farfalla ligeira
Farfalla ligeira borboleta

- 10 Farfalla ligeira

Levada na cor
Recorta do ar
O cheiro da flor
Ruído do mar

- 15 Mas foge de mim
Na borda da mesa
Ou pousa no prato
De louça chinesa

Farfalla ligeira

- 20 Farfalla ligeira borboleta
Farfalla ligeira

Adriana Partimpim, “Borboleta”, *Adriana Partimpim*, Sony Music Entertainment Brasil, 2004

- 3.1 As duas primeiras estrofes descrevem a evolução da borboleta. Justifica.
- 3.2 Esta canção suscita vários tipos de sensações. Descreve-as.
- 3.3 Na tua opinião, a borboleta descrita nesta canção será muito diferente de tantas outras? Justifica.



Áudio
"Para vivenciar
nadas", de
Ondjaki

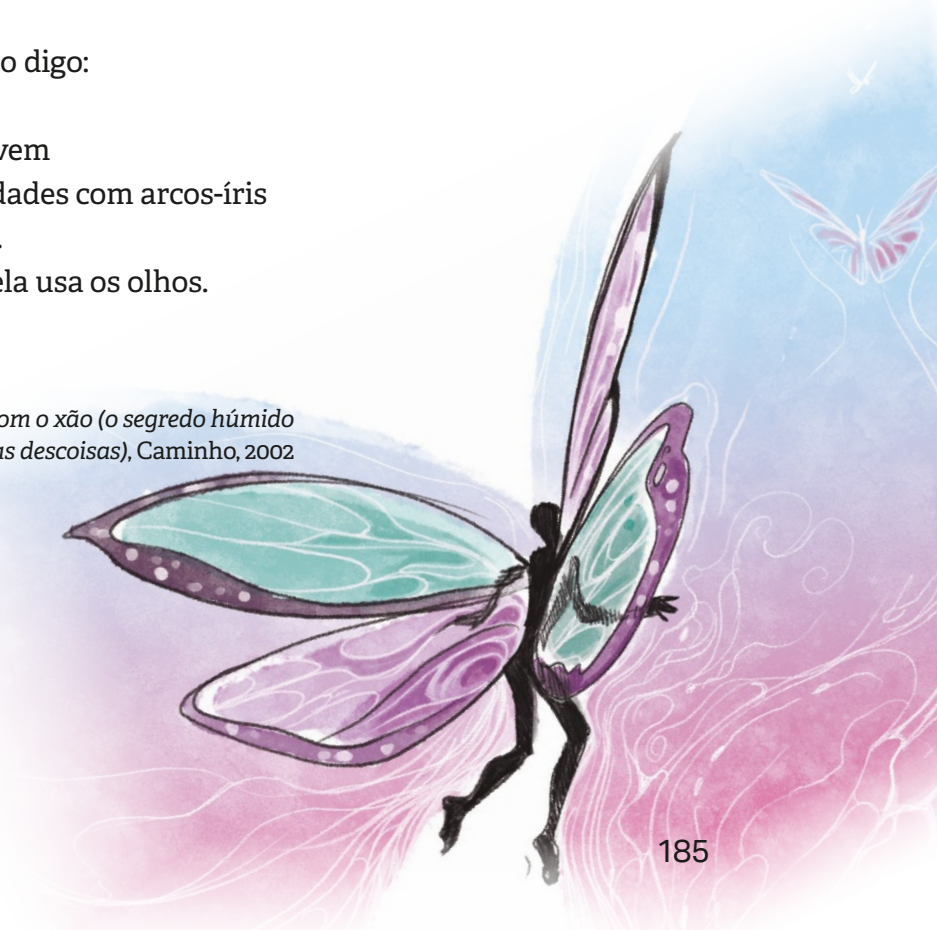


Leitura

Para vivenciar nadas

- borboleta é um ser irrequieto.
para vestes usa pólen.
tem um cheiro colorido
e babas de amizade.
- 5 descola por ventos
e facilmente aterriza em sonhos.
borboleta tem correspondência direta
com a palavra alma.
para existir usa liberdades.
- 10 desconhece o som da tristeza
embora saiba afogá-la.
nega maquilhagens isentas
de materiais cósmicos. como digo:
pó-de-lua, lápis solar
- 15 castanho-raiz, cinzento-nuvem
borboleta dispõe de intimidades com arcos-íris
a ponto de cócegas mútuas.
para beijar amigos e vidas ela usa os olhos.
borboleta é um ser
- 20 de misteriosos nadas.

Ondjaki, *Há prendisajens com o xão (o segredo húmido da lesma & outras descoisas)*, Caminho, 2002



Compreensão do texto

- 1 No poema de Ondjaki, como é caracterizada a borboleta?
- 2 O poema está cheio de sensações visuais e olfativas.
 - 2.1 Justifica esta afirmação, ilustrando com exemplos do texto.
- 3 Explica por palavras tuas os seguintes versos: «borboleta tem correspondência direta/ com a palavra alma.» (versos 7 e 8)
- 4 Atenta nos seguintes versos: «desconhece o som da tristeza/embora saiba afogá-la.» (versos 10 e 11)
 - 4.1 Qual o sentido destes versos?
 - 4.2 Qual o significado da expressão idiomática “afogar tristezas”?
- 5 Este poema possui uma única estrofe de 20 versos.
 - 5.1 Na tua opinião, houve uma preocupação com a rima? Justifica.
- 6 O sujeito poético descreve a vida da borboleta como uma vida naturalmente simples.
 - 6.1 Na tua opinião, que comparação podemos fazer entre a atitude da borboleta e a atitude do ser humano?

Funcionamento da língua

- 1 Atenta nos seguintes versos:

«**pó-de-lua**, lápis solar»

«**castanho-raiz**, cinzento-nuvem»

«borboleta dispõe de intimidades com **arcos-íris**»

- 1.1 Classifica morfologicamente as palavras destacadas.
- 1.2 Classifica-as quanto ao seu processo de formação.

Para além do texto

Nesta unidade, leste e interpretaste poemas de vários autores, nomeadamente: Alexandre O'Neill, Cecília Meireles, Daniel Filipe, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eugénio de Andrade, Eugénio Tavares, Florbela Espanca, José Luiz Tavares e Ondjaki.

Em grupo, faz um trabalho de pesquisa mais aprofundado sobre um destes autores:

- pesquisa biográfica (informações da sua biografia, tais como formação, percurso como escritor, prémios recebidos, etc.);
- pesquisa sobre a sua obra (principais influências, temas preferidos, obras mais importantes, etc.);
- seleção de um poema (análise interna e externa do poema, leitura expressiva).

Não te esqueças de:

- pesquisar informação pertinente em fontes fidedignas e atuais (livros, artigos de divulgação científica, etc.);
- ler, analisar e selecionar a informação relevante para o trabalho;
- apresentar o trabalho final oralmente (podem recorrer a suporte eletrónico, como PowerPoint ou outra ferramenta);
- Durante a realização da tarefa, cada elemento do grupo deve colaborar com os restantes colegas; agir com responsabilidade sobre as tarefas solicitadas e estar comprometido na melhoria e aprofundamento do trabalho de grupo.



Projeto fora da sala de aula 4



Diálogos artísticos

Tendo em conta a unidade que acabaste de estudar, propomos-te a produção de um vídeo (ou um Powerpoint com imagens) sobre o tema – Diálogos artísticos. Os objetivos deste projeto são, por um lado, estimular a tua criatividade e a tua expressividade bem como desenvolver a tua capacidade de trabalho colaborativo e, por outro lado, desenvolver a tua sensibilidade estética, relacionando linguagens artísticas.

Fases de execução do projeto

1. Troca de ideias coletiva sobre as atividades a desenvolver para a construção do vídeo

- Seleção de poemas: atribuição de um poema diferente a cada grupo (a seleção de poemas dos autores estudados ou de outros autores sugeridos pelo teu professor ou professora).
- Identificação do(s) tema(s) presente(s) no respetivo poema.
- Pesquisa de pinturas, esculturas ou fotografias para associar a poemas.
- Gravação da leitura de poemas (leitura individual, coral, dialogada...).
- Redação de frases/parágrafos sobre os diferentes “diálogos artísticos”.
- Seleção de músicas adequadas para os diferentes momentos do vídeo.

2. Organização de cinco ou seis grupos de trabalho

3. Calendarização das atividades:

- Data da conclusão do vídeo.
- Prazos para execução e apresentação prévia dos diferentes trabalhos.

4. Pesquisa e seleção de materiais para as diferentes atividades

5. Elaboração dos materiais necessários à concretização das tarefas

6. Realização das atividades previstas

Pode ser sempre feito interdisciplinarmente, em articulação com os outros professores e as outras disciplinas.

Ficha formativa 4

Grupo I – Compreensão oral

1 Ouve com atenção o excerto do posfácio do *Primeiro livro de poesia* de Sophia de Mello Breyner Andresen e depois seleciona a hipótese correta.

1.1 A autora deseja que os seus poemas sejam

a) lidos com expressividade.

b) lidos em voz alta.

1.2 Tudo aquilo que compõe a poesia destina-se

a) à expressão oral.

b) à escrita.

1.3 Quem lê poesia deve

a) estar sempre atento.

b) ser hábil na fala.

1.4 A leitura de um poema deve ser corretamente

a) silabada e ritmada.

b) articulada e projetada.

1.5 O sotaque pode

a) constituir um problema.

b) ser uma mais-valia na leitura do poema.

1.6 Aprender o poema de cor é importante pois

a) torna-se mais belo a cada repetição. b) ajuda à dicção.

Grupo II – Compreensão do texto

1 Lê o excerto da entrevista a José Luiz Tavares.

Tem consigo um caderno azul e uma caneta. Escreve poesia nesse caderno?

Escrevo em todos os cadernos, em
5 tudo o que estiver à mão. Como sou pouco dado às tecnologias, uso ainda métodos um bocadinho rupestres ou
15 arcaicos, se assim me posso exprimir.

A poesia é sempre escrita à mão?

Sempre.

Porquê?

Acho que o meu cérebro está li-
gado a uma certa manualidade. Eu até
para escrever um email mais longo ou
15 mais formal tenho de usar a caneta e o papel, leva-me muito tempo.



Áudio
"Primeiro livro de poesia" (excerto do posfácio)



Ficha formativa

Faz um rascunho?

Faço vários rascunhos. Na poesia os rascunhos são imensos. Há um
20 amigo meu que, não sei se a sério ou a
brincar, diz que eu estou a pensar na
minha futura casa-museu, por escrever
em tantos papéis. Não é assim, mas essa
25 manualidade, é a forma como a poesia
surge e é trabalhada por mim. [...]

Como surgem os poemas?

Os meus livros não são coletâneas
de poemas mas livros orgânicos. Pa-
30 rece que é um bocadinho mais difícil
escrever um livro sobre um tema que
depois vai tendo variações, mas torna
o trabalho criativo – pelo menos no
meu caso – um pouco mais facilitado,
35 porque a cada manhã, tarde, ou noite,
quando quero escrever um poema
não vou à procura de um assunto, sei
sobre o que vou escrever. O poema
pode sair bem, pode sair mal, pode sair
40 assim-assim, mas não há aquele
tempo de espera de "vou escrever
sobre isto ou sobre aquilo". Os meus
livros são sempre um tema e varia-
ções, ou então são livros compostos
45 por ciclos muito longos, como o meu
segundo livro, *Agreste Matéria Mundo*,
que tem mais de 200 páginas, uma
coisa que já não se usa. [...]

Escreve em crioulo ou em portu- 50 guês?

Escrevo em português e em
crioulo. Tenho mais facilidade em es-
crever em português porque o crioulo
é uma língua semi-ágrafa, não é ensi-
55 nada nas escolas. Durante muito
tempo foi até uma língua proibida.
Hoje já há alguns avanços. Mas
aprendi a escrever em português, o al-
fabeto, as sílabas, as palavras. Todo
60 esse arsenal que adquiri formalmente
não o adquiri em relação ao crioulo. [...]

Mas é em crioulo que as pessoas se entendem?

Só em situações formais as pessoas
65 falam o português em Cabo Verde. Es-
crevem o português, porque têm o do-
mínio formal, mas no dia a dia as pes-
soas comunicam em crioulo de Cabo
Verde. [...]

70 Conhece bem a literatura cabo-ver- diana. Tem uma identidade própria?

Cabo Verde tem uma literatura en-
raizada, própria, com mais de um sé-
culo de existência. O ensino foi introdu-
75 zido em Cabo Verde muito cedo, um
ensino não laico, através do seminário-
liceu de São Nicolau que produziu
grandes intelectuais. [...]

Disponível em santiagomagazine.cv
[consult. a 15 fev 2023]
(Texto com supressões)

2 Completa as frases, de acordo com o conteúdo da entrevista.

- a) José Luiz Tavares prefere escrever
- b) Os poemas dele organizam-se habitualmente em
- c) Quando escreve um poema
- d) Para o escritor é mais fácil escrever em
- e) Prefere escrever em português porque
- f) O crioulo

3 Lê o poema e depois responde às questões que se seguem.

Amigo

Mal nos conhecemos
Inaugurámos a palavra «amigo».

“Amigo” é um sorriso
De boca em boca,
5 Um olhar bem limpo,
Uma casa, mesmo modesta, que se oferece,
Um coração pronto a pulsar
Na nossa mão!

“Amigo” (recordam-se, vocês aí,
10 Escrupulosos detritos?)
“Amigo” é o contrário de inimigo!

“Amigo” é o erro corrigido,
Não o erro perseguido, explorado,
É a verdade partilhada, praticada.



15 “Amigo” é a solidão derrotada!

“Amigo” é uma grande tarefa,
Um trabalho sem fim,
Um espaço útil, um tempo fértil,
“Amigo” vai ser, é já uma grande festa!

Alexandre O'Neill, *Poesias completas*,
Assírio & Alvim, 2012

Grupo IV – Escrita

1 Lê o excerto do poema de Vinicius de Moraes.

1.1 Substitui as palavras destacadas por outras a teu gosto, para criares um texto idêntico.

Os acrobatas

Subamos!

Subamos acima

Subamos além, **subamos**

Acima do além, **subamos!**

5 Com a posse física dos braços
Inelutavelmente galgaremos
O grande mar de estrelas
Através de milênios de luz.

Subamos!

10 Como dois atletas
O rosto **petrificado**
No **pálido** sorriso do esforço
Subamos acima
Com a posse física dos braços
15 E os músculos **desmesurados**
Na calma convulsa da ascensão.

Oh, acima

Mais longe que tudo

Além, mais longe que acima do **além!**

20 Como dois acrobatas
Subamos, lentíssimos
Lá onde o infinito
De tão infinito
Nem mais nome tem
25 **Subamos!**

Tensos

Pela corda **luminosa**

Que pende invisível

E cujos nós são astros

30 Queimando nas mãos

Subamos à tona

Do **grande** mar de estrelas

Onde dorme a noite

Subamos!

35 Tu e eu, herméticos
As nádegas duras
A carótida nodosa
Na fibra do pescoço
Os pés **agudos** em ponta.

Vinicius de Moraes, *Poemas, sonetos e baladas*, Gaveta, 1946



5



O texto dramático

Nenhuma arte tem de falar para todos a não ser o teatro. Grandes e pequenos, instruídos e analfabetos, sábios e ignorantes, no teatro todos são Um e, por conseguinte, só o que interessa o Único pode ser agradável a todos.

Almada Negreiros, *Pierrot e Arlequim*, personagens de teatro, Portugália Editora, 1924

Objetivos da unidade 5:

- identificar vários elementos de um espetáculo teatral;
- reconhecer textos dramáticos;
- fazer a leitura dramatizada de um texto;
- descobrir o retrato das personagens a partir das falas;
- analisar o ponto de vista de diversas personagens;
- reconhecer temas da atualidade nos textos lidos.

Oralidade

e Manual Digital

Vídeo
Breve história do teatro



1 Descreve as imagens que se seguem.



1.1 Em conjunto com os teus colegas, procura definir o teatro.

2 Ouve o texto sobre a história do teatro.

2.1 Indica se as afirmações que se seguem são verdadeiras (V) ou falsas (F).

- a) O teatro é uma forma de representação que remonta ao homem primitivo
- b) Os rituais de celebração e agradecimento eram uma das formas de representação teatral.
- c) O teatro tal como o conhecemos tem origem grega.
- d) Na Grécia organizavam-se concursos de atores de teatro.
- e) Os dramaturgos eram os autores das peças de teatro.
- f) Naquela altura, o género trágico era o mais importante.
- g) O dramaturgo não se limitava a criar o enredo da sua peça.
- h) Os recintos onde tinham lugar as representações teatrais gregas eram locais muito simples.
- i) Só havia atores do sexo masculino.
- j) Não havia personagens femininas no teatro grego.
- k) As máscaras usadas nas representações são atualmente os símbolos do teatro.



2.1.1. Corrige as falsas.

- 3 Relaciona as palavras da coluna da esquerda com a sua definição na coluna da direita.

1. Público	a) <input type="checkbox"/> Autor das composições dramáticas ou teatrais.
2. Palco	b) <input type="checkbox"/> Compartimento onde os atores se caracterizam e vestem.
3. Dramaturgo	c) <input type="checkbox"/> Aquele que idealiza e realiza os cenários, pintando ou decorando, de forma a enquadrar aquele espaço na ação.
4. Encenador	d) <input type="checkbox"/> Divisão de um ato teatral.
5. Cenógrafo	e) <input type="checkbox"/> Pessoa que prepara o guarda-roupa.
6. Cena	f) <input type="checkbox"/> Conjunto das vistas e acessórios que ocupam o palco.
7. Ator	g) <input type="checkbox"/> Assistência de um espetáculo teatral.
8. Camarim	h) <input type="checkbox"/> Elemento da equipa que, na caixa, cúpula ou mesmo entre os bastidores, ajuda os atores em palco, sussurrando-lhes os textos ou outras indicações.
9. Figurinista	i) <input type="checkbox"/> Dá corpo à personagem e ao papel que lhe foi atribuído.
10. Ponto	j) <input type="checkbox"/> Estrado onde os atores se movimentam.
11. Cenário	k) <input type="checkbox"/> Pessoa que dirige o grupo de atores, coordenando as etapas da representação e ocupando-se das decisões mais importantes.

Antes do texto



- 1 Em seguida, vais estudar o texto dramático *Falar verdade a mentir*, do escritor português Almeida Garrett.

1.1 Faz uma pesquisa sobre a biografia de Almeida Garrett, dando particular atenção ao contributo do autor para o desenvolvimento do teatro português.

1.2 Atenta agora no título da obra que vais ler.

1.2.1 Em conjunto com os teus colegas, imagina a história que poderá estar por trás deste título.



Curiosidade

Falar verdade a mentir é uma das mais divertidas peças teatrais de Almeida Garrett. Inspirado em Eugène Scribe, o autor de *Le menteur véridique*, Garrett faz também uma reflexão sobre o estado dos costumes políticos em Portugal no século XIX. Enquadra-se no género cómico e foi representada pela primeira vez em Lisboa a 7 de abril de 1845.



Leitura

1 Lê o excerto seguinte:

Personagens: Brás Ferreira; Amália; Duarte Guedes; General Lemos; Joaquina; José Félix. Um lacaio. Um criado sem libré.

Lugar da cena – Lisboa.

Ato Único

5 Sala de visitas elegante. Porta ao fundo e laterais. À esquerda, mesa com escrivaninha.

CENA I

JOAQUINA, JOSÉ FELIX

Joaquina – Entre, senhor José Félix, entre. Isto são umas madrugadas!... Para
10 uma pessoa como o senhor José Félix, o criado particular de um **fidalg** da **corte!** Lá por fora ainda mal são nove horas...

José Félix – Nove horas... e fidalgo da corte!... Recolha o seu espírito, senhora D. Joaquina. Meu amo é general, estamos de acordo; nove horas deram há muito. Mas cá em Lisboa contam-se as horas e os fidalgos por outro modo. Lá na **pro-**
15 **víncia**, minha querida Joaquina...

Joaquina – Ai, como tu estás tolo! A província, a província... Ora isto! Saiba que eu venho do Porto, senhor José Félix, que é a segunda capital do reino, e a cidade eterna, como dizem os pe-
riódicos. Província será a terra de você, que há de ser a
20 Lourinhã, ou a aldeia de Paio Pires, ou coisa que o valha. E então?...

José Félix – Basta, Joaquina, basta; recolhe o teu espírito, que já aqui não está quem falou. Soube ainda agora que tinham chegado ontem à noite no vapor, que

Glossário

Fidalgo (n.m): indivíduo que tem títulos de nobreza.

Corte (n.f.): residência de um monarca e dos que com ele residem.

Província (n.f.): qualquer parte de um país, excetuando a capital.

25 estavam aqui nesta hospedaria, que é pegada quase com a nossa casa; e vim logo, minha adorada Joaquina, reclamar o prémio de onze meses de eternas saudades.

Joaquina – E você, vamos a saber, você tem sido constante, fiel?...

José Félix – Horrivelmente fiel! Maldição, Joaquina, maldição!...

Joaquina – Que diz ele?...

30 **José Félix** – Se tu vens da!... da província não. Não, Joaquina, tu não vens da província, vens da cidade eterna... Virás. Maldição eterna sobre quem o duvidar! Mas vens, vens donde ainda se não sabe a língua das românticas paixões, dos sentimentos copiados do nu da natureza como nós cá temos na Rua dos Condes, e nos folhetins das folhas públicas, que são o órgão da opinião incomensurável dos séculos.

35 **Joaquina** – Se te eu entendo...

José Félix – Ah! tu não entendes? Bem, Joaquina, bem. Nem eu: nem ninguém. Por isso mesmo, Joaquina. A moda é esta. Deixa: em tu estando aqui oito dias, ficarás mais perfeita do que eu; porque a tua alma de mulher é feita para compreender o meu coração de homem. E então, vês tu? Oh Joaquina, anjo, mulher, sopro, **silfo**, demónio! eu amo-te! amo-te, porque... [...]

40 **Joaquina** – Pois olha: tinha uma coisa muito séria que te dizer mas como tu estás doido, adeus!

José Félix – A poesia da vida é esta, Joaquina. Mas... mas passemos à vil prosa dos interesses materiais do país, se é preciso. Vá. Far-te-ei mais esse sacrifício. 45 Que exigis tu de mim?

Joaquina – Que deixes essas patéticas agora e oiças. Meu amo, o senhor Brás Ferreira, que é um ricoço como tu sabes, um daqueles negociantes do Porto que têm dinheiro como milho, vem de propósito a Lisboa para casar a menina. É uma filha única, e morre por mim, coitada! É um anjo! Prometeu-me que no dia que se assinassem as escrituras tinha eu o meu **dote**.

José Félix – Dote! Céus! um dote... Oh Joaquina, pois tu tens um dote?... Não quero saber de quanto. Quem eu! Maldição sobre mim!

Joaquina – Cem moedas.

55 **José Félix** – Oh! seja o que for, que me importa? O amor, o amor verdadeiro não conta os pintos do objecto amado... Não... E é em dinheiro de contado, sonante, Joaquina?

Joaquina – Sim senhor.

José Félix – Melhor: porque bem vês, com a minha educação, um rapaz que emigrei, estive em Paris, e hoje sou criado particular de um general... habilitado para 60 ser mordomo de um clube dos de primeira ordem – a Galocha já eu recusei – bem vês, não podia formar uma aliança que me não desse os meios de sustentar a posição social em que me acho colocado. Mas tu tens dote; acabou-se. Recolho o meu espírito e estendo a minha mão.

Glossário

Silfo (n.m.): génio, segundo a mitologia céltica e germânica da Idade Média.

Dote (n.m.): bens ou dinheiro que a mulher levava para o casamento.

65 **Joaquina** – Ai, José Félix! mas o casamento de minha ama ainda não está feito.

José Félix – Pois que há... que impedimentos?

Joaquina – Não sei... quando vínhamos no vapor, pareceu-me, vi que havia transtorno. O pai e a filha tiveram
70 suas coisas a esse respeito. E a menina anda triste, desassossegada. Estou certa que há impedimento grande, há obstáculos...

José Félix – Obstáculos! Não há, não os pode haver. A minha paixão, a nossa felicidade, cem moedas sonantes, mil pintos c'os diabos! absolutamente não pode deixar de ser, há de se fazer este casamento, Joaquina... A honra, a delicadeza,
75 tudo lhe ordena, senhora Joaquina, que vá já desenganar o papá. E se é preciso que eu tome parte na questão...

Joaquina – O caso era saber a gente o que é, e onde a coisa pega... Mas espere; olha, aí vem a senhora D. Amália: deixa-te tu estar e... Mas não vás tu fazer falta em casa a teu amo.

80 **José Félix** – Meu amo! Toma. Tu estás muito atrasada, Joaquina. Meu amo é um cavalheiro, um general, uma pessoa da primeira sociedade, portanto costumado a fazer esperar os outros, e a esperar ele pelos seus criados, que é a regra. Além disso, eu tenho licença por todo o dia, que houve lá uma coisa em casa... A senhora chorou, o senhor ralhou. Eu te contarei noutra ocasião, que hás de rir.
85 O caso é que hoje tenho o dia por meu. Ela aí vem, a tua ama. Vem triste, coitada! Firme, Joaquina! Olha que a coisa é séria para ti, um dote e um marido!

Almeida Garrett, *Falar verdade a mentir*, Porto Editora, 2010 (Texto com supressões)



Compreensão do texto

1 Atenta na cena I.

- 1.1 Caracteriza as personagens que intervêm nesta primeira cena, indicando: nome, proveniência e profissão.
- 1.2 Localiza a ação no tempo e no espaço, justificando.
- 1.3 Por que razão Joaquina e Amália estão em Lisboa?
- 1.4 Qual é a opinião de José Félix relativamente à cidade do Porto?
- 1.5 Por que razão Joaquina e João Félix têm interesse no casamento de Amália?
- 1.6 Atenta na quinta fala de José Félix.
 - 1.6.1 Indica os recursos expressivos utilizados.
- 1.7 «Recolho o meu espírito e estendo a minha mão.»
 - 1.7.1 Qual o significado desta expressão?

Leitura

CENA II
Ditos e AMÁLIA

Amália – Joaquina! Joaquina! ando à tua procura. O senhor Duarte ainda não veio?

Joaquina – Não, minha senhora.

Amália – Que homem é esse com quem tu estavas a falar?

José Félix – Anda, apresenta-me como gente.

5 **Joaquina** – Minha senhora, é aquele rapaz de quem lhe eu dizia no Porto...

Amália – Ah! já sei: o senhor José Félix. Tens bom gosto, Joaquina. O pior é que vocês não têm de casar senão quando o meu casamento se fizer, tenho muito medo que ainda esperem bem

10 tempo.

Joaquina – Então porquê, minha senhora?

Amália – Ora! estou desesperada, **transtornou-se** tudo: meu pai quer

15 quebrar com ele.

Joaquina – Com o senhor Duarte?

Amália – Sim: pois com quem?

José Félix, aparte – Meu Deus! e as nossas cem moedas?

20 **Joaquina** – Não é possível: a mesma família, a mesma riqueza, um casamento tão igual, tão acertado... Seu pai não se há de atrever.

Amália – Nada, não! Veio a Lisboa – agora é que o eu sei bem – só para achar pretexto de o desmanchar.

Joaquina – Pois não o há de achar. O senhor Duarte é um rapaz como há poucos.

25 Juízo não lhe falta: suas doidices... não é, é pancada da mocidade. Isso passa depressa. Bom coração... não o há melhor. Quer a senhora saber? O mal que ele faz é por moda... todos assim são... e o bem que ele faz, que é muito, esse, minha senhora, não é moda que pegue.

30 **Amália** – Pois sim; mas já que falamos nos seus defeitos, sempre te digo que ele que tem um, que se meu pai o vem a descobrir... Tenho-lho encoberto até agora, mas se ele o chega a conhecer, acabou-se, nunca mais lhe perdoa. Meu pai é um negociante dos antigos, que

35 leva a honra e **probidade**, a **lisura** e a verdade no trato,



Glossário

Transtornar-se (v.):
perturbar-se; alterar-se;
estragar-se; deteriorar-se;
adquirir novo aspeto;
desfigurar-se.

Probidade (n.f.):
integridade de carácter;
retidão; honradez.

Lisura (n.f.): sinceridade;
honestidade.

a um ponto de severidade que é quase rudeza... e Duarte é muito bom rapaz, não há dúvida; mas não sei se é distração se é doidice, tomou o costume de nunca dizer uma palavra que seja verdade.

José Félix – Percebo: tem viajado muito...

40 **Joaquina** – Não, mas é **morgado**, e de raça quase castelhana...

José Félix – Entendo, entendo: *echelas usted más blandas*.

Joaquina – E de mais a mais, há seis meses que está em Lisboa...

José Félix – Onde todos os talentos se aperfeiçoam.

Amália – Enfim, meu pai declarou que à primeira mentira bem clara, bem pro-
45 vada em que o apanhasse, tudo estava acabado.

José Félix – Ora adeus! O senhor seu pai com efeito... ele ainda é parente, bem se vê, há de ter sua costela espanhola... O seu projeto é outra espanholada também... Querer impedir que um rapaz do tom, da moda pregue a sua **peta**!... isso é mais do que formar castelos em Espanha, é querer meter o Rossio pela Betesga.

50 **Amália** – Meu pai é que o não entende assim: e eu não sei como hei de avisar a Duarte.

Joaquina – Vou eu pôr-me à espera dele. Não tarda a vir por aí; e antes que entre e que fale com seu pai, hei de avisá-lo que tome conta em si, e que não dê notícias senão as que forem oficiais... a ser possível.

55 **Amália** – Cala-te: oiço falar no quarto de meu pai; é a voz de Duarte.

Joaquina – É que entrou pela outra escada.

Amália – Está tudo perdido! Se ele falou com meu pai... aposto que já... Nunca vi: é que não pode, mente por hábito e sem saber o que faz.

Joaquina – Então agora o que se podia... o que era de mestre, era fazer que o se-
60 nhor Brás Ferreira o não conhecesse. Por fim de contas, a nós que nos importa que ele minta, contanto que seu pai o não perceba?

José Félix – Ela tem razão, a Joaquina. E é mais fácil isso. Se a senhora D. Amália se confia em mim, e me autoriza...

Amália – Oh meu Deus! Se vocês encobrem aquele defeito a meu pai, fico-lhes
65 numa obrigação... Depois em nós casando, eu o emendarei. Que se não fosse isso...

José Félix – Está claro, minha senhora. Mas agora é preciso que o senhor Duarte me não veja. Eu é que se pudesse ouvi-lo, e fazer assim ideia do seu modo...

Joaquina – (apontando para uma **alcova**, à direita)
70 – Ora!... aquela alcova... e tem uma porta que dá direita na escada... Eles aí vêm: entra depressa, esconde-te.

Almeida Garrett, *Falar verdade a mentir*, Porto Editora, 2010

Glossário

Morgado (n.m.): filho mais velho que segundo a lei do morgadio recebia a herança e o título do pai.

Peta (n.f.): mentira.

Alcova (n.f.): pequeno quarto interior.

Compreensão do texto

1 Atenta na cena II.

1.1 «José Félix, *aparte* – *Meu Deus! e as nossas cem moedas?*» (linhas 18 e 19)

1.1.1 O que é um *aparte*?

1.2 Quem faz a caracterização de Duarte?

1.2.1 Qual é o seu pior defeito?

1.2.2 De que maneira o defeito de Duarte se pode tornar um problema sério?

1.3 As três personagens fazem um pacto. Qual?

1.3.1 Por que razão José Félix se decide esconder?

Funcionamento da língua

1 Atenta nas seguintes frases:

a) «**Ai**, como estás tolo!»

b) «A província, a província... **Ora isto!**»

c) «**Cruzes!**»

d) «**Ah!** Tu não entendes?»

e) «**Oh!** Seja o que for, que me importa?»

1.1 Indica a classe a que pertencem as expressões destacadas.

1.2 Identifica as emoções ou sentimentos que exprimem.

2 Atenta nas seguintes frases pertencentes à cena I:

a) «Soube ainda agora que **tinham chegado** ontem à noite no vapor [...]» (linhas 23 e 24)

b) « [...] você **tem sido** constante, fiel?...» (linha 27)

c) «A tua alma de mulher **é feita** para compreender o meu coração de homem.» (linhas 38 e 39)

d) «O pai e a filha **tiveram** suas coisas a esse respeito.» (linhas 69 e 70)

2.1 Indica os tempos verbais em que se encontram as formas verbais destacadas.

Gramática no texto



Exercícios

Reconhecer interjeições

Reconhecer o significado das interjeições

«Ai, como estás tolo!»

“Ai” é uma interjeição, isto é, uma palavra invariável que usamos para transmitir emoções e que não desempenha qualquer função sintática. Surge, por vezes, isolada ou integrada em frases imperativas ou exclamativas. Na escrita surge, por vezes, acompanhada de um ponto de exclamação. Muitas vezes, o seu valor depende do contexto e da entoação.

Exemplos:

- Ai! Que linda praia. Nunca pensei encontrar um lugar tão belo! → alegria ou surpresa
- Ai! Que susto! → medo ou susto

Interjeições	Valor
Ah!, Oh!	espanto, alegria, dor
Irra!, Arre!	irritação, indignação, impaciência
Ai! Ui!	medo, surpresa, dor
Alto!, Basta!	interrupção
Eia! Força!	ânimo, encorajamento
Bravo! Viva!	aplausos
Psiu!, Pst!	chamamento
Chiu!	imposição de silêncio

Exercícios de aplicação

1 Sublinha todas as interjeições nas frases seguintes.

- Ah! Ainda bem que chegaste a tempo de vermos a peça!
- Oh! Não posso acreditar que faltaste ao meu espetáculo!
- Não faças isso. Cuidado!
- Ó pai, anda cá, por favor.
- Ui! Dói-me o pé.
- Irra! Aqui não podemos conversar.

1.1 Indica o sentimento ou intenção demonstrados pelas interjeições que sublinhaste nas frases anteriores, preenchendo o quadro seguinte.

Sentimento/intenção	Interjeição
Surpresa	
Irritação	
Alívio	
Advertência	
Chamamento	
Dor	

2 Reescreve as frases, substituindo as expressões destacadas por interjeições que transmitam o mesmo sentimento ou intenção.

- Já chega!** Vamos começar o ensaio.
- Estejam calados!** É preciso ouvirmos o protagonista.
- Que alegria!** A peça está a ficar formidável.
- Tu aí!** Não entraste na peça da escola?
- Que alívio!** Já podemos ir para casa.
- Que dor!** Não viste que me calcaste o pé?
- Pare já!** Não vê que o acesso aos bastidores é só para os atores?

Escrita

Relembra as palavras de Joaquina e José Félix:

«**Joaquina** – [...] Por fim de contas, a nós que nos importa que ele minta, contanto que seu pai o não perceba?»

José Félix – [...] Se a senhora D. Amália se confia em mim, e me autoriza [...]. Mas agora é preciso que o senhor Duarte me não veja. Eu é que se pudesse ouvi-lo, e fazer assim ideia do seu modo...»w

Imagina o plano de José Félix para ajudar Amália. Redige-o, sob forma dialogada ou outra à tua escolha, descrevendo as suas ações e as consequências que estas terão no final.

Oralidade



Áudio
Texto dramático



Vídeo
"Mentir é feio",
RTP



1 Falar verdade a mentir é um texto dramático.

1.1 Ouve o áudio e completa o texto abaixo sobre o texto dramático.

O texto dramático pode ser escrito em **a)** ou em verso por um dramaturgo para ser representado em palco por atores diante de um **b)** Os atores interpretam as suas personagens através de falas, **c)** e movimentos. A ação decorre num espaço a que chamamos **d)**

O texto dramático contém alguns elementos essenciais. Os textos dramáticos dividem-se em **e)** que terminam com uma pausa na representação e uma mudança de cenário. Cada ato, por sua vez, divide-se em **f)** Esta muda cada vez que entra ou sai uma personagem.

Além disso, os textos dramáticos são constituídos por: as **g)** das personagens, que podem assumir a forma de **h)**, **i)** ou apartes, comentários das personagens destinados a serem ouvidos só pelo público; e as **j)** ou didascálias, que geralmente surgem entre parênteses e/ou em itálico e não são ditas durante a representação mas que são informações sobre **k)**, atitudes, sentimentos e **l)** das personagens, **m)**, efeitos de luz e **n)**

Antes do texto

1 Aprendemos desde muito cedo que "mentir é feio", que não se deve mentir, contudo existe um dia em que se abre uma exceção: o Dia das Mentiras. Como surgiu este dia?

1.1 Vê o vídeo que se segue para poderes responder a esta questão.

1.2 Qual é a tua opinião sobre a existência deste dia?



Leitura

- 1 Lê o excerto seguinte:

CENA III

JOAQUINA, AMÁLIA, BRÁS FERREIRA, DUARTE

Brás Ferreira – Agora essa é demais!... Cem mil cruzados de renda!

Duarte – Pois é tal e qual como lho digo... uma senhora brasileira – marquesa, que é o menos que lá há; a marquesa de Paraguaçu. [...]

- 5 **Brás Ferreira** – Uma marquesa deveras!

Duarte – Marquesa deveras. E eu recusei: escuso de dizer porquê... *(olhando para Amália.)*

Brás Ferreira – E que caminho levou essa fidalga? Tomara vê-la.

- 10 **Duarte** – Vê-la, coitada! Apenas lhe dei o fatal desengano, saiu daqui no primeiro navio para Pernambuco, de Pernambuco à Baía, da Baía para Niterói, de Niterói – que desgraça! – passava para o Rio de Janeiro naquele vapor que arrebentou... morreu escaldada a pobre da marquesa.

Brás Ferreira – Que pena!

- 15 **Joaquina, aparte** – Que fortuna!

Brás Ferreira – Se ela vivesse, queria saber...

Joaquina, aparte – Por isso Deus a levou: ainda bem!

Brás Ferreira – Sempre lhe acontecem coisas a este rapaz!

- Duarte** – Ainda isto não é nada. – Mas deixa-me falar
20 com esta querida Amália. Que gosto que eu tenho de a tornar a ver! Mas chegou ontem, e não me manda dizer nada! Se eu tal soubesse, não tinha ido a S. Carlos, onde me sucedeu, contudo, uma aventura, à saída do teatro... Queriam roubar esta **prima-dona** que
25 chegou há pouco... roubá-la... levá-la a ela numa **sege**... Acudo eu, duas bengaladas no **boleeiro**, deito a mão ao cavalo das varas, o da boleia espanta-se, quebra os **tirantes**, foge... os **meliantes** fogem também e... Mas que é isso, que tem? Que tristeza é essa? Então não
30 sabe que seu pai consente enfim em nos unir hoje? hoje mesmo!...

Amália – É possível!

Duarte – Sim, deu-me a sua palavra que esta noite, depois de jantar, se assinavam as escrituras; mas com



Glossário

Prima-dona (n.f.): cantora que faz o papel principal na ópera; pessoa narcisista e caprichosa, que faz exigências descabidas (coloquial, pejorativo).

Sege (n.f.): antiga carruagem com duas rodas e um assento.

Boleeiro (n.m.): cocheiro; indivíduo que conduz os cavalos numa carruagem.

Tirante (n.m.): correia que prende a parrelha ao tronco da carruagem.

Meliante (n.m.): malandro; delinquente.

35 uma condição somente que me não quis dizer qual era. Disse-lha, não disse?

Amália – Disse, Duarte, disse; e bem medo tenho que já não esteja no seu poder cumpri-la.

Brás Ferreira – Pelo menos há de lhe custar, me parece. Mas quero ser justo, e não hei de condenar sem provas. Por desgraça estou bem persuadido que te não hás
40 de ver aflito por me dares quantas eu queira daqui até à noite.

Duarte – O que a mim me parece é que no Porto deram em falar por enigmas, porque eu não entendo nada. Mas seja o que for: o que eu entendo bem é o amor que lhe tenho, Amália, a afeição tão verdadeira que me inspirou, e que me persuado merecer-lhe também. Estou tão contente de a ver... Separados há seis meses!

45 **Brás Ferreira** – Queira Deus que tu tenhas aproveitado este tempo, que adquirisses amigos, boas relações, protetores. Nas tuas cartas nunca me falavas no general Lemos, o melhor amigo de teu pai. Dar-se-á caso que o não fosses visitar ou que deixasses de frequentar uma casa que?...

Duarte – Ao contrário, vou lá todos os dias. É a casa mais agradável de Lisboa:
50 uma senhora extremamente amável... O outro dia compus eu uma **modinha** para ela... uma letra que não ficou feia... hoje tinha ficado de lhe ir levar a música.

Joaquina, a Amália – Jesus! que medo que eu tenho! José Félix, que está em casa do general, tinha-mo dito decerto, se fosse verdade.

55 **Duarte** – O meu general, coitado! o meu santo general Lemos tem-me **obsequiado** e tem-me feito serviços... interessou-se por mim de uma maneira... O caso é que hoje tenho eu à minha disposição, para escolher, três lugares de primeira ordem, recebedor-geral em Évora,
60 Santarém...

Brás Ferreira – Escolho eu: Santarém. E vamos já, já daqui sem demora a casa do general.

Duarte – Ora! ainda agora chegou, se pode dizer, e há-de ir já tratar de negócios! Não senhor, cuidemos dos divertimentos primeiro. Quero eu fazer as honras da
65 capital a esta senhora. Há hoje benefício em S. Carlos, toca o Liszt: mandei-lhe tomar uma frisa. Depois vamos ao baile do clube: temos quantos bilhetes quiserem; eu sou diretor.

Brás Ferreira – Tu és diretor, tu!

Duarte – É verdade: eleito por duzentos votos.

70 **Brás Ferreira** – Duzentos votos! pois quantos sócios tem o clube?

Duarte – Duzentos e um. Não perdi senão um voto; e mais foi cá por certa coisa que eu sei. É verdade, e como se arranjam neste hotel? É o melhor de Lisboa. Os quartos não são grandes, não... Mas eu moro nos outros de cima, e então... foi egoísmo da minha parte...

Glossário

Modinha (n.f.): tipo de cantiga.

Obsequiar (v.): prestar favores; presentear; tratar com agrado.

- 75 **Brás Ferreira** – A falar a verdade, eu gostava mais do Cais do Sodré.
Duarte – Ora se eu tal soubesse, mandava arranjar um quarto da minha casa que é mesmo no fim da Rua do Alecrim.
Amália – A sua casa!
Brás Ferreira – Pois tu tens uma casa em Lisboa?
- 80 **Duarte** – E que me não custou cara. Assinei por trezentos contos na Companhia-monstro, vendi, ganhei dez por cento sem desembolsar cinco réis... **bagatela!** trinta contos de réis: não sabia o que lhe havia de fazer, comprei aquela casa.
Brás Ferreira – Com a breca! é fortuna.
Duarte – Uma casa linda, nova; saída por três ruas – e tenho quase tudo alugado:
85 – tudo, ainda assim! menos o segundo andar que é o melhor, e para onde podiam ir se eu soubesse. Mas enfim, sempre era um segundo andar.
Brás Ferreira – Que me importa! Os segundos andares em Lisboa é o mais habitável das casas. Vou para lá morar eu para a tal casa.
Duarte – Que pena que eu tenho! Se tal adivinhasse, não a tinha vendido ontem.
- 90 **Brás Ferreira** – Pois já a vendeste?
Duarte – É verdade, trinta e três contos: e ainda ganhei... uma bagatela é certo, mas sempre é melhor que perder. E havia seus concertos, suas despesas que fazer.
Brás Ferreira – Concertos numa casa nova?
Duarte – Eu lhe digo: é que as **águas-furtadas** tinham sido feitas de empreitada,
95 e bem sabe... Enfim vendi e não fiz mal. Trinta e três contos é mais certo, e não paga impostos e tal...
Brás Ferreira – E o comprador é pessoa segura?
Duarte – Oh! seguríssima. Um homem de uma fortuna imensa, um negociante retirado, Tomás José Marques... há-de conhecer...
- 100 **Brás Ferreira** – Não conheço: admira-me.
Duarte – Tem estado quase sempre no Brasil e em Inglaterra, veio-se estabelecer aqui agora. Compra tudo quanto aparece em bens de raiz. Esta manhã ficou ele de me trazer aqui o dinheiro. Não me dá cuidado nenhum.
- 105 **Joaquina**, *aparte* – Nem a mim.
Amália, *baixo a Joaquina* – Ai, Joaquina, que esta parece-me que é...
Joaquina, *baixo a Amália* – Também a mim.

Almeida Garrett, *Falar verdade a mentir*, Porto Editora, 2010
 (Texto com supressão)

Glossário

Bagatela (n.f.): com pouco valor ou de baixo custo.

Águas-furtadas (n.f.): último andar de um edifício, com janelas sobre o telhado.

Compreensão do texto

- 1 Identifica as duas personagens novas que participam nesta cena.
- 2 Duarte achou que Amália estava triste.
 - 2.1 Por que razão ela estava triste?
- 3 Brás Ferreira mostra-se preocupado em relação a Duarte. Descreve as suas preocupações.
- 4 Enumera todas as mentiras de Duarte ao longo da cena III.
 - 4.1 Que estratégias é que ele usa para se desenvencilhar das suas mentiras?

Funcionamento da língua

- 1 Lê atentamente as seguintes frases:
 - a) «Se ela vivesse, queria saber...»
 - b) «Se eu tal soubesse, não tinha ido a S. Carlos [...]»
 - c) «[...] tinha-mo dito decerto, se fosse verdade.»
 - d) «Ora se eu tal soubesse, mandava arranjar um quarto da minha casa [...]»
 - e) «Se tal adivinhasse, não a tinha vendido ontem.»
 - 1.1 O que têm em comuns estas frases?
 - 1.1.1 Identifica e classifica a conjunção da oração subordinada.
 - 1.1.2 Que valor exprimem as orações subordinadas introduzidas por esta conjunção?

Gramática no texto

Atenta nos seguintes excertos:

«**Brás Ferreira** – Pelo menos **há de lhe custar**, me parece. Mas quero ser justo, e não **hei de condenar** sem provas. Por desgraça estou bem persuadido que te não **hás de ver** aflito por me dares quantas eu queira daqui até à noite.» (linhas 38 a 40)

«**Há** hoje benefício em S. Carlos, toca o Liszt: mandei-lhe tomar uma frisa.»
(linhas 65 e 66)

No primeiro excerto, o verbo “**haver**” é um verbo auxiliar de uma conjugação perifrástica **haver de + infinitivo** que exprime intenção de realizar uma ação. No segundo excerto, este verbo é um verbo impessoal com o significado de “existir”. Neste caso, o verbo “**haver**” conjuga-se apenas na 3.^a pessoa do singular. Como verbo impessoal, também pode significar “ocorrer” ou “acontecer”.

Exemplo: **Houve** um espetáculo de dança ontem à noite.

Haver de + infinitivo
Eu hei de
Tu hás de
Ele/ela há de
Nós havemos de
Vós haveis de
Eles/elas hão de

Verbo haver – forma impessoal	
Presente do indicativo	há
Pretérito perfeito do indicativo	houve
Imperfeito Indicativo	havia
Futuro	haverá
Condicional	haveria
Presente do conjuntivo	haja
Imperfeito do conjuntivo	houvesse
Futuro do conjuntivo	houver
Particípio passado	havido

Relembrar



Os verbos **ir** e **haver (de)** são verbos auxiliares temporais que, quando conjugados no presente do indicativo e seguidos do verbo principal no infinitivo, formam um complexo verbal que transmite a ideia de uma ação a realizar no futuro.

Exemplos: Eu vou comprar um livro novo. → Eu hei de comprar um livro novo.

Consultar apêndice gramatical (p.265)

Exercícios de aplicação

1 Completa as frases com o verbo “**haver**” na sua forma impessoal.

a) muitas mentiras no discurso de Duarte.

b) Ontem vários concertos junto à praia.

- c) várias pessoas que mentem com regularidade.
- d) Devia uma solução para o problema.
- e) Antigamente muitas pessoas que não gostavam de viver nas grandes cidades.

2 De acordo com a situação, segue o exemplo dado.

Exemplo: Eu estudei muito para o teste. – Eu hei de passar no teste.

- a) Nós adoramos destinos exóticos.
- b) Eles poupam muito para um dia comprarem uma casa.
- c) Eu adoro desportos radicais.
- d) Eles adoram atividades ao ar livre.
- e) O Pedro está cansado de estudar para os exames.

Antes do texto

1 Conheces o provérbio “Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo”?

- 1.1 Explica o seu significado.
- 1.2 Na tua opinião, como podemos aplicar o provérbio à história de *Falar verdade a mentir*?



Leitura

1 Lê outro excerto da obra:

CENA XVII

Ditos, um criado, JOSÉ FÉLIX com farda de brigadeiro, etc.

Criado – O senhor Lemos.

José Félix, *afetando desembaraço* – Então que é isto, que é isto?

General – Que vejo! É o meu **brejeiro** do meu Félix.

José Félix – Ora vivam meus senhores... Adeus, meu Duarte.

- 5 **Duarte** – Oh meu querido protetor! Confesso que desta vez já não contava com o seu auxílio... Ainda bem que veio... Vou apresentá-lo a meu sogro e a seu primo.

José Félix, *indo para eles com ar chibante*, reconhece de repente o general – Santo Deus, meu amo!...

General, *aparte* – E com a minha farda, o maroto!

10 **Brás Ferreira**, *espantado* – Conhecem-se! (*Duarte, Brás Ferreira, José Félix e Amália ficam todos imóveis de admiração.*)

General – Que painel! Enterraram-se todos até ao joelho. Ora vamos a dar-lhes a mão, que eles por si não se levantam. (*para José Félix*) Então senhor meu primo...

Todos – Seu primo!

15 **General** – Que espanto é esse? Pois queria esconder de mim a sua volta a Lisboa?

Duarte – O quê? Pois este senhor é seu primo, o coronel Francisco de Lemos que voltou de Inglaterra?

General – Sim senhor. Porquê?... não lhe faz conta?

Duarte – Certamente que faz. Mas é que isto hoje parece mesmo um **acinte**... não
20 invento senão verdades. Pois não é minha culpa, senhor Brás; mas, em consciência, está obrigado a dar-me sua filha.

General – Não há dúvida, senhor Brás Ferreira; é preciso consentir neste casamento. Já não tem mentiras de que o acusar.

Brás Ferreira – Exceto a da recebedoria de Santarém.

25 **General** – Aqui está o decreto. É a prenda de casamento que lhe eu trazia.

Amália – Pois é possível!

Duarte – Aposto que é verdade... tudo é verdade hoje. Assim, meu caro sogro, consinta, não há remédio...

Brás Ferreira – Estou certo que me enganaram.

30 **José Félix** – E eu também.

General – E eu também... Apesar disso, vamos, consinta...

Brás Ferreira – Que lhe hei de eu fazer? Ainda que não seja senão por curiosidade e para saber esta adivinhação.

José Félix, *atirando com o chapéu* – Viva! A palavra do senhor Brás Ferreira é
35 letra que não tem desconto. Eu *ritorno al mio mestiere* e ponho aos pés da minha cara Joaquina... o senhor Tomás José Marques... *milord Coockimbroock*, e sobre todos, o seu fiel José Félix, criado particular do excelentíssimo general Lemos.

Duarte – Ó maroto, pois eras tu?

Brás Ferreira – Faz-te de novas.

40 **Duarte** – Juro-lhe que eu não sabia nada, e que nem sequer o conheço...

Brás Ferreira – Continuamos?... Não faltava senão esta que é a mais difícil de engolir!

Amália – E contudo é verdade, meu pai. Eu lhe explicarei como isto foi.

45 **Duarte** – Protesto-lhe que hoje foi o último dia da minha vida que me deixei cair neste maldito vício... E nem eu sei como foi; queria-me defender... vinham

Glossário

Brejeiro (n.m.): pessoa que é um pouco grosseira ou ordinária.

Chibante (adj.): gabarola, fanfarrão; orgulhoso, vaidoso.

Acinte (n.m.): ação praticada com a intenção de irritar ou provocar alguém; teima; pirraça.

umas atrás das outras... por fim... não sei... Mas acabou-se: não torno mais a mentir;
50 custa muito, dá muito trabalho. Vi-me em ânsias! Juro que me hei de emendar...
já estou emendado. José Félix, nunca me hei de esquecer da lição que me deste, e
prometo pagar-ta.

José Félix – Deveras?

Amália, dando-lhe uma bolsa – E eu pago-
55 -ta já.

José Félix – Melhor ainda. (*apalpando a bolsa*) Isto sim que são verdades puras... e não deixam mentir ninguém.

(*Cai o pano.*)

Almeida Garrett, *Falar verdade a mentir*,
Porto Editora, 2010



Compreensão do texto

- 1 Atenta na intervenção do General Lemos: «Que vejo! É o meu brejeiro do meu Félix.» (linha 3). Justifica esta reação.
 - 1.1 Explica o uso da palavra «brejeiro» tendo em conta o que sabes sobre José Félix.
- 2 Explica a seguinte afirmação do General Lemos: «Enterraram-se todos até ao joelho.» (linha 12)
- 3 Na tua opinião, o General Lemos parece zangado ou aborrecido com a situação?
 - 3.1 Justifica a tua opinião com passagens do texto.
- 4 Nesta cena, faz-se referência a algumas das mentiras de Duarte. Indica-as.
 - 4.1 Que argumento usa o General Lemos para impedir que Brás Ferreira acuse Duarte de mentiroso?
- 5 Atenta na fala de Brás Ferreira: «Não faltava senão esta que é a mais difícil de engolir!» (linhas 42 e 43)
 - 5.1 A que é que ele se refere?
- 6 No final da cena, Amália e Duarte falam diretamente para José Félix mencionando o verbo “pagar”.
 - 6.1 Na tua opinião, o verbo é usado pelas mesmas personagens da mesma maneira?
 - 6.1.1 Justifica a tua opinião.

Escrita

“Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo” ou “A mentira tem perna curta” são dois provérbios que poderiam ilustrar o desfecho desta história. Redige uma história, com cerca de 80-100 palavras, real ou imaginária, que possa ilustrar o significado destes provérbios.

Para além do texto

Em grupo, dramatizem uma das cenas trabalhadas ao longo desta unidade. Distribuem os papéis e releiam os textos, dando especial atenção aos aspetos que possam ser fundamentais para a representação – movimentação das personagens, gestos, entoação, etc. Ensaiem bem, memorizem as falas (se possível) e depois representem-na.



Antes do texto

- 1 Responde às seguintes questões sobre este convite.

JOSÉ LUÍS PEIXOTO

ESTRANGEIRAS

CONVITE

ROSA DE PORCELANA EDITORA
COMUNIDADES
INSTITUTO DA COOPERAÇÃO
E DA LINGUA
PORTUGUESA

A Rosa de Porcelana Editora e o Centro Cultural Português da Praia convidam para o lançamento do livro **ESTRANGEIRAS**, de José Luís Peixoto.

A apresentação da obra será conduzida pelos escritores Filinto Elisio e João Branco. O ato contará com a presença do autor.

Dia 24 de Janeiro de 2017
às 18H30 no Auditório do Centro Cultural Português - Praia.

Quem convida?

Para quê?

Quando?

Onde?

Como?

Leitura

1 Lê o texto seguinte:

José Luís Peixoto lança em livro peça teatral “Estrangeiras” em Cabo Verde

O escritor português José Luís Peixoto vai lançar, na próxima semana, em Cabo Verde, a obra “Estrangeiras”, um texto teatral que ganha forma de livro
5 numa edição da Rosa de Porcelana.

A apresentação do livro, que já “subiu ao palco” em Portugal, no Brasil e em Cabo Verde, decorrerá em duas sessões, uma no Mindelo, na segunda-
10 -feira, e outra na cidade da Praia, na terça-feira, ambas com a presença do escritor português.

O texto conta a história de três mulheres de diferentes países da lusofonia – Portugal, Cabo Verde e Brasil –
15 que ao tentarem entrar nos Estados Unidos são obrigadas a ficar juntas durante algumas horas numa sala da polícia de fronteira do aeroporto.

20 Enquanto esperam vão conversando e aos poucos acabam por mostrar o que pensam umas das outras e sobre os países de onde vêm, evidenciando o quase desconhecimento da lusofonia sobre si
25 própria.

A obra foi encenada por João Branco e interpretada pelas atrizes Sílvia Lima (Cabo Verde), Francisca Lima (Portugal) e Janaína Alves (Brasil).



30 João Branco, que com o escritor Filinto Elísio irá apresentar o livro, explicou, na altura da apresentação pública da peça, em maio, no Mindelo, que o projeto começou a germinar há 10 anos
35 e resultou sobretudo da amizade que liga escritor e encenador.

Na mesma altura, José Luís Peixoto sublinhou a oportunidade de falar de
40 “assuntos importantíssimos no contexto dos países onde se fala a língua portuguesa”.

45 “Com as distâncias que temos imaginamo-nos uns aos outros [...]. Nessa imaginação, muitas vezes há ideias que se vão cristalizando, que nem sempre são corretas e são injustas para todos”, disse na altura.

Disponível em www.observalinguaportuguesa.org [consult. 4 fev 2023] (Texto com supressões)

Compreensão do texto

1 Classifica as seguintes afirmações em verdadeiras (V) ou falsas (F).

- a) Esta obra é representada pela primeira vez num país lusófono.
- b) Esta história conta com três personagens centrais.
- c) As personagens provêm da mesma origem.
- d) A ação passa-se num único espaço.
- e) João Branco é o encenador desta peça.
- f) Filinto Elísio é o escritor deste texto.
- g) Segundo o autor, este texto aborda questões importantes da lusofonia.

1.1 Corrige as falsas.

2 A partir desta notícia, faz um pequeno resumo do livro *Estrangeiras*, de José Luís Peixoto.

Notas biográficas

José Luís Peixoto nasceu em Galveias, Portugal, em 1974. É um narrador, poeta e dramaturgo e um dos autores de maior destaque da literatura portuguesa contemporânea, tendo publicado o seu primeiro livro em 2000.

Foi professor em várias escolas, nomeadamente na cidade da Praia, em Cabo Verde. Contudo, em 2001 dedicou-se exclusivamente à escrita, ano em que lhe foi atribuído o Prémio Literário José Saramago pelo romance *Nenhum Olhar*, apenas com 27 anos.



Antes do texto

1 O título da obra de José Luís Peixoto é *Estrangeiras*.

1.1 Como definirias um estrangeiro?

1.2 Compara a tua definição com aquela que consta na entrada de um dicionário *online*.

Dicionário



Estrangeiro

(n.m.) 1. pessoa natural de um país diferente daquele onde se encontra; 2. conjunto dos países diferentes daquele onde se nasceu.

(adj.) 1. que é natural de um país diferente daquele onde se encontra; 2. que não pertence ou que se considera não pertencente a uma região, um grupo, etc.; estranho.

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha], Porto Editora.
Disponível em www.infopedia.pt [consult. 28 fev. 2023]

- 1.3 Ouve a canção de Lemak, “Estrangeiro”; compara a tua definição, a definição dada pelo dicionário e aquela que surge na canção.

Eu sou estrangeiro
Na minha terra natal
Mais um passageiro
Sem destino final
Simples assim

Lemak, “Estrangeiro”, *Estrangeiro*, Midas Music, 2019



Leitura

- 1 Lê o texto seguinte:

Personagens: Isabella, (Maria do) Rosário, Lili (Odaília)

(Sala sem janelas, com uma porta fechada, com cadeiras encostadas às paredes, um relógio pendurado. Três mulheres sentadas, em silêncio, afastadas umas das outras, com bolsas de mão no colo. A imobilidade só é perturbada quando alguma das mulheres se ajeita na cadeira ou faz algum gesto: coçar a orelha ou afastar os cabelos do rosto, por exemplo. Tentando não cruzar olhares, as mulheres vigiam-se disfarçadamente. Lili vai para espirrar, fica mesmo à beira de espirrar, as outras estão suspensas nessa explosão eminente, mas suspira e acaba por não espirrar. Após alguns instantes, Isabella inclina-se na direção de Rosário, percebe-se que quer dizer alguma coisa.)

Isabella, hesitando, com má pronúncia – What time is it?

Rosário – Hã?

Isabella, mais confiante, com a mesma pronúncia, apontando para o pulso – What time is it?

15 **Rosário** – As horas?



Isabella – Yes!

Rosário – Quer saber as horas?

Isabella – Yes! Yes!

Rosário, apontando para o relógio na parede – Então, não vê?

Isabella – I think relógio is quebrado.

Rosário – E porque não fala normalmente? Eu estava mesmo atrás de si na **bicha**.

Isabella – Bicha?

Rosário – Sim, na bicha dos passaportes. Vi que é brasileira. Pode falar à vontade.

Isabella – Como você sabe?

Rosário – Porque levava o passaporte na mão e, logo a seguir, porque a ouvi falar.

Isabella – Vem no passaporte qual é o país da bicha? Talvez seja melhor não lhe chamar bicha.

Rosário – Não é isso, vi no passaporte que você é brasileira. Você não é brasileira?

Isabella – Sou, de Teresina.

Rosário – Pronto, era isso.

Isabella – Como você sabe que sou de Teresina?

Rosário – Porque acabou de me dizer.

Lili, interrompendo – Mas afinal que horas são?

Isabella e **Rosário** ficam a olhar para **Lili**, admiradas por ter falado.

Isabella, apontando para o relógio – Is there, mulher!

Lili – Mau, disso percebo pouco. N ka ta intende nada prop. Não pode falar direito?

Isabella devagar, sílaba a sílaba – My name is Isabella.

Lili, para **Rosário** – A brasileira tem razão? Este relógio não está certo ou está?

Rosário – Está certo pela hora americana, que é diferente.

Isabella – Sim. A hora americana é: two o'clock, three o'clock, four o'clock.

Rosário – Não é isso. A hora americana é diferente (*Dirigindo-se a Lili.*) Lá, de onde você vem, são umas horas, aqui são outras. Você vem de onde?

Lili – Ah, bo e prop atrevida, menina. Acha que eu não sei? N sabê até demás. (Contando pelos dedos.) Tenho metade da família na Holanda, metade em Portugal e outra metade na América. Se nha mãe quer apanhar nha irmã no telefone depois dela sair do trabalho lá na Roterdão, tem de ir para a cabine da Praça Nova logo cedo, antes de meter uma gota de café na boca.

Rosário – Então, porque é que pergunta, não vê ali o relógio?

Lili – Estava baralhada, (*bate no relógio que tem no bolso no pulso*) esta porcaria dos chineses é que já não está certa com hora nenhuma.

A palavra “**bicha**” em português do Brasil tem uma conotação pejorativa para designar pessoas com uma determinada opção sexual (homossexual); no português europeu também pode ter esta conotação, contudo usa-se ainda com sinónimo de fila.

Rosário – Mas você vem de onde?

Lili – Sou do Mindelo, não escutou o crioulo de Soncente? Esse não se pode imitar.

Rosário – É do Mindelo? Que valente coincidência, a minha madrinha é de Vila
60 do Conde. Talvez conheça lá os Carreira, os Matos Carreira. A minha madrinha
chama-se Maria do Rosário Matos Carreira, está reformada, trabalhava nos cor-
reios. Já ouviu falar?

Isabella, *para as duas* – Desculpem cortar o papo mas: you understand brazilian?

José Luís Peixoto, *Estrangeiras*, Rosa de Porcelana Editora, 2016

Compreensão do texto

- 1 A partir da informação do texto, descreve as três personagens.
- 2 Como é o lugar em que elas se encontram?
- 3 Por que razão Isabella começa a falar inglês?
- 4 Explica a pergunta que Rosário dirige a Isabella: «E porque não fala normalmente?» (linhas 23 e 24)
- 5 Parece haver algum mal-entendido com as horas.
 - 5.1 Descreve esse mal-entendido.
 - 5.2 Há outras palavras ou expressões que parecem causar algum mal-entendido? Identifica-as.
- 6 Lili é do Mindelo e a madrinha de Rosário também.
 - 6.1 Lili e Rosário falam do mesmo lugar? Justifica.
- 7 Atenta na frase de Lili, a mulher cabo-verdiana: «[...] não escutou o crioulo de Soncente? Esse não se pode imitar.» (linha 58)
 - 7.1 Explica o que ela quer dizer.
- 8 Por que razão Isabella volta a recorrer ao inglês no final da cena?

Curiosidade



Mindelo é o nome de uma cidade localizada na ilha de São Vicente, em Cabo Verde, mas é também uma freguesia portuguesa que fica no concelho de Vila do Conde, no Norte de Portugal.



Oralidade

e Manual Digital

Áudio
Falemos crioulo(s)!,
de Evel Rocha



Por que razão Lili recorre pontualmente à língua cabo-verdiana durante as suas intervenções? Será que ela não poderia dizer o mesmo em português? Ou usar a sua língua materna adiciona mais significado ao que ela diz? Antes de responderes a estas questões, atenta na seguinte afirmação de Evel Rocha:

«A língua de um povo é, sem dúvida, o mais importante símbolo nacional. No caso de Cabo Verde, o crioulo constitui o principal património imaterial, o meio pelo qual expressamos e divulgamos tudo o que é puramente nosso.»

Discute com os teus colegas a importância da língua cabo-verdiana, procurando ao mesmo tempo dar conta das suas variedades, da sua importância e dos seus usos, enquanto procuram explicar o facto de Lili recorrer a esta língua.

Leitura

Falemos crioulo(s)!

A língua de um povo é, sem dúvida, o mais importante símbolo nacional. No caso de Cabo Verde, o crioulo constitui o principal património imaterial, o meio pelo qual expressamos e divulgamos tudo o que é puramente nosso. No passado e no presente, a língua cabo-verdiana tem sido o elo de coesão social no arquipélago e na diáspora, o traço identitário da nação cabo-verdiana, nascida do encontro entre várias civilizações, tendo por base a língua portuguesa.

Quando andamos pelas ruas de Dorchester ou qualquer localidade na Europa e deparamo-nos com um letreiro em crioulo, ou cruzamos com alguém expressando-se na nossa língua materna, a nossa primeira reação é de proximidade. Aconteceu comigo numa recente viagem à Chéquia, na região de Ostrava, onde fui surpreendido com a placa “Restaurace Cretcheu” – sendo “cretcheu” uma expressão genuinamente cabo-verdiana – a minha primeira reação foi entrar e saber mais. Logo à entrada, ouvia-se música cabo-verdiana na voz de Cesária Évora. Quando me



apresentei ao dono do restaurante, um cabo-verdiano radicado na Chéquia há longos anos, recebeu-me com um largo sorriso e com os olhos relampejando de emoção, bem
20 ao jeito crioulo e com a singular morabeza. Contou-me a sua aventura numa terra estranha e informou-me que a especialidade da casa era servir refeições tradicionais do arquipélago.

Para além de nos unir, o crioulo possui uma riqueza inesgotável: precisamos de valorizar as nossas variedades, os nossos crioulos, sem ridicularizá-los ou subes-
25 timá-los, pois é essa sinergia de forças que nos distingue dos outros povos.

Como seria o arquipélago se todas as ilhas fossem montanhosas? Teria o mesmo fascínio sem a planura e as belas praias das ilhas orientais? A beleza da nossa língua reside na diversidade, ou seja, nas variedades de cada ilha, desde Santo Antão à Ilha Brava. Quando aprendemos o crioulo, interiorizamos a nossa cultura, refletindo os
30 valores, as crenças, a forma de ser, de pensar e de agir. Assim, através da nossa língua transmitimos às gerações seguintes a continuidade e a perenidade da nossa cultura.

A valorização dessa diversidade é essencial para compreender a língua e as suas origens, é uma forma de combater o preconceito linguístico e de crescermos.

Evel Rocha, texto inédito, 2023

Compreensão do texto

1 Segundo o autor, língua é sinónimo de proximidade e união.

1.1 Explica esta afirmação, apoiando-te em exemplos do texto.

2 «A beleza da nossa língua reside na diversidade.»

2.1 De que modo isto se aplica à língua cabo-verdiana?

2.2 Por que razão é importante valorizar a diversidade?

Relembrar



A língua portuguesa espalhou-se por diferentes locais e foi-se moldando e diferenciando, dando origem a diferentes **variedades geográficas**: a variedade europeia, falada em Portugal; a variedade brasileira, falada no Brasil; as variedades africanas, que diz respeito ao português falado em Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e S. Tomé e Príncipe. O português é ainda falado em Timor-Leste. A variação linguística é uma realidade e, por isso, o português apresenta algumas diferenças, lexicais ou sintáticas, que podem conduzir a alguns mal-entendidos entre falantes de língua portuguesa de origens diferentes.

Consultar apêndice gramatical (p.270)

Antes do texto



Vídeo
O português da lusofonia, RTP



- 1 Apesar de as três mulheres terem em comum a mesma língua, por vezes há alguns problemas de comunicação, nomeadamente entre Rosário, portuguesa, e Isabella, brasileira.

1.1 Vê o vídeo “O português da lusofonia” que se segue e identifica as palavras e/ou expressões que podem dificultar a comunicação.

Leitura

- 1 Lê o texto seguinte:

(Lili está de pé, diante da porta fechada.)

Lili – Bezote ouvi. *(Pausa.)* Xiu. *(Pausa.)* Vem aí alguém, *(encosta o ouvido a porta)* ouço passos. Tum tum tum, está com pressa, vem rápido. Xiu, bezote ouvi. *(Após uma pausa, afasta-se desanimada da porta.)*

- 5 **Rosário** – Então? Então, o que era?

Lili, *desanimada* – Era o meu coração.

Isabella – Fique tranquila. Essas coisas são assim mesmo, demoram. Não sei porquê, acho que ninguém sabe. Eu bem que adorava saber para que precisam de tanto papel e de tanta pergunta. É gente **confusenta**, parece.

- 10 **Rosário** – Sim, fique tranquila. O senhor Fernando está lá fora à minha espera. O senhor Fernando conhece o meu pai desde pequeno e é nosso vizinho. É ele que está lá fora à minha espera. Veio novo para a América. As pessoas até lhe chamam Fernando Americano ou, se o apanham de costas, chamam-lhe só Americano. É nosso vizinho durante o verão, passa o agosto numa boa casa que tem lá
- 15 em Ponte da Barca. Ele é dos Arcos, como o meu pai, mas mandou fazer essa casa em Ponte da Barca. Foi ele que me incentivou a vir. Se for preciso, está mesmo por detrás desta parede.

Lili – E o que é que isso me interessa?

- 20 **Rosário** – Calma. O que eu quero dizer é que, quando eu sair, e não deve faltar muito, peço-lhe para ele tratar do seu assunto. Estou convencida que, mal o senhor Fernando saiba que está cá uma menina do Mindelo, é ele que não vai querer ir-se embora sem lhe resolver esta questão. Já ouvi dizer à boca pequena

Glossário

Confusenta (adj.): palavra inventada com valor de adjetivo, usada como sinónimo de pessoa complicada. “Konfuzenta” na língua cabo-verdiana significa pessoa problemática ou encrenqueira.

25 que, em rapaz, antes de vir para a América, chegou a arrastar a asa à
minha madrinha. Só que, claro, ela era de boas famílias de Vila do
Conde e ele era um pé rapado de Arcos de Valdevez.

Isabella para Rosário – Você fala muito bem. Quem ensinou você a
falar? Às vezes, tem um errozinho, aqui ou ali, custa um pouco para
30 entender certas palavras, mas está muito bom, viu? Quem ensinou
você a falar?

Rosário – E quem havia de ser? Foi a minha mãe, acho que foi a
minha mãe.

Isabella – Sua mãe é brasileira?

35 **Rosário** – Qual brasileira? A minha mãe é lá de perto da terra
desta menina, é de Vila do Conde. Ou melhor, a minha mãe é
da Povia de Varzim, mas foi criada pela minha madrinha
em Vila do Conde. Depois, conheceu o meu pai, que é dos
Arcos. Conheceram-se tão bem que, passados uns meses, já
40 estava a nascer a minha irmã em Ponte da Barca, onde também nasci eu.

*(Lili vai para espirrar, fica mesmo à beira de espirrar, as outras estão suspensas
nessa explosão iminente, mas suspira e acaba por não espirrar.)*

Lili, irritada – Já disse que sou do Mindelo, São Vicente. Quem não conhece Lagi-
nha, Porto Grande, Monte Cara? *(Há uma pausa em que Isabella e Rosário de-*
45 *monstram não saber, encolhem os ombros.)*

Rosário – É das **freguesias**? Pois, eu conheço alguma coisa daquela zona: Fajozes,
Modivas, Labruge... É de Labruge? Não me diga que é de Labruge?

Lili, Irritada – Ai. Bo mãe é k é de Labruge. Bo ti ta fazê iss pa irritam? Sou de Sao
Vicente, já disse. Sampajuda.

50 **Rosário** – Azurara, conheço. Sampajuda, não estou a ver. Mas isso é Mindelo
mesmo Mindelo, ou já é mais para dentro? Sampajuda não estou a ver mas, tam-
bém, são tantas freguesias...

Lili – Kab Verd! Kab Verd!

Rosário – Canidelo, Calhibreu, Alvarelhos... Até aí co-
55 nheço. Kab Verd? Nunca ouvi falar.

Lili, muito irritada, sílaba a sílaba – Ca-bo Ver-de!
Ca-bo Ver-de!

Isabella – Cabo Frio?

Rosário interrompendo Isabella – Ah, Cabo Verde. Pois,
60 pois, Cabo Verde. Estou a ver, estou a ver. Realmente,
não tinha muito ar de **caxineira**, mas nunca fiando.
Hoje, nada é certo. *(Pausa.)* Mas não se preocupe. Não
se preocupe que eu peço na mesma ao senhor Fer-
nando para ajudá-la.



Glossário

Freguesia (n.f.): uma divisão administrativa, correspondente à subdivisão de um concelho.

Caxineira (n.f.): natural de Caxinas, uma freguesia do concelho de Vila do Conde (norte de Portugal).

Relevar (v.): perdoar, desculpar; consentir.

65 **Lili** – N ka mestê ajuda de ninguém. Eu vou é para Boston. É para lá que eu vou. Lá é que estão todos os meus primos da Brava.

Isabella – Brava? Que é isso? Não precisa de ficar brava com tão pouco.

Lili – Tudo bem. A ignorância deixa-me transtornada, mas estou habituada a **re-levar**. Aquilo que tenho mesmo é pressa. Tenho duas dúzias de primos à minha
70 espera. O mais novo é um menino de dois meses, dois mesinhos; a mais velha tem quase a idade de nha mãe. *(Pausa.)* Quando abrirem essa porta, quando receber as minhas malas, vou apanhar um comboio. Vou direta.

Isabella – Comboio?

Lili, com pronúncia brasileira *(A partir daqui, Lili fala com pronúncia brasileira para Isabella e com a sua pronúncia habitual para Rosário.)* – É. Comboio é trem. Quando sair, vou pegar um trem.

Isabella – Ah, mas eu também vou pegar um trem. *(Tira um pequeno livro da bolsa e lê.)* Where does the train go? How much is a ticket to Washington? *(Pausa.)* Para onde você vai?

80 **Lili** – Boston, tenho família me esperando. Faz tempo que eles moram lá.

Isabella – Ah, então vai para perto. São quantas horas? Cinco, seis?

Lili – Me disseram que a viagem de trem é bem longa, dura umas três horas e meia.

Isabella – Então, é pertinho mesmo. *(Tira um papel da bolsa e olha para o que lá
85 está apontado.)* Eu vou de trem para Washington, também perto, mas depois, lá, vou pegar avião para *(pronuncia mal)* Phoenix. *(Ainda a pronunciar mal, fazendo tentativas.)* Phoenix, Phoenix. Fica lá no Arizona, é esse, o nome do estado. É assim que nem Teresina e Piauí, não é? A cidade e o estado. Teresina é que nem Phoenix, Arizona é que nem Piauí.

90 **Lili** – E tem alguém esperando você?

Isabella – Tem, claro. Minha amiga Carol. Ela estará lá me esperando. *(Pausa.)* Nossa, como você está falando bem. Porque não fala sempre assim?

José Luís Peixoto, *Estrangeiras*, Rosa de Porcelana Editora, Lisboa, 2016

Compreensão do texto

1 Lili revela alguma ansiedade.

1.1 Apoiando-te no texto, justifica esta afirmação.

1.2 Por que razão ela ficou desanimada?

2 As três mulheres têm alguém à sua espera no novo destino.

2.1 Indica quem espera cada uma delas, explicitando o tipo de relação que possuem com essa pessoa.

- 3 Atenta na segunda fala de Rosário: «O senhor Fernando está lá fora à minha espera. [...] É ele que está lá fora à minha espera. [...] Se for preciso, está mesmo por detrás desta parede.» (linhas 10 a 17)

3.1 Na tua opinião, por que razão ela repete a mesma ideia três vezes?

- 4 Explica por palavras tuas as seguintes expressões.

a) «ouvi dizer à boca pequena» (linha 24)

b) «arrastar a asa à minha madrinha» (linhas 25 e 26)

- 5 Explica as palavras de Isabella para Rosário:

«Você fala muito bem. Quem ensinou você a falar? Às vezes, tem um errozinho, aqui ou ali, custa um pouco para entender certas palavras, mas está muito bom, viu? Quem ensinou você a falar?» (linhas 28 a 31)

5.1 Quando ela fala em «errozinho», a que ela se refere?

- 6 A comunicação entre elas continua a ser perturbada por algumas situações mal interpretadas.

6.1 Justifica esta afirmação com dois exemplos do texto.

- 7 Explica as palavras de Isabella para Lili: «Nossa, como você está falando bem. Porque não fala sempre assim?» (linha 92)

7.1 Identifica no texto algumas diferenças linguísticas entre o discurso de Isabella e o discurso de Lili e Rosário.

Funcionamento da língua

- 1 Atenta nas seguintes frases:

a) «Às vezes, tem um **errozinho**, aqui ou ali,[...]?» (linha 29)

b) «O mais novo é um menino de dois meses, dois **mesinhos** [...]» (linha 70)

c) «Então, é **pertinho** mesmo.» (linha 84)

1.1 O que têm em comum as palavras destacadas?

1.2 Indica o valor do sufixo **-inho** em cada oração.

2 Atenta nas seguintes frases:

- a) «Fique tranquila.»
- b) «Quem ensinou você a falar?»
- c) «A minha mãe é lá de perto da terra desta menina, é de Vila do Conde.»
- d) «Quem não conhece Laginha, Porto Grande, Monte Cara?»
- e) «Nossa, como você está falando bem.»
- f) «Porque não fala sempre assim?»

2.1 Identifica os tipos e formas das frases anteriores.

Gramática no texto

Atenta nas frases seguintes:

Para abrir a porta, **carrega** aqui.

Ficai aqui enquanto eu vou fechar a porta.

As formas verbais destacadas encontram-se no modo imperativo, que é usado para expressar um conselho, uma ordem, uma instrução, um desejo ou um pedido. O modo imperativo, cujo contexto de uso se limita ao discurso direto afirmativo, possui apenas duas formas, para a 2.^a pessoa (singular e plural), como nos exemplos “carrega” e “ficai”. Contudo, dada a evolução das relações sociais e das formas de tratamento, houve necessidade de recorrer à 3.^a pessoa, do singular ou do plural, para definir ou expressar o tipo de relação, mais distanciada, entre o emissor e o recetor. Neste caso, recorre-se às formas do conjuntivo na forma afirmativa e negativa, como nos exemplos seguintes:

- Ajude-me!
- Não me ajude!
- Divirtam-se! Sejam felizes!
- Não se divirtam! Não sejam felizes!

Exercícios de aplicação

1 Completa as frases que se seguem com as formas do imperativo ou do conjuntivo.

- a) João, não (**vir**) cá!
- b) (**ir/vocês**) embora, que eu fico.
- c) Sr. professor, (**escrever**) a palavra no quadro, por favor.
- d) António, (**dizer**) o que tu sabes sobre o acidente.
- e) Amanhã de manhã, tu e a Ana (**vir**) aqui.

- f) Dona Maria, não (**fechar**) a porta, por favor.
- g) Pedro e Manuel, (**dar**) o lápis ao Rui para fazer o exercício.
- h) Caros alunos, amanhã (**chegar**) a horas.

2 Imagina que um amigo teu vem visitar-te e quer conhecer a tua cidade.

2.1 Dá-lhe alguns conselhos com recurso às formas do conjuntivo com valor de imperativo.

Oralidade

1 Atenta nas seguintes frases retiradas do texto, identificando os estereótipos e/ou preconceitos presentes:

- «[...] chegou a arrastar a asa à minha madrinha. Só que, claro, ela era de boas famílias de Vila do Conde e ele era um pé rapado de Arcos de Valdevez.» (linhas 25 a 27)
- «Realmente, não tinha muito ar de caxineira, mas nunca fiando.» (linhas 60 e 61)

1.1 Em grupo, definam o que significa cada uma destas expressões.

2 Ao longo desta peça, as personagens destacam uma série de preconceitos e estereótipos. Debate-os com os teus colegas, tomando como ponto de partida o excerto abaixo.

Isabella, para Lili, imitando Rosário – Não, eu não gosto de bacalhau. (Pausa) Só gosto de pastel de bacalhau.

Lili, para Isabella, imitando Rosário, rindo – Ai, adoro pastel de bacalhau (pausa) e adoro Cristiano Ronaldo, que é primo da minha madrinha lá em Vila do Conde.

Isabella, imitando Rosário, rindo – Oh, sim, o Cristiano Ronaldo está lá fora à espera. Tu liga para ele, tu liga para ele e vais ver que ele vem aí e abre-te a porta.

(Isabella e Lili riem-se.)

Rosário, imitando Isabella – Lá em Teresina é muito gostoso. Teresina é muito legal. É, e eu também sou gostosa. Sou gostosa mesmo, maior gata. Miau.

(Lili ri-se da imitação de Rosário. Isabella não gosta)

Isabella, zangada, imitando Lili – Deixa de ser mentirosa! Lá no Mindelo é que é gostoso, tem sabor de linguiça frita e ovo estrelado. N ti ta bo ben li kel bo. Nenhum lugar do mundo é melhor do que Mindelo.

Rosário, imitando Isabella – Mas esse lugarejo é tão pequeno... É menor do que pulga na cabeça de pulga. É cidade de miniatura?

2.1 Ouçam a canção “Saiba”, de Adriana Partimpim, procurando estabelecer uma relação com o tema em causa.

Saiba!

Todo mundo foi neném
Einstein, Freud e Platão, também
Hitler, Bush e Saddam Hussein

5 Quem tem grana e quem não tem...

Saiba!

Todo mundo teve infância
Maomé já foi criança
Arquimedes, Buda, Galileu

10 E também você e eu...

Saiba!

Todo mundo teve medo
Mesmo que seja segredo
Nietzsche e Simone de Beauvoir

15 Fernandinho Beira-Mar...



Saiba!

Todo mundo vai morrer
Presidente, general ou rei
Anglo-saxão ou muçulmano

20 Todo e qualquer ser humano...

Mike Tyson, Salomé...

Adriana Partimpim, “Saiba”, *Adriana Partimpim*, Sony Music Entertainment Brasil, 2004

Manual Digital

Vídeo
Representação da peça *Estrangeiras*, de José Luís Peixoto, pelo grupo de teatro AFTA



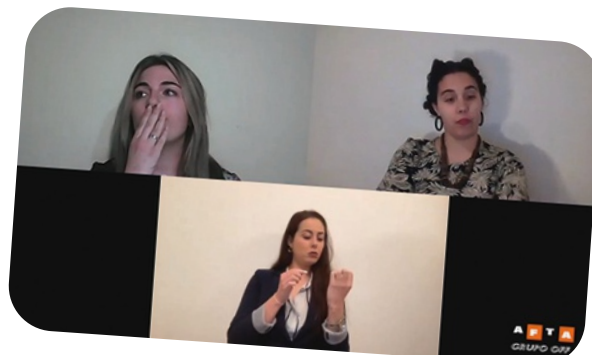
2.1.1 Indica quais os factos que são comuns e marcantes para todos os seres humanos.

2.1.2 Conheces as personalidades referidas na canção? Faz uma pequena pesquisa sobre elas.

Para além do texto

Para melhor compreenderes a obra *Estrangeiras*, de José Luís Peixoto, vê a sua representação.

No final, partilha com os teus colegas a tua opinião sobre a peça, indicando aqueles que são os principais temas abordados.



Antes do texto

- 1 O Festival Mindelact é «hoje considerado o mais importante evento teatral da África Ocidental». Observando algumas das imagens deste festival, que tipo de espetáculos esperas encontrar neste festival?



Leitura

- 1 Lê o texto seguinte:

Festival Mindelact deste ano dedicado à liberdade e celebra nascimento de Amílcar Cabral

O festival de teatro Mindelact, em São Vicente, acontece este ano de 03 a 11 de novembro, dedicado à liberdade e será uma pré-celebração do Centenário do Nascimento de Amílcar Cabral, informou hoje a organização.

Em comunicado, a organização do Festival Internacional de Teatro do Mindelo (Mindelact) avançou que a programação da 29.ª edição já está “bastante avançada” e será intitulada de “Edição Liberdade”.

“Como mote para mostrar, se preciso fosse, que as artes performativas são, na sua génese e natureza, uma ferramenta para a livre expressão, sem amarras, sem preconceitos, sem medos e um instrumento para abrir mentes e horizontes”, explicou. [...]

Conforme o mesmo comunicado, na próxima edição, o Mindelact vai manter a sua identidade e apresentar “grandes

propostas” cénicas nacionais e internacionais no palco 1 e principal, montado no Centro Cultural do Mindelo, sendo de destacar a presença, pela primeira vez, de uma produção da África do Sul, dirigida e interpretada por mulheres. [...]

“São escolhas que pretendem dar voz a quem não a tem ou a quem está a sofrer tentativas de silenciamento, de dar palco a quem não tem palco, promovendo uma reflexão que se pretende ativa e radical”, enfatizou, informando que o palco 2 será todo ele dedicado às artes performativas nacionais.

O festival de teatro é patrocinado pelo Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas, pela Câmara Municipal de São Vicente, pelo instituto Camões e por empresas cabo-verdianas.

Disponível em www.balai.cv [consult. 19 jul 2023]
(Texto com supressões)

Compreensão do texto

- 1 Qual é o tema da edição do festival Mindelact de 2023?
 - 1.1 Com que finalidade foi escolhido este tema?
- 2 Entre as produções internacionais apresentadas nesta edição, há uma que se destaca. Qual e porquê?
- 3 O que têm em comum os espetáculos desta edição?
- 4 Quem ajuda a tornar possível a realização deste festival?

Escrita

- 1 A Mindelact é uma associação artística e cultural. Qual é o seu papel na promoção da arte e da cultura cabo-verdiana?

1.1 Lê o texto seguinte e faz uma síntese do mesmo, com o máximo de 50 palavras.

Na síntese deves condensar ao máximo as ideias do texto, (mais breve do que o resumo), selecionando apenas a informação essencial. Consulta o Apêndice gramatical, página 239.

A Associação Artística e Cultural – Mindelact é uma organização não governamental – ONG, de carácter artístico e social, sem fins lucrativos e que visa essencialmente o desenvolvimento e a promoção das artes cénicas em Cabo Verde, pondo a tónica na organização de atividades direta ou indiretamente ligadas ao teatro cabo-verdiano. A Associação congrega no seu seio agentes teatrais de grupos de teatro de Cabo Verde e pessoas singulares de quase todos os quadrantes da vida artística e social cabo-verdiana, para além de um significativo número (cerca de 80%) de jovens.

10 A Associação Mindelact foi formada no ano de 1996 e foi reconhecida como pessoa jurídica em 27 de Fevereiro de 1997 pelo então Ministro da Justiça e da Administração Interna e publicada no Boletim Oficial n.º 9 – I Série de 10 de Março de 1997.

Nos diversos Planos de Atividade, a Associação tem dado atenção a formação de jovens nas diversas disciplinas ligadas às artes cénicas, apoio à Educação Artística em matéria de documentação para estudo, lançamento da revista “Mindelact – teatro em revista”, publicação de dramaturgia nacional, realização de “Março – Mês do Teatro” e do Festival Internacional do Teatro do Mindelo – Mindelact.



Projeto fora da sala de aula 5

O outro somos sempre nós

Propomos-te a realização de uma exposição sobre o tema «O outro somos sempre nós» – frase proferida por José Eduardo Agualusa. A exposição pode ser virtual – através da criação de uma página no Instagram ou de um Padlet – ou pode ser física num dos espaços da escola adequados à iniciativa. Os objetivos deste projeto são, por um lado, desenvolver o trabalho colaborativo e, por outro lado, trabalhar o diálogo intercultural.



Fases de execução do projeto

1. Troca de ideias coletiva sobre os trabalhos a desenvolver para a exposição

- Criação de pequenas mensagens a partir do título da exposição.
- Retratos reais ou ficcionados de jovens dos diferentes países.
- Recolha de testemunhos/entrevistas.
- Seleção de músicas tradicionais de diferentes locais.
- Pesquisa e organização estatística de dados sobre as migrações no teu país.
- Seleção de diferentes pratos de diferentes regiões ou ilhas, de diferentes culturas.

2. Organização dos grupos de trabalho

Pode haver atividades realizadas por toda a turma, em pares ou em pequenos grupos.

3. Calendarização das atividades

- Data da exposição.
- Prazos para execução e apresentação prévia dos diferentes trabalhos.

4. Pesquisa e seleção de materiais para as diferentes atividades

5. Elaboração dos materiais necessários à concretização das tarefas

6. Realização das atividades previstas

Pode ser sempre feito interdisciplinarmente, em articulação com os outros professores e as outras disciplinas.

Ficha formativa 5

Grupo I – Compreensão oral



e Manual Digital

Vídeo
Sabes o que é teatro amador?



1 Sabes o que é o teatro amador? Vê o vídeo que se segue.

1.1 Indica se as seguintes afirmações são verdadeiras (V) ou falsas (F).

- a) “Amador” significa aquele que ama, que exerce a sua profissão com gosto.
- b) Pode ser comparado a um estagiário ou a um voluntário, por exemplo.
- c) Tem origem no Brasil, no século XVI, com a chegada dos Jesuítas.
- d) Em Portugal existem cerca de cinquenta grupos de teatro amador.
- e) No teatro amador, o ator trabalha em conjunto com o encenador e/ou o dramaturgo.
- f) O teatro amador pode ser a primeira etapa de um ator ou apenas um passatempo.
- g) O ator profissional recebe um salário, o amador ama o seu ofício.

1.1.1 Vê novamente o vídeo e corrige as falsas.

Grupo II – Compreensão do texto

1 Lê o excerto do texto *Estrangeiras* de José Luís Peixoto, antes de responder às questões abaixo.

Rosário – Mas pode chegar-se aqui. *(Abre um braço e um lado do casaco)*
Creio que cabe aqui.

(Depois da surpresa e alguma hesitação, Lili senta-se na cadeira ao lado de Rosário, encosta-se a ela e Rosário cobre-a com um dos lados do casaco.)

5 **Isabella** – Será que cabe mais uma?

(Rosário abre o outro braço e levanta esse lado do casaco. Isabella senta-se aí e deixa que Rosário a cubra. Ficam as três debaixo do casaco: um único corpo com três cabeças.)

Rosário, para Lili – Está melhor?

10 **Isabella** – Muito melhor.

Passam alguns instantes em que não dizem nada.

Isabella – Estava pensando...

Ficha formativa

Lili – Que sorte, com este frio.

Rosário, para Lili – Mas ainda tem frio?

15 **Lili** – Este é daquele frio que não passa. São ossos gelados por dentro. Não há casaco ou manta que abafe este frio.

Isabella – Mas estava pensando...

(O telefone de Lili começa a tocar. Lili tira a mão fora do casaco.)

Rosário – Não desligue outra vez. Desligar é fugir.

20 *(Telefone continua a tocar.)*

Isabella – Sim, atenda.

Rosário – Desligar não resolve nada.

Isabella – É mesmo, desligar não resolve nada.

25 *(Respirando fundo, ganhando coragem, Lili atende o telefone. Rosário e Isabella, debaixo do casaco ficam a olhar para ela.) [...]*

Lili – Já não tenho frio.

Isabella – Então venha partilhar esse calor com a gente.

Rosário, abrindo o casaco do lado – Venha.

30 *(Lili aceita a oferta e, em silêncio, volta à sua posição, debaixo do casaco fechado, ao lado das outras. Ficam assim durante alguns momentos.)*

Isabella – Estava pensando... *(Pausa.)* Estava pensando que a gente veio de lugares diferentes, cada uma de seu lugar, mas chegámos aqui. Talvez lá, já estivéssemos no mesmo lugar porque já estava certo que havíamos de chegar aqui, ao mesmo lugar, à mesma situação. Estamos na mesma situação.
35 Somos iguais. Somos a mesma coisa.

José Luís Peixoto, *Estrangeiras*, Rosa de Porcelana Editora, 2016 (Texto com supressões)

1.1 Como reagiu Lili ao convite de Rosário?

1.2 Explica, por palavras tuas, a seguinte expressão: «um único corpo com três cabeças» (linhas 7 e 8).

1.3 Atenta na seguinte afirmação de Lili: «Este é daquele frio que não passa. São ossos gelados por dentro. Não há casaco ou manta que abafe este frio.» (linhas 15 e 16)

1.3.1 Na tua opinião, o que ela quer dizer com isso?

1.3.2 Por que será que o frio passou depois de ela ter atendido o telefonema?



1.4 A última fala de Isabella resume a situação das três mulheres, bem como aquilo que as une.

1.4.1 Justifica esta afirmação, explicando por palavras tuas o que ela quis dizer.

1.5 A relação das três mulheres mudou? Justifica a tua resposta.

Grupo III – Funcionamento da língua

1 Retira do texto exemplos de formas verbais no imperativo ou no conjuntivo, indicando o valor de cada uma delas.

2 Atenta na seguinte frase: «[...] já estava certo que **havíamos** de chegar aqui, ao mesmo lugar, à mesma situação» (linhas 34 e 35).

2.1 O verbo “haver” é usado como verbo pessoal ou impessoal? Justifica a tua resposta.

3 Identifica as interjeições e os respetivos valores nas seguintes frases.

- a) Ah! Adoro quando preparas o pequeno-almoço para mim.
- b) Eh! João! Podes vir aqui?
- c) Hã? O que são processos fonológicos?
- d) Ufa! Quase que caía.
- e) Ui! Tem calma. Não precisas de responder dessa maneira.

Grupo IV – Escrita

Imagina a continuação da história das três estrangeiras do livro de José Luís Peixoto, iniciando uma nova cena, com uma nova personagem. O teu texto deve ter entre 100 a 120 palavras. Não te esqueças de planificar o texto e de ter em atenção as características do texto dramático, incluindo:

- uma didascália inicial com os pormenores do cenário e/ou das personagens;
- incluir apartes e/ou indicações cénicas do estado de espírito das personagens e da movimentação das mesmas.

No final, não te esqueças de rever o teu texto de forma atenta e cuidada.





Apêndice gramatical

1. Tipos de texto: texto literário e texto não literário
2. Processos fonológicos
3. Sintaxe
4. Morfologia e lexicologia
5. Funções da linguagem

1. Tipos de texto: texto literário e texto não literário

O que distingue um texto não literário de um texto literário?

Texto A

A revolução industrial impulsionou a urbanização, que por sua vez criou problemas relacionados com os resíduos sólidos (lixo), a ocupação desordenada do solo, a contaminação dos recursos fluviais [...].

Disponível em expressodasilhas.cv/ [consult. 11 abr 2023]

Texto B

O velho bebeu devagar o seu café. Era quanto comeria o dia inteiro, e sabia que precisava de o tomar. Havia muito tempo que o maçava comer, e nunca levava merenda. Na proa do barco tinha uma garrafa de água, e de mais não precisava.

Ernest Hemingway, *O velho e o mar*, Livros do Brasil/ Porto Editora, 2015

O **texto A** é um texto não literário, e o **texto B** é um texto literário.

Vejamos as diferenças:

Textos não literários	Textos literários
<ul style="list-style-type: none"> • Têm uma finalidade informativa que apresenta uma dada realidade. • São objetivos e admitem uma única interpretação. • Recorrem a uma linguagem clara e direta. • Têm como principal função informar, explicar, esclarecer ou persuadir. 	<ul style="list-style-type: none"> • Têm uma intenção estética que representa uma determinada visão do mundo. • São subjetivos e podem ter várias interpretações. • Usam uma linguagem expressiva, rica e figurada, apresentando diversos recursos expressivos.

No entanto, não podemos esquecer que não se pode definir sempre uma separação clara entre texto literário e texto não literário.

Por exemplo, o texto publicitário, geralmente considerado não literário faz muito uso de recursos expressivos, da subjetividade e da plurissignificação, atributos do texto literário.

1.1 Os textos não literários

Gênero textual	Definição e características
Notícia	Texto informativo breve, atual e de interesse geral. Apresenta uma estrutura-tipo: título, subtítulo (opcional), <i>lead</i> (responde às questões Quem?, O quê?, Onde? e Quando?) e o corpo da notícia (responde às questões Como? e Porquê?).
Reportagem	É um texto jornalístico longo e resulta de um trabalho feito pelo jornalista/repórter que recolheu a informação sobre o assunto (ouvindo, pesquisando, etc.) e o relata de forma detalhada e objetiva.
Entrevista	Texto de caráter conversacional, caracterizado por um conjunto de perguntas (feitas pelo entrevistador) e respostas (dadas pelo entrevistado) com o objetivo de obter informação sobre determinado tema ou sobre o próprio entrevistado.
Texto publicitário	Tem como objetivo promover a venda de um produto ou serviço (publicidade comercial) ou a divulgação de ideias ou ações de sensibilização (publicidade não comercial).
Texto de opinião	É um texto argumentativo onde o autor expõe o seu ponto de vista sobre um determinado tema e apresenta argumentos (factos, experiências, leituras, etc.) que fundamentam a sua opinião.
Texto expositivo/informativo	Texto que apresenta informação sobre um determinado assunto de forma objetiva e rigorosa. Tem uma estrutura tripartida (introdução, desenvolvimento e conclusão).
Biografia	É um texto informativo que apresenta a vida de alguém, respeitando normalmente a ordem cronológica dos acontecimentos.
Resumo	Condensação de ideias de um texto (a cerca de 1/3), selecionando as ideias essenciais de forma a manter a informação essencial, mantendo a ordem do texto original.
Síntese	Condensação de ideias de um texto (a cerca de 1/4), selecionando as ideias essenciais de forma a manter a informação essencial.
Entrada de dicionário	Texto que apresenta a grafia e o significado da palavra de uma língua. Além do significado ou significados da palavra, há informação sobre a classe de palavras a que pertence.
Curriculum vitae	Texto que contém dados biográficos e, sobretudo, dados relativos à formação, conhecimentos e percurso profissional de uma pessoa. Destina-se, normalmente, a fins profissionais.
Carta de apresentação	É um texto formal, que serve para comunicar num contexto estritamente profissional, e tem como finalidade a candidatura ou o pedido de emprego do seu remetente.

1. Tipos de texto: texto literário e texto não literário

1.2 Os textos literários

Os textos literários podem subdividir-se em três grupos: narrativo, lírico e dramático. O **texto narrativo** pode apresentar diferentes géneros: a crónica, o conto, a novela e o romance. O texto narrativo narra acontecimentos, conta uma história, pela voz de um narrador que recorre a diferentes modos de expressão. As personagens movem-se no tempo e no espaço para dar vida à história.

Género textual	Definição e características
Crónica	É um género textual que se encontra no limiar entre o literário e o não literário e, por essa razão, muitos autores dizem que se trata de um género híbrido. Possui a dupla função informativa e expressiva. Surge numa secção de jornal ou na rádio, muitas vezes num local/horário fixo. O cronista parte de um assunto da atualidade ou de uma vivência do cronista e, servindo-se de alguns artifícios literários, mostra a sua opinião e emite juízos de valor com sentido crítico. A linguagem da crónica é normalmente mais clara e acessível do que a de um texto literário, mas mais subjetiva, plurissignificativa e conotativa do que a de um texto não literário.
Conto	É uma narrativa curta e linear, cuja ação é simples e concentrada num único tema ou episódio, de curta duração temporal e situada num só espaço, envolvendo poucas personagens. A grande característica do conto, mais do que qualquer outro género em prosa, é a capacidade que o escritor deve ter de sintetizar o conteúdo. Os elementos que o compõem concentram-se numa única linha temática, num único conflito. Os quatro elementos básicos que entram na sua composição (personagens, factos, espaço e tempo) são iguais a outros géneros narrativos em prosa, mas apresentam-se condensados, conduzidos sem muitas peripécias até ao desfecho da história.
Novela	É uma narrativa de extensão média, considerado o género intermédio entre o conto, de menor extensão, e o romance, de maior extensão. As principais características da novela são o número reduzido de personagens, a sequencialidade dos factos, a linguagem objetiva, a narração rápida e a variedade de temas.
Romance	É um género narrativo ficcional em prosa, mais longo que a novela e o conto, em que as personagens são apresentadas com maior densidade psicológica, e o tempo e o espaço são categorias mais elaboradas. Os romances costumam ter um enredo mais complexo, no qual há digressões ou desvios, e nos quais costuma haver várias personagens. É comum encontrar histórias secundárias que se entrelaçam com a intriga principal.

1.2.1 Categorias da narrativa

Elementos que integram o texto narrativo	
<p>Ação A sucessão de acontecimentos praticados por uma ou mais personagens</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Ação principal ou central é constituída pelos acontecimentos principais. • Ação secundária corresponde ao conjunto de acontecimentos menos relevantes, mas que servem de complemento à ação principal. <p>A narrativa apresenta um determinado tipo de estrutura:</p> <ul style="list-style-type: none"> • introdução: a situação inicial que nos dá a conhecer as personagens e a ação principal; • desenvolvimento: o desenrolar dos acontecimentos que constituem o enredo da ação; • conclusão: a parte final que nos dá a conhecer o desenlace da ação.
<p>Narrador Aquele que conta ou narra a história ou os acontecimentos da narrativa</p>	<p>Pode ser classificado quanto à presença, como:</p> <ul style="list-style-type: none"> • narrador participante: participa na ação, sendo uma das personagens (principal ou secundária), e, por isso, a narrativa é feita na 1.ª pessoa; • não participante: não participa na ação como personagem, sendo, portanto, exterior ao enredo, por isso a narrativa é feita na 3.ª pessoa.
<p>Personagens Intervenientes na ação</p>	<p>Podem ser principais (desempenham um papel fundamental na ação) ou secundárias (têm menor relevo na ação, sendo aquelas com quem o protagonista se vai relacionando ao longo da ação). Há ainda os figurantes sendo apenas mencionados para ajudar a criar um ambiente.</p>
<p>Tempo Tempo da ação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Cronológico: sucessão cronológica ou natural do tempo. • Psicológico: modo como as personagens veem a passagem do tempo. • Histórico: o contexto histórico em que se insere a ação.
<p>Espaço Lugar ou lugares onde decorre a ação</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Físico: o espaço geográfico onde decorre a ação. • Psicológico: o espaço interior das personagens ou a forma como as personagens percebem o espaço. • Social: lugares e ambientes sociais onde se movem as personagens.
<p>Modos de apresentação do discurso Diferentes formas de apresentar o texto narrativo</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Narração: evolução da ação, com relato dos acontecimentos. • Descrição: momento em que são dadas informações sobre as personagens, o tempo e o espaço; momento de pausa na ação. • Diálogo: momento de comunicação direta entre as personagens. • Monólogo: uma personagem fala consigo própria.

1. Tipos de texto: texto literário e texto não literário

1.2.2 O texto poético

O **texto poético** é um texto geralmente escrito em **verso**, mas pode ocorrer também em prosa. É um texto expressivo, através do qual o **sujeito poético**, a “voz” do poema, nos dá a conhecer a sua visão particular dos outros e do mundo. É a expressão máxima da subjetividade. Recorre a vários recursos expressivos para transmitir emoções, sentimentos, pensamentos e maneiras de ver e sentir o mundo, respeitando os critérios de estilo do autor. É um texto que tem como objetivo procurar a beleza através das palavras, valorizando o ritmo e a musicalidade. Caracteriza-se por uma **linguagem plurissignificativa**, visto que as suas palavras podem ter vários significados, e pelo predomínio da **conotação** (alteração ou ampliação do sentido literal da palavra) sobre a **denotação** (sentido literal da palavra).

Elementos do texto poético	
Poema	Conjunto de estrofes ou estrofe única que compõem o texto.
Estrofe	Conjunto de versos. Há estrofes com: 1 verso → monóstico 5 versos → quintilha 9 versos → nona 2 versos → dístico 6 versos → sextilha 10 versos → décima 3 versos → terceto 7 versos → sétima 4 versos → quadra 8 versos → oitava
Verso	Corresponde a cada linha do poema.
Rima	<p>Rima consoante: correspondência total de sons que rimam a partir da última vogal tónica. Exemplo: brancas/francas (vogais e consoantes).</p> <p>Rima toante: correspondência de sons apenas na vogal tónica das palavras que rimam. Exemplo: medo/ego (só vogais).</p> <p>Esquema rimático A identificação da rima num poema é feita da seguinte forma:</p> <ul style="list-style-type: none"> • rima cruzada: os versos rimam alternadamente [abab]; • rima emparelhada: os versos rimam dois a dois [aabb]; • rima interpolada: há pelo menos dois versos a separar a rima [abca]. <p>Quando os versos não rimam chamam-se versos brancos.</p>
Sílabas métricas	<p>Sílabas que compõem cada um dos versos do poema. A sua contagem é feita até à sílaba tónica da última palavra do verso.</p> <p>No interior do verso, a sílaba terminada em vogal une-se em geral à sílaba seguinte, se esta começar por vogal.</p> <p>Exemplo: É- ter- cá- den-tro um- as-tro- que fla-me [ja]</p> <p>Quando a sílaba termina em consoante une-se à seguinte iniciada com uma vogal.</p> <p>Exemplo: Que-ri-a-nes-te-po-e-ma a-cor-dos-teu-so lhos]</p>

1.2.3 O texto dramático

O texto dramático é um texto que se destina a ser representado num palco por atores, perante um público.

Estrutura externa

Ato	Cada uma das partes em que se divide uma peça de teatro; por norma muda-se de ato sempre que há mudança de cenário.
Cena	Corresponde à divisão de um ato sempre que há entrada e saída de personagens.

Estrutura interna

Exposição	Apresentação da ação e dos seus antecedentes.
Conflito	Apresentação dos acontecimentos que levam ao desenrolar da ação.
Desenlace	Desfecho da ação, a resolução do conflito.

Divisão do texto dramático

Texto principal	Constituído pelas falas das personagens, sob a forma de: <ul style="list-style-type: none"> • diálogo: falas ou réplicas em duas ou mais personagens; • monólogo: fala da personagem consigo própria; • apartes: são ouvidos apenas pelo público e não pelas outras personagens.
Texto secundário	Surge em itálico e/ou entre parênteses e corresponde às didascálias ou indicações cênicas : informações dadas pelo dramaturgo sobre os gestos, a entoação, a movimentação das personagens, o cenário, o guarda-roupa, a luz e o som.

Elementos que integram o texto dramático

Ação	Sucessão de acontecimentos.
Personagens	<ul style="list-style-type: none"> • Principal: personagem mais importante e relevante; • Secundária: personagem importante para o desenrolar da ação, mas sem lugar de destaque; • Figurante: personagem sem intervenção direta, mas importante para a caracterização do ambiente.
Espaço	Lugar ou lugares onde decorre a ação.
Tempo	Momento ou momentos em que decorre a ação.

2. Processos fonológicos

Designação		Definição	Exemplos
Adição	Prótese	Adição de um elemento no início da palavra.	í > aí scribere > escrever
	Epêntese	Adição de um elemento no meio da palavra.	feo > feio humile > humilde
	Paragoge	Adição de um elemento no fim da palavra.	ante > antes
Supressão	Aférese	Queda de um elemento no início da palavra.	a levantada > levantada ac ume(n) > cume
	Síncope	Queda de um elemento no meio da palavra.	malu > mau generu > genro
	Apócope	Queda de um elemento no fim da palavra.	mentale > mental amare > amar
Alteração	Assimilação	Dois fonemas próximos se tornam iguais ou semelhantes.	fermosa > formosa ipsu > isso
	Dissimilação	Dois fonemas próximos e iguais passam a ser diferentes.	lilliu > lírío
	Redução vocálica	Enfraquecimento de uma vogal que passa para uma posição átona.	malá > malinha mesa > mesinha
	Metátese	Diferentes segmentos trocam de posição numa palavra.	semper > sempre

3. Sintaxe

3.1 Pronome pessoal em adjacência verbal – regras

Os pronomes pessoais que desempenham as funções de complemento objeto direto e complemento objeto indireto são formas átonas, ocorrendo em adjacência verbal, isto é, junto ao verbo.

Complemento direto	Complemento indireto
me, te, o/a, nos, vos, os/as	me, te, lhe, nos, vos, lhes

3. Sintaxe

Os pronomes átonos de complemento direto e indireto podem ocorrer em posições diferentes: **ênclise**, **próclise** ou **mesóclise**.

Exemplo:

Ana: Hoje a minha mãe comprou **cadernos novos**. Comprou-**os** na papelaria junto à nossa casa. Só **os** comprou, porque são mesmo necessários.

Maria: Eu ainda não comprei **os meus cadernos**. Comprá-**los**-ei quando for ao supermercado.

1. Tipicamente os pronomes átonos surgem na posição pós-verbal. → **ênclise**

Exemplo: Ele comeu **o bolo**. → Ele comeu-**o**.

Nesta posição os pronomes átonos **o, a, os, as** podem sofrer alterações:

Quando o verbo termina em -r, -s ou -z	Junta-se um -l aos pronomes o, a, os, as	Exemplos
- r - s - z } → desaparecem	-lo -la -los -las	Ele vai fazer a mala . Ele vai fazê-la. Tu bebes o sumo . Tu bebe-lo. O João traz os bolos . O João trá-los.

Nota: Se a forma verbal termina em **-ns**, passa a **-m**. Exemplo: Tu tens a caneta. Tu tem-la.

Quando o verbo termina em -ão, -õe e -m	Junta-se um -n aos pronomes o, a, os, as	Exemplos
ão õe -m	-no -na -nos -nas	Eles dão as flores . Eles dão-nas. Põe o livro na mesa. Põe-no na mesa. Eles trazem as roupas . Eles trazem-nas.

2. O pronome átono desloca-se por vezes para antes do verbo. → **próclise**

Exemplo: Ela não comprou **os ovos**. → Ela não **os** comprou.

Tal ocorre quando o verbo é precedido por advérbios, conjunções, pronomes indefinidos e interrogativos e locuções prepositivas:

a) expressões de valor negativo: não, nunca, jamais, nada, ninguém, nem, de modo algum...

Exemplo: Tu **nunca** declamaste este poema? → Tu nunca **o** declamaste?

3. Sintaxe

- b) advérbios:** só, ainda, já, sempre, mal, apenas...
Exemplo: Já viste o Pedro hoje? → Já **o** viste hoje?
- c) conjunções subordinativas:** quando, se, porque, que, conforme, embora, logo que...
Exemplo: Avisa-me **quando** terminares o exercício. → Avisa-me quando **o** terminares.
- d) pronomes relativos ou advérbios interrogativos:** que, quem, quanto, onde, quando, como...
Exemplo: **Quem** conhece a nova aluna? → Quem **a** conhece?
- e) pronomes ou determinantes indefinidos:** alguém, ninguém, nenhum, algum, tudo, todo...
Exemplo: **Ninguém** leu a frase. → Ninguém **a** leu.
- f) Expressões de desejo ou de tipo exclamativo:** oxalá, deus queira, tomara que...
Exemplo: Oxalá encontres os livros. → Oxalá **os** encontres.
- 3.** Quando ocorrem com formas verbais do futuro do indicativo ou do condicional, os pronomes átonos são colocados no interior dessa forma verbal → **mesóclise**
Exemplo: Os estudantes visitarão a biblioteca. → Os estudantes visitá-**la**-ão.
 Eu faria o teste se tivesse estudado. → Eu fá-**lo**-ia se tivesse estudado.
- 4.** No caso dos tempos compostos, o pronome ocorre habitualmente em posição de ênclise junto do verbo auxiliar (ter ou haver):
Exemplo: Eu tinha-**lhe** dito para chegar mais cedo.
 Tenho-**me** levantado cedo todos os dias.

3.2 Funções sintáticas

Uma frase não é uma sequência aleatória de palavras. Estas organizam-se em grupos que contêm uma palavra núcleo que permite distingui-los. Esses grupos desempenham determinadas funções sintáticas.

3.2.1 Sujeito

O **sujeito** é a função sintática desempenhada pelo constituinte da frase que controla a concordância verbal e que designa a entidade sobre a qual se diz algo.

Tipos de sujeito	Exemplos
simples	Mia Couto é um escritor moçambicano. (grupo nominal) Ele adorou os poemas de Eugénio de Andrade. (pronome pessoal) Quem lê muito tem melhor poder de argumentação e criatividade. (oração) Falar é fácil. (verbo no infinitivo)
composto	Evel Rocha e Germano Almeida são escritores cabo-verdianos. (coordenação de dois grupos nominais) Quem foi à visita e quem leu a obra conseguirá responder ao questionário. (coordenação de duas orações)
nulo (subentendido)	Fez uma apresentação oral sobre a obra. (depreende-se que o sujeito é a 3. ^a pessoa)
nulo (indeterminado)	Lê-se muito a poesia do século XX. (alguém lê)
nulo (expletivo)	Choveu imenso ontem! (surge, habitualmente, com verbos meteorológicos)

3.2.2 Predicado

O **predicado** é a função sintática desempenhada por um grupo verbal. Pode corresponder só ao verbo ou ao verbo com os seus respetivos complementos. Identifica a ação ou aquilo que se declara acerca do sujeito. O predicado pode ser:

- **nominal**: constituído por um verbo predicativo, isto é, um verbo que pede um predicativo de sujeito.
Exemplo: A menina **é corajosa**.
- **verbal**: constituído por um verbo transitivo ou um verbo intransitivo.
Exemplo: Ela **leu um livro**.
A menina **chorou**.

3.2.2.1 Complementos do predicado

Os **complementos do predicado** são as expressões incluídas no grupo verbal que são exigidas pelo verbo.

Exemplo: A Ana ofereceu **flores à mãe**.
O livro foi escrito **por Mia Couto**.

3. Sintaxe

Função sintática	Descrição	Exemplos
Complemento direto	Formado por palavras diretamente ligadas ao verbo, que indicam o objeto sobre o qual recai a ação, e que respondem à pergunta "O quê?" ou "Quem?". Selecionado por verbos transitivos diretos e indiretos.	Ele leu um livro . (O que ele leu? → um livro) Ele ajudou a Ana . (Quem ele ajudou? → a Ana)
Complemento indireto	Designa a pessoa ou objeto sobre a qual recai indiretamente a ação expressa pelo verbo. Selecionado por verbos transitivos indiretos e nos transitivos diretos e indiretos e é, geralmente, regido pela preposição a .	Eles deram um presente à Maria .
Complemento agente da passiva	Expressão selecionada por um verbo transitivo direto conjugado na passiva que é introduzida pela preposição por .	O bolo foi feito pela Rosa .
Predicativo do sujeito	Expressão que atribui uma dada propriedade ou qualidade ao sujeito, sendo introduzida por um verbo copulativo, como ser, estar, parecer, permanecer, andar, continuar ou ficar .	O filme foi surpreendente . O professor ficou admirado .
Predicativo do complemento direto	Expressão que atribui qualidades ou estados ao complemento direto. Mas, atenção, este predicativo é selecionado por alguns verbos como julgar, considerar, supor, eleger, nomear ou selecionar .	A Ana achou o livro fenomenal . Considero a Mayra a mais simpática da turma .

3.2.3 Modificador

O **modificador** é a palavra ou expressão acessória que modifica o sentido da frase.

Exemplo: Eu saí de casa **à hora do almoço para dar uma caminhada**.

Valor do modificador	Exemplos
Tempo	A Joana foi para casa às seis e meia .
Modo	Ele fala lentamente .
Matéria	O casaco é de algodão .
Fim	Ela estudou para melhorar a nota .

3.3 Divisão e classificação de orações: coordenadas e subordinadas

As orações podem ligar-se por **coordenação** ou por **subordinação**. As orações resultantes destes processos, coordenadas ou subordinadas, podem ter classificações diferentes conforme o valor que exprimem.

3.3.1 Coordenação

A **coordenação** é o processo de combinação de duas ou mais frases equivalentes e independentes uma da outra. As orações coordenadas podem ser de dois tipos:

- **assindéticas:** justapostas sem recurso a conjunções ou locuções conjuncionais;
Exemplo: Cheguei a casa, liguei a televisão.
- **sindéticas:** ligadas por conjunções ou locuções conjuncionais.
Exemplo: Cheguei a casa **e** liguei a televisão.

Oração coordenada	Conjunções/ locuções conjuncionais coordenativas	Sentido	Exemplos
Copulativa	E, nem... nem, também, não só... mas também, tanto... como...	Adição	Eu não gosto de brócolos nem de couve-flor.
Adversativa	porém, mas, todavia...	Oposição ou contraste	Está a chover, mas ele vai andar de bicicleta.
Disjuntiva	ou, quer... quer..., ora... ora...	Alternativa	Ele estava tão estranho que ora chorava ora ria.
Conclusiva	logo, pois, portanto...	Conclusão	Ele está doente, portanto ficou em casa.
Explicativa	Pois, que...	Justificação/ explicação	Eu fiz os resumos pois amanhã temos teste.

3.3.2 Subordinação

A **subordinação** é o processo de combinação de duas ou mais orações em que uma delas, a subordinada, está sintaticamente dependente de outra, a subordinante. Existem três tipos de orações subordinadas: **adverbiais**, **completivas** e **relativas**. As orações subordinadas adverbiais desempenham uma função sintática equivalente à de um advérbio, podem ocorrer no início, meio ou final da frase complexa e podem ter diferentes classificações, conforme o valor da conjunção ou locução adverbial que as introduz.

3. Sintaxe

Orações subordinadas adverbiais			
Tipo	Conjunções e locuções conjuncionais adverbiais	Sentido	Exemplos
Causal	porque, já que, uma vez que, visto que, pois que, como, posto que, que...	Exprime uma circunstância de causa.	Como estava a chover, não fizemos o piquenique.
Temporal	quando, enquanto, apenas, mal, como; antes que, depois que, logo que...	Exprime uma circunstância de tempo.	Mal chegou à escola, correu para contar a novidade aos colegas.
Final	para que, a fim de que...	Indica uma finalidade.	Eles fizeram o trabalho para poder subir a nota.
Condicional	a menos que, a não ser que, desde que, salvo se...	Indica um condicionamento.	Caso não vás à aula, avisa a professora.
Comparativa	como, conforme, consoante, segundo, mais... do que...	Estabelece uma comparação.	Ele é tão alto como o pai.
Concessiva	embora, conquanto, ainda que, mesmo que, se bem que, apesar de que...	Exprime um impedimento que não evita a realização da ação.	Embora esteja sol, está fresco.
Consecutiva	de maneira que, forma que, de modo que...	Indica um facto que é consequência de outro.	A Ana gritou tanto que ficou afónica.

As **orações subordinadas completivas** são introduzidas por uma conjunção subordinativa integrante (**que; se**) e podem desempenhar diferentes funções sintáticas ou surgem como perguntas indiretas.

Exemplo: O Rafael pensou **que** o seu artigo era demasiado sombrio.

As **orações subordinadas relativas substantivas** são introduzidas por uma forma relativa que não tem antecedente. Podem desempenhar as funções sintáticas de sujeito, de complemento direto, de complemento indireto, de predicativo do sujeito ou de modificador. Estas orações são introduzidas pelos pronomes relativos **quem** e **(o) que** ou o advérbio relativo **onde**.

Exemplo: **Quem** leu o conto de Evel Rocha, ficou a conhecer um pouco mais sobre Cabo Verde.

As **orações subordinadas relativas adjetivas** são introduzidas por uma forma relativa que as ligam ao nome antecedente e têm uma função sintática equivalente à de um adjetivo.

Exemplo: Os estudantes **que** conversam não acompanham a matéria da aula.

3. Sintaxe

Formas de relatar o discurso	Descrição	Exemplos
Discurso direto	Reproduz textualmente as frases que alguém pronunciou ou escreveu, mantendo, por isso, tempos verbais, referências temporais e espaciais do momento da enunciação. É formado pela justaposição de dois segmentos: um segmento narrativo que introduz a citação, através de um verbo de comunicação, e a própria citação. Na escrita, é assinalado por aspas, travessões, parágrafos...	«Ao desligar, pediu-me: "por favor, não volte a dizer aquela do "Filho és, pai serás". É que me sabe à praga.»
Discurso indireto	As palavras relatadas são introduzidas através de um verbo de comunicação seguido de uma conjunção subordinativa completiva (que, se) ou de um pronome interrogativo (onde, quando, como, etc.), adequando os tempos verbais, as referências pessoais, temporais, espaciais e as escolhas lexicais ao contexto enunciativo.	«Foi logo dizendo que, para ele, todos os dias são o dia da mãe [...] falou da artificialidade dessas datas.»
Discurso indireto livre	As palavras do relator e do locutor citado confundem-se, por isso, só o contexto as pode identificar; torna o discurso indireto mais vivo e menos monótono, pois o verbo declarativo e a respetiva conjunção desaparecem.	«Antes de desligar, esperava não voltar a ouvir aquela do 'Filho és, pai serás'. Sabe a praga.»

Os **verbos introdutores do relato** são verbos que permitem fazer a integração do discurso relatado no discurso que o relata e que, simultaneamente, dão indicações sobre o tipo de ato linguístico representado, especificando as suas características:

- tom;
- velocidade;
- ritmo;
- entoação;
- relações interpessoais;
- dimensões interativas;
- atitudes;
- gestos do locutor.

Verbos introdutores do relato do discurso	Características
afirmar, assegurar, declarar, informar, lembrar, mencionar, provar, referir, sustentar, revelar, anunciar, explicar, indicar...	Comprometem a responsabilidade do locutor acerca da verdade do que diz.
agradecer, censurar, concordar, denunciar, desabafar, desculpar-se, felicitar-se, indignar-se, lamentar, protestar, reclamar, revoltar-se...	Exprimem o estado psicológico do locutor em relação a uma situação.
aconselhar, advertir, mandar, ordenar, prevenir, recomendar...	Constituem tentativas do locutor para que o interlocutor faça qualquer coisa.
prometer, jurar...	Exprimem o compromisso do locutor em adotar determinada conduta.
interrogar, inquirir, perguntar, pedir...	Introduzem perguntas e exigem, em DI, uma oração interrogativa indireta.
responder, replicar, teimar, repetir, acrescentar, argumentar, concluir, corrigir, concluir, insistir...	Pressupõem uma intervenção anterior do interlocutor.
murmurar, gritar, sussurrar, balbuciar, cochichar...	Especificam características fônicas do ato de fala.



4. Morfologia e lexicologia

4.1 Classes de palavras

4.1.1 Nome

O **nome** é uma classe de palavras que indica objetos, pessoas, animais, lugares, sentimentos ou qualidades. É uma classe aberta que apresenta flexão em género, número e, em certos casos, grau.

Nomes		Exemplos
Próprios: designam seres ou objetos únicos como uma pessoa, país, cidade ou instituição. Na escrita, os nomes próprios são escritos com maiúscula.		Afonso, Cabo Verde, Mindelo, Faro...
Comuns: designam seres e objetos não individualizados.	Contáveis/ não contáveis	pão, gato, caneta, beleza, saúde...
	Coletivos: no singular, designam um conjunto de indivíduos da mesma espécie, pessoas, animais ou coisas.	multidão (conjunto de pessoas), enxame (conjunto de abelhas), mangal (conjunto de mangueiras), ...

Regras (género)	Exemplos	
	Masculino	Feminino
Regra geral: -o final passa a -a no feminino (nas palavras terminadas em consoante adiciona-se um a).	gato professor juiz	gata professora juíza
Os nomes que terminam em -ão* formam o feminino em: -ã -ana -ona -oa	capitão sultão comilão leão	capitã sultana comilona leoa
Os nomes terminados em -e formam o feminino substituindo a terminação por -esa, -essa ou -isa .	duque abade sacerdote	duquesa abadessa sacerdotisa
Os nomes terminados em -eu mudam a sua terminação para -eia ou -ia no feminino.	uropeu judeu plebeu	uropeia judia plebeia
Os nomes terminados em -dor ou -tor mudam essa terminação para -triz . Alguns terminados em -dor formam o feminino em -dora ou -deira .	ator embaixador** imperador vendedor	atriz embaixatriz imperatriz vendedeira

Notas

* Não seguem esta regra: barão/baronesa, perdigão/perdiz, ladrão/ladra.

** Embaixatriz (mulher do embaixador) ≠ Embaixadora (mulher que desempenha o cargo).

Regras da formação do plural	Exemplos	
	Singular	Plural
Regra geral: acrescenta-se -s à forma do singular quando termina em vogal ou -es à forma do singular quando termina em consoante.	livro casa professor país	livros casas professores países
Os nomes terminados em -ão formam o plural em: -ãos; -ões; -ães.	mão leão cão	mãos leões cães
Nos nomes terminados em: -al altera-se a terminação para -ais; -el (sílabas tónica) altera-se a terminação para -éis; -el (sílabas átonas) altera-se a terminação para -eis.	canal quartel túnel nível	canais quartéis tunéis níveis
Nos nomes terminados em: -il (sílabas tónica) e em -il (sílabas átonas) altera-se a terminação para -is ou -eis; -ol altera-se a terminação para -óis; -ul altera-se a terminação para -uis.	funil projétil rissol paul	funis projéteis rissóis pauis
Nos nomes terminados em -m forma-se o plural em -ns.	homem jardim som álbum	homens jardins sons álbuns
Os nomes compostos formados por dois nomes ou um nome e um adjetivo, as duas palavras vão para o plural.	couve-flor cofre-forte amor-perfeito	couves-flores cofres-fortes amores-perfeitos
Os nomes compostos formados por um verbo ou palavra invariável e um substantivo, apenas o substantivo vai para o plural.	guarda-chuva porta-voz vice-presidente abaixo-assinado	guarda-chuvas porta-vozes vice-presidentes abaixo-assinados
Os nomes compostos por vários elementos ligados por preposição, só a primeira palavra vai para o plural.	caminho de ferro pão-de-ló bicho-da-seda	caminhos de ferro pães-de-ló bichos-da-seda

4. Morfologia e lexicologia

4.1.2 Adjetivo

O adjetivo é uma classe de palavras que designa qualidades ou propriedades atribuídas ao substantivo com o qual concorda em género e número. Além de variar em género e número, o adjetivo admite variação em grau para exprimir a intensidade.

Exemplos: O aluno é simpático e calmo. / A aluna é simpática e calma.

Os alunos são simpáticos e calmos. / As alunas são simpáticas e calmas.

Flexão/ variação		Exemplos		
Género (1)	masculino/feminino		belo/bela	
Número (2)	singular/plural		belo/belos	
Grau	Grau normal		belo	
	Grau comparativo	de superioridade	mais belo do que	
		de igualdade	tão belo como	
		de inferioridade	menos belo do que	
	Grau superlativo	relativo	de superioridade	o mais belo
			de inferioridade	o menos belo
absoluto		analítico	muito belo	
		sintético	belíssimo	

Notas:

(1) Alguns adjetivos têm apenas uma forma para o masculino e para o feminino.

Exemplo: alegre, triste, contente.

(2) Há adjetivos que mantêm a mesma forma no singular e no plural.

Exemplo: simples, reles.

4.1.2.1 Comparativos e superlativos (casos especiais)

Adjetivos no grau normal	Grau comparativo de superioridade	Grau superlativo	
		Absoluto sintético	Relativo de superioridade
bom	melhor (do que)	ótimo	o melhor
mau	pior (do que)	péssimo	o pior
grande	maior (do que)	máximo	o maior
pequeno	menor (do que)	mínimo	o menor

Alguns adjetivos formam o superlativo absoluto sintético a partir da forma latina

	Grau normal	Grau superlativo absoluto sintético
Adjetivos que formam o superlativo em -íssimo (adjetivos que terminam em -z, -vel e outros)	amável	amabilíssimo
	feroz	ferocíssimo
	feliz	felicíssimo
	amigo	amicíssimo
	antigo	antiquíssimo
	sábio	sapientíssimo
	cruel	crudelíssimo
	doce	dulcíssimo
Adjetivos que formam o superlativo em -imo	simples	simplicíssimo
	difícil	difícilimo
	fácil	facílmo
Adjetivos que formam o superlativo em -érrimo	humilde	humílmo
	livre	libérrimo
	áspero	aspérrimo
	pobre	paupérrimo
	célebre	celebérrimo

4.1.2.2 Adjetivos compostos

Os adjetivos compostos (formados por mais do que uma palavra), apenas o segundo elemento é flexionado em género.

Exemplos: congresso franco-alemão / reunião franco-alemã.

Exceções

- Os adjetivos compostos cujo segundo elemento é um nome, não variam em género.
Exemplo: blusa amarelo-canário / casaco verde-garrafa.
- Flexão dos dois elementos:
Exemplo: menino surdo-mudo / menina surda-muda.

4. Morfologia e lexicologia

Quanto à formação do plural, tal como na flexão em género, só o segundo elemento vai para o plural.

Exemplos: cantor norte-americano/cantores norte-americanos
 atleta sul-africano/atletas sul-africanos

Exceções

- São invariáveis os adjetivos compostos cujo último elemento é um substantivo.
Exemplo: sapato verde-alface/sapatos verde-alface; vestido vermelho-paixão/ vestido vermelho-paixão
- Também são invariáveis os adjetivos compostos por nome + de + nome.
Exemplo: blusa cor-de-rosa/blusas cor-de-rosa
- As cores azul-marinho e azul-celeste permanecem sempre invariáveis.
Exemplo: casaco azul-celeste e casacos azul-celeste
- No adjetivo surdo-mudo ambos os adjetivos vão para o plural:
Exemplo: menino surdo-mudo/meninos surdos-mudos

4.1.3 Determinante e subclasses

O determinante é uma classe fechada de palavras que antecede o nome, e nos adianta informações sobre ele, como por exemplo, género e número. Os determinantes podem aparecer contraídos com preposições.

4.1.3.1 Determinante artigo definido e indefinido

O determinante artigo pode ser:

- **definido:** precede um nome apresentado de forma definida.
- **indefinido:** precede um nome apresentado de forma indefinida.

	singular		plural	
	masculino	feminino	masculino	feminino
Definidos	o	a	os	as
Indefinidos	um	uma	uns	umas

4.1.3.2 Determinante demonstrativo

Determinante demonstrativo: indica a localização do ser ou objeto designado pelo nome que esse determinante antecede, situando-o no espaço ou no tempo relativamente a quem fala ou ao seu interlocutor.

	(variáveis)			
	singular		plural	
	masculino	feminino	masculino	feminino
aqui/cá (perto do emissor)	este	esta	estes	estas
aí (perto do interlocutor)	esse	essa	esses	essas
ali/lá (afastado do locutor e do interlocutor)	aquele	aquela	aqueles	aquelas

4.1.3.3 Determinante possessivo

Determinante possessivo: estabelece uma relação de posse relativamente aos participantes do discurso.

	Masculino		Feminino	
	singular	plural	singular	plural
um só possuidor	(o) meu	(os) meus	(a) minha	(as) minhas
	(o) teu	(os) teus	(a) tua	(as) tuas
	(o) seu	(os) seus	(a) sua	(as) suas
vários possuidores	(o) nosso	(os) nossos	(a) nossa	(as) nossas
	(o) vosso	(os) vossos	(a) vossa	(as) vossas

4.1.4 Quantificador e subclasses

O quantificador é uma palavra ou locução que surge antes do nome, expressando informação relacionada com o número, quantidade ou parte das entidades referidas.

Exemplo: Esta escola tem alunos muito empenhados. **Quatro** turmas participaram nas **seis** atividades da **10.ª** conferência dos direitos humanos realizada na escola.

4. Morfologia e lexicologia

Subclasse	Explicação	Exemplos
Numeral	Refere-se a um número preciso.	um, dois, três
Universal	Refere-se a todos os elementos de um conjunto.	todo, ambos, cada, qualquer, nenhum
Existencial	Não se refere à totalidade dos elementos de um conjunto.	algum, bastante, bastantes, muito, muitos, pouco, tanto, vários

4.1.5 Pronome e subclasses

O **pronome** substitui o nome ou grupo nominal, evitando repetições de elementos na frase.

Os pronomes são palavras variáveis em género, em número e, em alguns casos, em pessoa.

Exemplos: Os meninos foram à praia. **Eles** jogaram à bola.
O Pedro ligou à Maria e disse-**lhe** que estava de férias.
Estes são muito bonitos. O que achas?

A classe dos pronomes divide-se em diferentes subclasses: pessoal, demonstrativo, possessivo, indefinido, relativo e interrogativo.

4.1.5.1 Pronome pessoal

Pronome pessoal: refere-se à pessoa gramatical, variando consoante a função sintática que desempenha.

		sujeito	complemento direto	complemento indireto
singular	1.^a pessoa	eu	me	me
	2.^a pessoa	tu	te	te
	3.^a pessoa	ele/ela	o/a	lhe
plural	1.^a pessoa	nós	nos	nos
	2.^a pessoa	vós	vos	vos
	3.^a pessoa	eles/elas	os/as	lhes

4.1.5.2 Pronome demonstrativo

Pronome demonstrativo: indica proximidade ou distância.

Variáveis				Invariáveis
singular		plural		
masculino	feminino	masculino	feminino	
este	esta	estes	estas	isto
esse	essa	estes	essas	isso
aquele	aquela	aqueles	aquelas	aquilo

4.1.5.3 Pronome possessivo

Pronome possessivo: indica posse.

	Masculino		Feminino	
	singular	plural	singular	plural
um só possuidor	meu	meus	minha	minhas
	teu	teus	tua	tuas
	seu	seus	sua	suas
vários possuidores	nosso	nossos	nossa	nossas
	vosso	vossos	vossa	vossas

4.1.5.4 Pronome indefinido

Pronome indefinido: indica imprecisão em relação à quantidade e identidade.

Variáveis				Invariáveis
singular		plural		
masculino	feminino	masculino	feminino	
algum	alguma	alguns	algumas	alguém algo ninguém outrem tudo nada
nenhum	nenhuma	nenhuns	nenhumas	
todo	toda	todos	todas	
muito	muita	muitos	muitas	
pouco	pouca	poucos	poucas	
tanto	tanta	tantos	tantas	
outro	outra	outros	outras	
qualquer	qualquer	quaisquer	quaisquer	

4. Morfologia e lexicologia

4.1.5.5 Pronome relativo

Pronome relativo: refere-se a uma palavra (antecedente) e introduz uma oração que a designa.

Pronomes relativos		Função
invariáveis	que	Refere-se a pessoas ou coisas e tem a função de complemento objeto direto.
	onde	É empregado na indicação de lugar, exercendo a função sintática de adjunto adverbial.
	quem	Refere-se a pessoas e é sempre precedido de preposição.
variáveis	cujo / cujos cuja / cujas	Tem relação de posse e tem a função de caracterizar ou determinar um substantivo. Não concorda com o antecedente, mas sim com o conseqüente.
	o qual / os quais a qual / as quais	Substitui os restantes pronomes relativos - exceto "cujo/a(s)" - preposicionados ou não.

4.1.5.6 Pronome interrogativo

Pronome interrogativo: usa-se para fazer perguntas.

Pronomes relativos	
invariáveis	que
	quem
variáveis	qual / quais
	quanto / quantos quanta / quantas

4.1.6 Preposição

A **preposição** é uma palavra invariável que pertence a uma classe fechada e serve para ligar palavras ou expressões na frase. Pode surgir simples ou contraída e marca a função sintática do elemento que introduz.

Exemplo: Na primavera, o Manuel vai **para** a escola **a** pé.

Preposições simples

a	até	de	entre	por	sob
ante	com	desde	para	segundo	sobre
após	contra	em	perante	sem	trás

Preposições contraídas com os artigos definidos (o, a, os, as)

	o	a	os	as
a	ao	à	aos	às
em	no	na	nos	nas
de	do	da	dos	das
por	pelo	pela	pelos	pelas

Preposições contraídas com outros determinantes, pronomes ou advérbios

deste (de + este)	dele (de + ele)	nisto (em + isto)
desse (de + esse)	daí (de + aí)	nisso (em + isso)
daquela (de + aquela)	daqui (de + aqui)	naquilo (em + aquilo)
disto (de + isto)	neste (em + este)	nele (em + ele)
disso (de + isso)	nesse (em + esse)	num (em + um)
daquilo (de + aquilo)	naquele (em + aquele)	àquilo (a + aquilo)

4.1.7 Advérbio

O **advérbio** é uma palavra variável em grau, mas invariável em género e em número que muitas vezes modifica o sentido de outras palavras.

Pode ter valores diferentes: negação, afirmação, modo, tempo...

Exemplos: Ele **nunca** faz os exercícios depressa.

Sim, vou fazer o exame.

Ele faz a cama **lentamente**.

4. Morfologia e lexicologia

Tipo	Características	Exemplos
Negação	Atribui à frase um valor negativo.	não
Afirmação	Reforça o valor afirmativo de uma frase.	sim
Quantidade e grau	Pode intensificar o sentido de outros advérbios, de adjetivos ou grupos verbais.	muito, pouco, mais, menos, tão, tanto, demasiado, bastante
Advérbio de predicado	Pertence ao grupo verbal e pode ter vários valores (lugar, tempo, modo, etc.).	aqui, bem, depressa, ontem
Advérbio de frase	Modifica toda a frase, ao contrário do advérbio de predicado.	infelizmente, tradicionalmente
Conetivo	Estabelece relações entre frases ou constituintes da frase.	contudo, aliás, portanto
Interrogação	Serve para interrogar ou fazer perguntas.	onde, quando, como, porque
Inclusão	Inclui ou adiciona elementos.	até, mesmo, também
Exclusão	Exclui elementos.	senão, só, somente, apenas, salvo, unicamente, exclusivamente, simplesmente

4.1.8 Verbo

O **verbo** exprime ações, estados e acontecimentos situados em determinados momentos. É uma palavra variável em número, pessoa, tempo e modo.

Exemplo: O Manuel **estuda** português e **faz** apontamentos no caderno.

Verbos regulares e irregulares

Verbos regulares	Verbos irregulares
O radical não se altera ao longo de toda a conjugação. Exemplo: estudar (estudas/estudavas /estudaram)	O radical altera-se e não respeita o modelo da conjugação a que pertence. Exemplo: fazer (faço/fazias/faremos)

Os verbos são agrupados em três conjugações:

Conjugação	Terminação	Tema	Exemplos
1. ^a conjugação	-ar	-a	estudar
2. ^a conjugação	-er	-e	viver
3. ^a conjugação	-ir	-i	sorrir

4.1.8.1 Subclasses dos verbos

Subclasse		Exemplos
Verbo principal (elemento principal do grupo verbal)	Intransitivo: não seleciona nenhum complemento, tem sentido completo.	Ele sorriu . A menina dorme .
	Transitivo: seleciona um ou mais complementos para completar o sentido.	Eu comprei um vestido. Ele telefonou à Ana. O meu pai ofereceu -lhe flores.
	Impessoal: apenas tem infinitivo e 3. ^a pessoa singular.	Choveu, troveja, neva, relampeja
Verbo auxiliar (forma com um verbo principal um complexo verbal)	Ter e haver (auxiliares dos tempos compostos)	O Manuel tem feito exercício. O acidente havia causado trânsito.
	Ser (auxiliar da passiva)	O poema foi lido pela professora.
Verbo copulativo (seleciona um predicativo de sujeito)	ser, estar, ficar, permanecer, continuar, parecer, tornar-se	A Luísa é professora O menino está feliz. A professora permaneceu calada.

4.1.8.2 Flexão verbal

O **verbo** apresenta diferentes formas que variam em função da pessoa e do número, do modo e do tempo. Estas formas podem ser simples ou compostas.

Os verbos conjugam-se nos seguintes modos e tempos verbais:

4. Morfologia e lexicologia

Modo	Tempo		Exemplos	
Formas finitas	Indicativo	Presente	canto, cantas, canta, cantamos, cantais, cantam	
		Pretérito imperfeito		cantava, cantavas, cantava, cantávamos, cantáveis, cantavam
		Pretérito Perfeito	simples	cantei, cantaste, cantou, cantámos, cantastes, cantaram
			composto	tenho cantado, tens cantado, tem cantado, temos cantado, tendes cantado, têm cantado
		Pretérito mais-que-perfeito	simples	cantara, cantaras, cantara, cantáramos, cantáreis, cantaram
			composto	tinha cantado, tinhas cantado, tinha cantado, tínhamos cantado, tínheis cantado, tinham cantado
	Futuro	simples	cantarei, cantarás, cantará, cantaremos, cantareis, cantarão	
		composto	terei cantado, terás cantado, terá cantado, teremos cantado, tereis cantado, terão cantado	
	Conjuntivo	Presente		cante, cantes, cante, cantemos, canteis, cantem
		Pretérito imperfeito		cantasse, cantasses, cantasse, cantássemos, cantásseis, cantassem
Pretérito perfeito composto		tenha cantado, tenhas cantado, tenha cantado, tenhamos cantado, tenhais cantado, tenham cantado		
Pretérito mais-que-perfeito composto		tivesse cantado, tivesses cantado, tivesse cantado, tivéssemos cantado, tivésseis cantado, tivessem cantado		
Futuro		simples	cantar, cantares, cantar, cantarmos, cantardes, cantarem	
	composto	tiver cantado, tiveres cantado, tiver cantado, tivermos cantado, tiverdes cantado, tiverem cantado		
Condicional	simples	cantaria, cantarias, cantaria, cantaríamos, cantaríeis, cantariam		
	composto	teria cantado, terias cantado, teria cantado, teríamos cantado, teríeis cantado, teriam cantado		
Imperativo			canta, cante, cantai	
Formas não finitas	Infinitivo	Pessoal	simples	cantar, cantares, cantar, cantarmos, cantardes, cantarem
			composto	ter cantado, teres cantado, ter cantado, termos cantado, terdes cantado, terem cantado
	Impessoal	simples	cantar	
		composto	ter cantado	
	Gerúndio	simples	cantando	
		composto	tendo cantado	
Particípio passado			cantado	

4.2 Relações semânticas

Relações de hierarquia	hiperonímia e hiponímia	Relação hierárquica de inclusão entre palavras: <ul style="list-style-type: none"> • hiperônimo: sentido mais genérico (sentidos); • hipônimo: sentido mais específico (olfato, visão, audição, paladar e tato).
Relações de todo/parte	holonímia e meronímia	Relação de hierarquia semântica entre palavras: <ul style="list-style-type: none"> • holônimo: refere o todo, a unidade (árvore); • merônimo: refere uma parte dessa unidade (raiz, tronco, ramo...).
Relações de semelhança/oposição	sinonímia e antonímia	Relação de semelhança/oposição entre palavras: <ul style="list-style-type: none"> • sinônimo: palavra com significado equivalente (acabar/terminar); • antônimo: palavra com significado oposto (entrar/sair).

4.3 Campo semântico e campo lexical

	Descrição	Exemplos
Campo semântico	Conjunto de significados que uma palavra pode ter consoante os contextos em que ocorre.	Significados distintos da palavra mão : Ele aleijou a mão . A professora não teve mão para aquela turma.
Campo lexical	Conjunto de palavras que, pelo seu significado, se associam a um determinado conceito ou ideia.	Palavras do campo lexical de saúde: hospital, médico, doente, medicamento, cura...

4.4 Arcaísmos e neologismos

	Descrição	Exemplos
Arcaísmo	Palavras ou expressões que deixam de ser utilizadas frequentemente pela comunidade linguística e, por essa razão, tornam-se antiquadas.	ardimento asinha
Neologismo	Palavras novas ou novas associações de forma e sentido que surgem pela necessidade de renovação do léxico. Pode ser o resultado de um novo significado de uma palavra já existente ou uma nova palavra.	superalimento gamificação sítio navegar

4. Morfologia e lexicologia

4.5 Processos regulares de formação de palavras

Processos regulares de formação de palavras		
Derivação	Sem junção de afixos	<p>Derivação não afixal: processo de formação de palavras que gera nomes a partir de formas verbais: demorar/(a) demora; chorar/(o) choro; pescar/(a) pesca.</p> <p>Exemplos: Ela ouviu o meu apelo. apel- → apelo; O seu desabafo foi surpreendente. desabaf- → desabafo; O canto do pássaro é divinal. cant- → canto.</p>
		<p>Conversão: consiste em criar um novo vocábulo sem alterar a sua forma, sem acrescentar qualquer afixo, mas fazendo-o integrar outra classe de palavras ao adicionar o artigo.</p> <p>Exemplos: Ele vai poder ir à festa. poder → verbo O poder deve ser bem usado. o poder → nome Ele vai saber a verdade. saber → verbo O saber não ocupa lugar. saber → nome Ele está a olhar para ti. olhar → verbo O seu olhar encantou-o. olhar → nome</p>
	Afixal (com junção de afixos a uma forma base)	<p>Prefixação: consiste na adição de um prefixo a uma base.</p> <p>Exemplos: descontrar; antidepressão; refazer.</p>
		<p>Prefixação e sufixação: associação de um prefixo e um sufixo.</p> <p>Exemplos: infelizmente; imparcialmente; intocável.</p> <p>Parassíntese: consiste na adição simultânea de um prefixo e de um sufixo a uma base.</p> <p>Exemplos: entardecer; envelhecer; amanhecer.</p>
Composição	morfológica Radical + radical Radical + palavra	<p>Associação de dois ou mais radicais ou de um radical a outro radical ou a uma palavra.</p> <p>Exemplos: agricultura; psicologia; lusodescendente.</p>
	morfossintática Palavra + palavra	<p>Junção de duas ou mais palavras para formar uma nova palavra.</p> <p>Exemplos: guarda-chuva; fim de semana; couve-flor.</p>

4.6 Processos irregulares de formação de palavras

Designação	Definição
Acrónimo	<p>Criação de uma palavra através da junção de letras ou sílabas de um grupo de palavras, que se pronunciam como uma só palavra.</p> <p>Exemplos: PALOP (Países de Língua Oficial Portuguesa); IVA (Imposto sobre o Valor Acrescentado); OVNI (Objeto Voador Não Identificado).</p>
Sigla	<p>Criação de uma palavra a partir das iniciais de um grupo de palavras.</p> <p>Exemplos: RTC (Rádio televisão cabo-verdiana); ANMCV (Associação Nacional dos Municípios Cabo-verdianos); ONG (Organização Não Governamental).</p>
Empréstimo	<p>Transferência de uma palavra de uma língua para outra. As palavras podem manter a grafia original (<i>t-shirt</i>, <i>email</i>, <i>surf</i>) ou adaptar-se às características formais da língua recetora (ténis, futebol, hambúrguer).</p> <p>Exemplos: O windsurf é popular em Cabo Verde. Ele ainda não recebeu o teu email. O hambúrguer está delicioso.</p>
Extensão semântica	<p>Criação de novos significados para uma palavra já existente na língua sem, contudo, perder o(s) sentido(s) anterior(es).</p> <p>Exemplos: rato (Existia na língua portuguesa para referir um animal, passou a significar também um equipamento periférico usado na informática); navegar (Existia na língua portuguesa para referir um modo de viajar por mar; passou a significar também consultar páginas ou conteúdos na internet.); portal (Existia na língua portuguesa para referir uma porta ou entrada; passou a significar também um sítio na internet).</p>
Truncação	<p>Criação de uma palavra que se caracteriza pela eliminação de parte da palavra de que deriva.</p> <p>Exemplos: foto – fotografia; moto – motocicleta; extra – extraordinário.</p>
Amálgama	<p>Criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras.</p> <p>Exemplos: aparthotel – apartamento + hotel; futsal – futebol + salão; informática – informação + automática.</p>

4. Morfologia e lexicologia

4.7 Registos de língua e níveis de linguagem

	Descrição	Exemplos
Registo formal	Registo em que o locutor e o interlocutor não se conhecem e/ou pretendem manter uma relação distante, por questões profissionais, académicas, hierárquicas, etc. Usa-se em quase todos os contextos profissionais e académicos (na sala de aula com os professores).	Senhor professor, não se importa de repetir o que disse, por favor?
Registo informal	Registo a que recorremos na nossa comunicação diária, com amigos, colegas e familiares, onde há uma clara proximidade entre interlocutores.	Oh pá, cala-te! Deixa-me ouvir a música!

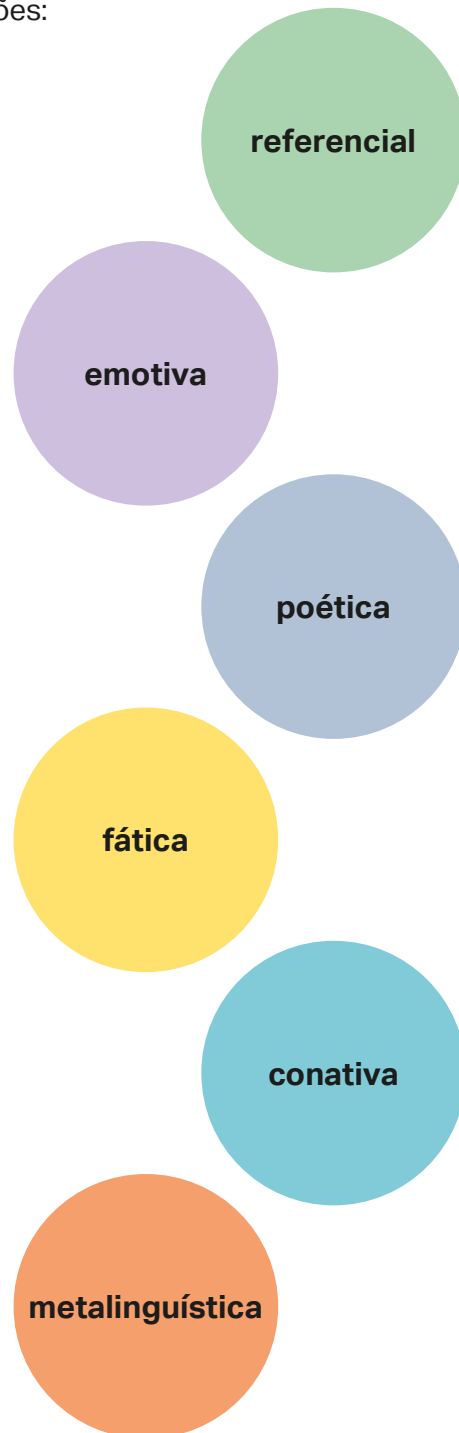
	Níveis de linguagem		Exemplos
Linguagem cuidada	Recurso a palavras adequadas e algumas estruturas sintáticas mais complexas; é o tipo de registo que aprendes na escola, ensinado pelos teus professores.		Poderia enviar esse relatório até à próxima semana, por favor?
Linguagem corrente	Usada pela maioria dos falantes, com recurso a palavras e estruturas gramaticais compreensíveis e comuns.		Ajudas-me a resolver este exercício?
Linguagem familiar	Usada nas relações do quotidiano, entre familiares e amigos, recorrendo a vocabulário com alguma conotação afetiva e mais descontraído.		Amorzinho , vamos dar uma volta junto à praia?
Linguagem popular	Revela alguma despreocupação com as regras sintáticas e correção do vocabulário	Regionalismo : o vocabulário, a sintaxe e a fonética comum entre falantes de uma mesma região.	Adoro beber um garoto naqueles cafés de Lisboa.
		Gíria : linguagem específica comum a determinados indivíduos de determinados setores socioprofissionais.	Cristiano Ronaldo marcou um golo fazendo um chapéu ao guarda-redes.
		Calão : tem um caráter mais expressivo ou até humorístico, pode ser transgressor ou ofensivo, sendo usado em situações de comunicação muito informais.	O João levou uma banhada do Tiago. Como é que ele podia acreditar naquele chavalo ?

5. Funções da linguagem

As **funções da linguagem** são formas de utilizar a **linguagem** segundo a intenção do emissor.

Podem ser classificadas em seis tipos de funções:

- a função **referencial**, denotativa ou informativa, ocorre sempre que o emissor procura veicular informação de maneira direta e objetiva;
- a função **emotiva** foca-se nos conteúdos de natureza emotiva. Está centrada no sujeito emissor e caracteriza-se por ser uma expressão direta da atitude do emissor em relação àquilo de que fala;
- a função **poética** centra-se na própria mensagem, ocorre principalmente na linguagem poética. Está presente em textos em que se recorre às rimas, ao ritmo, a certos recursos estilísticos como metáfora, personificação, enumeração;
- a função **fática** ocorre quando se procura estabelecer, manter ou interromper uma comunicação. Através dela o falante verifica se a comunicação é operacional e se mantém ativa;
- a função **conativa** ou apelativa é orientada para o destinatário e procura levar o recetor a reagir. A linguagem publicitária utiliza esta função;
- a função **metalinguística** ocorre quando o falante usa um determinado código linguístico para explicar esse mesmo código.



Notas

Língua Portuguesa 9.º ano

Criação Intelectual
Alexandra M. Ferreira

Revisão científica
Universidade
de Cabo Verde

Design
Porto Editora

Créditos fotográficos
Shutterstock.com
Porto Editora

Edição
2023

Cabo Verde



Brasão



Bandeira



Hino Nacional

Cântico da Liberdade

Canta, irmão
Canta, meu irmão
Que a liberdade é hino
E o homem a certeza.

Com dignidade, enterra a semente
No pó da ilha nua;
No despenhadeiro da vida
A esperança é do tamanho do mar
Que nos abraça,
Sentinela de mares e ventos
Perseverantes
Entre estrelas e o Atlântico
Entoa o cântico da liberdade.

Canta, irmão
Canta, meu irmão
Que a liberdade é hino
E o homem a certeza!